



TATIANA AMARAL

CASEI E AGORA?

AS AVENTURAS DO MEU DESCASAMENTO

Diterata



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Casei. E agora?

**As aventuras do meu
descasamento**

Tatiana Amaral

Aos meus pensamentos, por se tornarem tão reais como um livro. A todos os que sussurram em meus ouvidos histórias impossíveis de não serem contadas.

À Carina Rissi, amiga e incentivadora, fã incondicional de Douglas e Cléo, e primeira pessoa a acreditar neste livro. A você todo o meu agradecimento.

SUMÁRIO

Capítulo I: Vinte dias antes

Capítulo II: Dezenove dias antes

Capítulo III: Dezoito dias antes

Capítulo IV : Dezesete dias antes

Capítulo V: Dezesseis dias antes

Capítulo VI: Quinze dias antes.

Capítulo VII: Quatorze dias antes.

Capítulo VIII: Treze dias antes.

Capítulo IX: Doze dias antes

Capítulo X: Onze dias antes

Capítulo XI: Dez dias antes.

Capítulo XII: Nove dias antes

Capítulo XIII: Oito dias antes.

Capítulo XIV: Sete dias antes.

Capítulo XV: Seis dias antes.

Capítulo XVI: Cinco, quatro, três, dois, um... O grande dia.

NOTA DA MADAME MADELAINE.

NOTA DA JESSYE

NOTA DO DOUGLAS

NOTA DA CLÉO

ARTIGO DA CLÉO

Vinte dias antes

- Vem, Cléo. Vamos cantar.

Jessye me gritava ao lado do aparelho de karaokê. Eu apenas balancei a cabeça negando, encostada ao balcão do bar, que ainda estava sendo organizado para atender aos seus clientes, enquanto bebericava meu suco de laranja artificial.

- Não tem a menor graça sem você. Sua voz é a mais bonita – revirei os olhos e dei as costas as minhas amigas reafirmando a minha falta de vontade em colaborar com o divertimento delas.

Meu nome é Cléo, tenho 25 anos, sou colunista de um jornal e escrevo sobre vida e sentimentos. Formada em jornalismo, especializei-me em literatura. Escrever sempre foi meu grande sonho. Saí da faculdade já empregada, o que se tornou muito importante para a minha independência financeira. Tive a sorte de ver os artigos que escrevia caírem no gosto da população norte-americana.

Sou brasileira, mas moro na América do Norte há sete anos, quando fui aceita em uma das melhores universidades da Califórnia. Desde então, os Estados Unidos da América tem sido o meu lar. Ainda me sinto triste por ter resolvido morar tão longe da família e da minha terra natal, que tanto amo, porém o fato é que aqui estou e sem nenhuma previsão de voltar.

Eu estou noiva, aliás, foi por causa deste relacionamento que larguei tudo em busca de uma vida nova ao lado de Jonathan. Até hoje me pergunto como ele conseguiu me convencer. John também é brasileiro e temos a mesma idade. É economista. Recentemente conseguiu um emprego numa grande empresa, o que para ele é motivo de orgulho. Claro que compartilho este sentimento, mas...

Nós começamos a namorar quando tínhamos 15 anos. Sim. São dez anos de relacionamento. John foi meu primeiro namorado, primeiro amor, primeiro tudo. Assim como eu fui para ele. Primeiro e único... Até agora... Bem, o sonho de morar nos Estados Unidos era do meu noivo eu apenas o segui. Fui parar em Las Vegas, a cidade do pecado, com minhas três melhores amigas: Jessye, Sandy e Hilary. Nós nos conhecemos na universidade. Jessye e Hilary também são

jornalistas, embora tenhamos estudado em anos diferentes, Sandy, é dentista. Sandy e Jessye são amigas desde a infância, por isso tornamo-nos amigas também.

Jessye é uma espécie de super irmã. Fala muito, é bastante divertida e extrovertida ao extremo. Ela é quem nos convence a cometer loucuras como esta viagem a Las Vegas. É alta, magra, cabelo ruivo e olhos verdes. Uma combinação perfeita para um rosto tão bem desenhado. Poderia se dar bem como modelo, mas apesar de satisfeita com sua beleza, minha amiga gosta de ser jornalista, mesmo sendo apenas a garota do tempo de um jornal diário e estando ciente de que não conseguiu o emprego pela sua capacidade profissional e sim pela bela imagem diante das câmeras.

Sandy é totalmente o oposto de Jessye. É tímida, meiga, romântica. Fala pouco, mas topa todas as loucuras da nossa amiga, acho que esta é a forma que encontra de demonstrar sua amizade. Ela é algo gostoso de se ver, quer dizer... Não é alta nem baixa, cabelos castanhos, lisos e pesados, que seguem em linha reta até a altura dos ombros, e ganham movimento próprio a qualquer movimento. Seu rosto é fino com um queixo bem desenhado. Os olhos têm a mesma cor dos cabelos: castanhos escuros. Sua fisionomia dizia exatamente o que ela era: uma romântica.

Hilary é a que mais se parece comigo. Não somos muito de extrapolar, também não somos tímidas. Racionais, apesar de algumas vezes nos deixarmos levar pelas emoções. Acreditamos no amor, porém concordamos que respeito e amizade estão acima desse sentimento.

Hilary é loira, tem olhos azuis e é dona de um corpo fantástico. Nunca está satisfeita com ela mesma, como o seu nariz, por exemplo, que já operou duas vezes desde que a conheço. Além do silicone e da “lipo”. Somado a tudo isso, malha de maneira obsessiva. Isso não a impede de ser uma pessoa incrível.

Você deve estar se perguntando o que estávamos fazendo em Las Vegas. A história é longa, mas a verdade é que, após dez anos de relacionamento, e três destes morando sob o mesmo teto, eu e John resolvemos oficializar a nossa união. Um pouco por pressão da minha parte devo admitir.

Nos Estados Unidos, morar junto não caracteriza casamento, dessa forma éramos apenas noivos que dividiam um apartamento. Eu queria me casar. Com direito a vestido de noiva e tudo o mais.

John concordou em oficializar a nossa união, com uma condição: passaríamos um mês separados. Separados mesmo. Não nos falaríamos, nem nos veríamos. Não existiria o relacionamento, a fidelidade, o companheirismo.

Simplesmente seríamos solteiros, completamente livres por um mês.

Motivo? Ele acreditava que, apesar da certeza do amor que sentia por mim, não tínhamos vivido outras experiências. Sempre tinha sido apenas nós dois, o tempo inteiro, e isso, de acordo com os pensamentos dele, não era saudável em um relacionamento.

Eu nunca senti falta de outras experiências. Para mim ele sempre foi o suficiente, no entanto essa foi sua condição para casarmos e, após uma semana chorando e outra tentando ser o mais racional possível, decidi aceitar.

Lógico que minhas amigas não concordaram com a minha decisão. Pelo contrário, elas acharam um absurdo. É por este motivo que fomos para Las Vegas. Elas acreditam que se ele teria direito a um mês curtindo e vivendo novas experiências, eu também deveria ter.

E a minha opinião? Apenas queria poder me trancar no quarto e dormir o mês inteiro até tudo voltar ao normal, mas é claro que elas não permitiriam que isso acontecesse.

No dia seguinte a minha decisão de aceitar sua proposta, John saiu de casa. Foi morar com um amigo. O mesmo que conseguia arrastá-lo para as baladas, o que sempre culminava em brigas e desentendimentos entre nós dois. Acredito que esse rapaz tenha sido o grande incentivador desta separação temporária.

Eu, como não podia deixar de ser, fiquei trancada em casa, chorando por dias, e assim escrevi o artigo mais deprimente de todos os que já escrevera. Ironicamente foi o mais elogiado. As pessoas gostam de ler sobre sofrimento, principalmente se for amoroso. Grande constatação. Ainda bem porque tenho certeza de que escreverei assim por um longo tempo.

Após três dias, a primeira notícia chegou: meu noivo foi avistado em um bar, acompanhado por uma loira. Era “uma qualquer”, como me disseram, mas dentro de mim, havia a certeza de que não. John gostava de beleza, eu era a sua maior prova.

Com meus 1,70 de altura, conseguia me manter firme na dieta, sim, porque aqui, dieta é sempre um grande sacrifício. Só assim mantinha meus 65 kg muito bem distribuídos. Meus cabelos negros eram longos desde meus 10 anos. John adorava cabelos compridos, daí a minha decisão de mantê-los assim. Mas o que mais gosto em mim são os meus grandes olhos verde-esmeralda. Eles são realmente lindos!

Não preciso descrever como me doeu receber aquela notícia, embora eu houvesse concordado que deveríamos adquirir novas experiências, e ele sair com

outra mulher contava como nova experiência, então eu teria que aguentar. Assim, após muitas lágrimas, minhas amigas conseguiram me convencer a embarcar naquela viagem maluca.

Chegamos a Las Vegas um dia antes do episódio do Karaokê. Ansiosas e sedentas por divertimento, logo nos aventuramos em um cassino. Confesso que adorei! Dei muita risada, ganhei algum dinheiro, e perdi muito mais. Tudo bem! Estava apenas gastando um pouco do que havia economizado para o meu casamento.

Las Vegas nunca dorme e você sempre tem o que fazer a qualquer hora do dia ou da noite. É só escolher. Então entramos em mais um hotel cassino. Nosso objetivo era conhecermos todos os cassinos importantes da cidade, como boas turistas. Este não era o nosso único interesse, também queríamos conhecer os leões que ficavam expostos no local e que eram uma beleza de atração. Depois fomos nos aventurar nas máquinas alucinantes que nos estimulam a gastar cada vez mais.

Dispendemos nosso tempo absorvendo o máximo possível da cidade para o primeiro dia. Quando anoiteceu estávamos exaustas, mesmo assim, trocamos de roupas e voltamos para a Strip em busca de mais aventuras. E encontramos.

Eu e Hilary nos arriscamos em uma montanha russa, que ficava dentro do hotel e se projetava para o lado de fora. Sandy e Jessye não tiveram coragem de nos acompanhar. Foi muito divertido apesar de bastante enjoativo para quem já tinha bebido um pouco além do que estava acostumada.

Las Vegas é quente. Sufocantemente quente. Mesmo com o ar-condicionado potente dentro dos cassinos, era possível sentir o calor do lado de fora. O que nos forçava a beber. Muito.

Quando estávamos voltando para o hotel, após várias bebidas que nos deixaram cambaleantes e muito mais alegres do que realmente estávamos, vimos uma pequena loja, com letreiro em neon que indicava “Madame Madeleine”. A ideia partiu de Jessye, como não poderia deixar de ser. Entramos, já achando tudo muito engraçado. Fomos atendidos por um rapaz magro, careca e muito alto, que vestia roupa larga branca, que nos tratou com polidez.

Ele nos encaminhou para uma sala reservada onde fomos atendidas pela tal “Madame”, fantasiada com uma túnica púrpura brilhante, um gorro da mesma cor e sua “bola de cristal”. Enquanto ela se concentrava, nós nos olhávamos divertidas.

- Vejo lágrimas e tristeza – senti um pequeno aperto no peito, mas logo entendi que mulheres procurando por clarividência sempre seriam uma presa

fácil. O que mais ela poderia pensar? – Não se atormente menina – a “Madame” abriu os olhos me encarando. Fiquei aflita. Não havia dúvidas de que ela falava diretamente para mim. – Vejo também um casamento em seu futuro, algo para muito em breve, e também muita felicidade.

Foi impossível evitar o sorriso e o alívio que senti. Mesmo sabendo que tudo não passava de charlatanismo, me senti esperançosa. Afinal de contas, eu realmente queria um casamento e desejava desesperadamente a minha felicidade de volta.

Fiquei tão eufórica com as suas palavras que não consegui mais prestar atenção ao que ela dizia se reportando as minhas amigas. Permaneci perdida em pensamentos, imaginando como seria quando tudo acabasse. Restavam apenas vinte dias para o término do prazo e então eu teria John de volta, da forma como almejei: casada e feliz.

Voltei para o Hotel, absorta em meus pensamentos. Antes de dormir ainda pensei “só mais dezenove dias e então: casamento e felicidade”. Eu tinha concordado em encarar tudo como uma despedida de solteiro estendida, por isso precisava me animar para curtir os longos setes dias ao lado das minhas amigas.

Mal sabia o que me aguardava.

II

Dezenove dias antes

Hey! Spice Girl? estamos aguardando por você – Hilary chamou através do microfone. Tive que rir.

- Cantem vocês. Estou cansada – já estava praticamente cedendo. Elas iriam cantar a nossa música, Spice up your life, eu não poderia perder.

- Cléo! – Sandy me chamou, piscando seus olhinhos brilhantes que sempre me convenciam a fazer a sua vontade.

Dei risada e fui até elas, deixando a caixinha de suco no balcão. Devo admitir que era muito divertido quando brincávamos daquela forma. Não cantávamos nada. Éramos desafinadas e muitas vezes perdíamos o tom, em compensação dávamos boas risadas. Foi assim desta vez também. Sem público, sem plateia, e com muita vontade de rir.

Só quando terminamos percebemos a presença deles. Quatro rapazes lindos, à primeira vista, moviam-se em nossa direção com passos decididos de quem sabia que era notado. Jessy e foi a primeira a percebê-los.

- Hum! Quatro por quatro. O que acham? – olhei para trás curiosa e então o avistei.

Alto, forte, mas não muito, cabelos negros, cortados no maior estilo *Top Gun*, jogados para o lado e levemente repicados. Seu jeans estava justo ao corpo, o que o valorizava. Havia algo nele que transmitia segurança, talvez a maneira de andar ou olhar o fato era que ele parecia o tipo de homem que sabe o que quer e não hesita em fazer de tudo para conseguir. Era sexy! Eu não podia negar.

Seus olhos me fulminaram. Fiquei perdida neles até perceber o que estava fazendo, então desviei o olhar sentindo-me ridícula.

Os amigos que o acompanhavam não ficavam para trás. Um era loiro e forte, muito forte. O outro era loiro também, num tom mais claro do que o primeiro, pele bronzada, corpo magro e definido, eu supus, ao avaliar pela roupa. O terceiro possuía cabelos castanhos, corpo normal, nem magro nem gordo, nem forte nem frágil. Fazia o tipo comum.

- Oi – o loiro forte falou deixando clara a sua intenção em relação ao nosso grupo. Ele era o típico galanteador. – Podemos cantar também? – Seu sorriso era muito bonito e ele sabia disso. Ah, sim! Apenas confirmou que fazia o gênero “conquistador”. Exatamente como Jessye gostava.

- Claro! – a própria Jessye respondeu retribuindo o sorriso dele. Eu sabia que ela daria um jeito de ficar com o cara. Isso não me agradava muito por isso me afastei do grupo e voltei ao balcão.

Sandy me acompanhou. Ela era tímida demais para se expor. Apenas sorrimos uma para outra. Conhecíamos-nos muito bem para entender que não queríamos participar da conversa. Estava cansada e enjoada para entrar em uma discussão com Jessye pelo fato de não estar interessada em conhecer pessoas novas. Ela não entendia. Eu queria apenas passar o tempo enquanto John não voltava para casa.

Jessye e Hilary ficaram ao lado dos rapazes enquanto cantavam. Fred Mercury, boa escolha! Fiquei observando o quanto eles eram harmoniosos. Fato que ressaltava o quanto éramos ruins como cantoras. O de cabelos pretos possuía uma voz linda, apesar de não parecer muito empolgado para cantar. Identifiquei algo de muito familiar nele.

- Ele parece triste – Sandy se expressou ao meu lado ao perceber o quanto eu olhava o rapaz. Ela tinha dito as palavras que estavam em minha mente.

- É.

- Jessye não vai permitir que nos livremos deles – olhei-a pelo canto dos olhos e vi o seu sorriso de satisfação. Apenas eu não estava no clima das minhas amigas.

- Você não quer?

- E você?

Voltei a olhar para o rapaz de cabelos negros. Ele era lindo! Como se tivesse ouvido os meus pensamentos, virou em minha direção e nossos olhos voltaram a se encontrar. Um misto de agonia e ansiedade brincava em meu estômago. Senti o ar preso nos pulmões. Era uma reação um tanto quanto estranha, então desviei os olhos voltando a atenção para a minha amiga.

- Eu não concordei em vir com vocês para conhecer rapazes. Vou me casar com John. Ele é o suficiente para mim – reiterei os argumentos utilizados para justificar meus motivos para viajar com elas. Não seriam os olhos intensos daquele rapaz que me fariam desistir dos meus objetivos.

- Eu sei. Mas ele é lindo. E esta é a sua despedida de solteira estendida...

- Não, Sandy!

- Não estou te pedindo para casar com ele – apontou para o rapaz de cabelos negros que ainda me encarava. Quase morri de vergonha. - A ideia era que vocês tivessem novas experiências. John está tendo as dele – encolhi-me com as lembranças. – Já está na hora de você começar a adquirir as suas.

- Não vou sair me agarrando com todos os homens que aparecerem na minha frente só porque preciso de novas experiências que, aliás, eu nem acredito que preciso. Apenas concordei em deixar que John tivesse as experiências que desejasse. Só por este mês – senti meu peito apertado. Era como normalmente me sentia ao me lembrar das coisas que meu noivo andava fazendo.

- Tudo bem! Mas que ele é um gato, isso lá é. E, definitivamente tem uma bela bunda! – olhei admirada para a minha amiga que estava vermelha pelas suas próprias palavras. Gargalhámos juntas. A bunda dele era realmente linda.

Assistimos aos seis cantando mais duas músicas, cada vez mais entrosados e empolgados, para finalmente pararem e começarem a conversar animadamente. Aproximaram-se de nós duas sem interromper a conversa. Jessye estava mesmo decidida a ficar com o carinha loiro e forte. Saco! Eu ia ter que aturá-la jogando-me para cima de algum deles. Tinha certeza que faria isso.

- Essas são nossas amigas, Sandy e Cléo – Hilary nos apresentou.

- Cléo? – O cara loiro e bronzeado pareceu interessado.

- Sim.

- Diferente, mas bonito – sorri me sentindo um pouco desconfortável com a maneira como ele me olhava e sorria. Aparentemente não havia um interesse real em mim como mulher, o que é certa forma era um alívio. – Eu sou Michael, estes são Bill, Juan e Douglas - ele sinalizava para o cara loiro pelo qual Jessye estava encantada, o de cabelos castanhos, com aparência latina e o da bunda bonita.

“Douglas”.

Repeti mentalmente. Então a bunda bonita tinha um nome. Ri dos meus pensamentos, mas me limitei a sorrir para eles. Douglas era um nome tão bonito quanto o seu dono e a sua bunda. Mordi os lábios tentando não rir. John me mataria só de imaginar os meus pensamentos a respeito do traseiro de alguém.

Ok! Esta era uma nova experiência: Achar a bunda de outro homem bonita. E ele nem era alguém famoso, ator de filmes ou qualquer coisa do tipo que

permite às mulheres tais pensamentos. Esses eram permitidos, afinal de contas, quem nunca pensou naquele ator maravilhoso enquanto estava com o seu companheiro?

Ri sarcasticamente. Aquela era uma maneira de dar o troco ao que John estava me fazendo passar.

- Vocês estão curtindo Las Vegas por algum motivo especial? – O que eu tinha identificado como Juan falou quebrando o meu devaneio.

Seu sotaque era carregado. Latino, com certeza.

- Estamos em uma despedida de solteira estendida – Jessye deu risada ao informar sobre a nossa condição.

- Como assim? – Bill perguntou animado.

- Ah! Esquece isso – apressei-me a dizer.

- É. Esquece – Hilary brincou me deixando mais tranquila. Era complicado admitir nossos motivos para estarmos lá. – Vamos beber alguma coisa?

- Claro! – Juan se empolgou.

Sentamos em uma mesa grande, mas não o suficiente para oito pessoas. Ficamos todos apertados, colados um ao outro, para felicidade da Jessye, que não cansava de puxar conversa com Bill. Hilary também conversava com ele, disputando sua atenção com a nossa amiga. “Isso não é bom” pensei desconfortável.

Douglas, o rapaz de cabelos e olhos negros, dono de uma bunda interessante, não falava nada. Sentado ao meu lado, ele somente tentava acompanhar a conversa de todos, assim como eu estava fazendo, ou tentava fazer. Pude perceber que Sandy respondia timidamente a algumas perguntas que de vez em quando Juan fazia diretamente a ela. “Isso também não é bom” me mexi tentando não me preocupar muito com o rumo das coisas.

O celular de Douglas tocou duas vezes, sem som. Apenas percebi porque ele o pegou e olhou o visor decidindo ignorar as chamadas. “Estranho!”. A cada vez que tomava aquela decisão, eu verificava que parecia mais triste e também mais irritado, pois pegava seu copo e tomava um longo gole. “Problemas com mulheres, com certeza”. O que mais poderia ser?

Após a primeira hora juntos, Douglas pediu licença e saiu da mesa. Foi até o balcão, onde já havia algumas pessoas circulando, e começou a mexer no celular. Deduzi que enviava e recebia mensagens de texto. Por que eu sentia tanto interesse pelo que ele fazia? Por que tanta curiosidade a respeito do que estava

acontecendo com um desconhecido?

- Ele está passando por um momento complicado – Juan sinalizou ao meu lado como que respondendo a minhas perguntas silenciosas.

- Imaginei – fiquei envergonhada por ter sido desmascarada, perante minhas amigas, em relação ao meu interesse.

- Ele foi traído pela namorada – Bill revelou abertamente. – Após quatro anos dedicando-se apenas a este relacionamento, ela apronta uma dessa com ele. O cara ficou super mal! Por isso estamos aqui. Como bons amigos, estamos tentando ajudá-lo a se recuperar. Receio que seja uma batalha perdida.

“Então é isso”. Entendi na hora o porquê da sensação de familiaridade. Ambos estávamos curtindo a maior fossa. Sofrendo pelos mesmos motivos, mas em circunstâncias completamente diferentes. Lógico! Ele tinha sido traído, o que era péssimo, enquanto eu apenas estava dando um tempo programado com o meu noivo para depois, enfim, podermos casar. O que era aceitável.

- Como assim? – Hilary quebrou meu devaneio.

- Ele é louco pela ex-namorada, que está desesperada, implorando por uma segunda chance. Disse que foi um erro. Que estava arrependida e que o ama. Douglas está muito magoado, mas... – pela sua cara entendi que ele não concordava com a decisão do amigo.

- E você acha que ele vai voltar para ela – Jessye afirmou buscando a atenção dele.

- Infelizmente, sim.

- Eles viviam um relacionamento perfeito. Era amor de verdade, pelo menos nós achávamos. Planejavam se casar, então, ele descobriu a traição e tudo acabou – Michael emendou a história que Bill contava.

- Que triste! – Sandy suspirou olhando-me sugestivamente.

Ela era uma romântica incurável e claro que pensou que aquilo nos tornava iguais, por isso, quem sabe... O que ela não sabia era que eu não me sentia como ele. Não havia a desilusão amorosa. Ou havia? Eu não queria pensar assim. John estava apenas com medo de descobrir que deixou algo para trás. Fazia sentido o que ele me propôs.

- Estranho. Se ela o ama, por que ficou com outra pessoa?

Hilary ficou pensativa, no entanto eu percebi muito bem quando seus olhos me encararam, sugerindo que John havia feito o mesmo. Droga! Ela nunca

entenderia que o que estava acontecendo foi decidido em comum acordo e que, se estávamos dando um tempo, não existia o relacionamento, ou seja, ele poderia ficar com quem quisesse, assim como eu, apesar dos pesares.

- Quem consegue entender o que passa pela cabeça de uma mulher? – Juan brincou e todos começaram a rir e filosofar.

Senti-me especialmente tocada pelos comentários das minhas amigas, que pareciam me alfinetar com cada uma das suas filosofias e risinhos cínicos. Desviei a minha atenção para o que realmente importava mais que qualquer outra coisa no momento para mim, pois continuava presa ao que acontecia a Douglas.

Um coração partido, como o meu. Eu, pelo menos, teria um final feliz. Voltaria para John e nos casaríamos. Douglas, também poderia voltar para a namorada, mas será que ele conseguiria ser feliz?

Após um tempo, o homem que roubava a minha atenção voltou para a mesa, sem se justificar, antes de sentar trocou um olhar confidente com Bill. Fiquei extremamente curiosa a respeito dos seus pensamentos. O que ele achava disso tudo? Como estava reagindo? O que esperava dali para frente? E, principalmente: ele seria capaz de perdoar o que a sua namorada tinha feito ?

- Estou curioso, vocês ainda não explicaram o que é uma despedida de solteira estendida.

Michael trouxe de volta o assunto, dando continuidade à conversa sem deixar com que a atenção caísse sobre Douglas e a sua história. Aquele era um bom amigo. O problema é que com isso ele desviou todas as atenções para mim e as minhas amigas não pareciam nem um pouco interessadas em me salvar.

- Estamos tentando convencer nossa amiga Cléo a não se casar.

Jessye revelou seu plano. Dei risada. Ela não desistiria. Acho que mesmo na porta da igreja minha amiga tentaria me convencer de que John não era o cara certo para mim. Ainda bem que eu era segura e sabia exatamente o que queria. Do contrário, já teria sucumbido.

- Nossa! Que belas amigas – Juan piscou para mim em meio à brincadeira. Concordei com ele apenas balançando a cabeça.

- Você vai casar? – Bill pareceu interessado.

- Ah! – pensei no que poderia dizer a ele. Minha única reação foi cruzar os braços em frente ao peito aguardando a bomba que viria.

- Ela fez um acordo com o noivo. Um mês como solteiros e depois

poderiam casar – Jessye não fez a menor questão de esconder o meu caso. Fiquei envergonhada. Ainda não tinha me acostumado a esta situação.

- Corajosa – Bill me encarou e depois virou sua bebida de uma só vez – Eu teria terminado o relacionamento se uma mulher me fizesse uma proposta dessas – bateu o copo na mesa. Fiquei ainda mais embaraçada.

- Não foi ela quem propôs – Hilary voltou a disputar a atenção dele com Jessye, revelando um pouco mais. Olhei-a constrangida enquanto Bill arregalava os olhos para mim.

- Ele fez esta proposta? – Michael estreitou os olhos como se estivesse indignado. – E você aceitou? – Todos riram me deixando ainda mais sem jeito. Se é que era possível.

- Por que você aceitou?

Foi a primeira vez que Douglas falou diretamente comigo desde que tínhamos nos reunido. O fato acabou chamando a atenção de todos. Olhei em seus olhos, negros como a noite, profundos como a solidão. Parecia loucura, mas eu o entendi. Era como se tivesse me vendo nele. Como se tivesse sido sugada pelo seu olhar. Quando percebi já estava falando tudo.

- Nós estamos juntos há dez anos. Começamos a namorar aos quinze. Eu fui a primeira namorada dele e ele foi o meu. Nunca vivemos outros relacionamentos. Não sinto falta disso, mas entendo o lado dele. Eu quero casar, porém não posso exigir que alguém passe o resto da vida comigo sem ter vivido o que deseja. John foi sincero. Achei melhor fazer assim do que mais tarde eu descobrir que ele... – parei sem saber como continuar. Não podia tocar no assunto sem magoá-lo ou até ofendê-lo.

- Que ele está te traindo – finalizou a minha frase com aqueles olhos negros ainda nos meus, me sugando. Todos ficaram em silêncio. Era como se o mundo tivesse parado para ouvir a nossa conversa.

- Isso – bebi um gole desviando os olhos dos dele. Não sabia como continuar, já que acabara de dizer a ele que a sua situação era pior que a minha.

- Espantoso! – Ouvi a Jessye falando surpresa. – Nem para nós ela se justificou. Isso me parece uma traição e das boas – ela não parecia magoada nem irritada. Eu podia jurar que Jessye só contou aquele detalhe para chamar a atenção de Douglas para mim.

- Como você conseguiu aceitar esta situação? Quer dizer... Você acha que vai conseguir conviver com as escolhas dele? – Douglas ainda procurava por respostas para as suas próprias perguntas. Entendi o seu dilema.

- Acho que essa foi a parte mais difícil. Quando você pode escolher é extremamente complicado tomar uma decisão – ele me olhou sem entender o que eu dizia. – Quando não tem, quando a decisão parte da outra pessoa, você só pode aceitar e seguir em frente, por mais que doa. Mas quando a escolha é sua, e você tem vários caminhos, é difícil decidir, porque uma escolha exclui as outras e muitas vezes não é possível voltar atrás. Por isso foi muito ruim ter que optar. Foi doloroso e conflitante, mas acabei concordando.

Parecia que eu respondia às perguntas internas dele. Se deveria ou não perdoar a namorada. De certa forma isso me incomodou um pouco.

- E você tem certeza de que fez a escolha certa?

- Eu tento acreditar que os fins justificam os meios – sorri sem graça. – Depois de algum tempo vamos rir do que aconteceu e vamos agradecer pelas nossas escolhas. O bom é saber que no final tudo dará certo.

Douglas se calou e voltou a ficar reflexivo. Nossa conversa morreu naquele momento. Nós apenas continuamos acompanhando os nossos amigos sem nada acrescentar.

Duas horas depois estávamos nos despedindo, para tristeza de Jessye e Hilary que ainda não tinham conseguido nada com Bill, mas tínhamos compromissos diferentes, por isso apenas trocamos telefones e marcamos de nos encontrarmos no dia seguinte. O que não me deixava nada animada.

Iríamos ver as fontes dançantes do Bellagio, uma das muitas atrações turísticas existentes em Las Vegas. Eles já conheciam a cidade e não pretendiam fazer passeios com esta finalidade, apenas frequentavam os Cassinos à noite por ser divertido. Pretendiam ficar circulando pelos diversos bares atrativos que havia por lá.

Fiquei confusa com meus sentimentos na despedida. A curiosidade sobre o que Douglas faria em relação ao que estava passando com a sua namorada, me impulsionava a querer saber mais sobre dele. Talvez seja por esse motivo que eu estudei jornalismo. Nenhuma história poderia passar por mim sem um meio e um fim. E a dele estava apenas começando.

Entrei no carro pensando em como tudo se resolveria, enquanto Hilary e Jessye se alfinetavam motivadas pela disputa descabida pelo mesmo cara. “Santo Deus! Com tantos homens interessantes dando sopa, elas resolveram desejar o mesmo?”

Encostei a cabeça no banco do fundo do carro e fechei os olhos sentindo-o ganhar movimento. Douglas seria sempre uma incógnita para mim. Aquilo me

incomodava muito. Fiquei tentando não ouvir Jessye e Hilary discutindo sobre quem merecia ou não ficar com Bill, que talvez nunca mais voltasse para nossas vidas. O que elas entendiam de encontro casual? Nada do que acontecesse naquela viagem seria para sempre.

Abri meus olhos ao ouvir os gritos ao lado do nosso carro e a buzina insistente. Eram os rapazes. Tive que sorrir. Eles gritavam para encostarmos o carro. As meninas ficaram eufóricas, porém a disputa entre Jessye e Hilary acirrou. Revirei os olhos para elas, preferindo prestar atenção ao que diziam.

- Douglas quer falar com a Cléo – Michael gritou enquanto Bill e Jessye brincavam com as direções dos seus respectivos carros no trânsito movimentado.

- Douglas quer falar com a Cléo! – Sandy ecoou ao meu lado me fazendo pular assustada.

“Douglas quer falar comigo? Sobre o quê?”

Minha mente tentava analisar os acontecimentos. A animação de minhas amigas fazia meu estômago revirar. Jessye encostou o carro e imediatamente todos começaram a sair. Eu permaneci sentada, sem saber direito o que fazer ou dizer.

- Ele quer falar com a Cléo – ouvi Bill se justificando para Jessye e Hilary. Eles se divertiam com a situação.

Por um motivo desconhecido, fiquei envergonhada. Reuni toda a minha coragem e desci do carro. Douglas já aguardava por mim, um pouco afastado do grupo que voltou a conversar animadamente. Fui até ele.

- Fiquei curioso a respeito do que me falou. Sem querer você acabou respondendo a algumas dúvidas que me corroíam.

Andamos nos afastando dos nossos amigos. Eu estava certa quando imaginei que respondia aos conflitos dele. Mas de que maneira poderia ajudá-lo? Na minha situação, não era possível ajudar nem a mim mesma. Douglas também estava constrangido, porém decidido a conversar.

- E no que posso te ajudar?

Meus braços estavam cruzados no peito. Uma atitude que demonstrava desconforto ou insegurança e era realmente o que eu sentia. Não sou psicóloga, então o que ele estava querendo? Meus próprios problemas já não eram suficientes?

- O que você faria se ele te traisse? – engoli seco.

Não sabia muito bem como reagiria, mas já sabia qual era a sensação. Exatamente o que senti quando soube que John estava com uma garota, logo depois que nós fizemos o acordo. Como já sabia que poderia acontecer, não me permiti cobrar nada, apenas fiquei calada, tentando me convencer de que seria apenas uma experiência e nada mais, contudo, a mágoa e a tristeza eram reais.

- Você foi traído. Eu já estou sabendo – assumi timidamente querendo desviar o assunto de mim.

- E o que você faria? – respirei fundo tentando não ficar presa ao sentimento de tristeza e revolta que uma traição é capaz de provocar nas pessoas. Além do vazio e da sensação de solidão.

- O que aconteceu? – encostei-me a uma pequena cerca que limitava a passagem de carros e ele me acompanhou. Mais uma vez, tentei desviar o assunto da minha história e voltar para a dele.

- Ela teve um caso com um colega de trabalho. Não da empresa onde trabalha, mas do mesmo grupo, só que de estados diferentes. Ele estava envolvido em um projeto que o levou até São Francisco e eles ficaram juntos durante o tempo em que o cara esteve por lá. Bill que os viu saindo do cinema e resolveu segui-los. Se não fosse por ele eu nunca ficaria sabendo. Michele foi muito cuidadosa.

Douglas ficou calado pensando sobre o que estava me contando

- Eu não consigo entender. Nós dois éramos perfeitos juntos. Combinávamos em tudo. Ela foi a pessoa que mais me entendeu até hoje. Nós nos completávamos. Não entendo como ela pôde...

Mordeu os lábios. Eu podia sentir sua angústia. Meu coração acelerou com as lembranças e minha respiração ficou um pouco mais pesada.

- Eu fico pensando se ela tivesse me contado... Se ninguém além de nós dois soubesse. Eu seria capaz de perdoar? Porque, às vezes sinto vergonha por pensar em reatar depois de ser publicamente traído. Meus amigos sabem o que aconteceu e eu não tenho coragem para passar por cima de tudo. Tenho medo de como será.

Ficou calado como se sentisse derrotado. Podia muito bem compreender como ele se sentia. Eu também não queria que as pessoas soubessem do meu acordo com John. Era humilhante.

- Eu te entendo. Mas tem que pensar primeiro em você. Se realmente a ama, e se tem certeza de que isso não vai se tornar uma situação recorrente, deve pensar no que quer e não no que seus amigos vão dizer. Que se danem as

pessoas! O que importa são os seus sentimentos.

Ficamos nos olhando refletindo sobre o que falamos. Dei risada relembrando das minhas palavras e ele me questionou com o olhar.

- Por que você me procurou?

- Porque você foi a única pessoa que me compreendeu depois da Michele – minha respiração ficou presa com a sua revelação. Era estranho e gostoso ao mesmo tempo. - O que você me falou fez todo o sentido e, pela primeira vez, eu senti realmente vontade de conversar com alguém sobre o que aconteceu. Talvez tenha sido pelo fato de estarmos passando pelo mesmo problema. Você sabe exatamente como eu me sinto.

- Não estamos, não – aonde ele queria chegar? Nossos problemas eram completamente diferentes.

- Estamos sim – cruzou os braços no peito, exatamente como eu tinha feito quando começamos a conversar. Seus olhos negros estavam cravados nos meus e seus lábios exibiam um leve sorriso debochado que me tirou do sério.

- Minha situação é muito diferente da sua. Ela te traiu!

- A única diferença é que você permitiu que seu noivo fizesse isso.

- Do que você está falando?

- Que você está sendo traída com sua permissão e eu fui traído às escondidas. No final é tudo a mesma coisa. – aquele sorriso ainda estava lá, ironizando a minha história, tornando tudo ridículo. Senti muita raiva.

- Eu não estou sendo traída. Estamos adquirindo experiências. Você... Você nunca vai entender.

- Eu entendo muito bem. Você simplesmente diz que foi uma decisão madura para não ter que se justificar pelo fato de aceitar uma traição. Essa é a sua desculpa continuar com ele.

- É o que você pensa? Então você pretende voltar com ela? – Estranhamente não me sentia confortável com o que ele poderia responder.

- Não sei ainda. Mas você me ajudou muito. Obrigado!

Ele ampliou o sorriso e começou a se afastar. Senti meu coração disparar. Ele era absurdo! Andei apressada passando por aquele homem incredivelmente insuportável, alcançando as minhas amigas.

- Vamos embora – avisei enquanto me dirigia para o carro. Não poderia

passar nem um minuto ao lado dele.

- O que aconteceu? – Sandy apressou os passos me acompanhando ao ver a minha cara de aborrecida.

- Ele é um idiota. Vamos embora.

Entrei no carro e imediatamente peguei meu *tablet*. Precisava escrever, mesmo que através daquele aparelho horrível para digitar.

“Caro leitor,

Hoje aprendi que existem regras quando você deseja adquirir novas experiências. A primeira e mais importante delas é: nunca se deslumbre com o primeiro cara que chamar a sua atenção, ele pode ser um babaca.”

III

Dezoito dias antes

Você está encantada por ele – Jessye dizia rindo enquanto andava pelo quarto do hotel, que dividíamos, escolhendo o que usar.

Eu estava cansada. Passamos longas horas caminhando pelas ruas de Las Vegas, uma insistência da minha amiga, que achava que deveríamos nos aventurar além dos pontos turísticos. Ela estava obstinada em falar sobre Douglas, mesmo já tendo se passado vinte e quatro horas do nosso encontro.

- Não estou, não – era a milésima vez que repetia aquilo. – Apenas fiquei comovida com a história dele. O cara está sofrendo! Foi terrível o que a tal da Michele fez! Como ela pôde?

Eu tinha contado para as minhas amigas sobre a nossa conversa e o motivo da minha irritação. As garotas passaram quase toda a noite enchendo minha cabeça por causa daquilo. Não sei por que motivo elas cismaram que Douglas era o homem ideal para mim. Eu mal o conhecia e logo de cara ele já tinha conseguido me irritar. “Com certeza este era o tipo de homem perfeito para mim, o que me tira do sério” pensei com ironia.

- E você está encantada por ele! – repetiu.

Deixei que meu corpo caísse sobre a cama e coloquei o travesseiro no rosto. Iria ignorá-la.

- Cléo! – Jessye puxou o travesseiro. – relaxe!

- Não consigo relaxar com vocês tentando o tempo todo me arrumar alguém. Eu já disse: não quero novas experiências. Eu sei muito bem o que desejo. É casar e ser feliz, com John – ressalttei.

- Case e seja feliz – disse impaciente batendo as mãos na lateral do corpo. – Mas duvido que consiga conviver com as novas experiências dele. Vai culpá-lo o tempo todo pelo que viveu e vai se arrepender de não ter vivido nada.

- Não é porque você ficou aborrecida com John que sou obrigada a concordar com a sua opinião.

Douglas tinha se tornado um “mala”. Ele e todo o seu sofrimento, sua história e falta de compreensão. Que saco! Por que me importava tanto? Sua opinião era tão importante assim? Ou estava ferida pelo fato de alguém ter percebido que eu realmente me sentia traída, mesmo concordando.

- Quer saber? Acho que Douglas tem razão. Você está aceitando a traição de John e se justifica com essa história idiota de tempo. Não existe tempo nem separação se você continua completamente presa a ele.

Jessye se trancou no banheiro fugindo da minha explosão. Fiquei parada na porta canalizando a minha raiva, na esperança de que ela se desmaterializasse e com isso eu conseguisse não matar a minha amiga.

O que ela queria que eu fizesse? Para Jessye era fácil escolher uma pessoa e dar um jeito de conquistá-la, nem que fosse por pouco tempo. Para mim era completamente estranho e anormal.

Eu nem mesmo sabia flertar. Nem conseguia lembrar se já havia paquerado alguma vez na vida ou se apenas correspondi à paquera do John. Era inimaginável pensar em mim, beijando ou sendo tocada por outra pessoa. E a vergonha? Como conseguiria tirar a roupa para um estranho? Não.

“Definitivamente eu não consigo agir assim”. Foram dez anos vivendo com apenas uma pessoa. Uma e única. Nunca havia beijado outros lábios. “Ai meu Deus! É tudo uma loucura! Como eu pude concordar?”

Voltei a fechar os olhos e me perdi no tempo. Só recuperei a consciência quando Jessye saiu do banheiro, depois de um longo banho, com uma toalha no cabelo e o secador na mão.

- Vai ficar aí parada? Acha mesmo que algum príncipe virá buscá-la como se você fosse a Cinderela? É banho e rua, Cléo.

- Você é completamente irritante – levantei irritada e fui para o banho.

Tirei a roupa e entrei no chuveiro, sem molhar meus cabelos. Enquanto passava o sabonete no corpo, pensava em como seria dividir momentos tão íntimos com uma nova pessoa. Não que tivesse que fazer aquilo, ou quisesse, mas tipo... Tomar banho juntos. Eu tomava com John, claro, no entanto como seria fazer aquilo com... Douglas, por exemplo. “Douglas... Ele deve ser lindo sem roupas”. Imediatamente me repreendi pelos pensamentos absurdos com uma pessoa desconhecida e ainda por cima irritante.

Mas Douglas era sensível, romântico e se importava realmente por estar perdendo alguém que amava. Com certeza ele nunca faria esse tipo de proposta para a namorada dele. Não. Não faria. Era triste constatar. O suspiro que saiu de

meus lábios foi inevitável. Douglas era o tipo de cara que quando gostava de alguém, era esta pessoa e mais ninguém.

Como eu podia estar tão certa disso? Sacudi a cabeça espantando os pensamentos.

- Esqueça-o, Cléo – tentei voltar aos meus pensamentos, antes de Douglas mudar o rumo deles.

Além disso, existiam coisas mais íntimas, que exigiam um pouco mais de cumplicidade, sei lá! Como por exemplo... Ah, sei lá, tantas coisas que sexualmente só podem acontecer com duas pessoas que realmente se conhecem bem, que têm certa intimidade. Como eu poderia fazer... Caramba! Como eu poderia?

Senti meu rosto pegando fogo de vergonha pelos meus pensamentos. Minhas amigas não entendiam. Não era só o fato de não querer ou não achar necessário. Era também o de não conseguir. De quanta coragem eu precisaria para tirar a roupa diante de outro homem que não fosse o John? E para... Não. Definitivamente, não.

- Morreu afogada no chuveiro? – Jessye bateu na porta - A noite não vai esperar por você.

- Já estou saindo – gritei em resposta. Jessye já estava me irritando.

Escolhemos um cassino diferente da noite anterior, ainda na Las Vegas Boulevard, ou Strip, como é conhecida. Graças a Deus não precisávamos sair muito da rota dos pontos turísticos, que eram mais ou menos próximos de onde estávamos hospedadas. Bom, nosso hotel não ficava exatamente na rota, e sim um pouco mais afastado, pois as nossas condições financeiras não nos permitiam abusar com hotéis de luxo, por exemplo. Mas a Strip era imensa e nela conseguimos encontrar um lugar que compatível com as nossas finanças e nossos interesses turísticos.

Chegamos ao cassino com a noite já fervendo. A grande atração era a gigantesca adega vertical, a maior do mundo, com capacidade para dezesseis mil garrafas, que eram facilmente retiradas por mulheres que ficavam penduradas em cabos que permitiam que chegassem com muita facilidade ao topo, ou aonde

estava a garrafa solicitada.

As pessoas se divertiam com aquele espetáculo diferente, mesmo que lhes custasse vários dólares a mais por uma garrafa de vinho. Realmente era algo fascinante de assistir, apesar de verificar que os homens do local estavam interessados mais nas garotas penduradas do que nos vinhos.

As meninas queriam algo além de jogar, queriam diversão. No entanto rolava de tudo. Las Vegas tem esta versatilidade infinita, onde em uma mesma noite podíamos viver várias coisas diferentes. Fiquei um tempo na roleta com as minhas amigas, mas era impossível dar sorte com um jogo como aquele. E na verdade Jessy e estava mais disposta a paquerar um rapaz alto de ombros largos que usava um paletó cinza e possuía um sorriso que deixava claro o quanto era cafajeste.

Por este motivo peguei uma bebida e fui para os caça-níqueis. Pelo menos ali eu perderia pouco dinheiro e tinha chances mais reais de ganhar alguma coisa. Bebi e joguei. Joguei e bebi. Não sei por quanto tempo, só sei que passei a achar as coisas mais divertidas. As luzes mais claras e interessantes. As pessoas mais engraçadas.

Comecei a acreditar que aquelas pessoas, que eu não conhecia, eram amigas de longa data. Todo mundo era “gente boa” o suficiente para passar algum tempo conversando comigo. As minhas amigas não estavam lá. Onde estariam? Pensei me sentindo um pouco perdida.

O consumo de álcool era inevitável. Na verdade, eu não estava realmente muito disposta a evitar qualquer coisa. Estava em Las Vegas para me divertir, então que a diversão chegasse com tudo.

Fui até o bar solicitar mais bebida. Só um pouco mais. Que mal poderia ter? Sentei em um de seus bancos altos e vermelhos, aguardando pelo garçom que tinha ido providenciar o meu pedido. Tamborilei meus dedos no balcão pensando como fazer para encontrar as minhas amigas.

- Sua noite parece estar bastante animada.

Olhei assustada para o lado e vi Douglas sorrindo para mim. Lindo! Como ele era lindo! Usando uma camisa branca que caía perfeitamente bem em seu corpo maravilhoso. O que era aquilo? De onde vinham aqueles pensamentos? Fiquei constrangida ao constatar como meus olhos avidamente percorreram seu corpo e mais ainda quando lembrei que mais cedo eu tinha imaginado como seria tomar banho com ele.

Comecei a rir. Alguém estava se apossando de mim. Definitivamente

aquele não era eu.

- O que? – disse acompanhando minha risada, levantando uma sobrancelha.

Olhei para trás e vi que seus amigos também estavam próximos de nós dois. Minhas amigas haviam reaparecido e eu nem sabia de onde tinham saído. Claro que Jessye e Hilary já estavam disputando o Bill enquanto Sandy e Juan conversavam um pouco afastados, junto a uma máquina muito colorida. Michael observava Bill entreter as minhas amigas, ele não parecia muito à vontade. Voltei a olhar para Douglas e a imagem do banho ressurgiu em minha mente com toda força. Foi mais forte do que eu.

- Toma banho comigo?

- O quê?

Como eu pude dizer aquilo?

- Ops! – Explodi em risadas. Meu Deus! O que estava acontecendo comigo?
– Toma uma bebida comigo? – corrija-me rapidamente rindo do meu deslize. Ele riu junto.

- Claro! Pensei que você estava aborrecida comigo – meu sorriso se desfez imediatamente ao me lembrar do motivo de eu estar irritada com ele. Desviei o olhar. – Eu não queria...

- Você tem razão – cortei sua fala facilitando as coisas entre a gente. A tristeza da minha afirmação fez com que eu encostasse a cabeça no balcão, me lembrei de onde estava e levantei muito rápido. Então vi tudo girar. – John é um idiota! – Falei alto demais. Ele riu.

- Concordo plenamente com você – completou bebendo o que o garçom tinha colocado sobre o balcão para ele. A bebida era azul? Linda e gelada.

- Hey! – chamei rapidamente o garçom. – Eu também quero uma dessa

- Vamos com calma, Cléo.

- Por que? A ideia é adquirir novas experiências. Tomar um porre é algo novo para mim, então... – levantei o copo para ele em um brinde silencioso e virei o conteúdo de uma vez só. Ardeu minha garganta. - A noite é apenas uma criança – voltei a sorrir sentindo no peito a alegria inexplicável que só a bebida poderia me proporcionar naquele momento. – Ah! Michele também é idiota. Um brinde aos idiotas. A todos os idiotas – brindamos rindo da nossa infelicidade.

- Tudo bem. Então vamos beber para comemorar o fato de termos sido traídos.

Ele também estava alegre demais? Nossa! Nem todo mundo tem equilíbrio suficiente para beber. Comecei a rir descontroladamente do meu pensamento. Douglas me olhou questionando a minha atitude.

- Você está bêbado – acusei.

- Estamos.

- Eu não – no entanto percebi que minha voz enrolava um pouco e, claro, as luzes estavam mais fortes e giravam. Giravam?

Recomeçamos a rir e a noite foi ficando mais engraçada. De repente estávamos bem próximos, brindando e bebendo sem parar enquanto falávamos mal dos nossos companheiros, ou ex-companheiros, ou qualquer coisa do tipo.

- Eles mereciam passar por isso. Seria ótimo ver a Michele chorando pela dor de uma traição – Douglas fez uma careta e eu ri concordando com a cabeça.

Tudo era muito engraçado e eu não conseguia mais encontrar motivos para não relaxar ao seu lado. Tanto que falava tudo o que vinha a minha cabeça.

- Como ela pôde trair um homem como você? Sua bunda é linda! – Ele gargalhou jogando a cabeça para trás. Nossa! Ele ficava tão lindo rindo daquela maneira.

- Obrigado. Eu ainda não observei a sua. Levante um pouco para que eu possa dizer algo a respeito – com dificuldade levantei e fiquei de costas empinando a bunda para ele. – É linda também. Redonda. Se bem que com roupas é complicado avaliar – fiquei séria. Olhamo-nos por uma infinidade de tempo. Ele também estava sério.

- Sabe que hoje fiquei imaginando como seria tomar banho com você? – não conseguia acreditar no que estava dizendo. – Não era para eu dizer isso – sussurrei tapando a boca com a mão e expressando o pânico com os olhos.

Nossos rostos estavam muito próximos.

- E foi bom?

- Hum! Não sei. Acho que banho junto exige intimidade. Eu acabei de conhecer você.

Sem nenhum aviso sua mão segurou em minha cintura. Não sei como nem porque, senti meu corpo estremecer com aquele toque. Puxei o ar com força. O que eu estava fazendo? Ele gentilmente acariciou a região, com calma, cuidado e... desejo. Foi exatamente como imaginei que ele era. Seguro do que queria. Todas as suas atitudes demonstravam isso. Mordi meus lábios reprimindo um

suspiro. Suspiro era algo muito íntimo também, não era? Não podia suspirar porque ele estava acariciando a minha cintura.

- Você é linda, Cléo! – Douglas se aproximou um pouco mais. Suas mãos me puxaram em sua direção. Minha cabeça girava. – Muito linda! – Nossos lábios estavam tão próximos que um único e mínimo movimento seria suficiente para que se tocassem. Eu queria aquilo? Eu podia? Não.

- Não podemos fazer isso – comecei a me afastar. – Eu nem conheço você.

- Sou Douglas, prazer – riu e me puxou rapidamente para um beijo.

Nossos lábios se encontraram. Foi como ser levantada naqueles cabos que as mulheres usavam para pegar os vinhos. O frio no estômago me causava a mesma sensação: medos e prazer, misturados em um sentimento único, que eu ainda não conseguia identificar.

Eu estava beijando outro homem? Eu? Sim. Eu estava beijando outro homem, e era... Era maravilhoso! Muito, mas muito diferente dos beijos que dava em John.

Ele movimentou os lábios e o acompanhei. Era um beijo quente, sedutor. Os lábios dele eram macios, saborosos, suculentos, convidativos e eu os devorava.

Eu?

Não.

Definitivamente aquela não era eu. Porque a verdadeira “eu” apenas assistia àquela usurpadora de corpos inocentes, comandar as minhas atitudes. Então tudo bem. Porque estava muito bom.

A língua de Douglas não travava uma batalha com a minha. Ela simplesmente me acariciava. Experimentava. Cedia e buscava enquanto suas mãos corriam minhas costas em uma pressão suave, porém segura, que me prendia cada vez mais ao seu corpo. Fiquei arrepiada ao constatar que ele me segurava com posse.

Era tudo muito bem sincronizado, como se tivesse ensaiado exaustivamente cada movimento que fazia e por este motivo havia alcançado a perfeição. Então... minhas pernas cederam e ele me segurou com mais firmeza em seus braços.

- E a Bela Adormecida despertou – abriu os olhos e ri da nossa situação. Era assim que eu me sentia como se estivesse despertando de um sonho delicioso.

Ele riu e beijou meu pescoço com carinho. Um calafrio percorreu minha

pele. Ouvimos o som dos copos sendo colocados no balcão. O garçom havia servido mais uma rodada. Bebemos em um único gole após o brinde tradicional.

- A noite é uma criança – Douglas se aproximou ainda mais de mim. – Vamos dançar! – fui puxada do banco onde estava sentada e quase caí ao tentar acompanhar seus passos.

Douglas me levou para fora do cassino e eu me perguntava se deveria avisar as minhas amigas que estava saindo. Entramos em um táxi, que se materializou em nossa frente como um passe de mágica, como a carruagem da Cinderela. Seguimos rumo a algum lugar que eu não tinha nenhuma condição de descobrir qual era. Também não sei dizer quanto tempo levamos para chegar ao nosso destino, pois Douglas aproveitou para me beijar durante todo o percurso. Eu não tive como e também não quis impedi-lo.

Entramos no que parecia ser uma grande boate. Douglas imediatamente me agarrou pela cintura e começamos a dançar e rodopiar. Era muito bom! Apesar de só piorar o meu estado. O som era alucinante assim como as luzes. Não sei quando nem como, a noite passou por mim como um flash. Quando percebi, estávamos do lado de fora, encostados em um carro e escandalosamente agarrados.

Meu corpo agia sem a minha autorização, e no momento, eu me sentia muito grata a ele. Douglas tinha mãos firmes, lábios deliciosos, um corpo de matar e seu cheiro era incrível. Não sei por que pensei em cheiros naquela hora, mas o dele era uma delícia. Embriagava-me. Ou eu já estava embriagada? Não tinha condições de pensar com aquele homem sedutor me acariciando com tanta habilidade.

- Vamos para meu quarto – propôs entre beijos e carícias.

Abri os olhos, aliás, acho que arregalei os olhos, mas achei graça da minha reação e ri. Era impossível reagir de outra forma quando não tinha a menor noção do que estava fazendo.

- Não posso ir ao seu quarto. Eu mal te conheço – minha voz estava tão enrolada que quase não me reconheci.

- Pois eu a conheço. Você é a criatura mais doce, delicada, sensível, sensata, bonita, sexy e gostosa que eu já conheci em toda a minha vida – cada adjetivo foi acompanhado de beijos que Douglas distribuía em meu rosto, pescoço e decote.

- Não me beije desse jeito enquanto eu estiver tentando raciocinar – empurrei-o para afastá-lo um pouco. - E eu não posso transar com você.

- Por que? Você é virgem? – ironizou. Lógico que eu não era. – Vamos, Cléo! – era maravilhoso ouvir sua suplica e a forma como falava meu nome, carregada de desejo. - Novas experiências. Esqueceu? – voltou a beijar meu pescoço e meu corpo entrou em combustão.

- Não posso transar com você por causa dos seus pés.

- O que há de errado com eles? – se afastou cambaleante e olhou para os próprios pés quase caindo devido à posição.

- São imensos – eu quase não conseguia falar de tanto que ria.

- E o que pode acontecer? Eu pisar em você? – agora ele ria também.

- Você nunca ouviu falar em nada relacionado a isso?

- O que?... Ah!... – estava quase lá. – Ah!... – seu sorriso foi encantador e ao mesmo tempo orgulhoso. “Ai meu Deus! Que homem!”

- Entendeu?

- Não vou machucá-la – seu orgulho era enorme e infantil.

Se eu não estivesse bêbada com certeza antipatizaria com ele. Mas eu estava bêbada, encantada, e doida para descobrir a veracidade daquela crença popular. Sandy sempre teve dúvidas a respeito desta verdade universal.

- Não. De jeito nenhum.

- O que você tem a perder?

Eu estava muito tentada a aceitar. Tudo naquele momento era política social econômica e sexualmente correto. “Céus! Como poderia me negar esta chance?” Fiquei olhando para ele refletindo, se é que eu conseguia refletir sobre algo no estado em que me encontrava: embriagada de álcool e desejo.

- O que você quer que eu faça? Quer que eu me ajoelhe e implore pelo seu amor? – Ele realmente ajoelhou. Fiquei parada. Deslumbrada com sua atitude. – Quer que eu a peça em casamento? – “Casamento? Ele falou em casamento?” – Cléo, você aceita casar comigo? – As palavras saíram quase gritadas, chamando a atenção de algumas pessoas.

Minha cabeça era uma confusão só, eu estava feliz e ele falava em casamento. Casamento e felicidade. Não era tudo o que eu mais queria?

- E então? – Olhei para aquele homem perfeito diante de mim e me vi em uma fantasia. A minha fantasia.

- Sim – gargalhamos embalados pelo momento só nosso.

Ele levantou me puxando pela mão para dentro de um taxi. Meu coração disparou pensando no que faríamos em um futuro muito próximo, quase presente. Para minha surpresa Douglas deu outro endereço ao taxista e nós fomos embora.

- Para onde vamos? – o carro ia rápido demais e minha cabeça girava.

- Vamos nos casar – achei graça e não protestei.

Casar!

Paramos em frente a uma casa, enfeitada com neon, como tudo em Las Vegas e uma placa na frente anunciando casamentos. Era muito engraçado. Tudo era engraçado. Meu estômago revirou indicando que meu nível de álcool estava altíssimo.

- Como você quer casar? – Douglas estava ao meu lado, segurando minha mão seguindo na direção da casa.

- Acho que... De branco? – ele riu sacudindo a cabeça.

- Estamos em Las Vegas. Você pode casar vestida como quiser.

- Como você quer?

- Vestido de Elvis Presley – minha risada foi forte e convidativa. Ele riu junto comigo.

Entramos e ele imediatamente foi cuidar de tudo com o atendente, que mais parecia um personagem de Guerra nas Estrelas, com sua roupa exótica. Enquanto uma senhora, tão estranha quanto, me conduzia a uma sala reservada para que eu pudesse escolher minha fantasia. Ela percebeu que eu estava mais do que bêbada, aquela situação parecia ser normal: pessoas embriagadas querendo casar.

- Eu mal o conheço – confidenciei rindo para ela que apenas sorriu de volta e me mostrou o que havia para eu escolher.

Fiquei encantada com uma versão do vestido de Fiona, todo branco, como de uma camponesa, justo ao corpo, com um cinto que caía pela cintura e descia pelo comprimento. Era muito medieval, mas lindo. Olhei-me no espelho e achei perfeito.

Saí à procura do meu “noivo” e me deparei com uma versão moderna de Elvis Presley me aguardando em frente ao que parecia ser um padre, ou algo parecido. Tive que rir. Era patético. Ele parecia feliz, então tudo bem! Eu

também estava.

Fiquei olhando meu vestido, brincando com as flores em minhas mãos enquanto o padre, ou seja lá o que for, dizia algumas palavras. Douglas me cutucou dizendo ser a minha vez. Olhei em seus olhos, negros, profundos, me perdendo neles. Ele era realmente lindo. Encantador. E seus olhos... Sugavam-me para si.

- Sim ou não, Cléo? – perguntou impaciente.

Não podia me negar o direito de ficar com aquele homem estonteante. E eu queria ficar com ele, não importavam as consequências. John recebera meu aval para me trair. Isso significava que eu também podia ficar com quem quisesse.

- Cléo? – ele riu da minha cara de dúvida e depois se aproximou sussurrando em meu ouvido. – Meu quarto nos espera – a emoção fez com que meu corpo inteiro formigasse.

Eu queria.

Eu podia fazer isso.

- Simmmmmmm! – finalmente consegui falar e ele me beijou sem esperar pelo tão significativo: “Eu os declaro, marido e mulher”

IV

Dezessete dias antes

Simmmmmmm!

O som ecoava em minha cabeça.

Senti o gosto amargo na boca tão logo recuperei a consciência. Ainda entre o mundo dos sonhos e a realidade não conseguia entender onde estava, ou o que tinha acontecido, só sabia que minha boca encontrava-se seca, com um gosto amargo, além da cabeça que doía muito. Abri os olhos e imediatamente me incomodei com a claridade. “Onde estou, o que aconteceu?”

Movi as pernas com cuidado para ter certeza de que tudo estava em ordem com o meu corpo, se é que poderia chamar as minhas sensações de ordem, então percebi que estava acompanhada. Para aumentar o meu desespero, no mesmo momento entendi que estava nua. Coberta por um lençol, mas nua. Tomei consciência do braço forte que entrelaçava a minha cintura colando meu corpo ao dele. Meu coração acelerou. Meu Deus, o que eu fiz?

Levantei assustada sendo imediatamente arrebatada pela vertigem. Pensei que iria desmaiar. A dor na cabeça aumentou e junto com ela uma forte náusea me dominou. Ressaca. Que droga!

Sentia medo de olhar para quem estava do meu lado. Havia dormido com um estranho. Um estranho! Bem... Eu sabia que tinha dormido, mas não me recordava de absolutamente nada. Ou quase nada. Pelo menos não da parte principal.

Lembrava que havia encontrado Douglas no cassino e que tínhamos bebido um pouco. Tudo bem, eu bebi muito. Já estava bebendo quando o encontrei. Lembro que ficamos conversando e que ele me beijou? “Ai meu Deus! Só pode ser um pesadelo”.

Tapei o rosto com as mãos tentando expulsar meus pensamentos e lentamente virei-me para a pessoa que estava ao meu lado na cama.

- Por favor, não seja ele. Por favor, não seja ele... – era ele. – Ai não! O que você faz aqui?

Douglas estava acordando e se assustou com o meu grito. Imagino que sua reação deve ter sido igual a minha, porque inicialmente ele ficou confuso e também nauseado com os efeitos da ressaca só depois se deu conta de que estávamos na mesma cama e sem roupa. Eu estava coberta, mas ele... Deus que corpo lindo! Não. Eu não podia pensar nisso.

- Cléo? O que aconteceu? - seu olhar parecia questionador, depois seus lindos lábios se abriram me fazendo entender o que ele estava pensando.

- Definitivamente não. Não sei o que aconteceu. Não me lembro de nada, mas, não.

- Parece que sim – continuou sorrindo aquele mesmo sorriso que me fazia perder o juízo. – Tudo bem. Eu também não me lembro de nada além de pequenos fragmentos – levou a mão na testa e fechou os olhos recostando-se no travesseiro. – Minha cabeça dói.

- Você está de ressaca. Nós estamos – eu começava a entrar em pânico. – Dá para você se cobrir?

- Nossa! – Douglas puxou o lençol e se cobriu parcialmente, seu peitoral ficou descoberto e era uma visão e tanto. Com certeza ele malhava. Desviei os olhos. Ele tapou o rosto com as mãos. – Nós nos casamos ou foi somente um sonho?

Imediatamente o “Simmmmmmm!” estrondoso voltou a minha mente. Como um “flash-back”, diversas imagens dançaram em minha mente. “Eu casei. Eu casei. Eu-ca-sei!”. Minha respiração acelerou. Eu tinha me casado e com o Douglas.

- Não! – arfei.

- Que ótimo! Eu estava acreditando que era verdade. Já pensou...

- Sim – eu olhava fixamente a parede.

- Sim o que? Eu nem terminei de falar. Como você pode pensar em algo que eu nem disse?

- Não – estava completamente confusa.

- Você ainda está bêbada, Cléo – Douglas afirmou impaciente.

- Nós nos casamos seu idiota – o pânico tomou conta de mim.

Levantei trazendo o lençol comigo e comecei a caminhar pelo quarto. O quarto dele. Oh, Droga! Tremi só de pensar em tudo o que fizemos naquele quarto. Olhei para ele e me arrependi, ou não. Como eu tinha saído da cama com

o lençol ele ficou descoberto.

“Deus, como eu não me lembro de nada? Quer dizer... É algo para ser lembrado não é? É tão... Pare com isso, Cléo! O que está acontecendo com você?”.

- Você poderia vestir alguma roupa?

- Nós estamos casados – só podia ser uma piada, mas ele falava sério.

- Isso não lhe dá o direito de ficar se exibindo para mim. Eu nem me lembro. E não foi um casamento de verdade. Ou foi? – implorei internamente para que não fosse.

- Cléo? Nós estamos casados. E agora? – percebi que ele estava tão assustado quanto eu.

- Vista-se e vamos voltar àquele lugar e tentar anular tudo.

Douglas levantou rapidamente me dando uma visão ampla da sua bunda. “Realmente é linda! Sandy precisa saber disso”. Tive que rir, gargalhei, dos meus pensamentos.

Saímos do quarto de hotel, da maneira mais discreta possível. Seria péssimo encontrar alguns dos nossos amigos e ter que contar a verdade: tínhamos passados a noite juntos. Pior, estávamos casados. Ai Deus! Meu coração já acelerava só de pensar nesta possibilidade.

Era estranho, mas queria me lembrar de algo, nem que fosse um pouquinho. Porque se a ideia era adquirir novas experiências, eu havia batido o recorde. John não ficaria nada satisfeito com a minha nova situação. “Deus! Como pude chegar a este ponto?” Fiquei embriagada, casei com um desconhecido vestido de Elvis Presley, transei com ele e não me recordo de absolutamente nada, pelo menos não desta parte. Era o máximo de experiência que poderia me permitir.

O silêncio no carro foi constrangedor. E também estranho, levando-se em conta que tínhamos transado na noite anterior e que agora éramos casados. A ideia me fez estremecer. Torcia para que acabasse logo. Eu precisava estar solteira quando voltasse para John, do contrário, de que teria valido o nosso acordo se eu não poderia casar com ele.

Peguei meu *Smartphone*, que graças a Deus não tinha desaparecido junto com a minha memória, e comeci a escrever, aproveitando que Douglas estava perdido em seus próprios pensamentos.

“Segunda grande regra: Nunca tome um porre ao lado de um desconhecido

atraente, isso pode lhe render muita dor de cabeça e amnésia para as memórias mais desejadas.”

Se John descobrisse que eu tinha me casado com outra pessoa ele não me aceitaria de volta. Senti minha respiração acelerar. Eu tinha que conseguir anular tudo. Precisava dar fim a qualquer rastro do que havia acontecido.

- Chegamos – Douglas falou quase como um sussurro me tirando do meu devaneio.

- Nós vamos conseguir resolver – tentei ser otimista. Ele apenas concordou com a cabeça. – Não se preocupe. Não vai restar nada desta história para atrapalhar a sua reconciliação com Michele.

- Acho que você está mais preocupada em acabar com este casamento para poder casar novamente. Desta vez com a pessoa certa – Douglas coçou a cabeça, um pouco desatento a minha reação. Aquele mínimo gesto era muito sexy nele. Tentei não suspirar, foi impossível.

- Vamos?

Saímos do carro sem saber ao certo como agir um com o outro. Nossas mãos se embarçavam. Nos limitamos a cambalear a uma distância segura, lado-a-lado, como dois desconhecidos, embora fôssemos completamente conhecidos, íntimos até demais. Isso tudo era muita loucura para a minha pobre cabeça.

Douglas assumiu a situação, explicando ao atendente o que tinha acontecido. Eu estava absurdamente envergonhada. Nem conseguia levantar o rosto. Fiquei olhando para o chão ou para as minhas mãos enquanto ouvia meu pretenso marido contar ao rapaz que nós dois éramos comprometidos, com outras pessoas, e que este casamento foi uma brincadeira, movida pela bebida, e blá, blá, blá...

De nada adiantou.

Pensei que morreria naquele momento. O chão faltou e minha cabeça era pura confusão. “Não tinha jeito? Estávamos realmente casados? E agora?” estas palavras martelavam meu cérebro.

- Vocês podem pedir a anulação, mas isso requer um pouco mais de tempo. O mais correto seria o divórcio.

- Divórcio? Mas isso vai significar que eu fui realmente casada com ele – tive coragem de falar. – Não posso ser casada com ele. Eu sou noiva! Não posso estar casada com outra pessoa – respirava mais depressa para conseguir me manter acordada. – John vai me matar! – iria chorar a qualquer momento. –

Não. Ele vai me mandar embora da vida dele e depois me matar.

- Calma Cléo! – Douglas falou, mas eu estava em pânico e não conseguia me calar.

- Ele não vai me aceitar de volta. Quando John disse novas experiências, ele quis dizer conhecer outras pessoas, beijar e, quem sabe, até transar com outras pessoas, mas nunca... Jamais... Nunca mesmo, casar com outras pessoas.

- Calma Cléo! Nós vamos resolver.

- Nem se atreva a encostar em mim outra vez, Douglas. Olha só no que deu! Como você quer que eu fique calma? Eu vou voltar para casa e dizer ao John: *Oi, tudo bem? Eu estou ótima. Sim eu tive novas experiências, aliás, eu estou agora mesmo em meio a um processo de divórcio, então se você puder esperar mais um pouco para nos casarmos eu te agradeço.*

- Desculpe, mas eu não posso fazer mais nada por vocês – o rapaz estava muito constrangido e tentava se livrar de nós dois rapidamente.

- Mas você pode realizar o casamento de duas pessoas embriagadas? – ele se encolheu com as minhas palavras. – Tenha santa paciência! Eu vou processar vocês. Eu...

- Vamos Cléo.

Douglas me puxou pelo braço praticamente me arrastando de volta para o carro enquanto eu ainda gritava ameaças para o rapaz que me olhava envergonhado pelo escândalo.

- Já chega Cléo. O erro foi nosso, não dele – meu suposto marido me invadiu com aquele olhar negro penetrante, me emudecendo. – Vai ficar tudo bem. – passou a mão em meus cabelos como se tentasse me consolar. Foi uma atitude carinhosa que me acalmou imediatamente.

- Espero que sim – suspirei derrotada.

Entramos no carro e Douglas começou a dirigir, tão emudecido quanto eu. Mesmo não conhecendo Las Vegas direito, percebi que ele conhecia muito bem, e que a direção que estávamos tomando não era o do hotel. Aliás, não era nenhuma que demonstrasse estar na rota turística.

- Para onde estamos indo?

- Comprar um café, estou com dor de cabeça.

- Você conhece muito bem estas ruas.

- Sim. Já estive aqui várias vezes – observou-me pelo canto dos olhos. - Eu nasci aqui. Minha família vive aqui. Somos uma das cento e dezessete mil, quinhentas e quarenta famílias que reside nesta região – riu brevemente da informação que me passava.

- Ah!

- Eu moro na Califórnia há alguns anos. Desde que entrei para a faculdade.

- Quantos anos você tem?

- Vinte e nove e você?

- Vinte e cinco. O que você cursou? – eu tinha interesse pela vida dele e estávamos casados, então eu agarrava o direito de saber um pouco mais sem me sentir envergonhada.

- Veterinária, mas trabalho com música – música? Bom... Ao menos a voz dele era linda.

- Você é cantor?

- Não. Sou musicista. Trabalho fazendo jingles para uma empresa de publicidade – interessante. Achei que tinha tudo a ver com ele.

- Legal!

- É sim. E você?

- Sou formada em jornalismo e escrevo uma coluna para um jornal de circulação nacional.

- Falando sobre o quê? – ele me olhou brevemente, parecendo realmente interessado.

- Relacionamentos e sentimentos – ele riu. Eu não gostei. – Faço muito sucesso – acrescentei.

- E agora então, com tantas novas experiências, você terá realmente o que contar. – Sorri aliviada. Ele achava meu trabalho interessante.

- E eu agora sou a mais nova senhora...

- Foster.

- Foster – repeti me deleitando com o som. Cléo Foster. Reforcei em meus pensamentos gostando da forma como soava. Eu devia estar doida mesmo. “Com certeza bati com a cabeça ontem”.

- E você era a senhorita...

- Rodrigues.

- Rodrigues?

- Eu sou brasileira. Vim para os Estados Unidos para cursar a faculdade. Moro aqui desde então.

- Brasileira? Que legal! Nunca conheci uma brasileira antes – parou o carro em frente à lanchonete.

- Agora você já até dormiu com uma – Douglas olhou para mim e seus olhos desceram pelo meu corpo. Vi um suspiro escapar dos seus lábios e ele novamente coçou a cabeça, só que desta vez, parecia estar sem graça. O que não impediu de ser sexy.

- É realmente uma pena eu não me lembrar deste detalhe – abriu a porta do carro. – Já volto com o café – e foi embora sem me dar a chance de responder.

Mas o que eu poderia falar?

Observei-o voltando com dois copos fumegantes. Ele usava o mesmo jeans de quando o vi pela primeira vez e uma camisa branca que lhe dava um ar casual. Seu corpo, apesar de alto e forte, era de uma elegância ao andar que só me fazia pensar no quanto ele era seguro e confiante.

O que John pensaria se conhecesse o meu “marido”? Tive que rir.

- Não consegui pensar em nada para comer. Meu estômago está embrulhado, imaginei que o seu também, então só trouxe café – passou-me um dos copos.

- Ótimo. Eu não conseguiria comer mesmo – peguei o café e tomei logo um gole.

Quente!

- E seu noivo, o John, não é? Ele faz o que?

- É economista. Também é brasileiro – ficamos calados saboreando a bebida.

- E Michele?

- Ela é da Califórnia mesmo e é advogada. Trabalha em um escritório de advocacia.

- Legal! – tomei mais um gole do meu café, ficando um pouco incomodada

com a nossa conversa. – Douglas? – ele olhou para mim demonstrando interesse. – Se estávamos tão bêbados e não nos lembramos de muitas coisas, você acha que existe a possibilidade de nada ter acontecido?

- Você fala de termos ou não transado?

- Hum, hum! – fingi naturalidade.

- Bom... Eu me lembro de algumas coisas relacionadas a isso – riu baixinho, passando a língua nos lábios e eu fiquei ainda mais sem graça.

- Você lembra? Então... – ele fez que sim e eu senti vontade de afundar no chão.

- Você não se recorda de nada?

- Nadinha – mentira. Eu me lembrava da sensação das mãos dele em mim, mas não podia dizer. – Do que exatamente você se lembra? – mais uma vez Douglas riu baixo, desviando os olhos.

- Que você dançou e tirou a roupa.

- O que? – se estivessemos em um desenho animado meu rosto explodiria, ou então eu conseguiria cavar um buraco no chão e enterrar minha cabeça. – Não me conte mais nada.

- Foi você quem perguntou – riu abertamente levantando as mãos em rendição. – Mas foi muito sexy, se esse fato ajudar em alguma coisa.

- Não ajuda. Fique calado – entrei no carro aguardando por ele para irmos embora.

- Ontem você não teve vergonha – o que ele estava pretendendo? Matar-me de tanto constrangimento?

- Não quero mais falar sobre isso – Douglas ria sem parar.

- Você também me pediu coisas...

- Cale a boca! – gritei enquanto ele ria.

- Tudo bem. Vamos voltar para o hotel e ver o que restou do meu quarto.

- Douglas Foster, eu juro que vou matar você se ouvir mais algum tipo de comentário sobre o que supostamente aconteceu entre nós dois.

- Você entrou mesmo nesta de casada, né? Já está toda mandona.

- Para o hotel Douglas!

Assim que cheguei à recepção do hotel vi minhas amigas, juntamente com os amigos do Douglas e dois policiais. Fiquei apavorada.

- Jessye! – gritei indo até elas. – O que aconteceu?

- Cléo! – Jessye, Hilary e Sandy correram em minha direção. – O que aconteceu?

- Não sei. Contem-me – eu olhava delas para os policiais inquiridora.

- Você sumiu. Nós te procuramos ontem e você havia desaparecido. Não voltou a noite toda e hoje quando fomos te procurar você não estava no hotel. Em lugar nenhum – Hilary falava angustiada. – Aconteceu alguma coisa? Onde você estava? Ligamos várias vezes para você e...

- Eu estava... – olhei sugestivamente para os policiais. – Fui dar uma volta com Douglas – todos prestavam atenção em mim. A situação era no mínimo embaraçosa.

- Senhorita Rodrigues? – olhei para o policial que chamava por mim. Ele era engraçado. Muito magro, alto e seu nariz era igualzinho ao bico de um tucano. – Suas amigas estavam relatando o seu desaparecimento. A Senhorita Jessye... – parou para verificar suas anotações. – Relatou que vocês dividem o quarto e que você não esteve lá em nenhum momento desde que saíram.

Desviei minha atenção para Jessye que olhou para mim depois para Bill que olhou para Douglas que olhou para mim. “Ok! Entendi”. Jessye deu por minha falta porque tinha dormido com Bill, em meu quarto e, como eu dormi no quarto do Douglas, que ele dividia com Bill e este não apareceu para nos atrapalhar, ficou bem claro que eu tinha dormido com ele. Achei que meus olhos iriam virar labaredas de fogo.

- Então, eu preciso saber onde exatamente a senhorita esteve ontem à noite.

- Ah... – o que eu poderia dizer?

Olhei-me. Ainda vestia o mesmo vestido da noite anterior. Curto e brilhante. E minha cara não era a de uma garota que teve uma bela noite de sono.

- Comigo – Douglas respondeu.

- E quem é você?

- Douglas Foster – devo ressaltar que sua postura foi realmente impressionante. Douglas estava seguro de si. Confiante em suas palavras e assumiu as rédeas da situação.

- E o que o senhor é da senhorita Rodrigues? – olhamos um para o outro por um breve milésimo de segundo e minha respiração ficou presa.

- Marido – ele tentou, mas não conseguiu esconder o sorriso de satisfação.

- Não – eu disse baixinho para evitar mais constrangimentos.

- Marido? – todos repetiram ao mesmo tempo. Seria cômico se não fosse tão trágico.

- O senhor Foster é seu marido senhorita, digo... Sra. Foster?

- Rodrigues. Ainda... – eu mesma estava confusa com tanta informação. – Sim. Ele é meu... Marido – minhas amigas ficaram estarecidas com o que eu dizia. O silêncio tomou conta do local. Não conseguia olhar para as pessoas ao meu redor.

- Tudo bem garotas. Não vejo mais motivos para continuarmos aqui. Sem sumiço, sem crime. Boa sorte para vocês e você... – o policial, que parecia estar lidando com crianças e não pessoas adultas, apontou um dedo para mim. – Mais juízo. Suas amigas ficaram preocupadas.

- Desculpe.

Os policiais se retiraram e fui cercada pelas garotas que falavam todas ao mesmo tempo. Minha cabeça parecia um turbilhão. Não conseguia raciocinar direito com tantas perguntas direcionadas sem intervalos entre elas.

- Parem! – gritei nervosa. – Douglas, por favor, explique tudo a seus amigos. Meninas. Vamos até o meu quarto – olhei inquisidora para Jessye que desviou o olhar. – Preciso da ajuda de vocês – voltei a olhar para Douglas. – Por favor. Precisamos resolver isso urgentemente.

- Tudo bem – ele respondeu com um sorriso encantador. Reprimi um suspiro.

Assim que entrei no quarto minhas amigas começaram a tagarelar sem parar.

- Como assim casados? – Sandy estava com os olhos brilhando.

- Vocês transaram? – Jessye foi direto ao ponto. Ela nunca fazia voltas.

- Como foi? Conte-me tudo. Como assim casados? – Hilary colaborava com

o falatório.

Deitei na cama e rapidamente me lembrei do que poderia ter acontecido nela entre Jessye e Bill, então levantei tão rápido quanto deitei. Minha amiga riu sem dizer nada. O que me levou a acreditar que Hilary ainda não sabia do ocorrido. Aonde essas duas iriam parar?

- Ontem acabei bebendo muito e me casei com o Elvis Presley – falei de uma vez só.

As garotas gritaram no quarto parecendo três adolescentes.

- Então o John já era? – Hilary parecia radiante com a novidade.

- Vocês transaram! – Sandy e Jessye gritavam e pulavam na cama como duas crianças.

- Conte tudo. Agora! – Jessye jogou o travesseiro em mim.

- Não tenho nada para contar. Só me lembro até aí. Ele estava bêbado e curtindo a maior fossa. Acho que eu também, porque começamos a conversar e de repente estávamos nos agarrando... Aí ele me pediu em casamento e eu aceitei. Pronto. contei tudo o que sei.

- Vocês não transaram? – Jessye perguntou novamente ficando séria. Ela parecia preocupada.

- Sim. Quer dizer... Ele disse que sim. Mas eu não me lembro de nada.

- Ah! – as três lamentaram.

- Eu agradeço por não lembrar. Não sei onde estava com a cabeça para fazer uma coisa dessas.

- Com certeza enfiada em um litro de vodca – Jessye fez a brincadeira e as demais riram. Revirei os olhos.

- Isso não tem graça. É um problema sério – estava muito aborrecida para não me importar com as brincadeiras dela. Por mais que estivessem empolgadas com a minha primeira experiência “pós acordo com John”, eu não estava no mesmo clima.

- Eu também acho – Hilary me surpreendeu. – Não se lembrar de nada do que fez com um homem como o Douglas, é realmente um problema sério – não tinha mais como aguentar. Explodiria a qualquer momento.

- E ele lembra? – Sandy estava muito animada. – O que ele disse?

- Nada – meu coração acelerou com a lembrança. – Ele também está preocupado. Vocês esqueceram que Douglas quer voltar com a namorada? E eu? Eu sou noíva!

- Pede o divórcio – Hilary disse o óbvio. Quase mostrei a língua para ela, porém precisava manter a minha dignidade.

- Antes transa de novo com ele, de preferência sóbria, para se lembrar de tudo – não podia acreditar no que elas falavam. Deveriam estar tão desesperadas quanto eu, no entanto simplesmente agiam como se fosse tudo uma imensa diversão.

- Cléo! – Sandy quase gritou explodindo de entusiasmo. Fiquei admirada com a animação dela – Madame Madeleine falou que você iria se casar e ser feliz!

- Meu Deus, é verdade! - Jessye entrou em seu nível máximo de empolgação – Precisamos voltar lá. Eu preciso dela urgentemente.

- Pelo amor de Deus! Ela falou do meu casamento com o John. Casamento e felicidade. Lembram? Eu me casei por acidente com o Douglas e não existe nenhuma felicidade nisso. Ajudem-me! – implorei quase chorando. Sandy me abraçou.

- O que podemos fazer?

- Precisamos voltar para casa. Com urgência.

- Voltar? Ainda temos cinco dias - Jessye protestou.

- Jessye, eu preciso estar divorciada no dia em que John voltar, ou adeus casamento, entendeu?

- Você já está casada. E seu marido é um gato! Por que não aproveita?

- Eu vou embora. Vocês podem ficar – peguei o telefone e comecei a ligar para o aeroporto.

- O que você está fazendo? – Hilary sentou ao meu lado me dando apoio.

- Vou tentar trocar a minha passagem. Com sorte consigo voltar hoje.

- Eu vou com você – falou decidida.

- Eu também – Sandy concordou então as duas olharam sugestivamente para Jessye.

- Logo agora que... Tudo bem – concordou de má vontade.

- Ótimo! – respirei aliviada. – Agora tenho que falar com Douglas, então fique aqui no meu lugar e tente resolver isso para mim.

Passei o telefone para Jessye e indo em direção a porta. Quando a abri dei de cara com Douglas e com seus amigos. Eles riam da situação, no entanto Douglas parecia sem jeito.

- Não adianta tentar o aeroporto, não vão conseguir trocar as passagens.

- Como sabe?

- Eu já tentei. Eles estão com um problema de passagens duplicadas e não estão conseguindo embarcar todos que compraram para voos nos próximos cinco dias. Ou seja, você só viajará na data já confirmada.

- Eu não posso ficar cinco dias esperando – meu nervosismo atingia seu limite. – Eu tenho que voltar! Douglas, eu preciso que tudo esteja resolvido em dezenove dias, ou então...

- Calma Cléo! – disse confuso com o meu desespero. – Vocês podem voltar de ônibus.

- Deus me livre! – Jessye gritou em protesto.

- Vocês? Você não vem? – meu coração disparou no peito de uma forma estranha – Preciso de você. Digo... Precisamos resolver juntos. Talvez seja mais fácil se ambos tentássemos resolver. Eu não posso me divorciar sozinha.

- Eu não posso Cléo – Douglas coçou a cabeça me distraindo. – Tenho um compromisso inadiável – olhou para Jessye como se quisesse confidenciar algo. – Eu encontro você em três dias. Aliás, em qual cidade da Califórnia você mora?

- São Francisco – respondi rapidamente. – Que compromisso é esse? Eu preciso de você, Douglas. Não posso permitir que suma das minhas vistas. Se você não voltar, como vou resolver tudo sozinha? –sem perceber, no meu desespero, caminhei até ele ficando agarrada a gola da sua camisa, praticamente suplicando. Fiquei constrangida de imediato. – Desculpe!

- Cléo, eu preciso visitar os meus pais. Não tenho como adiar. Preciso de três dias para que minha mãe, no mínimo, não ameace me matar.

- Seus pais? Quantos anos você tem? Vinte e nove? Tem certeza? – minha pergunta era uma reprimenda clara em relação à visível incapacidade dele de desagradar aos pais.

- Explique isso a minha mãe – falou impaciente. - Você não entende.

- Primeira briga do casal. Isso é tão romântico – Sandy colocou os braços

em meu ombro chamando a minha atenção.

- Não somos um casal – respondemos juntos e os outros riram trocando olhares cúmplices.

- Eu vou com você. Mas te dou três dias, nada mais do que isso – estava decidida a não perdê-lo de vista nem por um minuto. Não conseguia nem imaginar o quanto a minha angústia aumentaria se ele resolvesse desaparecer e eu tivesse que permanecer casada por tempo indeterminado.

- Cléo! – Douglas me advertiu – Eu moro em São Francisco também. Não precisa se desesperar a este ponto. Também tenho interesse em resolver esta confusão – olhando em seus olhos, não me senti muito a vontade com suas palavras. Aquilo era estranho.

- Douglas, se sua esposa quer te acompanhar na visita aos sogros, que mal há nisso? – Bill falou com sarcasmo, mas eu percebi as reais intenções dele.

- Isso mesmo. Podemos ir todos juntos, assim ninguém perde a viagem – Jessye colaborou para a farsa que Bill construía. – Onde seus pais moram?

- Em um rancho aqui perto. Sem chances de eu levar vocês comigo. Vai ser super difícil explicar a minha mãe.

- Eu vou e ponto final – estava decidida. Passei por ele e peguei minha mala do armário.

- Falou e disse a esposa – Michael brincou, mas desistiu de continuar quando fez a minha típica cara de “não mexa comigo”.

- Vou providenciar tudo para nossa partida. Sorte que vocês alugaram um carro – Juan alertou.

- Eu vou no carro de vocês – deixei claro que não o perderia de vista. – Se Bill quiser, pode ir com a Jessye em meu lugar – Hilary estreitou os olhos com as minhas palavras, mas eu não estava com paciência para maiores explicações e, pelo visto, Douglas também não, pois ele suspirou pesadamente e saiu do quarto.

- Não o deixe fugir – apontei o dedo indicador para Bill que permanecia no meu quarto.

- Este seria o primeiro caso de marido em fuga para não se separar que eu tenho conhecimento – revirei os olhos e fui para o banheiro. Precisava de um banho. Só viajaríamos no dia seguinte, pela manhã bem cedo, porém minha cabeça não conseguia relaxar e eu precisava deixar tudo pronto para iniciar as aventuras do meu descasamento.

Dezesseis dias antes

- Em que lugar de São Francisco você mora? – Douglas tentava conversar enquanto dirigia para a casa dos seus pais. Eu estava sentada ao lado dele no carro, como deveria ser, já que era a esposa, pelo menos por um tempo. Esta era a primeira vez que ele falava comigo desde decidi acompanhá-lo.

- Alamo Square. Por que?

- Preciso saber mais sobre você, já que vou ter que te apresentar aos meus pais. Não sei que tipo de pessoa estou levando para a casa deles. Você pode ser uma psicopata, por exemplo – ele parecia se divertir com a minha cara. Exibia aquele sorriso infernal que tirava a minha capacidade de raciocínio. - Também preciso saber onde você mora para o processo de divórcio.

- Sou o tipo de psicopata que se casa com o primeiro palhaço que encontra bêbado pelo caminho – revidei levantando uma sobrancelha de maneira sugestiva para ele. – E você? Onde mora?

- Pelo menos eu sou um palhaço que se casou com você sem pedir nada em troca – defendeu-se olhando atentamente para a rua. Essa doeu. Fechei os olhos e respirei fundo. – Moro na Cathedral Hill – voltamos a ficar em silêncio.

No banco de trás, estavam Juan e Sandy. No carro que nos seguia estavam Jessye, Bill, Hilary e Michael. Michael parecia tentar chamar a atenção de Jessye, que continuava em sua busca incansável pela atenção de Bill. Era lamentável e até certo ponto perigoso.

Rodamos por cerca de quarenta minutos, entrando e saindo de ruas e conhecendo, à distância, alguns cassinos que teria sido divertido visitar em circunstâncias diferentes. Até que pegamos uma estrada estreita, cercada de mato dos dois lados. A poeira, que era muita, somada ao calor, grudava em mim como uma segunda pele. Eu tentava em vão não me incomodar com a forma como o meu corpo estava reagindo àquela situação, mas era irritante.

Depois de um tempo naquela estrada, Douglas encostou o carro desligando-o. Juan demonstrou satisfação pela parada soltando um gritinho de alegria. Eu e Sandy não entendíamos nada, mas acompanhamos nossos parceiros descendo

também do carro.

- Pensei que nunca chegaríamos – Bill gritou ao sair do carro que dirigia. - Estava ansioso por esta parada.

- Ele passou o caminho todo comentando o quanto era lindo e prazeroso – Jessye saiu do carro, tão animada quanto Bill e já completamente inteirada da história.

Olhei para Juan e Sandy buscando respostas, no entanto eles já caminhavam em direção ao mato do outro lado da estrada. *“Entrar no mato? Sair da estrada? Ai meu pai! No que eu estou me metendo?”* Por instinto me aproximei mais de Douglas, a minha sensação era de que ele me protegeria de qualquer coisa.

- Feche o carro. Vamos nos afastar um pouco – ordenou sem me olhar diretamente, mesmo assim obedeci e voltei correndo para o seu lado.

Minhas amigas, e os amigos dele, estavam excitados com o que encontraríamos no meio do mato, mas eu ainda não entendia o que fazíamos ali. Estava quente. Insuperavelmente quente.

Eu tentava encontrar alguma resposta no semblante de Douglas, porém este apenas seguia em frente, me ajudando em alguns momentos no percurso. Não andamos mais do que quinze minutos quando comecei a escutar o barulho da água. Mais cinco minutos de caminhada e encontramos o que tanto procurávamos: Um lago, perfeitamente redondo, cristalino, cercado de vegetação e extremamente convidativo.

- Em um lugar onde apenas 0,1 Km² é coberto por água, encontramos um lago tão perfeito e totalmente a nossa disposição. Com este calor parece até uma miragem! – exclamei mais para mim do que para os outros.

- Então acorde, princesa, porque isso é bem real – ouvi Douglas dizendo muito próximo causando um leve arrepio em minha pele, que a esta altura implorava realmente por um mergulho.

Os risos me tiraram do transe em que eu estava com a imagem do lago diante de mim e então percebi o que fazíamos lá. Eles queriam se divertir um pouco, mas estávamos de roupa. Eu usava jeans e camiseta, além das botas de cano longo. Os Outros não estavam muito diferentes de mim. Iriamos nadar vestidos?

Para meu desespero não.

Bill, como não poderia deixar de ser, imediatamente começou a se livrar

das peças, ficando de cueca, e eu agradei por isso, apesar de saber que Jessy e Hilary, não. Elas fizeram o mesmo, ficando de calcinha e sutiã. Fiquei aterrorizada com a tamanha familiaridade das minhas amigas com pessoas desconhecidas.

Sandy ficou envergonhada. Acreditei que ela me acompanharia de volta ao carro, no entanto, para meu espanto, minha amiga apenas sorriu e mais uma vez seguiu Jessy e em suas loucuras.

Todos já estavam no lago, menos eu e Douglas. Olhei para ele um pouco assustada sem saber o que fazer.

- Não vai entrar? – Douglas demonstrava estar bastante à vontade.

- Não posso tirar minha roupa na frente deles.

- Bom... Se te ajuda, todos estão assim – não ajudava. – É o mesmo que estar de biquíni – tudo bem, mas os meus biquínis se assemelhavam e muito às minhas lingerie, ou seja, roupas brasileiras, biquínis brasileiros. Tudo muito pequeno e indiscreto.

- Definitivamente, não.

- Eu vou entrar – anunciou virando-se para observar todos os amigos dentro do lago brincando e soltando gritinhos. - Posso te proteger, mas para isso você terá que me seguir.

Novamente ele olhou para o grupo demonstrando sua vontade de se juntar eles. Seus olhos brilhavam. Cruzei os braços na frente do peito recusando-me a acompanhá-lo.

- Vamos Cléo. Não vai te acontecer nada.

Ah claro! Três homens estranhos tomando banho comigo em um lago perdido no meio do nada não era nem um pouco intimidador. Fechei os olhos e passei a mão na testa para clarear os pensamentos.

- Isso você quem está dizendo – mas me trai olhando para o grupo e invejando-os por conseguirem fugir do calor absurdo que estava fazendo. Minha pele pinicava.

Quando olhei de volta para Douglas, seus olhos negros como carvão estavam cravados em mim. Havia muita intensidade naquele olhar. Tanta que fiquei presa a ele, sem conseguir respirar normalmente e sentindo que o incômodo em minha pele começava a ganhar outro motivo.

- Sou seu marido.

Alguma coisa na forma como ele falou, ou na força que colocou em suas palavras fez com que meu ventre se contraísse. Parecia uma ordem e não uma brincadeira ou constatação. Ele estava sério. O maxilar tão bem desenhado e que combinava perfeitamente bem com seu rosto, estava trincado.

- São meus amigos, Cléo. Ninguém teria coragem de fazer nada com você nem com as garotas. Confie em mim – mais uma vez os olhos negros e intensos exerceram sua força em mim. Cocei a cabeça em dúvida. – Além do mais... Eu já te vi sem roupas.

Acrescentou sem sentir vergonha pelo que dizia deixando-me ainda mais constrangida. Ele sorria, e pelo sorriso direcionado exclusivamente a mim, já que tinha se virado em minha direção ficando de costas para o grupo que nos aguardava, pude constatar o quanto ele tinha gostado do que viu.

- Vamos Cléo! Vai ser divertido – suplicou deixando que seu olhar intenso me atingisse com ardor.

Eu não queria. Não podia. Mas cedi.

Timidamente comecei a tirar minhas roupas. Fiquei aliviada ao perceber que ninguém, além de Douglas estava prestando atenção em mim.

De cabeça baixa, para evitar seu olhar, deixei que a calça saísse pelos meus pés e depois tirei a camiseta ficando apenas com um conjunto de calcinha e sutiã, rosinha, com alguns desenhos e detalhes que lhe davam certa sensualidade. Como havia dito anteriormente, todas eram bem pequenas.

Os olhos de Douglas arregalaram em uma demonstração explícita do quanto ele gostava do que via. Confesso que a sensação era boa. Ao menos eu sabia que era desejável para outros homens e isso deveria contar. Contava como nova experiência? Ao menos uma que eu lembrasse.

Douglas coçou a cabeça como se estivesse perdido em um dilema pessoal. Ele desviou os olhos, mas logo em seguida voltou sua atenção para mim. Vencendo suas próprias barreiras, aproximou-se. Até demais. Meu coração disparou.

Não estava acostumada a ter outro homem tão perto, como Douglas estava. Tudo bem que na noite anterior ficamos até mais próximos do que isso, mas como não me lembrava direito, não contava.

- Não era assim que eu me lembrava de você – desculpou-se com voz rouca e baixa.

Tentei desviar os olhos dos dele, mas para aumentar meu desconforto, estes

desceram avaliando o corpo que estava parado a minha frente. Que corpo! Ele estava apenas com uma boxer preta. Caramba! Meu “marido” era mesmo espetacular.

Lembrei que precisava confirmar para as meninas que a teoria dos pés era verdadeira e quase ri ao pensar nisso, mas preferi morder meus lábios para evitar mais este constrangimento.

Douglas tocou minha cintura com delicadeza, no entanto eu me senti completamente tocada, porque este leve roçar da sua pele na minha me trouxe de volta algumas lembranças da noite anterior. Não tão íntimas, como tinha acontecido independentemente da minha amnésia alcoólica, mas dos nossos primeiros momentos arrebatadores, quando ele agia com mais vontade e eu correspondia com a mesma intensidade. A sensação das suas mãos em mim era única.

Fechei os olhos desfrutando das lembranças. Era como se minha pele estivesse pegando fogo. Quer dizer... Estava quente e a mão dele tornava a temperatura mais elevada. Douglas levantou meu queixo com a outra mão, forçando-me a olhá-lo.

- Vamos?

Caminhei lentamente na frente do homem com que eu tinha me casado. Notei que todos pararam para assistir a nossa pequena cena. Fiquei com tanta vergonha que senti vontade de voltar e vestir minhas roupas. Por outro lado era melhor estar de frente para eles do que de costas, pois neste ângulo existia mais pano do que no outro, então me forcei a continuar.

Quando meus pés estavam quase tocando a água translúcida, arrisquei olhar rapidamente para trás, apenas para confirmar se Douglas realmente me seguia. Fiquei surpresa ao vê-lo encarando a minha bunda. Admito que tive vontade de rir, porque ele se desconcertou ao ser flagrado e coçou a cabeça, sacudindo os cabelos daquela sua maneira perfeita, como sempre fazia. Depois endireitou os ombros e riu para mim.

Tomei coragem e continuei caminhando, mesmo tendo consciência de que Douglas continuaria tendo uma bela visão da minha bunda. Era gratificante saber que eu mexia com ele. A água estava muito fria e o meu corpo muito quente. Arfei diante do choque forte.

Douglas vinha logo atrás de mim, e diante da minha reação me abraçou com força. Foi o suficiente para me ajudar a conter os tremores. Ele ria de mim.

- É só questão de equilíbrio, Cléo – sussurrou com os lábios tocando minha

bochecha. Douglas mexia comigo. Fato. – Logo seu corpo vai estar em equilíbrio com o meio e você não vai mais sentir a água fria.

Realmente meu corpo começou a ceder aos calafrios, mas eu podia jurar que o motivo não era a troca de calor com o meio e sim a proximidade do corpo dele ao meu. Estávamos colados. Seus braços envoltos aos meus ombros e os meus encolhidos em seu peito.

Douglas lentamente começou a percorrer as minhas costas. Pronto, voltamos a ficar em desarmonia. Meu corpo pegava fogo. Podia jurar que se continuássemos assim logo a água estaria borbulhando.

- Se não resolver, eu posso tentar outra técnica.

Era o que faltava para acabar com todo o meu equilíbrio. Douglas, colocando uma mão firme em minha cintura me puxou para mais perto. Pude sentir meu sangue acelerar nas veias. Meu “marido” sabia como eu reagiria a ele. Com certeza algo da nossa noite anterior o deixava muito confiante. Tal fato me irritou, porém, não consegui evitar o que fiz.

Com a aproximação máxima, deixei que nossos lábios se tocassem, este pequeno gesto foi a centelha que faltava para a chama queimar tudo ao nosso redor. Entorpecida, experimentei de novo os seus beijos. Beijamo-nos com vontade.

Tive a mesma sensação de outrora relacionada ao beijo. Era como saborear uma fruta, doce, suave e deliciosa. Outra vez as nossas línguas se experimentaram em uma harmonia invejável. Perfeitamente compatível com todas as minhas lembranças. O beijo me fez voar.

Eu não tinha mais ideia de nada, só me sentia perdida no tempo e espaço. Nossos corpos se fundiram com mais intensidade, se é que era possível. Eu queria muito mais. Queria ir muito além do que ele estava me dando.

Pela primeira vez, pelo menos sóbria, eu sentia tesão por outro homem. De maneira confusa entendi que aquilo era diferente. Era com certeza mais do que eu sentia por John.

Pensar nisso me assustou. Eu estava traindo meu noivo. Não porque estava beijando outro homem, nós tínhamos combinado que beijar era permitido, talvez até transar era permitido, mas daí sentir aquele turbilhão de sensações que me enlouqueciam seria? Perder a cabeça ao ponto de deixar que ela me atirasse arrebatadamente nos braços de Douglas, desejando-o mais até do que meu próprio noivo, era permitido?

E as pessoas que estavam conosco? Como me veriam, agarrada a ele

daquele jeito? Eu não queria, mas precisava, então não sei de onde tirei forças para recuar. Porém me afastei, completamente constrangida e envergonhada pelo que acabáramos de fazer.

Levei as duas mãos à boca assustada demais com o que estava acontecendo dentro de mim. Eu estava apavorada. Mas não consegui deixar de olhá-lo, apesar de não entender o porquê do meu corpo reagir daquela forma com a presença do homem com quem eu havia me casado, quando não era assim nem com John, o homem com que eu deveria me casar.

Douglas me encarava, seus olhos não demonstravam surpresa nem desistência. Suas sobrancelhas se arquearam questionando a minha atitude. Ele não aceitaria meu afastamento assim tão fácil. E eu? Aceitaria?

Ouvimos risinhos atrás de nós dois, só que um pouco mais distantes de onde estávamos. Olhei para trás e constatei que tínhamos nos afastado do grupo. “Como aconteceu?” Estar com os lábios de Douglas colados aos meus, me fazia perder a noção de tempo e espaço?

- Por que está fugindo de mim? – sua voz soou o mais sedutora possível, enquanto ele caminhava em minha direção.

Dei alguns passos para trás, temerosa das minhas próprias reações caso ele ousasse se aproximar ainda mais.

- Você sabe que não é certo – era difícil acreditar naquela justificativa, já que minha voz era um sussurro que entregava a minha submissão.

- Nós somos casados, Cléo. O que não seria certo para um casal? – Ai, Deus! Como ele podia levar aquilo tão a sério? E principalmente, como ele conseguia me fazer amolecer apenas com a menção do nosso casamento desastroso.

- Somos comprometidos. Digo... Somos comprometidos com outras pessoas... Não com nós dois... Quer dizer... Um com o outro – gaguejei totalmente confusa enquanto ele continuava a me olhar com olhos negros intensos acompanhados de um sorriso perfeito. Sacana, cafajeste, sexy e... perfeito!

Estava perdida ao lado do meu “marido”. Não seria nada fácil resistir. Douglas era lindo. Não lindo, lindo, mas lindo maravilhoso! Tudo nele era completo, perfeitamente harmonioso. E seus toques eram... Quentes!

Nossos passos, ele avançando e eu recuando, nos levaram para um ponto ainda mais afastado do grupo. Àquela altura nem lembrava mais de nossos amigos, apenas tentava resolver o meu próprio conflito interno, que naquele

momento estava materializado em forma de deus grego que por sinal, estava diante de mim, decidido a me seduzir.

Douglas, agindo mais rápido do que consegui me esquivar, me alcançou, enlaçando-me pela cintura e prendendo-me ao seu corpo. Dentro de mim, certa sensação de familiaridade se instalou. Pensei que conseguiria escapar, no entanto sua mão livre subiu até meu pescoço permitindo que seus lábios se apossassem dele. Seus dedos se fecharam com força nos meus cabelos. Pronto, meu “marido” conseguiu me enfraquecer completamente.

Nada como um homem decidido e determinado para fazer qualquer mulher se derreter mais do que manteiga em suas mãos.

Voltamos a nos beijar estonteantemente. Aquele beijo me tirava do controle da minha própria vida. Não conseguia pensar em mais nada, quem dirá me concentrar em qualquer coisa que acontecia ao nosso redor. Assim, fui conduzida para a parte mais funda do lago. Longe de tudo e todos.

Eu nem conseguia ouvir mais as risadas e conversas de nossos amigos, embora ouvisse com muita clareza os gemidos que saíam de nossas bocas. Era incrível como eu reagia tão bem a eles.

Douglas me imprensou contra algo que imaginei ser uma pedra, pois meus olhos estavam fechados, delirantes de prazer. Presa entre ela e meu acompanhante, foi possível colar ainda mais os nossos corpos. Completamente. Eu podia senti-lo todo. Todo mesmo.

E como era bom este todo!

Deus! O que estava acontecendo comigo?

Foi como se uma corrente elétrica passasse do meu corpo para o dele, ou do dele para o meu. Com a minha dificuldade para raciocinar, não dava para ter certeza de onde tudo começava. Apenas de que realmente estava acontecendo.

Ele tirou a mão das minhas costas e a levou até minha perna, percorrendo toda a sua extensão. Senti a pele arrepiar e eu podia garantir que não era de frio. Por instinto, apertei-me ao seu corpo de maneira ensandecida, deixando que minhas mãos também o explorassem.

O único som era o da própria natureza e dos nossos movimentos na água. Curiosa, abri os olhos. Estávamos realmente distantes, em uma pequena lagoa, que poderíamos chamar de “particular”. Deve ter sido alguma extensão da que entramos junto com os outros.

Por ter liberado seus lábios, devido à vontade de analisar o local, Douglas

aproveitou para saborear outras partes do meu corpo, como meu pescoço, para iniciar. Sua barba por fazer me acariciava de forma animal. Era extremamente prazeroso senti-lo daquela forma, beijando, lambendo e mordendo minha pele.

Incrível! “Como passei por isso tudo ontem e não recordo de nada?” Os movimentos de Douglas eram dignos de um roteiro de filme. Definitivamente era uma afronta esquecer tudo o que fizemos. Se apenas algumas carícias me deixavam tão descontrolada imagine quando estivéssemos mesmo... Bom, como ficamos em nossa “lua de mel”.

Voltei a fechar os olhos permitindo que o prazer me dominasse. O conjunto de suas mãos afoitas acariciando minhas pernas, seus lábios devorando meu pescoço e seu desejo revelado de forma física, misturados aos movimentos que fazíamos, era o caminho perfeito para a perdição.

Corri minhas mãos pelas suas costas e ele gemeu meu nome baixinho. Santo Deus! Como era gostoso ouvir meu nome dito daquela maneira. Dava-me uma espécie de poder e confiança que antes não existia. John não permitia que eu tivesse esta sensação. O pior é que constatei isso naquele instante.

- Eu enlouqueci com você ontem, Cléo – sussurrou em minha pele mantendo seu rosto enterrado em meu pescoço.

- Eu estou enlouquecendo agora – admiti.

Onde foi parar o meu pudor? Na certa ficou no bolso da minha calça que agora estava abandonada em algum lugar. Douglas sorriu indo em busca de algo mais. Arfei quando percebi as mãos dele procurando por meus seios.

- Cléo! – ouvi a voz de Sandy chamando por mim ainda um pouco distante.

- Não! – exclamamos juntos, decepcionados pelo impedimento imposto por minha amiga.

Quando percebemos que ambos ficamos frustrados, rimos felizes. Foi o bastante para incentivá-lo a continuar. Douglas me beijou novamente. Instantaneamente meu corpo se aqueceu. - Cléo! – ela gritou um pouco mais perto.

- Droga! – gemi sentindo o afastamento de Douglas. – Elas imploram para que eu tenha novas experiências e quando finalmente resolvo atendê-las, cortam totalmente o clima – praguejei.

- Aqui! – Douglas gritou mantendo os olhos profundamente nos meus, mas afastou-se completamente de mim. Não entendi o porquê. Meus olhos o interrogaram. – Experiência demais para um único dia, Cléo.

- O que?

Não podia acreditar no que ele estava me dizendo. Fiquei inconformada, além de irritada e também um pouco humilhada. Douglas apenas sorriu. Divinamente, é verdade. Eu estava com muita raiva. Ele era realmente um idiota. Virei as costas e fui ao encontro da minha amiga. Ele nada fez para me impedir.

- Até que enfim!

Sandy começou a falar assim que eu apareci. Olhei para trás e percebi que Douglas não tinha me acompanhado. Onde ele estava? Corri os olhos pelo lago e não o encontrei em parte alguma. Era como se nunca tivéssemos estado lá. Fiquei confusa.

- Todo mundo está querendo ir embora. Michael está com fome – continuou falando sem se dar conta do meu abatimento e confusão. – O que você estava fazendo aí sozinha? Pensei que Douglas estivesse com você.

- Não – respondi mecanicamente sem tentar esconder minha apatia. Na verdade eu não conseguia separar o que foi verdade e o que não foi. – Eu me afastei um pouco, acabei perdendo a hora. Este lugar é surpreendente.

- Tudo bem. Pensei tê-lo ouvido responder – ela trocou um olhar com Juan que apenas balançou os ombros.

Perguntei-me internamente o que os dois faziam juntos ali, minha amiga e o amigo do meu “marido” parecem ter se tornado inseparáveis desde que se conheceram. Pelo menos eles não tentavam esconder o que sentiam.

- Vamos – desisti de tentar encontrar resposta para tudo e comecei a andar em direção ao grupo.

Quando cheguei todos já estavam fora da água, inclusive Douglas. “Como ele conseguiu chegar tão rápido?” Olhei-o inquiridora, mas ele estava indiferente. Resolvi me calar também. “Era só o que me faltava. Quando resolvo viver novas experiências acabo fazendo isso com um bipolar frustrado com a traição”. E este ser complexo era meu marido. Aff!

Ele só podia estar querendo me sacanear. Peguei minhas roupas e me arrumei o mais rápido possível, e decidi fazer o resto da viagem no carro com minhas amigas, apesar das queixas da Jessye. Não dava para ficar, não sei por mais quanto tempo, ao lado dele sem colocá-lo contra a parede. Aquele, definitivamente, não era o momento.

Paramos em uma lanchonete. Pelo que entendi, Douglas desviou um pouco

do caminho para que Juan encontrasse algo para comer. Escolhemos uma mesa perto da imensa janela de vidro que permitia que vissemos o movimento na rua. Era uma distração e tanto observar os turistas.

Mais uma vez estávamos todos muito próximos um ao outro. A única mudança era que Douglas não estava ao meu lado e sim de frente para mim. Frustrante, depois do que fizemos pouco antes no lago, além de tudo o que já tínhamos feito até chegarmos naquele ponto, como o nosso casamento, por exemplo.

Uma garçonete se aproximou levando café e oferecendo o cardápio. Melhor, ela o entregou diretamente nas mãos de Douglas. Isso me irritou, mas fiquei com pena da coitada. Seus olhos brilhavam para ele, que sorria de volta se divertindo. Fiquei mais aborrecida ainda.

- Quando tiverem o pedido é só me chamar – falava para o grupo, porém olhava diretamente para ele. O café quase não desceu.

- Não precisa sair já vamos fazer o pedido – Douglas segurou-a pelo pulso, impedindo-a de se afastar. A coitada irradiava esperança por causa da atitude dele. Fiquei inconformada. O que aquele idiota pensava que eu era?

Douglas olhou sugestivamente para Juan que começou a ditar o que queria comer. Todos o seguiram: Hambúrguer com fritas. Ótimo para a minha dieta, acabei concordando por não encontrar algo mais “verde” no cardápio. Douglas não tirou os olhos da garota em nenhum momento até que ela teve que sair para providenciar nossos pedidos. Ainda pude vê-la olhando para trás toda empolgada pela paquera.

Respirei fundo para não perder a paciência. Se novas experiências significavam também novas decepções, eu estava me tornando mestra neste quesito. Douglas era mesmo decepcionante. Senti falta de John e do nosso companheirismo. De súbito comecei a sentir uma vontade muito forte de voltar para casa e me esquecer de toda a loucura que nos separou.

Todos conversavam animadamente sem saber o que estava se passando em minha cabeça. Eu estava trancada dentro de mim, remoendo a minha situação e alimentando a mágoa que sentia de Douglas por ter me tratado daquela maneira. Então, enquanto ainda estava muito perdida em meus pensamentos, ouvi Bill me perguntar.

- E você, Cléo?

- Acho que perdi a pergunta – confessei ainda tonta por ter me mantido tanto tempo divagando. Douglas riu, convencido. Meu sangue ferveu nas veias.

Tive vontade de arrancar aquele sorriso do seu rosto.

- Perguntei se você também gosta das músicas da Katy Perry?

- Ah! Não – ri baixinho ao me lembrar dos meus motivos. Já tivera esta conversa, em outro momento, com John.

- Por quê? As músicas são legais – Michael questionou inconformado.

- São sim. Na verdade não tenho nada contra a música ou a letra... É que eu acho que ela canta como se estivesse tendo um orgasmo – todos pararam me encarando, inclusive Douglas que me olhava surpreso.

- E como seria isso? – Douglas achava que com aquela pergunta conseguiria me intimidar. Sorri para ele ciente de que minha vingança estava armada.

Relaxe as costas no encosto do banco, sem desviar meu olhar dele, e comecei a cantar e gemer a letra das músicas dela que eu conhecia, como se estivesse mesmo prestes a ter um orgasmo. Todos na mesa continuaram me fitando em silêncio. Douglas matinha os olhos fixos em mim. Eles brilhavam. Eu tinha certeza que ele não deixaria barato.

- Seus orgasmos não são assim – disse para me afrontar ou acovardar. Douglas não me conhecia. Não sabia que nunca fujo de um desafio.

- Não – fingi constrangimento desviando meus olhos para minhas mãos. Mordi os lábios de maneira inocente e voltei a olhá-lo por baixo dos cílios. Sorri no maior estilo, sedutora. – Os meus são muito mais bonitos e intensos – normalmente ficaria com vergonha de falar abertamente sobre algo tão pessoal, mas não me permitiria sentir desta forma naquele momento.

- Tem amostra grátis também? – Bill ficou animado. Jessye lhe deu um tapa no braço em reprovação. Olhei para Douglas e sorri maliciosamente. Percebi que ele silenciosamente me implorava para que eu não fizesse isso. Ah, mas eu faria!

- Você não teria coragem – disse baixinho, revelando seu temor. Foi o suficiente para mim.

- Oh! Douglas! Assim. Ah! – fechei os olhos, projetei minha cabeça para trás, como se estivesse em êxtase, comecei a gemer e movimentar meu corpo conforme descrevia o que sentia. O silêncio era total. Passei as mãos em meus cabelos e depois desci por entre meus seios insinuando serem as mãos dele.

- Pare com isso, Cléo – ouvi Douglas falar com raiva, porém eu já estava completamente envolvida com a minha vingança. Abri os olhos e o encarei decidida a derrotá-lo. Sorri diabolicamente.

- Ai, amor! Você é fantástico... Isso... Ah, assim, não para, Douglas.

Falei alto demais, ouvindo meus gemidos preencherem a lanchonete, que não estava vazia. Joguei a cabeça para trás, outra vez, como se estivesse no auge do prazer e segurei na borda da mesa com força para realçar o que fazia... Senti as mãos de Douglas nas minhas com força.

- Cléo, eu vou matar você. Pare com isso agora! – adorei a raiva dele. Abri os olhos e o encarei com um sorriso provocador.

- Ai, querido, como você é forte, não, Douglas. Não me toque assim, eu vou... Eu vou... Ahhhhhhhhhh! – fechei os olhos e fingi me entregar ao prazer.

Depois de alguns segundos de silêncio, encarei-o e sentei-me como se nada tivesse acontecido. Douglas ainda me fitava com raiva. Sorri inocentemente e pisquei para ele.

- Ah! Posso servir agora?

A garçonete, a mesma que Douglas tinha perdido tempo paquerando, estava parada ao meu lado, carregando uma bandeja com os nossos pedidos. Estava constrangida com o que havia presenciado e não sabia como agir. Douglas não voltou a olhá-la, o que me deixou muito satisfeita.

- Claro! Estou faminta – completei minha performance.

Todos que estavam na mesa aplaudiram. Dei risada da cara que Douglas fazia. Percebi que ele não esboçava nenhuma reação então provoquei mais um pouco.

- Vai comer aqui ou vai levar para casa, “querido” – todos riram e o meu sorriso de vitória não me abandonou enquanto permanecemos lá.

Chegamos à casa dos pais de Douglas. Imediatamente me senti em um filme de época. Ela era imensa e muito rústica, o que a tornava ainda mais encantadora. Suas paredes brancas e as janelas de madeira escura davam-lhe um charme todo especial. Os jardins que iam da entrada até a frente da casa eram de uma beleza fascinante. O mesmo padrão estava em todas as janelas, com canteiros e flores.

Olhei para Sandy e ela sorria. Era o conto de fadas dela. Exatamente o tipo de casa onde o amor vencia todas as barreiras e o príncipe encantado dedicava cada segundo de sua vida à felicidade de sua amada. Balancei a cabeça negando para mim mesma aquela ideia. Tudo se encaixava muito bem em Sandy, mas jamais a mim.

Possuía uma arquitetura antiga, como a de um castelo, contudo alguns detalhes a deixavam com aspecto moderno, como o brilho das maçanetas ou os vidros de algumas janelas, onde não havia base, dando a entender que eram uma continuação das paredes. Existiam diversas luminárias, todas padronizadas e modernas que pendiam do teto e que à noite, com certeza, dariam ao local um aspecto encantador.

Assim que encostamos o carro, dois homens morenos e baixinhos vieram nos ajudar. Eles falavam com Douglas e os outros rapazes com familiaridade, deduzi que eram empregados antigos. Meu “marido” não olhou na minha direção em nenhum momento. Pelo contrário. Ele estava outra vez da forma como costumava ficar: distante e frio. Fiquei péssima.

De súbito me senti envergonhada pela brincadeira na lanchonete. Ele, com certeza, estava muito irritado comigo. Mas como queria que eu reagisse a tudo o que ele estava fazendo? Douglas confundia e irritava. Tudo bem! Extrapolei fazendo o que eu fiz, mas foi divertido ver a cara dele com a minha interpretação. Entendi que naquele momento era melhor manter distância mesmo.

A imensa porta dupla da entrada estava aberta, tornando possível ouvirmos os movimentos de dentro, além de sentirmos o cheiro de algo muito saboroso. Douglas entrou na frente e todos acompanharam seus passos subindo os cinco degraus e entrando na casa.

Asala era muito ampla, com divisões que eram feitas em desníveis do chão, ou seja, de onde estávamos eu podia enxergar uma, mais a frente, um pouco abaixo de outra que seguia após esta. Alguns degraus, dois ou três, desciam para um ambiente com dois grandes sofás na cor bege, quase areia, com muitas almofadas na cor mostarda e um tapete felpudo cobrindo o piso. Na parede que parecia de pedra, como um castelo antigo, havia uma lareira. Muito aconchegante.

Na sala que ficava depois desta, e mais uns cinco degraus acima, havia uma mesa grande de vidro, talvez dez lugares. Não sei ao certo. Uma peça de madeira rústica encostada em um canto. Uma parede branca que quebrava o tom escuro da madeira utilizada no revestimento do restante da sala. Em diversos pontos encontrávamos grandes janelas que também combinavam este material

com vidro de maneira harmoniosa. Havia quadros e jarros, com flores ou só ornamentando.

À nossa frente existia uma sala, um pouco menor do que as outras duas, com poltronas e uma mesa de centro. Era tão encantadora e aconchegante quanto as demais.

Uma mulher muito bonita, com flores nas mãos, se adiantou para abraçar o meu “marido”. Pela cor dos cabelos e dos olhos, deduzi ser a mãe dele. Tive esta certeza quando ela o olhou de forma maternal e o abraçou emocionada. Douglas retribuiu. Ela vestia jeans, uma camisa branca sem mangas um pouco solta e nos pés uma bota, era perceptível a sua classe e elegância, mesmo vestida tão simplesmente.

- Parece que não te vejo há anos – a mulher falou carinhosa correndo os olhos pelo filho para verificar se estava tudo bem com ele. Típico de mãe.

- Nos vimos há um mês, mãe. Não seja tão dramática – Douglas reclamou, mas ele sorria. Parecia uma criança nos braços dela e era tão lindo!

A mulher olhou para onde estávamos, revelando sua surpresa. Douglas coçou a cabeça, um pouco constrangido. Ainda me encantava aquele pequeno gesto dele. Gostava de ver seus dedos entrando nos cabelos macios. Eu mesma tinha vontade de passar os meus neles.

- O grupo cresceu – ela não demonstrou aborrecimento e logo começou a abraçar os rapazes com familiaridade. Todos a beijavam e abraçavam como se fossem amigos de longas datas, e talvez fossem mesmo. O que eu sabia da vida do meu “marido”? – E vocês? – sorriu afetuosamente nos incentivando a falar.

- Eu sou Jessye, esta é Sandy, Hilary e Cléo – Jessye, como não podia deixar de ser, adiantou-se para nos apresentar.

A mulher me observou atentamente. Seu sorriso era terno. Implorei a Deus para que Jessye não aprontasse nada. Pelo visto, no entanto, Deus não estava muito afim de atender as minhas preces.

- Cléo é a esposa de Douglas – droga! – Venha Cléo, abrace e beije a sua sogra. – eu ia matá-la.

Olhei rapidamente para Douglas e ele estava tenso.

- Esposa? – a mãe dele também buscou pela sua reação e seu olhar não era de desaprovação. Não sei se isso era o suficiente para me fazer relaxar. – Como você pôde se casar sem me dizer nada?

Ela sorria? Todos naquela família eram loucos? Eu não acreditava naquela

situação. Ela deveria estar contrariada. O filho além de ter se casado com uma estranha só a apresentara depois do fato consumado. Qual mãe podia aceitar aquilo de um filho?

- Mãe... – Douglas, mais uma vez, coçou a cabeça, bastante embaraçado e meu corpo reagiu àquela visão que eu tanto admirava. Eu não queria que ele tivesse tanto efeito em mim.

- O que aconteceu com Michele? – andou até o filho lançando os braços em seu pescoço e rindo. – Tudo bem, não vou fingir que não adorei a notícia. Já era hora de você se livrar daquela megera, mas casar tão rápido e sem nos contar nada é um desrespeito, mocinho.

Ah não! Ela estava deliciada com tudo aquilo. Tive vontade de chorar e bater os pés como uma criança mimada. Se Douglas resolvesse contar as circunstâncias do nosso casamento aquela mulher poderia facilmente formar uma imagem errada de mim. Se a “ex” era uma megera e o relacionamento dela com o filho foi verdadeiro, o que eu seria?

- Mãe, não é o que...

- Eles se apaixonaram à primeira vista. Foi tudo muito rápido. Não foi? – Jessye começou a falar buscando apoio em Bill. O que estava acontecendo com ela, enlouquecera?

- Sim. Eles resolveram se casar aqui em Las Vegas, por ser mais rápido e menos burocrático. Estão em lua de mel neste momento. Não é fantástico? – eu não acreditava no que eles estavam fazendo. Também não conseguia me decidir o que seria melhor: a mentira sobre o nosso casamento, ou a verdade.

- Senhora Foster, não é nada disso... – comecei a falar, ainda indecisa se deveria ou não revelar como se deu aquela situação, mas fui impedida, pois a mãe do meu “marido”, a minha “sogra” me abraçou visivelmente feliz.

- Oh, querida! Chame-me apenas de Alicia. Não precisa ficar constrangida. Eu sei bem como são essas coisas. O meu caso foi mais ou menos parecido e desde então estamos aqui. Vocês são jovens e apaixonados. Podem tudo – não sabia se ria ou chorava. Alicia se aproximou falando de maneira mais íntima. – Não sabe como estou grata por ter tirado aquela garota da vida do meu filho.

O que mais eu podia falar? Retribui o abraço e me calei. Seriam poucos dias sustentando uma mentira.

- Mãe! – Douglas gemeu em reprovação.

- Chegaram! – a voz grossa preencheu o ambiente antes mesmo que eu

pudesse ver o homem alto, loiro com os olhos claros, parado na entrada da casa. Suas feições eram idênticas as de Douglas. Era o pai, com certeza.

- Querido, veja só que notícia fantástica, seu filho resolveu se tornar realmente um homem sério – Douglas revirou os olhos se entregando a confusão. – Esta linda garota é a esposa do nosso filho, não é maravilhoso? – Alicia me segurava pelos ombros como se eu fosse um prêmio.

O pai dele, meu “sogro”, me analisou sério. “Ai meu Deus!”

- Casados? – perguntou a Douglas sem deixar transparecer o que achava da revelação. Este derrotado sinalizou que sim.

Aguardei por uma reação explosiva ou de desagrado. Não era possível que ninguém naquela família tivesse respeito às tradições, ou até mesmo quisesse exercer o papel de controle dos filhos. O pai de Douglas sorriu. Caramba! O mesmo sorriso do filho. Que desarmava e intimidava ao mesmo tempo.

- Bela escolha! – apertou a mão do filho e o puxou para um abraço paternal. Douglas mais uma vez relaxou entregando-se aos carinhos da família. – Vamos esperar para saber se esta também se revelará uma megera como a outra.

Novamente a palavra “megera” era atribuída a “ex” do meu “marido”. Comecei a questionar se esta não seria a forma que eles utilizavam para espantar as pretendentes. Aparentar uma família unida e feliz, que aceita tudo o que o filho decide, mas que por trás fazia todo o possível para espantar as mulheres de sua vida. Não sabia como me sentir. Era confuso demais.

- Você também? – Douglas disse em desespero.

Eu tinha me esquecido que o homem com quem eu tinha me casado, mesmo que por “acidente”, era perdidamente apaixonado pela “megera”. E que agora lutava junto comigo para conseguir desfazer o casamento e com isso poder voltar correndo para o seu antigo relacionamento.

- Desculpe, filho, mas ela era realmente intragável – o sorriso do pai de Douglas era tão genuíno que me encantou e eu tive que sorrir também – Sou George e é um prazer te conhecer – beijou a minha mão de maneira teatral. Era um galanteador.

- Cléo – apresentei-me timidamente, ainda tonta pelos acontecimentos.

- Bom, acho que tenho que reorganizar as coisas então... Vocês podem ficar no antigo quarto do Douglas. Ainda bem que trocamos a cama para uma de casal no último verão. Eu sabia que minha intuição estava certa – Alicia piscou para o marido colocando em prática sua função de dona da casa.

- Vamos ficar juntos? Digo... No mesmo quarto? – eu estava quase em pânico. Sabia bem o que queria dizer eu, Douglas, uma cama, juntos no mesmo quarto, sem a intromissão de ninguém. Aquilo não ia prestar.

- Claro! Vocês são casados e estão em lua de mel – ela estava convencida desta realidade. Olhei insegura, para Douglas e notei um sorriso convencido em seus lábios por causa do meu pânico, mas não seria tão fácil quanto ele acreditava.

- Isso é loucura! – esbravejei quando finalmente pudemos ficar sozinhos em seu quarto.

Douglas estava encostado na sua escrivaninha, com os braços cruzados no peito olhando atentamente para a cama imensa de casal. Estava assim desde a hora em que entramos no quarto, depois do jantar e depois de eu já ter tomado meu banho. Ele havia tirado a camisa, o que sempre roubava a minha atenção.

- Por que não contou a verdade a ela?

- A verdade é que estamos mesmo casados – sorriu. Era encantador.

- Não da forma como ela pensa, você sabe muito bem. E não estamos em lua de mel.

- Podemos resolver este problema – seu sorriso era magnífico. Droga! Eu estava fascinada e isso não era nada bom.

- Douglas, por que você não vai pentear macaco? - fiquei aborrecida.

Uma hora ele não queria que eu tivesse muitas experiências em um único dia, paquerava a garçonete na minha cara, me ignorava, outra hora ele queria que nós aproveitássemos a nossa lua de mel. Tenha santa paciência!

- Por que você não relaxa, Cléo? Está sempre preocupada com alguma coisa. Relaxe. Aproveite o momento.

- Como posso relaxar? Sua mãe está toda contente achando que essa loucura toda é verdade. Vamos ficar três dias aqui fingindo um casamento que não existe só porque vocês todos enlouqueceram juntos, enquanto poderíamos estar resolvendo, de uma vez por todas, esta situação embaraçosa entre nós dois – não

havia lógica em manter aquela mentira, especialmente para pessoas tão doces como os pais dele. Chegava a ser ultrajante.

- Vou tomar um banho – anunciou sem considerar o meu nervosismo e se trancou no banheiro.

Que droga! Como eu conseguiria sair daquela confusão sem que ele colaborasse comigo? Procurei pelo notebook, dentro da minha bolsa e senti na varanda do quarto conectando-o a uma fonte de energia.

A varanda era linda. Projetada para fora e fechada por janelas de vidro. O tom verde das almofadas que circulavam sua extensão, despojadas sob um banco confortável e convidativo, dava a impressão de que o quarto era uma continuação das árvores que estavam do lado de fora. Era tranquilo, lindo e aconchegante.

O quarto, totalmente de acordo com o restante da decoração da casa, era impecável. Com paredes revestidas de madeira e uma única de pedra. A cama também era de uma madeira maciça e escura. Bastante resistente.

Hum! Minha mente fértil automaticamente projetou imagens do quanto o fato daquela cama ser resistente era vantajoso.

Eu não podia pensar nisso. Não com o Douglas. Tá certo que já havíamos transado, mesmo não me lembrando de como tinha sido, não mudava a realidade. Este fato era ao mesmo tempo confortável e desconfortável. Eu gostaria muito de me lembrar de alguns detalhes.

Não podia me deixar fascinar pela cama, ou por Douglas ou por mais nada que me levasse a ele e ao seu corpo magnífico e seu sorriso perfeito e seus toques quentes... “Ai Meu Deus! Como conseguirei fugir disso tudo?”

Olhei para o sofá, que completava a decoração do quarto, e me perguntei se seria muito ruim pedir a ele para dormir lá. Com certeza Douglas não concordaria e muito provavelmente eu dormiria no sofá. Sentei ali com o notebook no colo e fiquei olhando para a tela sem saber o que escrever.

Precisava de um artigo e o que eu tinha começado estava inacabado, mas não conseguia pensar em nada que pudesse torná-lo mais interessante além das minhas frustrações dos últimos dias.

“A terceira regra, é a que eu considero a mais difícil: nunca. Jamais. De forma alguma se permita desejar, porque se isso acontecer, não haverá mais volta. Quando você realmente deseja algo, não apenas com seus pensamentos, mas com

seu corpo inteiro, corre um imenso risco de ver seu pedido sendo atendido e isso pode ser extremamente prazeroso, e ao mesmo tempo perigoso.”

O som de uma música suave invadiu o quarto me despertando do transe em que entrava quando começava a escrever. Procurei de onde vinha e notei que o celular de Douglas estava sobre a escrivaninha, tocando, sem parar. Tive um impulso incontrolável de levantar e ir até lá. Era ridículo, mas queria apenas confirmar o que desconfiava: se era Michele, a ex-futura-atual-namorada do meu “marido”. Tudo bem, até eu fiquei confusa com essa.

Levantei, decidida a conferir quem ligava, quando Douglas abriu a porta do banheiro e saiu de lá, só de toalha. O corpo ainda molhado. Esplêndido! Sem me olhar, foi até o celular e pela maneira como reagiu, percebi que estava certa. Era ela.

Ele me olhou, apenas para saber se eu estava prestando atenção nele. E eu estava. É claro! Fui pega de surpresa e fiquei envergonhada. Eu tinha levantado de onde estava e com a ansiedade de saber do que se tratava acabei ficando de joelhos na cama, virada para ele e atenta aos seus movimentos. Douglas desligou o celular, sem atender, exibindo uma cara de poucos amigos.

- Por que não atende as ligações dela? – não acreditei que tive coragem de perguntar. Que direito eu tinha de me intrometer naquele assunto. Ou tinha? Afinal, éramos casados. Ok! Não de verdade.

- Isso não é da sua conta – o que? Fiquei abismada com a reação dele. Há poucos minutos ele estava me pedindo para relaxar e aproveitar a nossa lua de mel.

- Você é bipolar ou algo parecido? – evitei que minha voz ficasse alta o suficiente para chamar a atenção da família dele.

- Por que você não me deixa em paz?

- Estou tentando. Era para estarmos fazendo isso agora, mas você inventou este teatro todo.

- Sabe o que eu acho, Cléo? Que você deveria ligar para o seu “noivinho” e dizer que a brincadeira acabou. Que você não aguenta mais esperar pelo fim do acordo, mesmo ele te fazendo de idiota enquanto se diverte com outras mulheres. Corra logo para ele e me deixe em paz – praticamente gritou enfurecido. Virando de costas para mim, foi para o closet, deixando-me sozinha no quarto.

- Não me use como válvula de escape. Não tenho culpa da Michele ter te

traído. Desconte nela. Eu não queria estar nesta situação. Agora, se você não tem coragem de admitir para todos, o quanto você ainda a ama e deseja voltar para ela, mesmo depois de ela ter desfilado com outro homem na cara de seus amigos, a culpa não é minha.

- Medo? Eu não vou voltar com ela. Não sou como você – saiu do closet, já vestido.

Era apenas uma bermuda preta e uma camisa cinza, mas ele ficou perfeito com aquelas roupas e com seus cabelos negros sedosos e brilhantes que caíam molhados em seu rosto fantástico. Ele cheirava a pós-barba e desodorante masculino.

- Como eu? - tentei focar na conversa, sem ficar admirando a sua beleza. - Você não vai voltar com ela porque tem vergonha do que seus amigos vão falar. É um covarde. Eu ao menos tive coragem de dizer o que queria.

- Queria? – ficamos nos olhando como se a disputa fosse entre nossos olhos. – Chega Cléo. Eu vou dormir na sala – meu coração acelerou.

- Você não pode. O que sua mãe vai pensar? – entrei em pânico. Ele tinha inventado aquilo tudo, então teríamos que ir até o fim.

- Primeira briga de casal. Resolvemos pedir o divórcio. Satisfeita? Sua desculpa perfeita – e saiu batendo a porta do quarto com força.

- Ótimo! – gritei para logo depois me arrepender. O que Alicia iria pensar de mim?

Que eu era uma louca que aceitava casar com um estranho e dias depois resolve se separar? Se Michele era uma megera o que eu seria para ela quando tudo acabasse? Fiquei de joelhos na cama sem conseguir me mover. O que tinha sido aquilo tudo? Um turbilhão se passava em minha mente não me deixando encontrar nada que me ajudasse a compreender.

Foi quando Douglas abriu a porta do quarto, com força, entrando tão rápido quanto saiu. Olhamo-nos intensamente. Minha respiração estava pesada. Eu ofegava. Seu olhar não era mais de raiva e a transformação causou arrepios em minha pele. Eu o odiava, mas o queria tanto que doía.

- Você está me enlouquecendo, Cléo – se atirou na cama me agarrando com vontade. – O que você está fazendo comigo?

Podia sentir nele as mesmas dúvidas minhas. Era confuso e delicioso ao mesmo tempo. Sua mão segurava com força meus cabelos pela nuca, me forçando a beijá-lo, como se isso fosse necessário, e a outra me puxava para

mais perto. Eu não queria, mas eu queria poder tê-lo sem pensar muito no assunto.

- Eu não quero você – consegui reagir, me libertando dos seus lábios, no entanto minha voz demonstrava a minha rendição.

Que idiota eu era. Como o convenceria quando gemia com seu contato em meus lábios, minha pele estava toda arrepiada, meus lábios abertos aguardando pelos dele, minhas mãos o mantinha preso ao meu corpo, meus olhos se fechavam de prazer e meu corpo tinha vontade própria?

- Deixe para me odiar amanhã. Pode me odiar, me xingar, me bater... – mordeu meu queixo causando calafrios em meu corpo enquanto sua mão livre segurou com força em minhas costas. - Mas agora seja apenas minha.

Nunca, em nenhum momento de minha vida, imaginei que seria arrebatada pelo desejo daquela forma, nem que seria possível ser desejada como ele me desejava. Fechei os olhos e me permiti ser dele... Apenas dele... Aquela noite.

VI

Q uinze dias antes.

Eu estava entre o sonho e a realidade. Sabe aquela fase em que você desperta, mas não sabe se está sonhando ou acordada?

Não abri os olhos. Podia sentir Douglas colado em mim. Movimentei minha mão com bastante cuidado e percebi que estava sob o seu peito. As mãos dele acariciavam com delicadeza meus cabelos caídos pelas costas. Seus movimentos lentos e suaves faziam com que meu corpo se comportasse de maneira estranha. Quer dizer... Não tão estranha. Tinha sido assim desde o nosso primeiro contato. Era assim sempre que minha pele experimentava a dele.

Movi-me com a mesma sutileza da mão dele em mim. Eu estava acordando e com muita satisfação senti que ele já estava acordado... De todas as formas. Sorri deitada em seu peito. Como ele conseguia manter-se tão viril depois de uma noite tão intensa?

Douglas, ao perceber que eu estava acordada, me tocou com mais vontade e beijou o alto da minha cabeça. Passei minha coxa nua por sua perna, acariciando-o de uma forma mais íntima. Foi o suficiente. Ele me girou colocando-se sobre meu corpo, me beijando e acariciando de uma maneira incrivelmente gostosa.

Não tínhamos mais a urgência que nos atingiu na noite anterior e esta era uma nova descoberta para mim. Era gostoso daquele jeito também, como foi em todos os outros momentos da nossa noite. Douglas me fazia descobrir prazeres nunca antes descobertos. Infelizmente, fazer comparações era inevitável.

Enquanto ele se movimentava lentamente, repetia as palavras ditas na nossa noite, que tinham me deixado extasiada. Palavras como: perfeita, única, maravilhosa e outras que não posso e nem tenho coragem de escrever aqui. A verdade é que abri os olhos e me surpreendi com a clareza. Era dia? Eu podia ouvir o som dos pássaros do lado de fora.

- Amanheceu?

Douglas separou seus lábios da minha pele, olhando em direção à janela do quarto, completamente aberta, e deu uma risada curta e rouca.

- Não. Você está sonhando. Ainda é noite e temos muito tempo. Isso é só uma travessura de alguém que quer nos tirar dos braços um do outro – tive que sorrir.

- Casei com o Elvis mas estou transando com a versão atualizada de Romeu? Que sorte a minha – voltei a fechar os olhos.

- Graças a Deus! Porque eu casei com a Fiona, e sou grato por ter em minha cama a Julieta – que lindo! Ele me beijou novamente recomeçando o que estávamos fazendo.

Acordei sozinha na cama. Abri os olhos para a claridade que invadia o quarto com todo seu esplendor. Douglas não estava em nenhum lugar que meus olhos alcançassem. Não conseguia mais saber se o que tinha acontecido era real ou um sonho.

Sentei percebendo o meu corpo nu. Levei as mãos aos lábios e relembrei nossos beijos. Era muito real. Eu ainda podia senti-lo, em cada parte do meu corpo.

O movimento na casa era ouvido do quarto onde eu estava, por isso resolvi levantar e me apresentar ao grupo que com certeza já deveria estar reunido em algum lugar. Tomei um banho, vesti um short e uma camiseta e desci ao encontro deles.

Fui guiada pelo cheiro de café e comida. Se não fosse isso, não conseguiria achar a escada que me levaria de volta ao primeiro andar. Eram tantos corredores e portas que não dava para saber onde estava exatamente. Consegui achar a cozinha. Assim que entrei, notei a imensa mesa de madeira que ocupava o local de lado a lado.

A casa deve ser sempre frequentada pelos amigos dele. Pelo tamanho da mesa e pela facilidade com que Douglas levou nosso grupo para lá, pude constatar isso. Sobre a mesa havia apenas uma cesta com algumas frutas. Típica cena de filme.

Uma mulher baixinha, meio gorda, com pele clara e cabelos escuros presos em um coque com alguns fios soltos, estava na beira do fogão, mexendo as panelas que exalavam um cheiro maravilhoso.

- Bom dia – a mulher parou surpresa, mas olhou para mim e sorriu.

- Bom dia. Você deve ser Cléo, a esposa do meu pequeno Douglas – pequeno? A mulher limpou as mãos no avental. - Alicia não mentiu quando disse que você era linda.

Sorri sem graça com o elogio e também pela mentira que sustentávamos. Todos eram tão agradáveis que ficou difícil saber que os enganávamos. Certo que eu era realmente a esposa dele, e que tivemos uma noite digna de uma lua de mel, porém não continuaríamos assim.

- Está com fome?

- Sim. Onde estão todos?

- Reunidos na piscina. Venha. Sente-se que vou lhe servir um pedaço do bolo que acabei de tirar do forno. Eu sou Carmem, a responsável pela comida e organização desta casa, apesar de que, hoje em dia, isso não é mais necessário – ela falava enquanto me servia café. – Desde que os meus pequenos foram embora, tudo ficou mais tranquilo – ri das próprias lembranças e eu tive que sorrir imaginando o que Douglas deve ter aprontado quando menino. – Mas eles sempre estão aparecendo, Graças a Deus! Não sei o que seria de todos nós se eles não quisessem mais voltar.

“Então Douglas tinha irmãos”, pensei saboreando a ideia. Aquilo era novidade. Aliás, tudo relacionado a ele era uma novidade para mim.

- Como não voltar? É um lugar maravilhoso. Seria ótimo poder fugir de vez em quando da loucura que é São Francisco. Nunca imaginei que haveria algo tão bucólico em Las Vegas.

- Agora você poderá vir sempre, já que estão casados. Nós ficaremos felizes. E quando seus filhos nascerem vão aproveitar muito tudo o que o pai aproveitou.

Ai meu Deus! Precisava arrumar uma forma de mudar de assunto antes que ela comesse a criar expectativas demais com este falso casamento.

- Ele sempre trouxe as namoradas?

- Algumas, Michele foi a que mais durou – parou pensativa e um sorriso interessante se formou em seus lábios. Eu apenas balancei a cabeça e coloquei um pedaço de bolo na boca. – O pessoal aqui não gosta muito dela, mas na verdade é apenas porque a Michele é muito diferente do Douglas e consequentemente da família. Ela era uma boa garota, mas não era para ele.

Engoli com dificuldade ao lembrar o quanto ele ainda gostava dela.

Também passei um tempo pensando se minha teoria sobre a família dele era mesmo verdadeira: se Michele era uma *pobre* coitada que foi retirada da vida dele pelo excesso de amor da sua família.

- Finalmente você acordou – Alicia entrou na cozinha deixando o clima melhor. – Douglas não quis que te acordasse, eu já estava ficando preocupada – fiquei sem graça lembrando o motivo de eu ter dormido tanto.

- Eles estão em lua de mel – George entrou logo em seguida dando um beijo no pescoço de Alicia. – nesta fase as noites são muito curtas e cansativas.

Sorriu para a esposa que retribuiu como se estivessem recordando da sua própria lua de mel. Assisti aos dois se beijarem e se abraçarem. Era encantador e lindo de se ver.

- Deixem Cléo em paz – Douglas entrou na cozinha roubando toda a minha atenção.

Fiquei envergonhada pela forma como o olhei. Ele conseguia ser cada vez mais fantástico. Estava de short e sem camisa. Seus cabelos negros estavam molhados e seu sorriso... Ah! Seu sorriso!

- Bom dia! – disse para mim enquanto eu tentava refazer a minha cara de boba. Perguntei-me se eu tinha babado com a imagem.

- Bom dia!

- Estava indo te chamar.

Percebi o que ele realmente intencionava. Quase suspirei. Quase. Douglas deu seu sorriso fantástico e coçou a cabeça. Eu devia ter ficado no quarto aguardando por ele.

- Estava com fome.

Mas minha fome não era de comida, constatei surpresa. Sexo nunca tinha sido algo tão prioritário em minha vida. No entanto, desde a noite anterior... Aliás, desde a tarde anterior, no lago, eu só conseguia pensar no quanto era fundamental para a minha existência.

Douglas me conduzia de uma maneira fora do que era normal até então para mim e a única coisa que eu queria era mais e mais. Sem consegui evitar suspirei com vontade. Ele sorriu com a minha reação. Sua língua umedeceu os lábios. Desviei os olhos dele. Era perigoso demais.

Meu “marido” saiu da cozinha me deixando terminar o café. Levou junto a mãe e o pai, o que me deixou aliviada, pois os dois não paravam de me olhar e

sorrir. Como eu podia continuar mentindo para eles?

Adiei o máximo possível o fim do meu café-da-manhã-quase-tarde, assim que terminei me vi forçada a procurar pelos outros. Como iria encará-los? Eu tinha fincado pé de que não concordava com a ideia de adquirir novas experiências, mas bastou Douglas me tocar que tudo foi por água abaixo.

Agora eu tinha dois grandes problemas: o que seria de nós dois? Ele sabia o que eu queria, casar com John, e eu sabia o que ele queria, voltar com Michele. Então não estávamos nos iludindo, certo? Acontece que pensar assim me dava um nó no estômago. Quando comecei a pensar de forma tão fria sobre relacionamentos? Quando fui tão prática em relação a separar, sexo de amor e amor de relacionamento?

Pensando friamente decidi que o problema Douglas poderia ser resolvido depois. Uma hora teríamos que conversar sobre o que aconteceu entre nós dois. O meu outro problema continuava o mesmo de sempre: precisava me divorciar, o mais rápido possível e voltar para John com todas as nossas novas experiências.

Como seria? Meu pensamento conseguia vagar de diversas maneiras. Com certeza não seria como tinha sido com Douglas. Isso me desanimava um pouco. Não que não era bom com John, mas era... Normal. Ele era carinhoso, romântico, gentil e isso sempre foi muito importante para mim. John me tratava com respeito, como deveria ser entre marido e mulher. Então, por que não tinha sido assim com Douglas? Afinal, ele era o meu marido. Douglas não separava as coisas. Confesso que adorei esta parte! Ele fez de mim o que queria e no final das contas, era o que eu queria também.

Andei até o pessoal que brincava na beira da piscina e conversava animadamente. Tinha um som sobre uma mesa de apoio tocando músicas agitadas. Um balde contendo gelo e cervejas, de excelente marca, estava ao lado à disposição de todos.

- Cléo! – Sandy me abraçou com força. – Você nem imagina o que aconteceu ontem – confidenciou em meu ouvido.

- Cléo, que ótimo que você chegou.

Jessye estava emburrada. Imediatamente procurei por Bill, que provavelmente era o motivo do seu estado emocional e o encontrei conversando, de maneira bem íntima com Hilary, sentados com os pés na água. Entendi tudo.

- Ah, tá!

Olhei ao redor em busca de Douglas e nossos olhos se encontraram, mas ele desviou rapidamente. Senti meu corpo gelar. Douglas conversava animadamente

com seus amigos. Não demonstrou nenhum interesse em estar comigo. Quanta mudança. Fiquei confusa.

- Vamos nos sentar naquela mesa – Sandy caminhou segurando em minha mão e me arrastando para uma mesa mais afastada. Olhei de novo para Douglas, mas ele não me olhava. Deixei que minha amiga me arrastasse para longe – Cléo, eu passei a noite com Juan.

- Como assim? – tentei focar no que minha amiga me contava, porém meus pensamentos estavam em Douglas e na sua bipolaridade. “Que cara estranho!”

- Eu e a Hilary ficamos juntas num quarto, você sabe, a Jessye quis ficar sozinha, então mais tarde, ele bateu a minha porta dizendo que queria conversar comigo, aí a Hilary saiu para nos dar mais privacidade. Você nem vai imaginar o que aconteceu... – estava super empolgada mas Jessye parecia não suportar o estado de espírito da nossa amiga.

- Eu consigo imaginar o que aconteceu, não precisa entrar em detalhes – segurei na mão dela e pressionei seus dedos, demonstrando que estava feliz também.

- Não. Você não consegue imaginar – Jessye me alertou com toda a sua irritação. – A cachorra da Hilary, aproveitou a oportunidade e foi latir na porta do Bill – cuspiu as palavras de uma vez só. – E aquele bandido a deixou entrar.

- Pois é... Imaginei. É nisso que dá disputar homem com as amigas. Não sei aonde vocês duas andam com a cabeça. Somos amigas e o Bill não vale a pena.

- Ah, vale! – sorriu revirado os olhos, quebrando um pouco a tensão. – Não vamos deixar de ser amigas, só estou irritada. Tenho direito, não é? Ela sabia que eu a fim.

- Você também não contou a Hilary. Escondeu dela que tinha passado a noite com Bill. Foi a única culpada por isso ter acontecido – Jessye me olhou com cara de menina levada e depois sorriu. Típico dela agir assim.

- Do que vocês duas estão falando?

- Eu dormi com ele antes. No dia em que a Cléo casou escondido da gente – gargalhou achando o máximo a sua travessura.

Sorri. Era impossível não achar graça das coisas da Jessye. Além do mais, Eu não queria casar, não com Douglas, mas a lua de mel foi incrível. Só de lembrar já sentia meu corpo formigando. Sandy ficou assustada com a situação e olhava de Hilary para Jessye sem parar.

- Tudo bem, Sandy. Eu me resolvo com ela depois – Jessye já estava

completamente relaxada, o que me tranquilizou. Pelo menos, quando tudo acabasse, não precisaria me preocupar em recolher os cacos delas.

Voltei a olhar para Douglas para novamente constatar que ele não me olhava.

- E você? Como foi ontem? – Sandy desviou o rumo da conversa.

- Foi... Diferente – suspirei triste pela indiferença dele.

- Rolou ou não?

Jessye queria saber de tudo. Pensei no que deveria dizer. Poderia contar que aquele homem frio e que me ignorava naquele momento tinha me dado a melhor noite da minha vida? Seria certo dizer o quão maravilhoso ele foi e o quanto eu estava confusa em relação a tudo sobre o sexo vivido até aquele momento com John, mas que para Douglas não tinha sido a mesma coisa?

- Não – menti mais uma vez. Minha vida estava se tornando uma teia de mentiras.

- O que? – Jessye gritou e chamou a atenção dos outros.

Douglas me olhou sem interesse, voltando logo em seguida a conversar com os amigos. Aquela reação me magoou mais do que deveria.

- Mesmo depois daquela amostra grátis de orgasmo que você deu na lanchonete, ontem? – suspirei. Não queria me lembrar da minha idiotice.

- Douglas não é para mim. Eu amo John e quero me casar com ele. É isso – ela revirou os olhos, impaciente.

- Estamos falando de sexo. SEXO. Apenas isso. Novas experiências. Em que mundo você vive, Cléo? Como consegue dormir ao lado daquele homem e não aproveitar nem um pouco? – as lembranças de como eu aproveitei “aquele homem” quase me fizeram perder o foco.

- Chega desta conversa. Vamos falar sobre algo mais interessante.

- Vamos falar de mim e de Juan – Sandy voltou a ficar deslumbrada com a sua noite. Fingi prestar atenção ao que ela dizia enquanto tentava conter o tsunami de dúvidas dentro de mim.

Juan se aproximou depois de um tempo, levando bebidas para todas nós e apossando-se de Sandy. Eles eram realmente lindos juntos. O que não era o meu caso com Douglas.

Peguei a garrafa diante de mim e comecei a bebê-la lentamente. O dia

estava quente demais, mas eu não queria entrar na piscina. Com Sandy e Juan conversando em seu próprio mundo, Jessye resolveu atrapalhar o que estava acontecendo entre Hilary e Bill, indo até eles e quebrando o clima.

Hilary não reagiu mal à presença da nossa amiga, mas Bill, pela primeira vez desde que nos conhecemos, ficou confuso com a atitude de Jessye, porém tentou a todo custo não demonstrar. Elas brincavam como se nada pudesse interferir na amizade das duas.

Levantei, deixando Sandy e Juan mais a vontade, indo sentar em um pequeno muro, próximo e coberto pela sombra de um arbusto. Fiquei bebendo a minha cerveja, pensando em tudo o que havia acontecido. Como John foi idiota propondo a separação temporária. Tinha certeza de que quando tudo voltasse ao normal, as comparações seriam inevitáveis, das duas partes, pois eu também era inexperiente e ele com certeza estava usufruindo do melhor de cada coisa. Suspirei pesadamente. Queria que tudo acabasse logo.

Michael e Douglas conversavam ainda e ele continuava me ignorando. Como podia fazer isso? Duas pessoas transam a noite toda e no dia seguinte agem como se nada tivesse acontecido? Nunca me imaginei naquela situação, aliás, eu nunca me imaginei de forma alguma que não fosse com John.

O meu mundo era tão pequeno antes. A única constatação era a de que eu precisava amadurecer. Aprender mais com a vida, porque o mundo estava girando, mudando e me deixando para trás.

Eu e minhas teorias e definições de amor perfeito inabalável. Como acreditei que era o meu e o de John, até aquele momento. “Caramba! Quanta confusão em minha mente”.

- Hey, estranha? – ouvi a voz de Douglas. Levantei a cabeça e o vi andando em minha direção. Tudo parecia estar em câmera lenta.

Ele caminhava calmamente. Seguro do que queria. Com o sorriso mais espetacular de todos os que eu já tinha visto. Meu coração acelerou. Continuava sem camisa e seu peitoral definido disputava a minha atenção com seu rosto perfeito. Sem pensar passei a língua umedecendo o meu lábio inferior, depois mordi em represália aos meus pensamentos. Douglas não os merecia.

- O que faz aí sozinha? – era como se ele tivesse conversado comigo o dia todo e não o contrário.

Inacreditável a bipolaridade dele e algo definitivamente grave. Pensei que Douglas pararia na minha frente, mas ele, com toda naturalidade, segurou em meus joelhos, abriu minhas pernas e se alojou entre elas, ficando o mais próximo

possível de mim. Depois beijou deliciosamente meu pescoço.

- Qual o seu problema, Douglas? – queria ser dura ou reprimi-lo, no entanto já estava entregue. Minha voz saiu doce e manhosa. Que ódio de mim!

Suas mãos espalmadas acariciaram a lateral das minhas coxas me fazendo arfar. As pontas dos seus dedos avançaram um pouco para dentro do meu short, ainda na lateral externa e eu tive que respirar fundo para me controlar. O que ele estava fazendo comigo?

- Minha mãe reclamou que eu não estou te dando a devida atenção – disse naturalmente enquanto continuava as carícias em minhas coxas e beijava meu pescoço.

- Ah! Então é tudo uma encenação? – estava indignada, mas não havia como fugir. Eu provoquei aquele cenário. Tinha concordado em fingir e mentir.

Douglas riu baixinho em meu pescoço e depois lentamente tentou alcançar meus lábios enquanto me puxava para mais perto dele.

- Não, Douglas – supliquei.

- Não é um teatro, apesar de ser – continuou tentando me beijar. – Você me enlouquece, Cléo – sua voz estava rouca arrepiando a minha pele com o hálito quente. Subiu uma mão e, ainda com as pontas dos dedos, tocou minhas costas por dentro da camisa. Céus! Aquilo era uma tortura.

- Não – tentei afastá-lo de mim.

Minhas mãos estavam espalmadas em seu peito impedindo que alcançasse seu objetivo. Estávamos em guerra, mas era uma guerra lenta e sensual. Ninguém que nos observasse de fora pensaria que eu o repelia e sim que estávamos trocando carícias.

- Por que não? – segurou minhas mãos com força dobrando-as para trás do meu corpo.

O que poderia dizer? Que não queria, porque ele tinha ficado o dia todo sem olhar para mim? Que esperava um pouco mais dele depois da noite que passamos juntos? Eu não poderia choramingar em seu ouvido como se fosse uma garotinha apaixonada.

- Porque eu não quero – tentei ser firme. Ele riu baixinho. Eu adorava quando Douglas fazia aquilo. Como era tentador!

- Não é o que sua pele diz – encostou a testa em meu pescoço e me abraçou com força.

- É. Meu corpo e minha mente são inimigos mortais quando se trata de você – admiti. Douglas levantou o rosto e me encarou. Seus olhos negros eram devastadores.

- Acho que precisamos conversar – disse por fim.

Concordei, mesmo com o coração disparado pelo que seria esta conversa. Douglas segurou em minha mão puxando-me para uma área separada da que estávamos. Um caminho de terra que ia para algum lugar, ainda dentro do terreno pertencente à família dele. Ao longe podíamos ver um celeiro grande e uma área cercada que deveria ser para cavalos. Caminhamos até lá. Quem estivesse na casa não conseguiria nos enxergar. Ótimo! Assim poderíamos conversar sem encenações.

Mas não foi como eu pensei. Douglas me beijou tão logo chegamos, não me dando tempo para reagir. E o beijo foi... Fantástico. Mais uma vez, “meu marido” conseguia tudo o que queria de mim. Seus lábios eram tão macios e saborosos era extremamente doloroso abandoná-los.

Minha língua tocou a dele e tudo dentro de mim estremeceu, ansioso por mais. Nossos corpos se movimentavam no mesmo ritmo dos nossos lábios: calmamente, saboreando, desfrutando. Em nenhum momento o dia conseguiu ficar mais quente do que estava sendo enquanto eu permanecia em seus braços. Então ele parou. Suas mãos permaneceram em meu corpo, como garantia de sua posse.

- Linda! – sussurrou baixinho em meu ouvido. Sorri embevecida com a sensação.

Como eu me traía nos braços dele! Há pouco estava toda chorosa, pensando que Douglas estava me desprezando, bastou um segundo de atenção para ficar parecendo uma gatinha manhosa aninhada em seu peito nu.

- Por que você resiste tanto a mim?

Douglas parecia desarmado, como eu nunca tinha visto. Olhei para ele sem entender aonde queria chegar. Seus olhos expressavam um carinho não muito compatível com o nosso caso, já que a separação era o nosso próximo passo.

- Você já sabe todas as respostas – ele suspirou e diminuiu um pouco a pressão que fazia em meu corpo. Senti-me só. Foi inevitável. Como podia ser assim?

- Cléo, eu sei as respostas que você quer que sejam verdade. Mas estamos aqui, e estamos casados. Por que você não relaxa e aproveita um pouco? Já fizemos a besteira de deixar meus pais acreditarem nisso, então vamos apenas

curtir.

- Não sei se posso viver desse jeito.

Estava bastante tentada a dizer sim, quantas vezes ele desejasse ou precisasse. Bastava que continuasse me pedindo daquela forma. Era necessário manter meu lado racional ativo. Afinal, não era tão fácil como pular de um penhasco. Era um caminho difícil e complicado

- Por que você quer continuar com esta situação?

- Porque quando estou com você, mesmo você conseguindo ser irritante como às vezes é, eu não consigo pensar em mais nada. Em mais ninguém. – senti meu coração disparar no peito.

- Você ama a Michele – que idiota eu era! Por que falei aquilo? Ele suspirou e me largou.

- Não sei. Não consigo pensar nela quando estou com você.

Então era isso? Eu era o remédio dele? A garota com quem ele transaria até ter certeza de que continuaria bem sem a ex? Não mesmo!

- Não sou o seu remédio, Douglas. Arrume outra para te ajudar a esquecer.

Saí e ele me puxou de volta colando o corpo às minhas costas. Uma mão segurava com força meu braço e a outra se apossava da minha cintura. Eu podia senti-lo todo em mim.

- Não é o que eu sou para você? Apenas suas novas experiências, Cléo. Tão logo tudo acabe você vai correr como um cachorrinho para o idiota do seu noivo.

Douglas expressava uma raiva que eu nunca imaginei que seria capaz de demonstrar por mim. Qual era o problema? Ele não sabia da verdade o tempo todo?

- Não fale dele assim.

- Ele nem sabe ser homem para você.

- O que? Como pode? – meu rosto queimava com a vergonha. – Você não sabe de nada. Não se atreva...

Douglas em um movimento rápido me virou de frente para ele. Eu estava assustada demais, com raiva demais, porém, para minha surpresa, excitada demais também.

- Se ele fosse mesmo o que precisa, sua reação seria muito diferente. Você

não ficaria desta forma quando eu te beijo, e muito menos quando estamos na cama.

Que absurdo! Debatí-me em suas mãos tentando me livrar, mas ele me segurou com força e me beijou. “Oh! Droga! Ele me beijou”. Um beijo arrebatador, apaixonado, eloquente. Um beijo que desarma, destrói, enfraquece e ao mesmo tempo, constrói e fortalece. Douglas conseguia causar todos estes sentimentos contraditórios quando me pegava daquela maneira. Aquilo sim era absurdo, um absurdo delicioso.

Senti uma pontada forte no pé da barriga.

A maneira como nos agarramos foi tão intensa que caímos e ali ficamos alheios ao tempo e espaço. Éramos somente nós dois e apenas isso contava. Estávamos deitados no chão de terra, nos agarrando como dois animais no cio.

A forma como Douglas me segurava e se movimentava sobre mim iria me deixar com escoriações, eu tinha esta certeza. No entanto nada me faria parar. A não ser o barulho de patas de cavalos vindo em nossa direção. Ele reagiu rapidamente, levantando-me. Logo tratou de me ajudar a arrumar a bagunça que tinha ficado a minha roupa.

Um cavalo imenso, preto, cavalgado por um rapaz se aproximou de nós dois. Douglas segurou em minha cintura, para me tranquilizar. Meu coração estava acelerado e meu rosto com certeza exibía uma expressão envergonhada e confusa.

- Douglas! – o rapaz falou entusiasmado descendo do cavalo em um salto calculado.

Eles se abraçaram com muito carinho. Quando finalmente se afastaram, pude perceber que o recém-chegado era uma espécie de “projeto de Douglas”. Algo muito parecido, ainda escondido pela pouca idade. Tinha os mesmos cabelos negros, o mesmo sorriso sedutor, os mesmos olhos brilhantes... Um Douglas já era o suficiente para destruir diversos corações, dois... Era muita sacanagem.

- Vim o mais rápido que pude. Como você está? Já soube que está casado. O que aconteceu? – era tão debochado quanto o irmão.

Douglas coçou a cabeça e olhou para mim, que estava toda acabada por causa da nossa “brincadeira”. Seu irmão também me olhou e um sorriso torto escandaloso, surgiu em seus lábios. “Que droga! Claro que ele desconfiava. O que eu estava pensando?”

- Esta é Cléo, a minha... Esposa – acrescentou com outro tom de voz. Fiquei

com raiva. Douglas era insuportável. – Cléo, este é meu irmão, Jimmy – apertei a mão do meu “cunhado” enquanto tentava arrumar o que pude do meu cabelo.

- Aconteceu alguma coisa? Você está toda suja de terra – perguntou com a fisionomia preocupada, no entanto pude identificar, algo mais... Cínico. Completamente Douglas. Era um mal de família.

- Cléo caiu – Douglas se adiantou a dizer, rindo da minha cara. Olhei para ele sem acreditar. – Ela é assim, vive caindo. Não consegue dar dois passos sem cumprimentar o chão. Graças a Deus estou sempre ao seu lado – e começou a gargalhar. O irmão riu com ele. Eu fiquei com tanta raiva que dei as costas e comecei a voltar para a casa.

- Aonde você vai? – Douglas conseguiu me alcançar.

- Vou tomar um banho – tentei não olhar para ele. – Não se preocupe, não vou cair no caminho. Aliás, não pretendo “cair” nunca mais.

Voltei para casa deixando os dois para trás, desejando poder deixar toda a nossa história no passado. Não o queria mais. Não cederia mais. Nunca mais.

Liguei o chuveiro, deixando a água escorrer por meu corpo. Meus cabelos, aos poucos, foram cedendo, ficando colados por todas as partes que encontravam. A sensação era ótima. Passei as mãos pelo rosto eliminando a poeira. Queria poder limpar muito mais do que a terra. Queria poder eliminá-lo.

Peguei o sabonete iniciando metodicamente o percurso pelo corpo. Lembrei-me do dia em que nos conhecemos. Ele mexeu comigo no mesmo instante. Incrível! Eu estava tão fechada e mesmo assim, Douglas conseguiu vencer minhas barreiras e alcançar o que havia de mais íntimo e profundo dentro de mim.

Lembrei que passei um tempo do meu banho pensando em como seria tomar banho com ele. Ri sozinha dos meus pensamentos. Que absurdo! Tomar banho com um estranho era algo tão simples perto de tudo que eu já tinha me permitido viver com Douglas. Quanta ingenuidade!

Molhei mais uma vez o sabonete e fiz espuma em minhas mãos esfregando uma na outra, depois ensaboei meus ombros com delicadeza. A sensação era ótima. A água gelada passava pelo meu corpo quente como se o estivesse lambendo. Era suave e gostoso tal como era com... Um calafrio me percorreu com as recordações da noite anterior.

Nunca tivera sensações tão prazerosas. Douglas era o meu céu e inferno. Em tão pouco tempo conseguiu mudar muita coisa em mim. Ele era absurdo e desejável. Fechei os olhos e deixei as sensações me conduzirem. Era como se ele

estivesse ali comigo. E estava.

- Posso te ajudar? – a voz grossa de Douglas em meu ouvido me fez pular com o susto. Ele riu. – Estava tão perdida em seus pensamentos que nem percebeu minha presença ou está fingindo que não estava gostando.

- Você é absurdo, Douglas. O que está fazendo aqui? Quem lhe deu permissão para entrar? – cobri os seios com as mãos, permanecendo de costas para ele.

- Pra que tanto pudor? – mordiscou minha orelha colando seu corpo ao meu.

Fiquei sem palavras. Douglas passou as mãos em minha cintura com tamanha segurança que tirou toda a minha capacidade de resistir. Eu era um fracasso quando se tratava de resistir ao meu “marido”. Baixei a cabeça me sentindo constrangida com a entrega tão rápida.

Subindo com as mãos de maneira estratégica pelo meu corpo, ele conseguiu, sem encontrar resistência, tirar o sabonete de minhas mãos e continuou o trabalho que eu fazia antes.

- O que você está fazendo? – murmurei já totalmente entregue. Ele beijou meu pescoço enquanto suas mãos escorregavam em mim sem nenhum pudor.

- Estou fazendo amor com a minha esposa.

Sua voz estava carregada de desejo, me deixando ainda mais amolecida. Não protestei. Se era o que ele queria, era o que teria de mim.

Não poderia dizer se a água ficou estupidamente quente ou se era meu corpo que estava em chamas.

VII

Quatorze dias antes.

Fiquei parada me olhando no espelho. Os cabelos molhados estavam caídos encobrendo os seios. Os olhos vermelhos e inchados pelo choro entregavam o meu desespero. Sem contar as lágrimas que insistiam em cair. Como eu fui me esquecer logo daquilo?

Passei as mãos no rosto tentando me preparar para o que eu iria passar nos próximos dias. Com tantos acontecimentos conflitantes, acabei me esquecendo de que menstruaria naquele período. Só lembrei porque, quando fui tomar o meu banho matinal, ela estava lá, me impondo a sua presença.

Se tem uma pessoa que eu odeio neste mundo, essa pessoa é Eva. Sim, Eva, esposa de Adão, pecaminosa e ardilosa, que resolveu comer a maçã, por ser uma garota desobediente e com isso todas nós, mulheres, tivemos que pagar pelos seus atos. Como eu a odiava e a sua herança insuportável.

Tudo bem. Estou sendo dramática, eu sempre sou quando fico menstruada.

A situação mais absurda de todas para uma mulher tão ativa como eu. Já tinha tentado suspender a menstruação, mas isso nunca deu certo comigo. Enjoava, ficava inchada e meu humor péssimo. Ou seja, era quase a mesma coisa, só que sem a menstruação.

Para piorar tudo, assim que descobri que a “bendita” tinha chegado, recebi, quase que imediatamente, a minha amostra grátis de parto normal de gêmeos: a cólica. Eu me segurava na pia enquanto tentava perceber se tinha condições de abrir a porta do banheiro, chegar até a cama e só sair de lá no dia seguinte.

Eu sabia que mesmo conseguindo chegar, precisaria voltar ao banheiro de tempos em tempos, devido ao imenso enjoo que sentia naquele período negro da minha vida.

“Droga! Ontem foi tão bom!” Mais uma vez tive uma noite fantástica com Douglas. Novamente ele conseguiu me fazer enxergar um mundo diferente de tudo que eu já tinha visto. E de novo eu tinha acordado sozinha na cama, já com o início das cólicas me torturando seguida pelo enjoo.

Desta vez, eu até agradei por ele não estar no quarto. Adoraria se meu “marido” resolvesse ficar uma parte do seu dia me ignorando, como no dia anterior. Assim eu poderia passar pelo meu inferno astral sem atacar ninguém. O que era bem provável que faria se tivesse qualquer pessoa ao meu lado o dia inteiro.

- Cléo? – ouvi Douglas se aproximando do banheiro e gelei. Ah! Droga! O que ele estava fazendo lá? Por que não me ignorava? – Vai passar o dia no banheiro? – sua voz era brincalhona, mas parecia preocupado. – Cléo? É sério! – ele já estava na porta do banheiro e poderia arrombá-la se eu não fizesse nada.

Reuni toda a minha força e saí. Com uma mão no ventre a outra estendida a minha frente, abri passagem para conseguir chegar até a cama e me joguei nela, gemendo. Douglas demorou um tempo para perceber que algo estava errado. Assim que percebeu, sentou-se ao meu lado me encarando.

- O que aconteceu? Você está pálida.

Atirei-me nos travesseiros desejando que o mundo inteiro desaparecesse.

A dor não era constante, se assim fosse seria mais fácil, pois eu me acostumaria a ela e conseguiria passar um dia ao menos razoável. Era uma dor latente, que aliviava por alguns segundos para logo depois voltar como se algo dentro de mim estivesse se rompendo. Rasgando de dentro para fora. Era alucinante. Nesta hora tinha vontade de gritar.

Com a cara enterrada nos travesseiros, gemi.

- Cléo? O que você tem?

- Vá embora! – tentei dizer alto, porém minha voz foi abafada pelos travesseiros.

- O quê?

- Eu disse para você me deixar em paz.

Não tinha como evitar as lágrimas que caíam, em parte pela dor insuportável, confesso que sou muito, mas muito fraca mesmo, para dor. Tipo: um beliscão era como se estivesse me arrancando um pedaço. Outro motivo era o fato de ficar mais sensível com a menstruação, acho que isso acontece com todas as mulheres. E também existia o meu lado dramático que me puxava para baixo dizendo que naquele momento estava passando pela pior de todas as provações. E eu me sentia mesmo mal por ter que passar por aquilo todos os meses.

- O que eu fiz? – Douglas perguntou angustiado. – Eu te machuquei? Ontem

à noite... Ou hoje pela manhã...

- Mas é muito prepotente mesmo – revirei os olhos sem acreditar no que ele estava me dizendo. – Oh, garanhão, você não tem este cacife todo não, viu? – ele riu. Eu consegui rir um pouco, mas fui atingida por outro momento absurdamente doloroso, deixando-o mais preocupado.

- Cléo, você está me assustando. O que você tem?

- Ai, meu Deus! – gemi chorosa. – Douglas, você nunca viu sua namorada menstruada?

- Hãh? – ele me encarou sem entender – Ah! Isso?

- Não. É brincadeira. Você cavou um enorme buraco no meu útero e agora vou morrer de hemorragia.

Eu estava realmente brincando? Quando foi que minha reação à menstruação começou a mudar? Normalmente eu gritava com John, dizendo para me deixar em paz, e ele realmente me deixava. Fugia de mim como o diabo foge da cruz.

Douglas sorriu, passando as mãos em minhas costas. Eram quentes, e foi tão bom receber carinho naquele momento.

- Tá tão ruim assim? – puxou o cobertor com o maior cuidado para me cobrir.

- Tá péssimo!

- O que eu posso fazer?

- Pode pedir para o dia passar mais rápido? Normalmente só dura um dia, então se você conseguir eu vou ser eternamente grata – ele riu voltando a passar as mãos em minhas costas. Era bom! Reconfortante.

- Se eu conseguir, o que ganho com isso? – seus dedos quentes desceram insinuando o que ele queria.

- Definitivamente sua namorada não menstruava, não é? – ergui um pouco a cabeça para olhá-lo. Ele fez que não em um gesto cuidadoso, como se soubesse que isso me mortificaria. – Droga!

- O que foi?

- Só eu não consigo impedir a menstruação? Só eu! – minha indignação voltou com tudo. Tornei a enterrar meu rosto no travesseiro. Ouvi o risinho dele atrás de mim.

- Acho que vou avisar a todos que você vai passar o dia aqui. Quer que eu traga algo para comer ou beber?

- Estricnina serve – ele riu. – Espere! – gritei e ele congelou onde estava. – Vocês criam cavalos aqui não é? – assentiu. – Traz um calmante com dose cavalgar, pelo amor de Deus! – Douglas riu alto e saiu batendo a porta atrás de si.

- Vai. Corre logo para seus amigos – enterrei o rosto no travesseiro e gritei com a voz abafada. – Deixa a louca doente aqui.

Fiquei alguns minutos deitada de barriga para baixo e às vezes de lado. Não havia posição mais adequada. Tudo doía, e, às vezes, tudo doía muito. O enjoo me sufocou. Corri para o banheiro com medo de não dar tempo. Mas deu. Quando voltei para o quarto, usando apenas uma camisa do Douglas, que encontrei no banheiro, dei de cara com minhas amigas, os amigos do meu “marido”, a mãe dele, o pai e o irmão. Céus! Eu não teria paz.

Os rapazes me olharam e sorriram. As meninas, que já conheciam as minhas crises, me olharam com carinho, demonstrando que ficariam comigo. O pai de Douglas, meu “sogro”, ficou sem graça e o irmão parecia estar vendo uma Deusa a sua frente, de tanto que me olhava admirado. Puxei a camisa para baixo para cobrir o máximo que podia e fui até a cama.

- Eu não estou morrendo.

Vi que minhas amigas ficaram admiradas com as minhas palavras. Normalmente eu gritava: eu vou morrer! Ou: eu quero morrer, por favor, me mate!

- Só preciso descansar um pouco e... – olhei para Douglas com vontade de matá-lo. Ele percebeu.

- Eu não pedi para eles virem. Só avisei que você não estava muito bem e eles correram para cá.

- Está tudo bem, querida – Alicia me olhava com ternura. – Todas nós sabemos o que é isso. Vou colocar os rapazes para fora, agora – olhou sugestivamente para eles, que imediatamente caminharam em direção à porta. Exceto Douglas, que continuou parado perto da cama, com os braços cruzados. – Douglas? – arqueou uma sobrancelha sugestivamente.

- Não vou sair – falou decidido. Minhas amigas se olharam sorrindo. – Sou o marido dela. Vou ficar.

Não sei dizer o porquê, mas algo dentro de mim aceitou aquelas palavras de maneira bastante favorável. Alicia se deu por vencida. Achei que ficou um

pouco orgulhosa do filho, também, como não ficar? Era bom saber que aquele casamento servia para alguma coisa.

Mais uma vez a dor terrível me atingiu. Segurei na cabeceira da cama com uma mão no ventre e choraminguei. Douglas rapidamente me apoiou com cuidado, me ajudando a deitar.

- Eu odeio Eva! – rosnei por entre os dentes.

- Pronto. Começou – Jessy e resmungou.

- Jessy! – Hilary a censurou, mas ambas riram.

- Todas as vezes é a mesma coisa. Ela odeia Eva e sua herança, mas acredito que Eva, onde quer que ela esteja, não está nem aí para o que Cléo acha. A prova disso é que todos os meses, você continua menstruando – riram. - Cléo, você não vai morrer. Isso só vai durar um dia e pronto. Acabou. Só no próximo mês – foi muito pior ser lembrada que no próximo mês teria mais um pouco daquele circo dos horrores.

- Obrigada por alimentar meu desespero.

- Vou buscar algo quente para você beber – Alicia tentava ser útil.

- Não! – eu e minhas amigas dissemos ao mesmo tempo assustando-a.

- Eu não vou conseguir comer nada, Alicia. Sabe... Os enjoos...

- É inútil tentar forçá-la a comer agora – Sandy sentou-se ao meu lado na cama e acariciou meus cabelos. – Ela só vai conseguir comer lá para o final do dia.

Minhas amigas me conheciam muito bem.

- Mas ela vai morrer se ficar sem se alimentar! – minha “sogra” não compreendia o meu processo, no entanto eu entendia a sua preocupação. Todos os meses minha mãe fazia questão de ligar neste período para saber como eu estava reagindo. Senti saudade dela. – Não pode ficar sem comer o dia inteiro.

- Eu vou morrer mesmo – admiti a minha fraqueza choramingando e enterrando meu rosto no travesseiro de novo. Ouvi as meninas rirem baixinho para não me irritar ainda mais.

- Você não vai morrer – Douglas estava bem pertinho de mim. – Ainda temos muito o que aproveitar do nosso casamento – mais uma vez as meninas riram. Eu fiquei envergonhada. Alicia estava no quarto. Pelo amor de Deus!

- Douglas! – Alicia o advertiu. – Ela está sofrendo, não faça pouco caso

disso.

- Na verdade, Alicia. Ele quer muito o divórcio, por isso faz esses comentários – olhei sugestivamente para Douglas.

- Eu não quero o divórcio, meu bem – riu cinicamente. – Por mim, podemos passar o resto da vida juntos – deitou ao meu lado e apoiou a cabeça no braço, me encarando. – Agora fique quietinha e descanse. Eu vou ficar com você – olhou para as minhas amigas. – Podem aproveitar o dia. Quando ela melhorar, estarei aqui para o que precisar – Alicia sorriu satisfeita, beijou a testa do filho, passou os dedos em meu braço e foi embora junto com minhas amigas.

Jessye parecia satisfeita também, mas Sandy estava com uma expressão preocupada. Questionei-me se era realmente por causa do meu mal-estar, ou se havia algo a mais. A dor aguda não me permitiu pensar por muito tempo.

- Você deveria aproveitar a oportunidade para demonstrar a sua mãe o quanto está insatisfeito com o casamento, assim não será surpresa quando contar que nos divorciamos.

- Eu não estou insatisfeito com o casamento. Muito menos preocupado com o que direi a minha mãe.

Douglas me olhava intensamente. Tive certeza de que seus olhos diziam muito mais do que ele foi capaz de explicar. Ficamos nos olhando por alguns segundos, até que ele se recompôs respirando profundamente e coçando a cabeça. Como aquele pequeno gesto conseguia roubar de mim toda a minha concentração?

- Quanto tempo você vai ficar assim?

- Assim como? – meu coração acelerou com a forma como ele me olhava.

- Menstruada.

- Ah! Hum! Acho que cinco dias, às vezes quatro. Por que?

- Sério? – fitou o teto do quarto, pensativo.

- Por que?

- Cinco dias sem poder encostar em você – eu não queria, nem deveria, mas sorri com o que ele disse.

- Nós vamos embora amanhã e depois vamos nos divorciar, então eu acho que esta noite foi a nossa despedida.

- Você ainda tem alguns dias até voltar para seu “noivinho”. Duvido muito

que ele a queira de volta antes do prazo estipulado

A forma pejorativa como ele falou de John me incomodou. Sempre incomodava. Mas a dor voltou e eu não consegui nem respirar direito, quanto mais responder.

- Eu odeio Eva! – gritei por entre os dentes apertando com força o lençol da cama. Douglas riu baixinho e acariciou meus cabelos, depois começou a passar suas mãos quentes em minhas costas. A dor foi suavizando aos poucos.

- Melhor? – assenti. – Quem é Eva?

- A mulher de Adão. Aquela pecadora sem escrúpulos – ele riu alto e com vontade. – Não estou brincando, ok? A culpa é dela por eu estar assim. Se aquela mulher soubesse que leis existem para serem respeitadas eu não estaria passando por isso e ainda vou passar por vários e vários meses – choraminguei novamente e ele acariciou meu rosto.

- Se Eva não tivesse pecado, o sexo não existiria – abri os olhos para encará-lo. Eu nunca havia pensado naquilo. Meu sorriso foi involuntário. – E você tem mais dias com sexo do que com a menstruação, então eu acho que é uma troca justa.

- Você é algum tipo de advogado do diabo? – ele riu. – Não pensei nisso. Talvez quando a dor parar eu consiga sentir algum tipo de agradecimento por ela – Douglas riu deliciado com o meu humor e voltou a acariciar minhas costas.

- Tente dormir – sua voz era suave.

- Não consigo. É muito ruim.

- Eu sei.

Ficamos uma boa parte do dia assim. Eu chorando e me contorcendo de dor, e ele ao meu lado, fazendo brincadeiras para amenizar o que o meu sofrimento. Minha cabeça doía muito pela falta de alimento e pelo esforço que fazia para vomitar o que não existia no estômago.

Após a milionésima ida ao banheiro, colocando para fora o que meu organismo encontrava, Douglas começou a ficar muito preocupado e resolveu pedir ajuda a sua mãe. Eu estava quase enlouquecendo, já tinha tomado três comprimidos e a dor não diminuía.

- Ela precisa comer antes – Alicia insistia.

- Ela não vai conseguir – Douglas explicou nervoso. – Vomitou até a água que a força tomar de meia em meia hora.

- É muito forte a reação dela. Isso é estranho – a mãe do meu “marido” dizia em voz baixa como se não fosse possível para mim, escutar o que conversavam. Suspirei. Eu estava morrendo, mas não estava surda. – Uma sopa, Cléo, bem quente. É bem provável que ajude a amenizar a dor.

- Tudo bem – consegui dizer me sentindo muito fraca para contestar ou explicar que a sopa não ficaria em meu estômago.

- Já volto – Senti as mãos de Douglas nas minhas costas.

- Cléo, você não gostaria de ir a um médico?

- Não. Acredite em mim, você vai adorar se divorciar e não ter que passar todos os meses por isso.

- Pare de falar assim, ok? Eu não estou me importando em cuidar de você, estou preocupado. Você está muito pálida, sentindo muita dor, vomitando e meu estoque de piadas e brincadeiras está esgotando – abri os olhos e me virei para encará-lo. Ele estava falando sério.

- Vai ficar tudo bem. Eu vou tomar a sopa e depois tomo mais comprimidos e quem sabe fazem efeito? – tentei sorrir, mas falhei. – Por que você não sai um pouco? Vá ficar um tempo com os rapazes.

- Eu vou ficar, Cléo - Alicia voltou levando a tal sopa. O cheiro era maravilhoso! Senti meu estômago brigando por ela.

Ela estendeu a bandeja e Douglas a ajeitou no colo dele para me dar na boca. Quase gargalhei. Eu devia estar mesmo mal para ter aquele tratamento. Mas aceitei o que meu “marido” fazia por mim. Seria maravilhoso se John fizesse coisas deste tipo quando eu estivesse doente, ao menos meu humor ficaria melhor.

Tomei toda a sopa sem questionar, como uma garotinha obediente. Apesar da dor insistente e latejante em meu ventre, o calor do alimento foi revigorante. Agradei os cuidados e me recostei na cama, observando Douglas entregar a bandeja à mãe. Eles trocaram um olhar confidente, como se estivessem decidindo alguma coisa. Imediatamente senti uma dor aguda, como se eu estivesse sendo dividida ao meio de dentro para fora. Ofeguei e respirei forte, com medo de colocar para fora a única coisa que consegui comer o dia inteiro.

- Calma, Cléo! Vai passar – Douglas dizia retirando os cabelos de meu rosto, enquanto eu apertava os olhos com força.

- Douglas, o que tenho é muito forte, não sei se seria o recomendado para ela. Eu só tomo quando estou com crise de enxaqueca, nem acho que seria o

mais indicado.

- Ahhhhhhhh! – gemi com força. – Não me importa mais nada, eu odeio Eva e ponto final. Guarde seus argumentos só para você, Douglas – algumas lágrimas rolaram pelos cantos dos meus olhos e Douglas as enxugou com seus dedos maravilhosos. Ele riu baixinho enquanto fazia isso.

- Você é uma garotinha brincando de ser mulher, Cléo. E meus argumentos são excelentes.

- Nada compensa esta dor infeliz – encolhi-me na cama em posição fetal.

- Do que ela está falando? – Alicia perguntou confusa. Gemi outra vez.

- De todas as maluquices que podem ocupar a mente de uma mulher quando ela está menstruada – disse rindo carinhosamente. – Mãe, vou tentar o remédio agora. Acho que Cléo precisa de ajuda para dormir.

- É muito forte, Douglas.

- Pelo amor de Deus, Alicia. Esqueça o medo e me dê logo esse bendito remédio.

- Alicia olhou para Douglas e ele assentiu então ela me entregou um copo com água que estava na cabeceira da cama junto com um comprimido. Não pensei duas vezes e o engoli.

- Se ela tiver qualquer tipo de comportamento estranho, me avise.

- Então é melhor você ficar. A Cléo tem comportamentos estranhos desde que eu a conheci – ele riu e a mãe lhe deu um tapa leve no braço pela brincadeira.

Eu queria socá-lo, mas achei melhor não fazer isso na frente da mãe dele. Poderia fazer mais tarde, quando já estivesse restabelecida. Alicia foi embora e Douglas deitou ao meu lado. Parecia mágica, mas comecei a sentir meu corpo relaxar quase que imediatamente. Deitei em uma posição melhor na cama. Douglas me abraçou cuidadosamente. A dor foi cedendo a cada minuto e juntamente com ela, comecei a sentir dormência no corpo, era bom. Parecia que o sono logo me alcançaria.

- Isso é um milagre – percebi que minha voz estava embolada. Era o remédio fazendo efeito. – O que ela me deu?

- Calmante para cavalos – falou baixinho passando as mãos em meus cabelos. Abri os olhos assustada. – Brincadeira. É um remédio que minha mãe toma quando tem crise de enxaqueca. É realmente muito forte, mas é o único

que a impede de cortar a cabeça fora – riu. Tentei acompanhá-lo, mas meus movimentos estavam lentos. Era como se eu estivesse em câmera lenta, caminhando em nuvens. Era espetacular!

- Preciso de umas caixas deste remédio. Não posso mais viver sem ele.

- Você precisa ficar quietinha e dormir um pouco.

Virei ficando de frente para o meu “marido”, o abracei pelo peito, passando minha perna por cima das dele. Douglas me abraçou em resposta e, com cuidado, me aconchegou em seus braços. Eu flutuava.

- Que bom para você – consegui falar já sentindo que estava à beira do sono.

- O que? – Douglas mantinha voz baixinha. Soou como música aos meus ouvidos.

A voz de Douglas era grossa, porém não muito, apenas o suficiente para ser máscula, forte, também meio rouca, mas só um pouco. Quando ele estava excitado, ou com sono, ela ficava rouca no tom certo para enlouquecer qualquer mulher.

- Agora que eu estou drogada – ri das minhas palavras. – Acho que você combinou isso com sua mãe. Drogar-me para ficar livre dos meus gemidos – Douglas me abraçou com mais força e beijou o alto da minha cabeça.

- Eu adoro os seus gemidos – era exatamente como eu disse que a voz dele ficava.

Com o corpo mais relaxado, consegui sentir o desejo latejando em mim, porém o sono já estava a minha porta, e eu já estava embarcando nele.

- Em outra circunstância seria tudo o que eu desejaria ouvir durante um dia inteiro. Agora durma. Eu estarei aqui se precisar – eu queria responder, mas já estava sonhando.

VIII

Treze dias antes.

“A quarta regra é também a mais estranha. Você pode se surpreender quando perceber que em algumas situações, sua nova experiência pode se tornar o que existe de melhor e que muitas vezes ela não é o que você espera e sim algo bem mais profundo. Eu aprendi que quando valem a pena, as novas vivências podem ser úteis e necessárias. Mesmo que você pense que está dando um passo errado, pode ser que este seja o passo mais correto de toda a sua vida.”

O dia estava lindo, eu não sentia dor, apesar do incômodo constante que era menstruar, todos estavam brincando e conversando e tudo parecia perfeito, exceto por um detalhe: Douglas.

Eu tinha acordado sozinha na cama novamente e ele a ficar indiferente. Só falou comigo quando apareci faminta na cozinha, e apenas para me perguntar se eu estava bem. Depois disso, dedicou todo o tempo ao seu pai e irmão.

Alicia, preocupada com o meu estado, devido a todo o meu drama do dia anterior tinha conseguido convencer a todos que precisávamos de mais um dia. Ela acreditava que não me faria bem pegar a estrada, mesmo por poucas horas. Mal sabia a coitada que estávamos ansiosos para ir embora e dar logo um fim naquela palhaçada.

Eu não podia demonstrar insatisfação, afinal de contas ela era a “minha sogra”, uma ótima sogra, diga-se de passagem. Muito melhor do que a mãe de John tinha conseguido ser em dez anos de relacionamento. Além disso, foi ela quem deu um fim na maldita dor. Coisa que ninguém tinha conseguido até então.

Como eu serei eternamente grata, acabei aceitando a sua sugestão. Outro ponto importante é que ela desconhecia o fato de que eu e Douglas desejávamos chegar o quanto antes a São Francisco, para conseguirmos o tão esperado divórcio.

Já conseguia andar, e estava realmente disposta a fazer isso, já que no dia anterior não consegui colocar o rosto a na janela, resolvemos passear pela propriedade, o que me deixou animada. O rancho era muito maior do que eu

imaginava.

Ao lado da casa, contrário a piscina, tinha uma quadra de tênis. Imaginei Douglas jogando, com aquele short branco que os jogadores costumam usar e a raquete nas mãos. Suspirei. Seria uma bela visão.

Bill, Juan e Michael conheciam tudo e fizeram questão de nos acompanhar, já que meu “marido” estava sumido a manhã toda, juntamente com seu pai e irmão. Era estranho, eu sentia falta dele no grupo.

Todos pareciam estar se entendendo muito bem, apesar de Hilary e Jessye disputarem a mesma pessoa. Um dia inteiro trancada no quarto permitiu que muita coisa acontecesse e eu estava me inteirando das novidades, como a repentina amizade entre Jessye e Michael, o que deixava por bastante tempo o caminho livre para Hilary.

Caminhamos conversando sobre o tamanho do rancho. Fui surpreendida ao saber que o lago, onde nos refrescamos no nosso primeiro dia, a caminho da casa dos meus “sogros”, fazia parte da propriedade, por isso eles se sentiram tão à vontade para aprontar. Douglas estava se tornando uma caixinha de surpresas.

- Douglas não gosta muito de conversar sobre a vida dele, principalmente com pessoas estranhas – Juan disse a Sandy e Hilary, que questionavam o fato de ele não ter dito nada sobre o lago.

- Deixamos de ser estranhas. Somos amigas da esposa dele – Hilary parecia aborrecida, mas ria e Juan concordou com a sua justificativa.

- Então, que seja ele a contar a vocês – sinalizou algo a nossa frente.

Reconheci imediatamente, apesar da distância, o homem agachado no chão, com uma calça jeans, botas e sem camisa. Seu peitoral magnífico totalmente nu. Era uma bela visão. Reconheci também seu pai e irmão, próximos a ele, observando algo que ele fazia. Havia outras pessoas no local, pareciam funcionários da propriedade.

- O que estão fazendo?

- Algo relacionado a algum animal – Michael respondeu com a atenção presa também na imagem diante de nós.

- Animal? – Jessye perguntou um pouco apreensiva. Minha amiga meio que tinha aversão a sacrifícios de animais.

- Ele é veterinário – falei antes dos amigos de Douglas. Estes pareceram surpresos por eu já saber essa parte da vida do meu “marido”. – Eu não sabia que ele praticava a profissão.

- Só quando está aqui, ou quando é necessário – Bill esclareceu a minha dúvida. – Vamos até lá. Vai ser interessante.

Começamos a caminhar em direção ao pequeno grupo que rodeava alguma coisa, ou animal. Douglas estava abaixado, mas em movimento. Quando nos aproximamos, pude ouvir os gemidos baixos do animal que ele cuidava. Meu coração compadeceu.

Aproximei-me sem me preocupar com o restante do grupo e pude ver uma égua, ao menos eu achava, já que parecia estar em trabalho de parto, se é que podemos utilizar este termo para animais também. O fato é que algo estava errado, pois ela estava deitada e gemia muito. Pensei se no dia anterior, eu tinha feito como ela.

Douglas passava as mãos na sua barriga, acariciando e conversando, como se ele pudesse entender. Como fizera comigo. Sem pensar me abaixei perto deles. Nossos olhos se encontraram.

- Ela está em trabalho de parto – Douglas disse me dando atenção. – Parece que algo está errado. Estou tentando fazer um exame de toque, só que ela está muito agitada. Estou com medo de aplicar um calmante a acabar dificultando o processo.

Passei a mão carinhosamente na crina do animal. Eu entendia o que ela estava passando. Senti-me ridícula me solidarizando com uma égua, mas tivera a minha amostra grátis de um parto e não desejava aquilo para nenhum ser. Douglas entendeu o porquê do meu interesse. Ele sorria, eu podia perceber. E nem precisava explicar o motivo.

- Por que ela está tão nervosa?

- Pelos motivos óbvios, também porque não está aqui há muito tempo. Ainda não se familiarizou com o local e por isso está um pouco estressada – olhei-o sem entender nada. – Os animais precisam se sentir em casa para ter um parto mais tranquilo e menos sofrido. Entendeu? – balancei a cabeça sinalizando que sim e voltei a acariciar a crina da égua. Ela estava bastante suada.

- Já era para ter rompido a bolsa e as patas dianteiras estarem começando a sair – Douglas falou para o pai demonstrando preocupação. – Vamos lá, menina! Seja forte! –Ele conversava apenas com o animal e eu achei muito humano o que ele fazia. – Tem que ser hoje. Todos os exames apontaram para isso.

Neste momento outro homem, segurando uma pasta grande e preta, se aproximou do grupo e a entregou a Douglas. Este levantou um pouco e lavou as mãos em uma bacia que estava ao lado. Depois tirou de dentro da pasta algo que

acreditei ser álcool em gel e limpou as mãos com cuidado, enquanto o irmão calçava as luvas.

- Vamos ter que mantê-la calma. Eu preciso saber a posição do feto e o que está ocorrendo – disse decidido. Eu, por instinto, acariciei mais ainda sua crina e comecei a conversar com ela.

- Vai ficar tudo bem, menina. Fique calma – sussurrei sem me importar com os outros que também acompanhavam a movimentação.

Vi que Douglas concordou com o meu procedimento e se posicionou mais próximo à égua para começar a introduzir a mão e... Ai meu Deus! Ele estava indo cada vez mais fundo no animal e aquilo era... Aquilo deveria ser constrangedor, mas parecia ser o procedimento correto. E ele não estava agindo como um depravado, como eu imaginava que deveria ser tal situação, estava agindo de maneira tão profissional que me deixou envergonhada de meus próprios pensamentos. Desviei os olhos e reiniciei a conversa com a égua.

- Pronto – retirou o braço de dentro do animal, recolhendo a luva e limpando-se com álcool gel. - O feto está torto. Vamos ter que reposicioná-lo. Jimmy, vamos sedá-la. Prepare a seringa para mim.

- Se fizermos isso, ela pode não conseguir expulsar o feto. A fêmea vai precisar das contrações.

- Ela não vai conseguir expulsá-lo estando na posição em que ele está. Vamos sedá-la e depois tentarei retirá-lo. O maior cuidado será com as lacerações. Vamos tentar evitar o máximo possível.

Jimmy concordou deixando tudo de lado para preparar uma seringa com um líquido. Entregou-a ao irmão e se postou ao meu lado.

- Ela gosta de você – Douglas disse para mim, piscando de maneira incrivelmente sensual para o momento.

Não percebi nenhum tipo de ironia em suas palavras. Meu “marido” aplicou o calmante no animal, e aguardou aproximadamente 15 minutos para aplicar outra vez. Neste intervalo, dedicou seu tempo acariciando e medindo a reação do animal à medicação. Depois de aproximadamente 30 minutos, a égua estava bastante calma, quase dormindo. Sua respiração estava mais leve e parecia não sentir mais tanta dor.

- Foi isso o que sua mãe me deu na noite passada? – ele riu.

- Quase isso – voltou sua atenção para o animal. – Bom trabalho, garota. Vamos conseguir.

Novamente Douglas fez a higienização, após trocar as luvas, que iam até quase o ombro e novamente introduziu a mão... O braço... Na égua. Coitada! Iniciando um processo complicado que eu entendi como sendo para reposicionar o feto. Não sei dizer quanto tempo durou, com ele mantendo o braço dentro do animal, mexendo e tirando até que finalmente ficou satisfeito com o resultado.

- Pronto garota! Agora é só colocar o seu filhotinho para fora – acariciou as patas traseiras do animal.

- Podemos induzir as contrações? – o pai de Douglas estava visivelmente satisfeito com o que o filho tinha feito.

- Acho que agora sim. Talvez seja melhor aguardarmos um pouco mais para ver se consegue sozinha. Quando eu estava arrumando a posição do feto, a bolsa rompeu. Acredito que agora sairá naturalmente.

E foi o que realmente aconteceu.

Algum tempo depois da injeção, já podíamos ver que algo saía da égua e em seguida vimos as patas estiradas sendo projetadas para fora. E, finalmente a cabeça do animal, pelo que pude perceber, pois estava envolta em uma pele que confundia a visão de quem nunca tinha visto nada parecido, como era o meu caso.

Douglas foi até ele e o puxou com cuidado, ajudando-o a sair. Quando o filhote já estava do lado de fora, meu “marido” retirou imediatamente a pele para ajudar o pequeno animal a respirar. Fiquei maravilhada. Era angustiante, nojento e estranho, mas lindo!

- Temos que aguardar a melhor hora para romper o cordão – ele falou para os outros empregados que se reuniam para auxiliá-lo. – Deixem que o próprio potro encontrará seu caminho e a égua saberá se recuperar. Só ficaremos aguardando e observando como eles vão reagir.

Ficamos aguardando. As minhas amigas enojadas, os rapazes curiosos e os funcionários e familiares de Douglas, ocupados. Eu apenas admirava. Não somente o processo que era o parto de uma égua, e era mesmo uma coisa incrível, mas também a atitude do homem com quem eu havia me casado. Ele foi firme, equilibrado, profissional e seguro, o tempo todo. Mais um lado dele que eu gostei de conhecer. Gostava da segurança que Douglas me passava.

Depois do filhote outras coisas saíram da égua. Nem tão bonitas de se assistir, mas eu entendi que era o que deveria acontecer, devido à cara de aprovação que Douglas sustentava. Nossos amigos, aos poucos, foram atrás de outras atividades, pois todos já haviam perdido o interesse no que estava

acontecendo, até porque, cada etapa demorava horas, ficamos apenas eu, Jimmy e Douglas, observando tudo de perto.

- Você é uma ótima ajudante – Jimmy ficou ao meu lado puxando conversa com um sorriso quase tão lindo quanto o do irmão.

- Obrigada. Digamos que eu entendi o que ela estava sentindo.

Ele entendeu a semelhança da situação e concordou comigo. Douglas realizava alguns procedimentos no pequeno animal que tinha acabado de nascer e na mãe, sem se preocupar em me dar atenção. Não foi frustrante. Eu sabia que era necessário e era bom assisti-lo trabalhar, mesmo que aquela não fosse a profissão que exercia. Só que era estranho. Parecia querer me evitar.

- Vocês não precisam ficar aqui – não olhou para onde estávamos. Ele estava ocupado com o potro. – Leve Cléo para conhecer a propriedade, Jimmy, eu ainda tenho muita coisa para fazer por aqui. Ela não precisa perder o dia todo com os problemas do rancho.

Parei chocada com as suas palavras. Douglas era insuportável quando decidia me desprezar, e ainda por cima, desta vez ele acrescentou uma dose de “chato mandão” ao seu desprezo. Droga! Era incrível como conseguia me fazer detestá-lo e desejá-lo em espaços tão curtos de tempo.

- Você monta? – Jimmy se virou para mim, obedecendo imediatamente as ordens do seu irmão. Douglas riu ironicamente, duvidando da minha capacidade.

- Para a sua informação... – olhei diretamente para meu “marido” – Eu cavalgo muito bem.

- Eu sei disso muito bem – seu sorriso revelava o que realmente queria dizer. Senti meu rosto pegar fogo. – Jimmy, leve Cléo para dar uma voltinha – foi o mesmo que me tratar como uma mercadoria. “Inferno! Que droga de homem mais complicado!”

- Vamos, Cléo – Jimmy colocou a mão espalmada em minhas costas conduzindo-me a saída. Eu o acompanhei. Não porque concordava, mas porque se continuasse ali, socaria Douglas até não poder mais.

Caminhamos em direção ao estábulo, sem conversar nada de profundo ou interessante. Na verdade, eu estava tão “puta da vida” que nada do que meu “cunhado” dissesse me interessaria. Jimmy selou dois cavalos, me entregando o que eu deveria montar.

- Ele é manso. Pode ficar despreocupada.

Não consegui captar se ele falava do cavalo destinado para a minha

montaria, ou do irmão, o que muitas vezes era basicamente a mesma coisa. Suspirei profundamente. Douglas era sempre uma incógnita. Montei e o aguardei indicar qual direção seguiríamos.

Cavalgamos livremente por um tempo. Eu deixava Jimmy ir à frente, pois não conhecia nada da propriedade. Rapidamente nos distanciamos da casa e do celeiro. Era muito grande o espaço aberto e, pelo que entendi, mesmo estando distante do nosso ponto de partida, continuávamos em terras da família Foster. Era tudo amplo e verde demais. Mas era lindo!

Subimos um pequeno monte, seguindo o som de água que corria em algum lugar próximo. O sol forte queimava a pele e meus pensamentos ainda me atormentavam. Até que, do alto, pude vislumbrar o rio que corria cortando a propriedade. Brilhava ao contato com os raios do sol. Algumas árvores, espaçadas e pequenas, completavam a beleza da paisagem.

Cavalgamos por um tempo percorrendo a sua extensão. Quando já me sentia cansada e incomodada, pois não é nada fácil cavalgar usando um absorvente íntimo, pedi para pararmos. A paisagem era perfeita para descansar e colocar os pensamentos em ordem.

Desci do cavalo e Jimmy me acompanhou. Fomos até a beira do rio, onde abaixei para lavar os braços e o rosto. A água estava fria e o dia quente. Era uma sensação gostosa. Sem contar que refrescar a pele também ajudava a me desligar de outros problemas, como o meu casamento desastroso, por exemplo.

Durante todo o tempo Jimmy não falou nada além de informações sobre a propriedade, ou sobre a forma como o cavalo reagia. Quando pedi para ficarmos um pouco no rio, ele me encarou com intensidade, como Douglas fazia quando hesitava entre agir ou não. Também não quis se aproximar do rio. Percebi que ele estava um pouco inquieto, olhando o tempo todo para trás e indeciso sobre o que conversar comigo. “Que garoto estranho!”

- Então... – iniciei uma conversa casual. – Você também estuda veterinária? – era um tema fácil e leve de ser conversado

- Sim. Mas eu realmente quero trabalhar com isso. Douglas, apesar de ser ótimo, como você mesma viu, prefere a música.

Ele tinha a mesma mania do irmão de coçar a cabeça quando não sabia o que fazer, ou como fazer o que queria. No entanto foi irritante observar esta atitude nele. Ficamos nos olhando o que imediatamente me deixou envergonhada. Desviei o olhar, incomodada. Tive vontade de voltar a casa.

- Você é realmente muito bonita Cléo – sorri sem jeito. Tá legal! Aquele era

o momento exato para voltar.

Jimmy se aproximou sem muito cuidado ou receio. Não me senti muito a vontade para afugentá-lo, afinal de contas ele era o irmão do meu “marido” e não havia mal em estar muito perto do meu “cunhado”. Ou não deveria haver. Mas havia.

Jimmy acariciou meu rosto com as costas dos dedos. Os olhos fixos em meus lábios. Entendi o que ele estava fazendo. “Mas que droga!” Afastei-me um pouco para desencorajá-lo, no entanto ele estava bastante perto e me segurou pelos braços forçando a sua boca na minha.

Foi perturbador.

Eu queria matá-lo e deveria matá-lo, mas infelizmente não poderia ele era irmão de Douglas. Que droga!

Jimmy forçava seus lábios nos meus e sua mão segurava a minha nuca com força. Eu iria matá-lo. Definitivamente. O fato dele ser irmão do Douglas não lhe dava o direito de me beijar. Inferno! Alicia ficaria muito chateada se eu quebrasse o nariz do seu filho caçula?

Empurrei-o com toda força, mas ele era forte e me segurava com vontade. Como não podia matá-lo, nem espancá-lo, fiz o que achei mais fácil e adequado para o momento. Levantei o joelho e o acertei com força no lugar mais apropriado para desarmar um homem. O meio das suas pernas. Graças a Deus minhas aulas de defesa pessoal foram de alguma utilidade. Agradei mentalmente a Jessye por ter me obrigado a acompanhá-la nessas aulas.

- Seu idiota!

A minha vontade era de quebrar o nariz dele, mas calculei que seria muito difícil explicar o que ele tinha feito. Tive que me contentar em sair de perto enquanto meu “cunhado” ainda gemia ajoelhado no chão com as mãos pressionando onde doía. Eu havia feito um belo trabalho.

- O que pensa que está fazendo?

- Calma Cléo! – ele ofegava enquanto tentava levantar. – Eu posso explicar.

- Não encoste um dedo em mim. Eu vou montar naquele cavalo e procurar seu irmão agora. Se ele não fizer nada a respeito eu mesma vou quebrar o nariz dele, depois do seu, entendeu? – minha cabeça não conseguia processar nenhuma informação coerente. O que aquele imbecil pensava?

- Cléo, não faça isso – conseguiu sentar, mas seu semblante ainda era de dor. – Eu posso explicar. Por favor!

- Explique-se então – eu estava pronta para machucá-lo se ele viesse com a história de que não resistiu e blá, blá blá. Droga!

- Tudo bem – levantou as mãos em rendição, abriu os olhos e riu, apesar da dor. – Você é boa nisso. Douglas tem que ter muito cuidado quando resolver te irritar como fez hoje – passei a mão em meus cabelos que caíam rebeldes no rosto.

- Fale logo de uma vez!

- Ok Calma! Eu achei estranho este casamento relâmpago de vocês dois. Douglas não é homem de se entregar tão facilmente a um relacionamento – fez uma pausa olhando em meus olhos para se certificar se deveria ou não continuar. Minha cara de poucos amigos o incentivou. - Sério mesmo, Cléo. Ele estava insistindo no relacionamento com Michele, mesmo com minha mãe e todo o restante da família não a aceitando muito bem. Por isso quando ele apareceu com você e suas amigas, que ninguém nunca tinha ouvido falar, com essa história de casamento... Eu não consegui entender muito bem o que o tinha levado a essa loucura – sorriu inseguro. Perfeito como o irmão, ou quase. – Não que você não fosse mulher suficiente para enlouquecer um homem.

Revirei os olhos. Ele era muito folgado mesmo.

- Tá legal! Não se irrite. Não sei até que ponto você conhece a vida do meu irmão, ou ele a sua, mas Douglas é um excelente partido, e não digo isso pelas suas peripécias na cama, nem pelos seus dotes físicos.

Mais uma vez ele estava sendo debochado. Comecei a considerar um novo chute. Não seria tão ruim.

- Douglas pode demonstrar essa vida simples que tenta levar, ou e esconder atrás do seu emprego de músico, se é que podemos dizer que ser dono de uma empresa de publicidade e de uma gravadora é um emprego de músico.

Dono? O que ele queria dizer com aquilo? Douglas era dono do seu próprio emprego? Como assim?

- Eu... Eu não sabia – revelei confusa e ele pareceu acreditar, pois seu rosto debochado se desfez.

- Você... Não sabia que ele é rico?

- Não. Quer dizer... Pela casa de seus pais eu sabia que ele não era tão simples quanto demonstrava ser, mas...

- Bom... Ele é rico. Muito rico. Somos ricos – acrescentou. – Meus pais são donos de vários imóveis em Las Vegas e em diversos outros locais do país. Temos

também uma grande empresa de jogos eletrônicos. Tanto eu quanto Douglas, não gostamos muito de nos envolver com essa parte do nosso patrimônio. Vivemos disso, além das criações, que é o divertimento do meu pai e que acaba aumentando nossa renda e fazendo a minha felicidade.

- Ele não me disse nada.

Fiquei um pouco perdida. Pelas minhas pesquisas 11,9% da população de Las Vegas vivia abaixo da linha da pobreza. Como poderia imaginar que, sendo eu quem sou, e tendo a minha condição financeira, tudo bem que não é tão baixa, mas é apenas razoável, pudesse estar nos braços de alguém com uma conta bancária tão infinitamente maior que a minha?

- Por que fez isso? Você pensou que eu... – minhas palavras morreram. – Seus pais também...

- Não. Por favor, nunca conte a eles o que eu fiz. Douglas vai me matar e minha mãe é capaz de me aplicar um castigo daqueles – olhou-me com intensidade. – Cléo, eles adoraram você. Por causa disso que fiquei com medo. Michele mostrou logo a que veio, á você... Você chegou de maneira tão suave que acabou encantando a todos em pouco tempo. E Douglas está... Não sei ao certo como, mas é diferente, sabe?

Não. Eu não sabia. Mas queria descobrir. Fiquei pensando no que ele me dizia.

- Você está bem? – não existia mais o olhar que me ameaçava ou intimidava. Jimmy não demonstrava mais nenhum interesse em mim. Relaxei.

- Sim – não sabia se estava mesmo. – Não se atreva a me agarrar de novo.

- Tudo bem. Prometo.

- Dando em cima da minha esposa, Jimmy? – sobressaltei-me com a presença de Douglas. Não tínhamos escutado a sua aproximação.

Ele chegou cavalgando um lindo equino branco. Seu porte ao dominar o animal era incrível. Tinha tomado banho, estava de bermuda e camisa, seus cabelos molhados brilhavam ao sol. Se não fosse pelas roupas casuais eu poderia compará-lo a um príncipe encantado.

- Nós já estávamos voltando – Jimmy gaguejou ao vê-lo tão perto e se afastou rapidamente de mim. Douglas não percebeu a tensão no ambiente e sorria para o irmão com admiração.

- Vá na frente. Eu vou ficar mais um pouco aqui com a Cléo – estremeci.

Eu não tinha como dizer que não ficaria com ele. Não depois da conversa que acabara de ter com meu “cunhado”. Jimmy montou em seu cavalo e foi embora, sem se despedir.

- Você está bem? – Douglas desmontou e veio em minha direção.

- Sim. Acho que o calor não me fez muito bem - ele tirou uma garrafa de água da sela do cavalo e me deu. Eu bebi com vontade.

- Vamos sentar embaixo daquela árvore.

Comecei a caminhar com ele a minha frente. Quando chegamos, Douglas sentou me puxando pela mão me posicionando entre as suas pernas e me abraçou pelas costas. Eu não entendia por que fazia questão de ficar daquele jeito se era tão conflituoso para ele e, principalmente, se sabíamos que em breve acabaria.

Mas ele estava ali, me abraçando e beijando meu pescoço com carinho, enquanto suas mãos acariciavam a lateral dos meus braços, presos em seu abraço. A sensação era de “estar em casa”, no entanto, eu não estava.

- Você parece bem melhor hoje – seus lábios roçavam a minha orelha. Céus! Como eu gostava quando ele fazia aquilo.

- Eu te disse. Aquela tortura toda só dura um dia.

- A cada mês.

- É... A cada mês – suspirei insatisfeita com essa situação. – Vamos embora amanhã cedo? – Douglas pareceu não gostar da minha pergunta, pois retirou os braços do meu corpo e apoiou as mãos na grama.

- Sim. Prometo que vou correr o máximo possível para te devolver sã e salva para seu noivo – podia sentir a acidez em sua voz.

- Por que isso te incomoda tanto?

- Não incomoda.

- É claro que sim – virei para olhar em seus olhos. – Você sempre fala como se fosse errado eu querer solucionar o nosso problema. Como se não fosse importante para você também.

- Não é importante para mim – deu de ombros.

- Você ama a Michele, como pode não se importar em estar casado com uma estranha? Você casou sem amor, com uma completa desconhecida porque estava bêbado demais para ter noção dos seus atos.

- É assim como você se sente? – eu podia jurar que havia tristeza em seus olhos. Era tão intenso que não tive mais certeza de como me sentia.

- Eu... – o celular dele começou a tocar. Outra vez a melodia suave que insistia em nos lembrar que alguém queria muito chamar a sua atenção.

Eu sabia quem era e, a julgar pela sua reação, ele também. Ficamos nos olhando. Eu apreensiva. Aguardando pelo que elealaria ao atender. Ele, decidido: não atenderia. Apenas me olhava, como se aguardasse o que eu tinha para dizer. Até que o som parou, encerrando a ligação. Ele não atendeu. Mais uma vez.

- Por que você faz isso?

- Isso o que?

- Por que não atende?

- Por que não tenho nada para dizer... Agora – acrescentou o “agora” como se fosse algo para ser feito quando eu não estivesse mais presente.

- Então você atende quando eu não estou? – ele parou pensando no que me dizer.

- Algumas vezes – admitiu.

Engoli em seco. Sentia-me traída. Como assim? Eu não podia me sentir daquela forma. Porém, saber que ele conversava com ela, em segredo, me deixava cega sobre os seus reais sentimentos. O que não deveria me abalar, afinal, eu não podia me importar com aquilo naquele momento. Não quando faltava tão pouco para conseguir o que sempre sonhei. Com a pessoa que sempre sonhei.

- E sobre o que vocês conversam?

Eu estava incomodada, sem conseguir sair da situação. Douglas deixou que seu lindo sorriso voltasse, me encantando completamente. Era uma traição. Onde perdi meu juízo? Precisava recuperá-lo urgentemente.

- Sobre muitas coisas – passou a línguas nos lábios e depois riu. Eu sabia que ele estava procurando uma maneira de me irritar.

- Que tipo de coisas?

- Que tipo de coisas você conversa com John quando liga para ele?

- Eu não ligo – continuei encarando-o.

- Como não? Vocês não estão se falando? Não conversam sobre como estão se sentindo com esta separação, mesmo que temporária?

- Não. Nós combinamos que não nos falaríamos.

Douglas me olhava atentamente. Seus olhos expressavam o quanto ele desaprovava meu acordo com John. Balançou a cabeça e passou as mãos nos cabelos. Ele parecia querer dizer algo, sem conseguir encontrar a maneira mais correta de iniciar a conversa. Suas mãos quentes acariciaram meu rosto.

- O que uma mulher como você espera de um relacionamento como esse? – fiquei envergonhada. – Cléo, você é linda, inteligente, uma pessoa incrível. O que John tem de tão importante para te fazer aceitar essa situação? – baixei a cabeça sem conseguir encará-lo. Estava muito envergonhada. – Você queria se casar. Nós somos casados. Do que mais você precisa?

Deixei um riso escapar pelos meus lábios. Era irônico, mas era a verdade. Douglas era... Era simplesmente Douglas e isso deveria ser o bastante.

- Há dez anos vivo este relacionamento. Não quero esquecer, nem deixar nada para trás. Eu entendo o que John quer e ele me entende como mais ninguém conseguiu em toda a minha vida. Ele apenas não queria se casar sem nunca ter conhecido nada além de mim. E eu estou fazendo a mesma coisa, não estou?

- Você o ama?

- Claro – respondi rápido demais. – São dez anos e...

- Não estou perguntando se você gosta da vida construíram juntos, ou se sente segurança pelo fato de ambos estarem fora do seu país e por isso se apoiam, muito menos se você se acostumou ao que vive com ele. A convivência confunde os sentimentos, Cléo – seus olhos negros estavam vidrados em mim.

- Você não ama a Michele?

- Não – Douglas desviou o olhar, mordendo os lábios. A sua resposta foi tão rápida quanto a minha e isso inflou um pouco o meu ego.

- Mas...

- Se eu amasse Michele, ou qualquer outra mulher, não me permitiria viver o que vivo com você. Se eu sou capaz de te tocar da forma como toco, ou de te desejar como desejo, é porque eu não amo, nem Michele, nem outra mulher. O amor é muito diferente do que você acredita, Cléo. Quando você ama verdadeiramente alguém, nenhuma aventura ou experiência vale a pena. Não consegue imaginar essa pessoa com outra. Pode até se imaginar com alguém,

sem conseguir por em prática, porque dói pensar que pode perder a pessoa amada, principalmente porque dói saber que causou dor a ela. Quando você ama alguém de verdade, todas as novas experiências que deseja adquirir serão sempre com ela, porque só ela será sempre o bastante, e ninguém mais.

Douglas me olhou nos olhos e suas mãos acariciaram gentilmente meu rosto, enxugando uma lágrima que escapou. Eu não queria admitir, mas na primeira semana após John me dizer as suas condições para nos casarmos, aquelas foram as palavras que me assolaram.

Era exatamente assim que eu me sentia. Passei a duvidar do amor dele por mim, isso só fez com que o medo de perdê-lo me impulsionasse a aceitar o que ele queria. Acreditava que se concordasse, quando ele retornasse estaria grato e eu teria a chance de reconquistar o seu amor.

Naquele momento eu entendi que talvez não fosse como imaginei. Estar nos braços de Douglas, sentindo como ele sentia o amor, era impossível aceitar que o que existia entre John e eu ainda era este sentimento.

Douglas se aproximou lentamente. Fechei os olhos aguardando pelo toque dos nossos lábios macios. Nunca tinha desejado tanto beijá-lo como naquele momento. Não com a urgência que nos consumia quando nos tocávamos e fazíamos amor, mas com tamanha sutileza que até a espera era gostosa.

E quando finalmente nos encontraríamos o celular dele voltou a tocar, quebrando todo o nosso encantamento.

Michele era uma realidade, a realidade dele, assim como John era a minha, não podíamos fugir dela.

- Atenda – levantei para ir embora, Douglas segurou minha mão impedindo-me.

- Aonde você vai?

- Vou voltar. Tenho um artigo para escrever e você sua vida para consertar.

Ele largou minha mão. Montei de volta e fui embora em direção a casa, deixando-o para trás, como eu sabia que deveria ser.

IX

Doze dias antes

Estávamos nos despedindo de todos enquanto os rapazes carregavam nossas malas e arrumavam no carro. Foram dias intensos e a saudade seria real, pelo menos para mim. Alicia me abraçou com carinho sussurrando em meu ouvido que eu cuidasse bem do seu filho. Senti um aperto forte no coração. Ela não sabia, mas era bem provável que nunca mais nos encontrássemos, quando a minha vida e a de Douglas voltasse ao normal, seríamos o passado um do outro.

Fui abraçada por diversos braços amistosos. Jessye e Michael estavam cada vez mais próximos, o que era estranho, pois com isso Hilary ampliava seu território em relação a Bill. Olhando por outra ótica, talvez isso fosse perfeito, pois não teríamos brigas quando fôssemos apenas nós, outra vez.

Sandy e Juan já tinham se assumido como casal e não se desgrudavam. Ele a ensinava algumas palavras em espanhol e eu achava graça dela conversando atentamente sobre o México e a sua cultura.

Entrei no carro sentindo um nó na garganta que me impediu de falar por um tempo. Peguei o meu *tablet* na bolsa, já que meu *notebook* estava na mala, e procurei meu arquivo. Graças a Deus, havia deixado dois artigos com a redação do jornal, caso contrário eu estaria em apuros. Abri o arquivo onde estava o meu novo trabalho continuei a escrever.

“Um ponto importante quando você estiver disposto a viver novas experiências, é entender o que são os fatos e o que são os fatores. Uma experiência nova em sua vida não deve ter mais importância do que o fato de ser necessária. Por este motivo, permitir que novos sentimentos brotem, mesmo que pareçam inocentes aos seus olhos, pode por tudo a perder. Então cuidado! Algumas vezes as experiências se tornam teorias tão fortes que conseguem mudar o rumo da humanidade, no seu caso, ou no meu, o rumo dos seus objetivos.”

Desliguei o *tablet*, pois estava começando a me sentir enjoada com o

movimento do carro. Voltei a minha atenção para Sandy e Juan que estavam comigo, além do homem com quem eu estava casada. Era constrangedor assistir aos dois de forma tão amorosa enquanto eu e meu “marido” rumávamos em direção à separação. Mas era o que tinha que ser feito.

Douglas era uma aventura. Era um caminho que eu não sabia onde iria dar, enquanto John era a certeza. Era o que eu tinha concreto e seguro. Fui tirada dos meus pensamentos pelo celular dele que começou a tocar insistentemente. Novamente meu “marido” ignorou a ligação. Aquilo me irritava de forma absurda. Principalmente depois de ele ter me contado que quando eu não estava, atendia as ligações dela. Era o fim!

Douglas percebeu a minha irritação e eu não me importei em demonstrá-la. Muito abertamente, ele sorriu, aprovando o que estava me fazendo. Acho que meu “marido” gostava daquilo. Irritar-me. Depois achava ruim quando eu reagia.

- Calma, Cléo! – sua voz era melosa e enfadonha. – Logo chegaremos e você vai ficar livre de mim.

Não respondi. Eu não queria ficar livre dele, queria apenas ficar longe do toque do seu celular. Olhei atentamente para minhas unhas. Elas estavam pedindo socorro. Precisava que dar um jeito nelas.

- Vai fingir que não estou aqui? – ri como se risse de uma garotinha.

- Talvez, se seu celular parar de tocar, eu consiga fazer isso – olhei pela janela do carro observando a paisagem. Uma sensação nostálgica me deixava sem humor para entrar na brincadeira dele.

- Não entendo por que fica tão preocupada. Você só não liga para seu noivo porque ele com certeza não te atenderia – acelerou o carro. Tomei a atitude como uma ofensa.

- Ele me atenderia. Eu tenho certeza. Mas você tem razão, em parte, eu não ligo porque não faço questão de ser como a Michele, que parece um cachorrinho correndo atrás de você e aceitando ser ignorada. Eu já teria partido para outra.

Seus dedos se estreitaram com força no volante e ele mordeu os lábios. Saboreei minha vitória. Estava devolvendo a ele pelo menos um pouco da irritação que me passava gratuitamente.

- Você aceitou coisa pior para não perder o “noivinho”. Isso nem se compara ao fato de eu não querer atender as ligações da Michele algumas vezes – ressaltou o “algumas vezes” como se quisesse me mostrar que quando eu não estava ele a atendia. - E no meu caso, é bem normal uma reação desse tipo,

afinal não estamos mais juntos. Nem existe possibilidade disso acontecer. Já no seu... – apontou para mim. – é bem provável que ele não te atenda por estar na cama com outra mulher, adquirindo as novas experiências que ele tanto sonhou.

Minha respiração ficou presa nos pulmões. O silêncio dentro do carro foi sepulcral. Sandy e Juan se calaram diante do nosso diálogo tão hostil. Douglas alternava entre me olhar desafiadoramente e olhar a estrada. Então... O celular voltou a tocar. Minha paciência chegou ao fim.

Avancei sobre o aparelho. Eu não sabia ao certo o que faria, mas atenderia a ligação e ele teria uma resposta à altura. Douglas, quando percebeu o que eu pretendia fazer, também avançou para o celular, que estava no espaço entre nós dois e iniciamos uma batalha dentro do carro. Eu com o celular dele em minha mão e ele segurando com força o meu pulso com uma mão enquanto tentava manter o carro na pista. O caos era geral. Todos nós gritávamos.

- O que você está fazendo?

- Está com medo? Não quer que sua “ex” saiba que você também não atende as ligações dela, porque está na cama com outra? – desfrutei da minha vingança. Não conseguia me envergonhar pelas pessoas que presenciavam a nossa briga. Eu não sentia nada além de raiva do que ele tinha feito.

- Largue este celular, Cléo.

- Vocês dois enlouqueceram? Douglas preste atenção na estrada.

Ouvi a voz de Juan gritando, no entanto só conseguia me concentrar em manter a minha mão firme com o aparelho ainda tocando preso nela.

- Douglas, pelo amor de Deus! – Sandy gritou desesperada.

Ele largou minha mão para reassumir o volante. Foi então que me dei conta no que tinha nos metido. A nossa frente havia uma enorme carreta, vindo em nossa direção. Douglas atravessara a pista enquanto discutíamos e teve manobrar desesperadamente para não sermos atingidos.

O carro rodopiou na pista como um pião. Uma mistura de imagens passava diante de mim enquanto eu buscava onde me apoiar, já me preparando para o pior. Era tudo tão rápido e lento ao mesmo tempo. Consegui ouvir Juan gritando dentro do carro.

- Segura! Segura!

E então um som de pneu derrapando na pista e um impacto forte no meu lado. Senti meu corpo sendo jogado em sentido contrário e o cinto de segurança me puxar de volta para onde eu estava. Os vidros passaram por minha pele

deixando o ardor dos cortes, foi quando bati minha cabeça com força.

Um vazio invadiu a minha mente. Eu não ouvia mais nada. Estava acordada, mas não estava lá. Ao mesmo tempo, ainda muito tonta, pude perceber que o carro parou. Olhei para o lado com medo do que encontraria e vi que Douglas não fora atingido. Foi um alívio.

Ele me olhava aterrorizado e gritava algo, mas eu não ouvia. Vi quando meu “marido” tirou o cinto de segurança e se virou, provavelmente para ajudar nossos amigos no banco traseiro. Então, como se uma bolha tivesse sido estourada, fui devolvida a realidade a uma velocidade assustadora. Voltei a escutar tudo ao meu redor. Os gritos, o desespero e o choro de Sandy.

- Tira o carro daqui, Douglas – Juan gritava. – Estamos em uma curva e na contramão.

- Cléo está machucada – Douglas gritou de volta e tentou abrir meu cinto de segurança. Eu não conseguia reagir.

- Tira o carro agora! – Juan continuou a gritar.

Douglas parou de tentar me soltar, para dar partida no carro. Nada aconteceu. Tentou novamente e nada. Ouvi a porta de trás abrir. Não precisei virar para entender que Juan e Sandy tinham conseguido sair. Minha amiga gritava meu nome, mas eu não conseguia reagir aos chamados.

- Droga, Cléo! – Douglas gritava do meu lado. – O que você fez? – seu desespero chamou a minha atenção.

- Sai daí, Douglas.

- Não sem ela – ele gritou de volta. Eu ouvia choro e desespero em algum ponto distante.

- Ele está chegando. Pelo amor de Deus, sai daí, cara! – alguém gritava mais próximo de onde estávamos.

Douglas puxava meu cinto de segurança desesperado. Nossos olhos se encontraram. Em breves segundos entendi que ele não me abandonaria. Então me dei conta. Eu não podia morrer. Não agora. Não podia deixá-lo.

Consegui me mover. Tirei forças não sei da onde, e puxei o cinto para conseguir sair por cima. Douglas me ajudou cortando parte dele com uma pequena faca que eu não fazia ideia de onde tinha encontrado.

- Está perto – alguém gritou.

Consegui sair do cinto com Douglas me puxando para fora do carro. Quase

que imediatamente ele me carregou e correu comigo no colo o mais rápido possível. Fechei os olhos no momento em que ouvi uma buzina muito próxima de nós dois. Morreríamos?

Apertei meus braços nele, senti os seus me apertarem com mais força. *Então* fomos atirados longe. Seus braços me abandonaram e eu rolei no asfalto enquanto ouvia uma explosão ensurdecedora. Todo meu corpo doía, no entanto minha mente só conseguia projetar um único pensamento: Douglas.

Abri os olhos e pude ver uma chama forte subir ao céu e depois, quase que instantaneamente, recolher-se, deixando no local apenas o que antes era o carro de Douglas e seus pedaços. As chamas ainda lambiam o resto do automóvel. O caminhão, parado ao lado, aparentemente intacto. Era incrível, mas parecia que além de mim, ninguém tinha se machucado. Fechei os olhos e deixei meu corpo voltar ao chão.

- Cléo! – ouvi minhas amigas vindo em minha direção e depois apaguei.

- Isso já foi longe demais. Não posso continuar.

Douglas falava em algum lugar próximo. Eu ainda não estava totalmente acordada, mas podia identificar que não estava mais caída na estrada. Era um lugar calmo, e eu estava deitada em uma cama. Algo pinicava a pele em minha mão. Pelo cheiro consegui perceber que me encontrava em um hospital. Tive medo do que poderia descobrir ao abrir os olhos.

- Douglas, isso não tem nada a ver com o que vocês estão vivendo. Foi um acidente – Jessy e sussurrava, no entanto estava alterada. O que a incomodava?

- Não foi um acidente. Ela ficou transtornada com as ligações. Por isso causou toda esta confusão – Douglas estava com raiva. Muito irritado. E eu sabia que era comigo.

- Você vai acabar acordando-a.

- Eu não vou levar esta história adiante, Jessy e. Sinto muito.

Meu coração disparou. Ele estava dizendo que terminaria comigo? Quer dizer... Não podíamos terminar, não é? Afinal de contas nem éramos namorados. Tudo bem. Éramos casados, mas não propriamente casados, no

entanto estamos tendo algum tipo de relacionamento. Ai! Que confusão! E minha cabeça não parava de doer. Involuntariamente gemi e eles interromperam a conversa.

- Cléo? – Jessye imediatamente estava ao meu lado, mas eu não ouvia mais a voz de Douglas. – Calma! Está tudo bem.

- Douglas?

- Estou aqui – sua voz grossa preencheu a sala. Meu coração acelerou.

Abri os olhos e vi minha amiga. Percorri o quarto para visualizá-lo encostado na parede com os braços cruzados no peito. Olhos atentos em mim. Voltei a fechar os meus. Seu olhar tinha dito tudo.

- E o pessoal? – tentei evitar a conversa que inevitavelmente viria.

- Estão todos bem – Jessye respondeu.

- Como eu estou?

- Você está bem – minha amiga respondeu naturalmente, me deixando mais aliviada. – Bateu forte com a cabeça e machucou um pouco o rosto – instintivamente levei as mãos ao rosto para conferir o que tinha restado dele. – Somente alguns arranhões e um pequeno hematoma – ela tentou amenizar a minha tensão. Respirei fundo e voltei a olhar para Douglas que ainda me observava atentamente.

- Me desculpe! – eu queria dizer muito mais, no entanto não podia com Jessye ao meu lado. Douglas soltou os braços sem paciência e mordeu os lábios desviando o olhar. – Douglas, eu não imaginei que...

- O meu carro explodiu – apesar da raiva nítida em seu rosto, sua voz saiu baixa.

- Eu vi – e não esqueceria. A lembrança das labaredas subindo como se fossem atingir o céu, não se apagaria nunca de minha mente. De repente lembrei que minha bolsa estava no carro e isso significava o meu *tablet* sem falar em meu *notebook* também. – Minha bolsa! - fiquei ansiosa.

- O que tem a sua bolsa? – Jessye perguntou calmamente.

- Vocês conseguiram tirá-la do carro? Meu *tablet* estava nela – vi Douglas balançar a cabeça e soltar um risinho irônico. “Ops! Dei mancada”.

- Meu carro explodiu porque você resolveu dar uma de louca e a sua preocupação é com o seu *tablet*? – Pelo seu tom de voz eu sabia que estava em uma enrascada. Tentei falar, mas ele me impediu antes que qualquer palavra

saiße de meus lábios.

- Você tem noção do que fez? Podia ter matado a todos nós e esta aí, toda preocupada com uma merda de um *tablet*? Cansei – olhou diretamente para Jessye. – Não estou mais nessa – Douglas deu as costas e foi em direção à porta.

- Para onde você está indo? – Jessye perguntou antes que ele conseguisse sair.

- Para o hotel. Se precisar de alguma coisa me avise. Ainda tenho o meu celular – cuspiu as palavras olhando para mim e partiu. Eu não consegui reagir.

- Satisfeita? – Jessye me acusou.

- O que?

- Cléo! O que deu em você? Por que você fez aquilo? – afundei na cama me sentindo péssima.

- Acho que desculpas não vão adiantar muito agora – admiti. – Ele me provocou. Falou coisas ruins e eu perdi a cabeça. Aliás... Como ele conseguiu salvar o celular? – Douglas dissera que ainda o tinha, mas o carro explodiu. Então... Como?

- Você não soltou o aparelho em nenhum momento – respondeu séria.

Ficamos nos encarando por um espaço imensurável de tempo. Eu confusa e ela divertida, apesar de irritada. Depois começou a rir. Eu a acompanhei. Logo estávamos gargalhando.

- Isso é sério – ela tentava dizer, mas ria muito. – Você deve ter enlouquecido – rimos até não aguentarmos mais.

- Ele não vai me perdoar tão fácil, não é?

- Acho que quando ele esfriar a cabeça, tudo voltará ao normal – Jessye me olhou e eu vi que algo nela estava satisfeito.

- O que foi, Jessye?

- Você gosta dele – afirmou. – E ele gosta de você – revirei os olhos.

- Jessye...

- Eu sei. Eu sei. Você quer casar com o John. Você ama o John, ou pensa que ama, o que eu não acredito, mas o fato é que Douglas mexe muito com você.

- Jessye... Douglas é incrível! – admiti sem muita paciência para continuar

negando. – Mas eu não posso jogar toda a minha história com John para o alto por causa disso.

- John jogou a sua história com ele para o alto com esta necessidade absurda de novas experiências – minha amiga não se preocupou com o que eu me sentiria com suas palavras. Doe. Principalmente porque era o mesmo que Douglas tinha dito no dia anterior. E era a mais pura verdade.

- Já conversamos sobre isso, Jessye. Eu não... – a porta se abriu e uma enfermeira entrou carregando uma bandeja.

- Boa tarde – fiquei surpresa. Quanto tempo eu passei desacordada? – Hora da medicação. Sua cabeça dói? – a mulher nem olhava para mim, apenas analisava o que estava prescrito para ser aplicado.

- Muito! – eu estava atenta ao que ela fazia. – Quando terei alta?

- Isso só o seu médico poderá dizer – segurou a cânula que ligava o soro a minha mão e aplicou a injeção na pequena entrada de acesso. – Pronto! Em breve não sentirá mais nada. Descanse um pouco. Vou avisar ao seu médico que você já acordou – e saiu do quarto.

- Quanto tempo eu ficarei aqui, Jessye?

- Acho que você sai ainda hoje – deu de ombros. – Já conversamos com o médico antes de você acordar e ele disse que não houve nenhum dano mais sério. De qualquer forma, acredito que fique no máximo até amanhã.

- Amanhã? Ah não! Parece que nunca vou conseguir dar entrada nos papéis do divórcio.

- Eu queria muito que isso fosse verdade. Rezei muito para que com esta pancada que levou, alguma coisa passasse a funcionar direito aí dentro e fizesse você perceber que Douglas é um homem perfeito e veja só? Ele já é o seu marido.

- Eu vi a perfeição saindo do quarto há poucos minutos.

- Você provocou. E ele gosta realmente de você – me calei.

Eu não queria admitir que era bom ter a atenção dele, quer dizer... Quando ele resolvia me dar atenção.

- Vocês voltaram para a casa da mãe dele? Ouvi ele falar sobre hotel?

- Não. Douglas está tentando resolver a parte burocrática do seguro do carro. Como tem um hotel que é bem próximo do hospital... – Jessye me olhou pelo canto dos olhos tentando disfarçar algo. Não consegui imaginar o que ela

escondia a respeito da nossa hospedagem - Resolvemos nos hospedar lá, enquanto aguardamos tudo ser resolvido.

A porta voltou a abrir e um homem, que parecia ser o médico responsável, entrou. Ele segurava uma prancheta e como a enfermeira, praticamente não olhou para mim. Analisou o aparelho que monitorava meus sinais vitais e pareceu satisfeito.

- Ainda sente dor? – segurou meu rosto com as mãos analisando meus olhos. Foi quando realmente me olhou parecendo surpreso.

- Um pouco. O remédio está fazendo efeito rápido.

- Seus olhos são lindos, senhora... – voltou a olhar na prancheta – Foster – fui surpreendida com suas palavras. Que loucura era aquela? Nenhum documento meu continha o suposto nome de casada. – Diferentes. – Sorriu para mim. Era um médico jovem e bonito.

- Obrigada!

Senti seus dedos vasculhando a minha cabeça e entendi que ele buscava por elevações ou pontos maiores de dor. Seus olhos não deixaram o meu rosto. Fiquei confusa sobre isso. Não sabia se ele me admirava ou se observava minhas reações a sua busca por focos de dor. Fiquei nitidamente envergonhada. Depois o médico se afastou e pegou alguns exames.

- Parece que está tudo normal, como a pancada foi forte, a senhora teve muita sorte. Pelo que vi nos noticiários, o acidente foi sério. Vou deixá-la em observação por mais algum tempo e se nada acontecer te darei alta amanhã pela manhã.

- Amanhã? – quase gritei. – Doutor, eu estou ótima! – ele riu.

- Não posso te liberar assim. A pancada foi violenta, você pode ter reações como vômitos, dores de cabeça fortes e também tontura e desmaios. Se isso acontecer é melhor que esteja no hospital.

- Mais um dia – suspirei. Resolver o meu problema estava ficando cada vez mais difícil.

- Vai passar rápido. O dia já está quase acabando – ele se despediu, dando-me mais uma olhada, e saiu do quarto.

- Comporte-se, garota, ou então vou pedir ao médico para te manter aqui por mais alguns dias – Jessye ameaçou.

- Por que fui internada como senhora Foster? O que aconteceu com o meu

nome de solteira?

- Pegou fogo. Tudo o que estava dentro do carro virou cinzas e isso inclui seus documentos. Graças a Deus, Douglas estava com a carteira no bolso da calça e dentro dela estava a certidão de casamento de vocês – droga! Mais um problema para resolver.

- E minhas roupas?

- Cinzas.

- Droga! Como farei?

- Vamos dar um jeito – Jessye desviou os olhos. Ela sempre fazia isso quando não queria revelar alguma coisa. O que estava acontecendo?

- Você vai ficar aqui comigo?

- Ah... – Jessye não era bem o tipo de amiga que abandonava seus planos para ser solidária. – Na verdade eu acho que Douglas deveria ficar.

- Douglas vai me matar se ficar comigo. Jessye, você é minha amiga – ela ficou contrariada, mas acabou cedendo.

Passamos o restante do dia assistindo TV e conversando besteiras. Com as medicações eu dormi com muita facilidade e em diversos momentos. Pensava muito em Douglas e em como seria o nosso reencontro, mas, no momento, estava mais preocupada com o *tablet*. Ainda bem que eu enviava tudo o que escrevia para meu e-mail. Meu trabalho não havia se perdido.

Onze dias antes

Recebi a visita do médico ainda cedo. Eu estava doida para voltar para casa. Jessye teve que ir ao hotel, pois Douglas deveria estar no hospital para cuidar da parte burocrática, já que ele era o meu “marido”, o meu responsável legal e precisaria assinar os documentos.

Tive medo do nosso reencontro, Jessye prometeu que também estaria lá. O que não aconteceu.

Douglas entrou no quarto carregando uma pequena sacola com roupas e alguns itens de primeira necessidade que as meninas mandaram. Fiquei muito agradecida, afinal eu não poderia sair do hospital vestindo a horrível camisola deles.

O médico chegou para assinar a alta e fazer as últimas recomendações. Acredito que ele voltou também para dar uma última olhada em mim, pois assim que viu o meu “marido” no quarto ficou um pouco sem graça e perdido. Douglas percebeu. É claro! E mesmo optando por não falar nada, estava explícito em sua cara que não tinha gostado nadinha daquilo.

- Bom, Sra. Foster, não posso dizer que a senhora está pronta para outra – sorriu largamente. – Mais cuidado nessas estradas e não se esqueça dos analgésicos. Caso volte a sentir dor ou qualquer outro sintoma suspeito, retorne imediatamente para o hospital.

- Claro! – mantive os olhos baixos. Eu já tinha problemas demais com Douglas, acrescentar mais um era desnecessário.

O médico saiu deixando-nos sozinhos. Nós não falamos nada além de como eu estava me sentindo. Ele aparentava estar mais calmo, contudo ainda distante. Entrei no banheiro, tomei um banho rápido, escovei os dentes e vesti o vestido que reconheci ser da Hilary. Ele apesar de não ficar tão bem em mim quanto ficava nela, serviu. Calcei a sapatilha também enviada por ela e penteei os cabelos.

Quando saí do banheiro, Douglas não estava mais lá. Peguei a sacola e deixei o quarto. Encontrei meu “marido” no final do corredor. Ele estava

assinando alguns papéis sem prestar muita atenção em mim. Sentei na recepção e aguardei.

Depois de um tempo curto, ele passou por mim pegando a sacola das minhas mãos e caminhou até o carro alugado por Jessye. Entramos sem nos falar.

Fizemos todo o percurso em silêncio. Quando ele conduziu o carro em direção a entrada do hotel, fiquei chocada com o que eles tinham escolhido para se hospedarem enquanto me aguardavam. Nem preciso dizer que o hotel era um dos mais luxuosos de Las Vegas.

Nunca imaginei que algum dia me fascinaria com um passeio por Las Vegas e muito menos que ficaria hospedada no Bellagio. Como pagaríamos? Douglas entregou a chave do carro ao manobrista e me ajudou a sair. Ainda em silêncio. Passamos pelos leões de... bronze? Não sei ao certo. Sempre fui péssima com detalhes. Não reconheço o material, a não ser que seja algo muito óbvio, mas... Enfim, passamos pelas duas estátuas que guardavam a entrada do hotel e deixavam bem claro do que falávamos. Luxo puro.

Tudo muito iluminado, apesar de ser dia. A arquitetura em estilo clássico, mesclando cores claras, flores, prevalecendo o verde e luminárias. Em diversos pontos, havia cores fortes e chamativas simulando flores. Em um dos espaços, o teto parecia um jardim colorido, vibrante que descia do teto. Era magnífico!

Douglas parecia indiferente ao local. Ele caminhava na frente, sem se preocupar comigo ou com qualquer outra coisa e não demonstrou estar incomodado com a quantidade de turistas que circulavam pelo local tirando fotos de cada detalhe. Caminhamos pelo hotel e toda a sua magnitude quase intimidante, entramos no elevador e fomos em direção ao quarto. Douglas apenas olhava para o cartão de acesso em suas mãos.

- Onde as meninas estão?

- Provavelmente na piscina, ou fazendo compras, ou passeando por aí – deu de ombros e permaneceu olhando para as mãos.

Uma pontada me deixou um pouco decepcionada. Minhas amigas não tinham ficado para me receber. Será que também estavam irritadas comigo?

Saímos do elevador e andamos por um corredor iluminado no mesmo estilo clássico da recepção. Tudo muito claro. Caminhamos até o final e viramos a esquerda e paramos de frente a uma porta dupla de madeira clara, o que chamou a minha atenção, pois parecia ser um dos melhores quartos. Ele abriu a porta e entrou junto comigo. Fiquei fascinada com o que vi.

Logo na entrada, duas cadeiras elegantes, estilo, chinês davam a ideia do espaço que encontraria. Um enorme espelho, quase que de corpo inteiro, estava na parede do corredor despertando a minha atenção assim que chegamos. Dei mais alguns passos e uma espaçosa sala surgiu, com luzes embutidas no teto, paredes que revezavam entre puramente brancas ou cobertas pelo que parecia ser uma fina camada de madeira lisa e uma sofisticada lareira embutida que incrementava a decoração.

De frente para a lareira um conjunto de sofá extremamente convidativo e confortável com almofadas marrons. Ao lado de cada um havia esculturas e vasos que pareciam valiosos. O jarro com rosas vermelhas, sobre uma mesa baixa chamou a minha atenção, pois dava um tom romântico e parecia ser proposital.

Mais à frente, outro conjunto de móveis de igual sofisticação, decorava outra área. Uma mesa redonda de madeira, com duas velas adornando-a. Havia quatro cadeiras com almofadas nos acentos assentos e nos respectivos braços num tom um pouco abaixo do utilizado nas que estavam em cima do sofá. Uma sofisticada luminária planava acima da mesa como uma nuvem em movimento. A parede de vidro permitiam que a vista fosse admirada.

Douglas passou por mim, levando a minha humilde “sacolinha” contendo apenas as roupas que tinham sobrado. As mesmas que eu usava no dia do acidente. Relembrar me fez sair um pouco do deslumbramento pelo quarto para a realidade do problema com meu “marido”.

Ele passou por um pequeno corredor, com um aparador contendo mais rosas vermelhas e depois abriu a porta, tão linda quanto o restante do ambiente, revelando o quarto.

- Este é o meu quarto?

Quase me atirei na cama de tão convidativa que era. Imensa e alta, exatamente como eu gostava. Parecia extremamente confortável, tanto quanto o sofá que estava a alguns metros dela. Os lençóis brancos e leves me fizeram suspirar desejando me deitar sobre eles e aspirar o cheiro que exalavam. Provavelmente deveria ser tão bom quanto o restante do cheiro do quarto.

Era tão grande quanto a sala e poderia alojar tranquilamente uma família inteira. Observei a poltrona encostada na parede contrária à cama. As duas paredes que ficavam ao seu lado, eram na verdade duas imensas janelas de vidro que permitiam que todo o brilho de Las Vegas se projetasse no interior do quarto.

- O nosso quarto – Douglas disse sem nenhuma emoção rompendo o meu

deslumbramento.

- O quê? Não precisamos... Não temos motivos para manter esta farsa Douglas.

Ele não me olhou, nem pareceu abalado pelo que eu dizia. O quarto era perfeito, isso não significava que eu poderia dividi-lo com Douglas. Eu era bem crescadinha para saber no que aquilo iria dar.

- Você perdeu tudo seu. Nada de documentos, roupas, dinheiro, cartões de créditos, nem mesmo o seu *tablet* – riu ironicamente.

- Vou ficar no quarto com uma de minhas amigas – comecei a me retirar, pois estava me sentindo humilhada.

Não precisava dele, muito menos do seu dinheiro. “Filhinho de papai. Músico frustrado. Imbecil de merda!” Eu sairia dali, conseguiria o divórcio e depois disso não precisaria mais vê-lo.

Douglas me olhou diretamente nos olhos pela primeira vez no dia. Seus olhos negros como carvão me reprovavam.

- Suas amigas estão acompanhadas e dividindo os quartos com os meus amigos. Mas você pode tentar.

- Jessye...

- Está com Michael. Hilary com Bill e Sandy com Juan. Você não tem muita escolha.

Sentei na cama me sentindo péssima. Eu não podia ficar com ele. Não da forma como estávamos. Também não podia aceitar ser sustentada. Não depois das suas insinuações. Era ridículo! Absurdo! Só tinha uma saída, ligaria para John. Era uma emergência e ele teria que entender. Mas pelo visto eu tinha perdido o meu celular também.

- Eu vou dar um jeito – Douglas me encarou surpreso. Abri a porta do quarto.

- Para onde você vai?

- Vou dar um jeito, mas não vou ficar aqui com você. Vou dormir na rua se necessário, ou vou para a estrada pedir carona.

- Boa sorte, então – deu de ombros.

Fiquei chocada. Como ele podia ser tão frio? Tá certo que eu aprontei várias e que tinha, de certa forma, explodido o seu carro, mas isso não lhe dava o direito

de me desprezar.

Saí do quarto com a cabeça erguida. Era patético, mas não ficaria nem mais um segundo ao lado dele. Desci com medo de não conseguir encontrar o caminho de volta para entrada do hotel. Graças a Deus consegui e passei de novo pela recepção deslumbrante. O que eu faria? Nem sabia o número do quarto das meninas.

Decidi sentar na calçada e aguardar por elas. Era o melhor que poderia fazer naquele momento. Não podia andar por Las Vegas tentando encontrá-las. O correto seria esperar. Com certeza elas dariam um jeito de me ajudar.

O tempo passava e ninguém chegava. Era angustiante. Assisti ao início do show das cascatas e luzes, que acontecia várias vezes ao dia. Era realmente lindo! Espetacular. De tirar o fôlego. No entanto, enquanto as águas dançavam, seu balé único, eu só conseguia sentir medo do que poderia acontecer.

Quanto mais o tempo passava, mais angustiada eu ficava. Elas podiam ter me esquecido, ou até poderia acontecer de não se importarem, ou até me forçarem a ficar no quarto do Douglas, já que eram completamente a favor dele. Que merda! Precisava que estivessem ali me demonstrando que estava tudo bem. Precisava delas.

Lamentei a perda do meu celular. Com ele, poderia ligar para John e tudo estaria resolvido. Ele gritaria e me ameaçaria por ter me casado com outra pessoa, mas jamais me abandonaria a própria sorte em Las Vegas. Caminhei em volta do hotel, sem querer me afastar muito, e não encontrei telefones públicos. Quando já estava desistindo e voltando para mais um espetáculo das águas dançantes, senti uma mão em minhas costas e virei esperançosa pensando ser uma das minhas amigas.

Era Douglas. Ele tinha tomado banho. Os cabelos negros molhados desciam em sua testa caindo para o lado. Usava uma bermuda verde musgo e uma camisa preta de algodão, simples e lindo! Estava lindo. Muito lindo.

- O que você quer?

- Cléo, por favor, entre.

- Pra que?

- Você precisa descansar. Não pode ficar o dia todo sentada na calçada como uma pedinte – um sorriso pequeno se projetou em seus lábios. – As garotas vão me matar se te encontrarem aqui – estreitei os olhos para ele.

- Elas vão entender – virei outra vez de costas, porém estava muito tentada a

entrar e usar o seu celular.

- Cléo, eu estou pedindo para você entrar. Não é o suficiente?

- Não.

- Não posso alugar um quarto para você. Por ironia do destino, só tinham quatro quartos disponíveis – então ele também queria ficar em quartos separados? Ficar longe de mim? Por que? – Cléo, eu prometo não encostar um dedo em você. O quarto é grande, posso perfeitamente dormir no sofá. Fica melhor assim?

Olhei para ele com vontade de gritar, mas me contentei em levantar e seguir em direção ao quarto. Não tinha muita escolha. Ao menos poderia ligar para John e acabar logo com aquilo. Fiquei grata pelo fato de ele ter ido me buscar, por isso decidi ser um pouco mais agradável.

- Obrigada, Douglas, foi muito gentil da sua parte – ele me olhou estreitando os olhos.

- Às vezes Cléo. Eu acho que você tem distúrbio de personalidade.

Não podia deixar que a raiva me dominasse. Já tinha o que queria: um quarto e um celular. Brigar com Douglas ficaria para depois. Caminhei em direção ao hotel. Assim que entramos no quarto, perguntei a ele.

- Quando vamos embora?

Precisava saber exatamente o que falar para John e o que eu poderia fazer ou não. Seria ruim ir embora sem Douglas, ele poderia demorar mais do que o necessário a acabar dificultando ainda mais os meus planos.

- Eu tenho que aguardar a liberação do meu carro.

- Quanto tempo?

- Alguns dias.

- Dias? – entrei em pânico. – Eu não posso ficar. Nós não podemos ficar. Temos que resolver o divórcio...

- Calma Cléo!

- Calma? Eu nem tenho roupas. Como posso ficar alguns dias aguardando? – ele passou as mãos pelos cabelos demonstrando impaciência. – Preciso fazer uma ligação. Me empreste o seu celular – Douglas hesitou. – Eu vou ligar para John. Pode ficar tranquilo, não pretendo fazer mais nenhuma besteira.

Ficou pensativo, mas acabou cedendo e me entregando o celular. Tranquei-me no banheiro para ter um pouco de privacidade, apesar do quarto ser parecido com um apartamento e ter divisões que me permitiriam ficar sozinha.

O banheiro era um show à parte. Além de tudo que já sabemos existir em um banheiro e, sem considerar que este era do tamanho da sala do meu apartamento, eu não sabia para que servia um banheiro tão grande, uma vez que era usado apenas por uma ou duas pessoas de cada vez, mesmo assim, era um exagero.

O que o destacava era a sua enorme banheira de hidromassagem de frente para outra parede de vidro, dando a quem estivesse nela uma bela vista da cidade. Era encantador demais para ser rejeitada. E com Douglas então... *“Não. Eu não posso me permitir pensar nele desta maneira”*. Principalmente depois que ele jurou não encostar em mim.

Peguei o celular sem ter medo de realizar a ligação. Disquei o número de John e aguardei. Não atendeu. Olhei o relógio. Meu noivo deveria estar no escritório naquele horário. Aguardei alguns segundos e liguei outra vez. Tocou até dar caixa de mensagem. Liguei em seguida e quando já ia cair a ligação, ele atendeu.

- Alô – pela voz dele, tive certeza de que não estava no escritório.

- John? Graças a Deus! Eu...

- Cléo? – ficou surpreso. – O que você está fazendo? Nós combinamos que não teríamos contato. – John começou a sussurrar ao telefone, o que me incomodou e muito.

- Eu sei, mas...

- Cléo, você concordou – disse irritado.

- John, eu sei, mas...

- John? Algum problema? – ouvi uma voz de mulher muito próxima ao telefone.

Minhas pernas fraquejaram e não conseguia respirar direito. Ele nunca tinha faltado ao trabalho, nem para me ajudar em alguma coisa. Sempre priorizava a sua carreira profissional e agora estava com outra mulher em horário de expediente. Uma das suas experiências.

- Quem está com você, John?

- Cléo não posso conversar agora – falou rápido ainda murmurando.

- Mas John...

- Não posso. Nós combinamos e eu ainda tenho onze dias, até lá não podemos ter contato. Tchau.

Desligou. Eu não conseguia acreditar no que tinha acontecido. Involuntariamente as lágrimas escorreram por meu rosto. John tinha me virado as costas? Que traição! Sentei no chão frio do banheiro e chorei desesperadamente.

Não sabia o que fazer. Sem dinheiro, sem documentos, sem roupas, sem namorado, sem nada. Se eu morresse naquela hora ele só saberia depois de onze dias, quando resolvesse voltar para casa. Se é que voltaria. Estremeci só de lembrar que ele estava acompanhado e que por isso não me atendeu. Chorei mais ainda. Estava me sentindo péssima. Douglas tinha razão. Sempre tinha. Que raiva!

Lavei o rosto e saí do banheiro. Era hora de encarar o problema de frente. Douglas continuava lá, me olhando atentamente.

- Ele não atendeu? – parecia cauteloso. – Foi isso? – as lágrimas voltaram a escorrer por meu rosto. A última coisa que eu desejava era um “eu te disse”.

- Ele atendeu – não tive coragem de olhá-lo nos olhos. Minha voz quase não saía.

- Então por que você está chorando?

- Ele estava acompanhado. Disse que não podia falar. Que nós tínhamos combinado e eu estava quebrando o nosso acordo.

O choro foi involuntário. Estava me sentindo humilhada. Rebaixada. Dez anos ao lado dele e de nada valeu. John não me atendeu porque estava com outra mulher e aquela realidade me tornava um lixo.

Douglas se aproximou de mim. Continuei sem coragem de olhar para ele. Senti seus braços e de repente eu estava sentada em seu colo, com ele acariciando meus cabelos, como se faz com uma garotinha que acabou de cair e machucar os joelhos.

- Vai ficar tudo bem – disse baixinho enquanto me ninava. – Eu estou aqui. Vou cuidar de você.

Chorei colada ao seu peito. Derramando cada lágrima até me sentir melhor. Douglas continuou me ninando e acariciando meus cabelos. Ele era incrível!

- Não vai dizer “eu te disse”? – minha voz estava bem fraca pelo choro.

- Não.
- Você não existe – voltei a encostar a cabeça em seu peito.
- Existo sim. E estou bem aqui, na sua frente.
- Obrigada!
- E me casei com você.
- Obrigada! – dei um risinho cínico.
- Disponha – beijou minha testa e sorriu.

Olhei em seus olhos e só havia doçura neles. Douglas novamente me surpreendia. Ele deveria me odiar, e com toda a razão, mas ele estava ao meu lado, me consolando, sendo a minha força e meu alicerce. Encostei meus lábios aos dele. Pela primeira vez, desde que nos conhecemos eu tomava a iniciativa de beijá-lo. Lógico que tive medo de ele me repelir, afinal de contas meu “marido” tinha todos os motivos para não me querer mais, principalmente pelo fato de eu estar chorando por outro homem, mas ele correspondeu ao beijo.

Beijamo-nos de maneira suave e doce. Eu não estava arrependida, nem me sentia péssima por me permitir estar com ele. Pelo visto, Douglas não se importava com o motivo para ficarmos assim. Uma de suas mãos acariciou minha nuca, meu pescoço, enquanto a outra massageou suavemente minhas costas, transmitindo-me calor. Calor este que me consumiu muito rápido.

Logo estávamos nos beijando com sofreguidão. Suas mãos me colavam ao corpo e, apesar da posição em que estávamos, eu sentada em seu colo, demonstrava o quanto me queria naquele momento. Eu também o desejava, mais do que nunca.

Sem interromper nosso beijo, Douglas me virou de frente, cruzando minhas pernas em sua cintura. Passei a sentir com mais exatidão o seu desejo. Sua mão acariciou meu ombro descendo em direção aos meus seios, me fazendo ofegar. Colei ainda mais meu corpo ao dele que me puxou pelos quadris com vontade.

- Prometi que não encostaria um dedo em você – mas não me largou um só instante.

- Eu não concordei com isso – minha voz deixava claro o que eu queria dizer. Douglas voltou a me beijar, porém, logo depois se afastou um pouco buscando por meus olhos.

- Nós já podemos? – sua voz estava embargada pelo desejo.

- Podemos o que? – podíamos tudo o que ele quisesse. Eu com certeza de

que não lutaria contra.

- Você sabe... Sua menstruação...

- Ah! – minha menstruação. A maldita menstruação.

Que hora mais inconveniente para ser lembrada da sua existência. Douglas ainda me acariciava com as mãos, para que o desejo não cedesse, como se fosse possível.

- Hum! Não. Ainda não.

Afastei-me um pouco. Seus olhos demonstravam o mesmo que os meus: Desejo.

- Droga!

Douglas riu e me manteve junto ao seu corpo. Ele também estava com a respiração descompassada e não demonstrava ter perdido o interesse. Ao menos era o que eu conseguia perceber. Nos beijamos com uma vontade incontrolável de sentir um ao outro. Meu “marido” me deitou na cama ficando por cima de mim.

- Quantos dias mais? – beijava meu pescoço enquanto me perguntava.

- Acho que um... Ah! No máximo dois – mordiscou meu queixo, me fazendo gemer.

- Isso tudo?

- Não é justo – ele riu. – Não dê risada. Isso é sério.

- É? – levantou um pouco para olhar em meus olhos.

- Sim – acariciei seu rosto descendo as mãos pelas suas costas, levantando um pouco da blusa e encontrando a sua pele. – Vamos ter que conter este desejo até que “ela” resolva me deixar.

- Conter?

- Por que eu estou com medo de perguntar o que está passando pela sua cabeça?

- Deve ser porque eu não entendo o que passa pela “sua” cabeça. Qual é o problema?

Douglas não estava brincando. Ele falava sério e eu já estava envergonhada só de pensar no que ele iria me propor.

- Você é uma mulher, Cléo, não tem porque se envergonhar ou se negar a viver coisas que são perfeitamente normais.

- Que tipo de coisas? – fiquei visivelmente envergonhada.

- Se masturbar, por exemplo – acho que meus olhos quase soltaram da órbita, pois Douglas começou a rir de mim. – Pelo amor de Deus, Cléo! Você não é mais adolescente para ter vergonha disso. Vai dizer que você não faz?

- Eu? – estava tão embaraçada que não encontrava algo lógico para dizer.

Douglas percebeu o meu nervosismo e insistiu no assunto. Ele, com certeza, queria me irritar fazendo-me gaguejar e ficar mais envergonhada que eu já estava.

- Você nunca se masturbou? – continuou rindo – Ah! Duvido muito. Você e seu namorado nunca brincaram de coisas diferentes quando você ficava impossibilitada de transar? – a cara dele era absurdamente cínica.

- Não vou falar da minha vida sexual com John, para você – tentei fugir do assunto. Claro que eu e John já tínhamos feito algumas brincadeirinhas, nada que eualaria algum dia para alguém. Para Douglas então... - Tá bom! E aí vamos ou não fazer as nossas próprias brincadeirinhas? – percorreu meu corpo com os olhos. Eu queimei por dentro.

- Que tipos de brincadeiras você quer fazer? – senti vergonha até de fazer a pergunta.

- Existem várias formas de sentir prazer que não estão diretamente ligadas à penetração.

O sorriso no rosto dele era assustador e ao mesmo tempo tentador. Douglas passou as mãos em minha barriga e levantou levemente meu vestido, sem deixar muito à mostra.

- Você pode escolher uma forma de me dar prazer – falava como se conversássemos sobre um assunto casual, como que tipo de café escolher.

- Isso não vai dar certo – admiti timidamente. – Não existem formas de satisfazer a nós dois, estando eu na situação em que estou. – Douglas me puxou para cima dele e eu me senti uma boneca de pano em suas mãos. – Douglas! Isso não vai funcionar.

Mas ele já estava com as mãos dentro do meu vestido, segurando em meus quadris, forçando-me a movimentar o corpo, que correspondeu imediatamente. Seus lábios alcançaram os meus que pareciam famintos. Douglas então segurou minha mão e a conduziu para dentro da sua bermuda.

Meu rosto queimou. Não sei ao certo se de prazer ou de vergonha. Ouvir seus gemidos ataçava a minha vontade de continuar. Para meu desespero, e dele também, o celular começou a tocar. A mesma melodia absurdamente insuportável a meus ouvidos.

Levantei da cama, ainda ofegante, desta vez Douglas não conseguiu me segurar. Caminhei até a janela deixando-o sozinho e aguardei sua reação. Queria saber se ele atenderia ou não. Ele não atendeu. Levantou indo ao meu encontro, e me abraçou por trás.

- Esqueça o celular – pediu com a voz rouca em meu ouvido. Um arrepio percorreu minha coluna.

- Impossível – tentei me mostrar aborrecida o suficiente para não fazer a sua vontade. Foi a vez dele de se afastar, indo até o aparelho para desligá-lo. – Atenda de uma vez essa droga! – era para conter a minha irritação, foi impossível.

- Eu não quero.

- Você tem medo de ceder? É isso? Ela ainda mexe tanto assim com você?

- Simplesmente não quero atender.

- Então atenda e diga que você não quer falar com ela.

- Já fiz isso.

- Então o que...

- Esquece, Cléo! – entendi que a paciência dele estava no limite então me calei tentando recuperar a minha.

- É... Esquece! – Fui em direção a porta.

- Cléo! Vem cá. Não vamos começar tudo de novo por causa de uma ligação sem importância. – Douglas me abraçou beijando meu pescoço. Droga! Por que eu tinha que ser tão fraca quando se tratava dele.

- Quero encontrar com minhas amigas – miseravelmente, eu não sentia mais nenhuma raiva.

- E nós dois?

- Eu preciso resolver algumas coisas.

- Que tipo de coisas? – meu “marido” já estava com as mãos outra vez por dentro do meu vestido e eu já não conseguia resistir à tentação de aceitar a sua

proposta de iniciarmos as nossas brincadeiras.

- Preciso de roupas – meu o corpo estava todo entregue.

- Não para o que vamos fazer agora – mordiscou meu ombro. - Podemos resolver isso depois.

Fechei os olhos e deixei que ele me guiasse nestas novas experiências.

Após algumas horas de brincadeiras, resolvemos sair um pouco do quarto. Eu estava faminta e Douglas muito agitado, principalmente depois que recebeu uma mensagem. Com certeza deve ter sido da “ex”. Na certa ele queria um pouco de privacidade para conversar com ela. Tal fato me atingiu com muita força, mas não questionei sua atitude. Eu sabia de tudo e não havia motivos para modificar as coisas.

Encontramos nossos amigos sentados em uma sala ampla, destinada a espera. Eles estavam entretidos em suas próprias conversas. Quando chegamos todos pararam para nos encarar. Estávamos de mãos dadas. Como um casal. Foi estranho e embaraçoso.

Jessye praticamente fez a dança da chuva para comemorar a nossa chegada. O que só fez com que eu me sentisse pior.

- Você está bem? – Hilary me abraçou com cuidado.

- Pronta para outra.

- Nem brinque com isso. Não quero perder outro carro – Douglas brincou, mas continuava inquieto, olhando para os lados como se estivesse esperando alguém.

- Sandy, como você conseguiu salvar sua bagagem? – notei que ela vestia suas próprias roupas.

- Uma das minhas malas estava no outro carro por isso consegui salvar muita coisa. Hoje nós compramos o que faltava – ficou corada. Sandy não conseguia esconder o fato de estar se sentindo uma traidora por não ter me esperado.

- Vocês foram às compras? E não me levaram? Vocês sabem que eu perdi

tudo.

- Eu vou levar você – Douglas falou ainda ansioso ao meu lado. – Vamos comer? – ele estava sofrendo de IMCPF: Impaciência masculina causada pela fome.

- Douglas, para comprar eu preciso da ajuda delas.

- Eu te ajudo – olhava para os lados, demonstrando não estar prestando muita atenção ao que conversávamos.

- Preciso da ajuda financeira delas – revirei os olhos. - Esqueceu que meu dinheiro virou cinzas? – meu “marido” me encarou como se eu estivesse falando o óbvio. E eu estava mesmo.

- Eu vou comprar tudo o que você precisa Cléo. Agora vamos comer? – simples assim. Ele pagava minha hospedagem, minha alimentação e até minhas roupas.

- Não quero você pagando as minhas contas – era um absurdo eu aceitar. Mesmo ele sendo meu “marido”. Teoricamente, claro!

- Qual a diferença?

- Vou devolver a elas tudo o que gastar. É só chegarmos a São Francisco, eu entrarei em contato com meu gerente e resolverei tudo– ele respirou profundamente.

- Cléo, eu estou com fome. Só poderemos fazer compras amanhã, então vamos ter muito tempo para decidir como faremos. Podemos comer agora?

- Amanhã? – como ele esperava que eu sobrevivesse até o dia seguinte com a mesma calcinha?

- Sim. Tenho que resolver algumas pendências hoje à tarde.

- Mas, Douglas... – cheguei bem perto para falar o que eu queria e baixe a voz, garantindo que só nós dois ouviríamos. – Preciso de calcinhas – confidencieei. Ele sorriu magnificamente.

Douglas chegou bem perto e sussurrou em meu ouvido, descarregando uma corrente elétrica em meu corpo.

- Já resolvi este *detalhe* para você.

- Como? Quando?

- Jessy e vai esclarecer depois. Agora pela milésima vez, vamos comer?

Almoçamos na luxuosa Jean Philippe Pâtisserie. Era muito tarde para um almoço e muito cedo para um jantar. Passamos um tempo admirando a produção dos nossos pedidos, com conversas amenas e depois degustamos o delicioso crepe de salmão. Um sabor inigualável. Douglas tentava disfarçar, mas sua agitação não tinha diminuído, mesmo após a refeição. O que estava acontecendo com ele?

Após o nosso almoço tardio, Douglas me deixou com minhas amigas e disse que precisava resolver as coisas com a seguradora do carro. Apesar de ele estar muito estranho não questionei. Eu também precisava de um tempo livre para cuidar de mim e colocar os assuntos em dia com as garotas. Mesmo ainda magoada com o fato de elas não terem ficado para me receber e não terem me esperado para as compras. Por isso eu estava ainda mais nas mãos de Douglas. Se bem que minhas novas experiências me provavam que não era uma situação tão ruim assim.

Ficamos na beira de uma das muitas piscinas do hotel aproveitando o final do dia quente. Era imensa, linda, luxuosa, como não podia deixar de ser, cercada por espreguiçadeiras brancas, enfileiradas uma após a outra, e completamente enfeitada pelo verde das plantas espalhadas por todos os lugares. Escolhemos uma piscina grande, não por causa do seu tamanho, mas porque estava mais vazia e queríamos um pouco de privacidade.

A água não tinha o tom azul escuro, como o novo padrão de muitas, o azulejo bem claro a deixava como realmente era: transparente, limpa e brilhante, além de convidativa. E os desenhos geométricos no fundo, deixavam-na ainda mais bonita.

Os rapazes, com exceção de Douglas, que insistiu em sair sozinho, alegando não querer estragar a tarde dos amigos com problemas burocráticos, estavam se divertindo em um dos cassinos. Como não quisemos acompanhá-los, ficamos liberadas para nossa conversa entre amigas.

Colocamos nossos biquínis, o meu, emprestado de Jessye, bem no estilo brasileiro, fazer o que? Sou brasileira e prefiro mesmo os biquínis do meu país. Claro que minhas amigas adotaram o meu estilo logo que começamos a amizade. Escolhemos nossas espreguiçadeiras, pedimos bebidas e ficamos estiradas ao sol.

- Michael? – questionei Jessye. Ela estava animada demais.

- Ele é incrível, Cléo! Não sei como não percebi antes. É tão cuidadoso, carinhoso, atencioso, maravilhoso – um suspiro teatral escapou de seus lábios. Jessye começou a rir deliciada com as suas emoções.

- Então é sério?

- Não sei ainda. Pode ser que sim. Quem sabe? Estou apenas aproveitando meus últimos dias de férias. Graças a Deus você e Douglas se acertaram, assim eu ganho mais tempo para desfrutar dos dotes do Michael.

Mordi os lábios. Eu estava em um bom caminho com Douglas e gostava muito do que estávamos vivendo. No entanto não tínhamos um relacionamento certo. A única certeza que tínhamos era de que teríamos um fim e que este estava muito próximo. Dentro de mim, não conseguia identificar se aquela certeza me fazia bem, pois teria a minha vida de volta, ou se já começava a sentir falta do que poderia viver ao lado dele. Era estranho.

- Achei ótimo, vocês duas conseguirem resolver as diferenças sem colocar em risco a amizade. Tive muito medo de até onde chegaria a disputa por Bill.

- Bill é da vida, Cléo – Hilary explicou a realidade que a aguardava. Não parecia insatisfeita ou temerosa. Ela era muito mais “pé no chão” do que Jessye.
- Não nutro esperança. Só quero aproveitar enquanto estamos juntos. Quando eu voltar para a minha vida ele será somente uma gostosa lembrança.

Questionei-me se algum dia conseguiria pensar em Douglas daquela forma. Apenas uma gostosa lembrança. Meu coração ficou pequeno e senti dificuldade para engolir. Era difícil saber? Eu já sentia a falta dele mesmo sabendo que voltaria para mim a qualquer momento.

- Pelo visto só Sandy encontrou sua alma gêmea – ela sorriu confirmando as minhas palavras.

- Somos realmente perfeitos juntos. Mais do que poderia esperar de qualquer homem. Já decidimos que vamos continuar o relacionamento quando esta loucura toda acabar – balancei a cabeça deixando claro que concordava com a decisão deles. – Mas não sou a única. Parece que alguém está vivendo um conflito interno – insinuou.

- Não estou em um conflito. Tive algumas constatações hoje e, pela primeira vez, estou repensando a minha relação com John – elas sorriram animadas. Era tudo o que minhas amigas desejavam. - Não tenho certeza se fiz bem em aceitar a proposta dele.

Foi difícil admitir que elas sempre tiveram razão. Era ainda mais complicado admitir para mim mesma o meu erro. Minhas amigas me olharam

com cara de “eu te disse”. Não tive como reprová-las. Desviei os olhos com a desculpa de pegar a minha bebida.

- Por outro lado, eu não teria conhecido Douglas e não estaríamos vivendo esta maravilhosa aventura. Estou certa?

- Sempre – Hillary levantou seu copo em minha direção.

Brindamos a nossa decisão de fazer aquela viagem. Tinha sido a escolha certa. Podia sentir uma certeza se formar em meu coração. Permitiria tudo o que tivesse que acontecer em relação a Douglas e eu. No final, independentemente do que decidisse, ou acontecesse, daria tudo certo.

Dez dias antes.

Acordei muito cedo. Douglas, para variar, não estava mais na cama. “Droga de homem estranho!” Por que me abandonava todas as manhãs? Por mais cedo que eu despertasse ele conseguia ser mais rápido. O que havia de errado em acordar junto com a pessoa com quem dormiu? Ou pelo menos justificar a sua ausência?

Levantei e fui ao banheiro. Agradei pelas calcinhas novas que Jessye tinha providenciado, a pedido dele, e entrei no banho. Fiquei mais do que satisfeita ao perceber que minha menstruação havia acabado. Estava tão feliz que não consegui tirar o sorriso dos lábios. Douglas era um idiota. Se tivesse ficado um pouquinho mais na cama, seria o primeiro a receber a notícia, e talvez, nós demorássemos um pouco para iniciar o nosso dia.

Vesti o Jeans da Jessye, que ficou justo demais, e no comprimento exato, a camisa branca que Sandy havia emprestado a Sandy que, por muita sorte, estava entre as roupas dela que se salvaram. Era uma maravilha poder vestir algo meu, novamente. As sapatilhas eram as mesmas que Hilary me emprestou para sair do hospital.

Penteei os cabelos e não coloquei maquiagem, já que as minhas jaziam em algum lugar na estrada. Saí do quarto indo direto para o restaurante do hotel tomar o café da manhã. O local estava lotado.

Encontrei Sandy e Juan, grudados um no outro, apesar dos braços das cadeiras separando-os. Pareciam recém-casados. Tão apaixonados! Trocavam comidas e as intercalavam com beijinhos carinhosos. Fiquei feliz em me juntar a eles. Sandy me informou que Hilary e Bill ainda não tinham saído do quarto e que Michael e Jessye estavam passeando pela cidade. Ela e Juan pretendiam visitar alguns lugares também.

Ninguém sabia de Douglas.

Comi sem nenhuma vontade, pois o nó em meu estômago me impedia de ingerir qualquer coisa. Eu tentava programar o que fazer enquanto esperava meu “marido”. Sandy insistiu que os acompanhasse, mas não estava muito animada.

Pensei em conhecer o tão famoso jardim do hotel. Assim não me afastaria tanto.

Havia combinado com Douglas que faríamos compras pela manhã, pois não me agradava a ideia de usar as roupas das minhas amigas. Perambulei pelo hotel aguardando algum sinal de vida dele. Procurei o famoso jardim, que achei facilmente e era esplêndido. Cores vivas, paisagem que deslumbrante e muitas pessoas circulando e tirando fotos. Tentei ficar mais entusiasmada e passei uma longa hora sendo uma turista. Lamentei não poder tirar fotos. Meu celular não existia mais.

Continuei procurando por Douglas, mesmo tendo consciência de que ele podia não estar no hotel, era uma forma de passar o tempo e conhecer um pouco mais do local onde estava hospedada. Eu o encontrei quando resolvi procurar na área da piscina

Fiquei chocada com o que vi. Douglas estava sentado em uma cadeira, na beira da piscina, conversando com uma mulher. Uma linda mulher, diga-se de passagem. Ele parecia confuso e agitado, como tinha ficado durante todo o dia anterior. A mulher falava alguma coisa, como se tentasse convencê-lo e ele balançava a cabeça negando. Meu coração disparou. Com certeza aquela era Michele.

Como? Ela teria sido o motivo de seu desaparecimento no outro dia, a tarde inteira, e da sua estranheza durante a noite? Deve ter sido por isso que ele acordou tão cedo. Podia sentir a raiva, angústia, e decepção subindo pela garganta.

Senti como se meu mundo fosse feito do material mais frágil possível. Eu e Douglas estávamos construindo um castelo de areia, composto de momentos, sem nenhuma consistência para se manter de pé. Éramos apenas novas experiências. O remédio um do outro e era somente nisso que nosso relacionamento era baseado.

Michele era linda. De verdade. Como as modelos que eu via nas revistas. Um rosto com linhas perfeitas e um sorriso encantador. Seus cabelos loiros eram de uma beleza indescritível. Era diferente, assim como eu, só que ainda mais exótica e bonita. Estava sentada, mas dava para ver que seu corpo era tão maravilhoso quanto o rosto. Perfeita! Meu coração afundou no peito. Era ela quem ele queria, não a mim.

Não sei dizer porque ao invés de me afastar fui me aproximando aos poucos, sem chamar a atenção para a minha presença. Eles continuavam o diálogo sem me notar, o que me machucava ainda mais. O problema era que não tinha o direito de me sentir assim. Eu voltaria com John no final do nosso

caminho. Queria me separar de Douglas e voltar para a minha vida. Então por que doía tanto vê-los juntos? Ou não era o que eu realmente queria? Minha mente oscilava entre uma verdade e outra.

- Nós já conversamos a esse respeito várias vezes – Douglas dizia com a voz dura, apesar de ser perceptível que esta não era a sua vontade. Seus olhos demonstravam compaixão.

- Eu liguei várias vezes. Tentei avisá-lo que estaria aqui – para piorar o meu despeito, a voz da mulher parecia veludo. Era só o que faltava. Não bastava ser bonita, tinha que ser sensual e ter uma linda voz. Tão injusto!

- Michele, eu estou envolvido em uma situação complicada, não posso conversar com você agora. E este não é o melhor lugar para resolvermos esse assunto.

- E onde seria, Douglas? Eu tenho me desdobrado para me aproximar – colocou a mão em cima da dele que não se desvencilhou. – Você não está permitindo.

- Não posso agora. Eu...

- Oi – não acreditei no que tinha feito, mas estava tão perto e ele não havia me notado. O que eu estava fazendo? Minha vontade era pedir desculpas, fugir correndo para o quarto, me trancar lá e não sair nunca mais. Douglas me olhou assustado puxando a mão da de Michele.

- Cléo? – levantou rapidamente. – Eu...

- Cléo? – Michele levantou olhando-me atentamente. Douglas ficou embaraçado.

- Ah! Michele esta é a Cléo... Cléo... – sinalizou com a mão me indicando de quem se tratava. Meus olhos fixaram nele e os dela não saíam de mim. Fiquei aguardando pelo “minha esposa” como vinha fazendo questão de acrescentar, ele não disse nada e meu coração foi enterrado naquele momento.

- Prazer – fui me afastando dos dois. – Douglas se você quiser cancelar, por mim tudo bem – ele parecia visivelmente abalado. O que estava pensando? Que eu contaria a sua “namorada” o que ele andou aprontando?

- Não. Eu já ia te procurar.

- Tudo bem. Vou aguardar na recepção – dei as costas e saí de lá quase correndo. Douglas não falou nada.

Assim que saí das vistas deles procurei o banheiro mais próximo e me

tranquei nele. Minha respiração não normalizava. Tentei, sem muito sucesso, me acalmar. Lavei o rosto e fiquei encostada à parede enquanto decidia o que fazer.

Quando cheguei à recepção, Douglas estava me esperando. Continuava sem graça e eu sem saber o que dizer. Sinalizei com a cabeça que poderíamos ir, então saímos para pegar o carro. Mais uma vez, o silêncio reinava entre nós dois.

Não conseguia parar de pensar no quanto ele ficou confuso ao lado da “ex”. Douglas ainda a amava. Era fato. E toda aquela conversa sobre não conseguir me tocar como tocava se ainda a amasse? Estava tão confusa com todos os sentimentos que me consumiam que não percebi quando parou o carro e ficou me analisando.

Eu não queria ter aquela conversa. Não havia nada a ser dito. Estávamos casados apenas porque não pensamos no que fazíamos. Foi um erro. Uma brincadeira cuja consequência não fora medida. Douglas tinha o direito de viver a vida dele com quem quisesse. Nós sabíamos disso e era o certo. Em alguns dias estaríamos divorciados, cada um iria para o seu lado. A única dúvida era se nossos lados eram realmente opostos. Se bem que tal detalhe não importava mais.

Abri a porta do carro incentivando-o a fazer o mesmo. Quanto mais rápido chegássemos, mais rápido terminaríamos e ele poderia voltar para Michele. Quase vomitei pensando nos dois juntos.

Caminhei ao seu lado sem dizer nada, o turbilhão de pensamentos em minha cabeça me impedia. Não sabia o que fazer, nem para onde ir. O cartão de crédito de Hilary em meu bolso me dava segurança, porém havia decidido comprar pouca coisa, somente o básico, afinal de contas teria que pagar a fatura depois. “Lá se vai mais uma parte das minhas economias para o casamento”, pensei desconfortável.

Entramos no shopping e Douglas tocou de leve em minha cintura me conduzindo em direção a uma gigantesca loja. Seu toque, depois de tantos sentimentos contraditórios, me fez suar. Como era possível? “Eu devo ser uma espécie de louca psicótica, ou algo parecido, para me derreter, descaradamente, de desejo por uma pessoa que conheci há tão pouco tempo”. Por que não era daquele jeito com John? Tá, tudo bem, a diferença entre os dois era gritante.

Aí estava a minha resposta. John era um lar aconchegante e familiar, enquanto Douglas era um parque de diversões. Completo! Foi impossível conter o suspiro que escapou de meus lábios.

A loja era incrivelmente grande e tinha tudo para atender as minhas necessidades. Eu estava insegura. Não queria gastar muito, apesar de precisar de

praticamente tudo. Douglas aparentava serenidade. Caminhou com segurança indo em direção a uma vendedora que o olhou de maneira indecorosa. Acredito que se não fosse pela minha presença, ela o convidaria para conhecer os provadores. Revirei os olhos, irritada com o poder dele sobre as mulheres.

Já teria que devolvê-lo para Michele e ainda iria dividi-lo com uma vendedora oferecida? “Ah não! Não será tão fácil!”, pensei inconformada. Ainda teríamos alguns dias até o divórcio e não o deixaria nem para Michele, nem para a vendedora, nem para ninguém. Quase gritei essas palavras, mas me contive. Um plano de vingança já se formava em minha cabeça.

Comecei a caminhar entre as araras, analisando algumas delas sem muita atenção.

- Posso ajudar? – a oferecida perguntou diretamente a Douglas, como se eu não estivesse lá.

- Precisando de tudo. Roupas, sapatos, acessórios... Tudo – piscou para a vendedora. - Por favor, faça esta linda mulher feliz – ele me deu um olhar carinhoso com aqueles olhos negros que ferviam meu sangue.

Fiquei envergonhada. Queria matá-lo há alguns minutos, mas depois, com ele me olhando daquele jeito, eu não conseguia sentir nada diferente da entrega que meu corpo exigia.

- Não tenho certeza se gostei de algo. Não pretendo comprar a loja inteira, somente o que estou precisando – fiquei presa àquele olhar penetrante.

- Você ainda não conheceu a loja toda. Circule um pouco. Experimente algumas roupas. Fique tranquila – ele pegou a carteira em seu bolso e retirou um cartão de crédito negro. Não acreditei no que meus olhos viam. – Tome. Fique com este. Eu usarei o outro – peguei o cartão, ainda sem conseguir me sentir confortável.

Ofendida e ao mesmo tempo encantada com tamanha sensibilidade e delicadeza segurei o cartão sem dizer uma palavra. Não podia pedir a ele para não pagar as minhas contas porque só iria fortalecer a tentativa da vendedora de fisgá-lo. Então coloquei no bolso, decidida a não utilizá-lo.

- Não vai me acompanhar?

- Estarei em outra loja. Esta é exclusivamente feminina. Vou procurar algo para mim – concordei e ele foi embora sem olhar para trás.

Meu coração acelerou. E se fosse apenas uma desculpa que o ajudasse a voltar para Michele enquanto eu ficava deslumbrada na loja gastando o seu

dinheiro? Tive vontade de desistir, no entanto me contive. Se Douglas agisse daquela forma estaria em seu direito e eu não podia cobrar nada.

Olhei para a vendedora que continuava olhando descaradamente Douglas enquanto ele saía da loja. Mordia o lábio inferior e ao mesmo tempo sorria maliciosamente. Minha vontade era pegar as araras e atirar na cara dela. Quando meu “marido” sumiu de vista, a mulherzinha, finalmente se voltou para mim. Um sorriso plastificado no rosto, como se não tivesse feito nada demais.

- E então? Por onde começamos? – sua voz forçada de simpatia exagerada me emburruava o estômago. Senti o cartão de Douglas queimando no bolso de trás do meu jeans.

- Não sei ao certo. Sou muito indecisa – olhei ao redor da loja e acrescentei. – Vamos começar pelas regatas e os jeans, depois camisas, saias, vestidos, biquínis, lingerie e... – fingi pensar em algo. – Sapatos. De todos os tipos e cores – fiquei feliz com a sua cara de surpresa, já sonhando com o tamanho da comissão que receberia. Ótimo! Ela teria muito trabalho.

- Pelo visto seu “amigo” é um homem muito generoso – seus pensamentos me atingiram como uma tijolada. Eu podia ouvir as engrenagens daquela cabeça decorada com cachos falsos, trabalhando em algo muito fácil de se adivinhar: Douglas e a sua fortuna.

- É sim – queria arranjar uma maneira de arrancar aqueles olhos piscantes e o sorriso meloso de quem sabe exatamente o que fazer para ganhar a atenção de um homem.

A vendedora saiu para pegar algumas peças. Fiquei olhando, sem muito interesse para as que já se encontravam diante de mim. Separei as que me agradaram levando-as para o provador. Experimentava e até gostava de algumas, mas minha cabeça não estava em um dia bom para compras, o que dificultava a decisão.

A cada instante a vendedora trazia mais e mais peças. Comecei a agir mecanicamente, colocando e tirando roupas, sem me dar ao trabalho de admirá-las. Resolvi deixar todas separadas para depois escolher quais levaria.

Do lado de fora do provador não apenas a vendedora que me atendia aguardava por mim, todas as demais vieram conferir a garota que estava com um super cartão de crédito de um cara gostosão e que iria fazer uma “limpa” na loja. Se elas soubessem...

“É isso! O plano perfeito” vibrei sentindo o gosto da vitória. Saí do provador com mais algumas peças nas mãos e as entreguei a vendedora para que

colocasse junto com as outras.

- Então... – a mulher começou a falar fingindo desinteresse enquanto me passava um vestido preto, pequeno e curto. – Ele é seu namorado, ou algo parecido?

- Douglas? – entrei no ritmo dela sem dar-lhe pistas do que eu estava fazendo. – Não – ri como se tivesse feito uma pergunta absurda. Vi quando sorriui satisfeita e trocou olhares cúmplices com as demais vendedoras. – Quer dizer... Para todos os efeitos, sim.

Não estava mentindo, apenas omitindo umas “coisinhas”. Voltei ao provador e coloquei o vestido que ela tinha escolhido. Estava mais disposta e interessada. Executar a vingança despertou em mim a vontade necessária para fazer compras. Era lindo e ficou perfeito.

- Como assim? – ficou curiosa e se encostou à porta para continuarmos conversando. Meu sorriso foi triunfal.

Douglas pagaria por tudo o que tinha me feito passar e de quebra eu ainda tiraria aquele bando de piranhas do meu caminho. Terminei de ajustar o vestido que era realmente esplêndido no corpo e abri a porta fazendo cara de desolada e desfilei para elas.

A vendedora me entregou um par de sandálias de saltos finos. Sentei em uma cadeira para calçá-las tentando não parecer muito ansiosa para contar o que tinha em mente. Fingi desinteresse na conversa. Elas ficaram em silêncio aguardando, expectantes, pelo que eu diria, então resolvi colocar um pouco mais de tempero na história.

- É meio complicado – fiz cara de quem não deveria revelar um segredo, elas ficaram ainda mais curiosas. Sorri como elas sorriam para mim e resolvi contar. – Douglas na verdade é um grande amigo – pude ver seu olhos brilharem. O sorriso que se formou em seus lábios, revelava o que pensavam. – Sabe aquele tipo de amigo que toda mulher gostaria de ter? – elas pareciam não entender o que eu queria dizer, por isso fui mais clara. – Douglas... Aquele homem lindo, gentil, generoso, rico, carinhoso e maravilhoso que vocês viram sair daqui... É gay – fiz a minha melhor cara de inocente, me deleitando com as caras de decepção delas.

- Gay? – a mulher quase gritou surpresa e assustada ao mesmo tempo.

- Desperdício, não? – tentei ficar séria. Imaginava o que Douglas faria comigo se descobrisse o que havia aprontando.

- Realmente – com os planos desfeitos a vendedora passou a falar

abertamente.

- Pois é! Penso sobre isso todos os dias – comecei mexer no amontoado de roupas que havia separado. Eram muitas. Não poderia levar nem metade delas.

- Então vocês precisam fingir que são namorados? – o interesse no “meu” homem passou a ser apenas fofoca. Fiquei satisfeita.

- Precisamos. A mãe dele é uma megera – pedi perdão mentalmente a Alicia, que havia sido ótima comigo. – Ela nunca aceitaria que ele fosse feliz ao lado de outro homem – estreitei os olhos parecendo partilhar um segredo.

- Coitado! – a outra vendedora, que acompanhava a conversa, falou colocando alguns biquínis diante de mim. Separei os menores e coloquei no monte.

- É sim. E ele sofre tanto! Ele tem um namorado, sabe? Tudo escondido, para que a mãe não descubra. São tão apaixonados! – suspirei. Descobri minha veia artística e estava me saindo muito bem. – Dá dó ver o sofrimento deles por não poderem ficar juntos às claras. É por isso que eu permito que me compre tantos presentes, já que precisa justificar o dinheiro que gasta com o namorado. Dessa maneira conseguimos enrolar a mãe dele... Faço em nome da nossa amizade. Tento ajudá-lo na medida do possível.

- Muito legal de sua parte. É realmente uma pena – a ex-candidata a namorada falou com sinceridade. Ela havia ficado compadecida e eu me abraçava internamente por ter conseguido queimar o filme do Douglas, para aquele bando de oferecidas.

Olhei-me novamente no espelho e achei que a combinação ficou perfeita. Então vi, ao fundo, da imagem, Douglas chegando. Ele trazia algumas sacolas e falava ao celular com alguém. Meu sangue gelou nas veias.

Tentei permanecer firme. Ele me olhou por um instante, depois seus olhos percorreram meu corpo, tão bem delineado pelo vestido. Mordeu os lábios e deu um sorriso safado. Minhas pernas bambearam só de imaginar o que pensou.

- Tudo bem, mãe. Eu não liguei, porque não foi necessário – fez uma pausa demonstrando impaciência. – Eu sei. Foi por isso que não quis te contar... Estamos bem, mãe... – ficou calado ouvindo, mas deixou que seus olhos me devorassem sem nenhum pudor. – Claro que a Cléo está comigo, onde mais ela estaria? – outra pausa, desta vez ele riu. – Tá certo. Ligo depois. Beijo.

Desligou o telefone mantendo seu olhar em mim. Todas as vendedoras olhavam para ele. Não com o mesmo olhar de quando meu “marido” entrou na loja pela primeira vez. Depois de tudo que inventei, elas o admiravam de

maneira fraternal. Era hilário.

- Nunca pensei que pudesse ficar ainda mais bonita, Cléo. Você está... Deslumbrante! – tive medo de que ele estragasse o meu teatro.

- Vou me trocar.

- Já decidiu o que vai levar?

- Ainda não, estou quase terminando. Aguarde só mais alguns minutos enquanto eu tiro este vestido.

Entrei apressada no provador e comecei a tirar a roupa o mais rápido possível. Não podia correr o risco de ser desmascarada pelas vendedoras. O meu medo não era delas, mas do que Douglas faria comigo se descobrisse o que inventei a seu respeito.

- São aquelas – uma das vendedoras falou perto do provador. – E o vestido que estava usando quando você chegou – depois se afastou e eu não consegui ouvir mais nada. Entrei em pânico. O que faziam?

- Cléo? – ouvi a voz da mulher. – Douglas quer o vestido e as sandálias também – para que ele os queria?

Tive medo de perguntar, então peguei tudo e entreguei a ela por cima da porta. Ajeitei-me da melhor maneira possível e tomei coragem para sair do provador. Douglas estava sentado numa cadeira. Diante dele havia uma mesa com um copo com água. Tive medo de ir até lá, porém nada parecia estar fora da ordem, então relaxei.

Quando estava me aproximando, uma das garotas chegou com a máquina do cartão, entregou a ele que digitou a senha, devolvendo-a. Em seguida as demais vendedoras surgiram com diversas sacolas. Procurei pela pilha de roupas que havia separado, e não encontrei nada. Ele tinha comprado tudo.

- Pronto? – levantou para me receber, como se não tivesse feito nada demais.

- Eu ainda não tinha escolhido.

- As garotas me disseram que todas ficaram lindas em você, então decidi comprar tudo – falou naturalmente, como se estivesse me dizendo que tinha dormido bem.

Nem queria imaginar o tamanho da minha dívida. Não precisava daquilo tudo. Meu guarda-roupa estava repleto. Não havia espaço em minha casa para a quantidade de roupas que ele tinha comprado. Como justificaria aquele absurdo a

John?

- Vamos? – sinalizei que sim e ele se despediu das vendedoras saindo em seguida. Eu, ainda confusa, o segui, sem acreditar no que havia feito. Quando estávamos quase no carro consegui falar.

- Não iria comprar tudo. Só algumas coisas...

- Tudo bem. Se ficaram bem em você não tem importância.

- Claro que tem. Quanto estou te devendo? – minha mente trabalhava em contas. Tentava calcular em que ano terminaria de pagar a ele, ou então, adeus casamento perfeito. Todas as minhas economias estavam dentro daquelas sacolas. – Não preciso dessa quantidade de coisas. Vamos voltar e devolver algumas.

- Cléo são presentes. Não precisa me pagar – se fosse tão simples como ele demonstrava, seria ótimo, infelizmente, não era.

- Você não pode me dar uma fortuna dessas em presentes. Não está certo.

- Por que não?

- Por todos os motivos que já estamos cansados de saber – comecei a andar de um lado para o outro no estacionamento enquanto Douglas guardava tudo na mala do carro. – Isso não está certo. Vou te pagar cada centavo.

- Assim você está me ofendendo, Cléo. Não posso presentear a minha esposa?

Douglas devia ter batido a cabeça com força no acidente, por isso não conseguia raciocinar direito. Ele não entendia que nós dois teríamos um fim e que não seria um final feliz?

- Douglas, não faça isso.

- O que?

- Não aja como se fossemos um casal de verdade, você sabe que não somos. Eu... – puxei o ar com força. Não sabia como falar o que achava de tudo sem iniciar uma discussão. – Michele está na cidade. Você pode ter de volta a sua vida com ela, então vamos simplesmente resolver a nossa situação e seguir nossos caminhos, certo?

Ele coçou a cabeça e sem responder entrou no carro. Eu o segui. Ficamos em silêncio. Como eu não conhecia nada da cidade, Douglas desviou o caminho e logo estávamos em uma estrada de chão, deserta. Meu “marido” desligou o motor e me olhou intensamente. Eu não sabia o que ele queria, ou melhor, podia

adivinhar, mas não estava disposta a ceder com facilidade.

- Cléo, me desculpe. Eu não sabia... – deixou morrer as palavras. O que ele diria? Que não sabia que ainda a amava? Que não sabia o quanto estar com ela era avassalador?

- Nós sempre soubemos que seria desse jeito. Você voltaria com Michele e eu me casaria com John – não conseguia olhar em seus olhos. Minhas palavras praticamente se recusavam a sair. Doía saber como seria.

- Não é bem assim. Não vai ser assim – virou para frente encarando a estrada. Parecia estar sofrendo e confuso.

- Tudo bem, Douglas. Não precisa parecer forte. Eu sempre soube que você ainda a amava.

- Cléo! Você não sabe de nada. Eu... – não teve coragem de terminar. Suas mãos se fecharam com força no volante. Olhei para fora e percebi que estávamos parados no meio do nada.

- Douglas, eu não quero ter esta conversa agora – afirmei decidida. Era melhor demonstrar que não me importava do que desmoronar na sua frente como uma idiota apaixonada. Oh, droga! – Precisamos voltar. Temos que procurar uma forma de resolver o nosso divórcio e... – tagarelei demonstrando todo o meu nervosismo. Douglas soltou o volante e me segurou com força olhando em meus olhos.

- Fique quietinha. Por favor!

E me beijou.

Seus lábios naquele momento não tinham o mesmo sabor para mim, porém eu necessitava deles. A forma como ele falou comigo me fez ceder. Nunca imaginei que uma ordem sua, dada daquela forma, seria acatada tão prontamente. Normalmente eu faria birra, diria que não tinha dono e que ninguém mandava em mim, mas Douglas... Ah! Douglas era Douglas. Mestre em dar ordens que me deixavam ansiosa para atender. Senti meu corpo inteiro vibrar.

Beijamo-nos com paixão. Por outro lado, minha raiva por saber que aquela reação era apenas uma tentativa dele de se manter forte em relação à Michele me fez desistir. E o afastei separando meus lábios dos dele.

- Não – sentia-me indefesa e ferida.

- Por que? – ele segurava minha nuca forçando o nosso contato, sem ser bruto. Até nesta situação Douglas era encantador. Segurava-me com desejo,

também com medo e insegurança.

- Não é a mim que você quer – falar a verdade doía mais do que guardá-la dentro de mim. Sem esconder meu sofrimento, deixei que uma lágrima escapasse.

- Claro que é! Claro que é, Cléo – ele me manteve junto ao seu corpo. O mais próximo que o espaço ao nosso redor permitia.

- Não, Douglas! Não é.

- Sempre foi, Cléo – suas palavras foram ditas com fervor e meu coração doeu com medo de acreditar naquela possibilidade. – Não existe mais ninguém – suas mãos mantinham nossos rostos próximos e os lábios quase se tocavam.

Não tive como fugir do que ele me dizia e me entreguei novamente ao seu apelo. Desta vez o beijo teve o gosto certo, como desde... Sempre. Havia um ingrediente a mais no nosso desejo: o medo e a urgência de sermos um do outro.

Com mãos fortes e decididas, sentou-me em seu colo, colocando-me de frente. Imediatamente puxou minha camisa retirando-a como se não quisesse nada impedindo o seu toque.

- Céus! Como você é linda! Tão perfeita! – parecia delirar enquanto admirava e explorava a minha pele nua. Eu permitia. E adorava.

Minhas mãos se fecharam em seus cabelos prendendo-o por entre os dedos. Eu queria muito mais. Douglas me tocava com urgência, apertando e puxando como se eu fosse desaparecer a qualquer momento. O mesmo ocorria comigo. Praticamente arranquei a camisa dele.

A porta do carro abriu e ele me levou para fora. Não parei para pensar no que estávamos fazendo. Saí sem medo do que iria acontecer. Nada mais importava. Eu queria ser dele e ele estava comigo, então me entreguei ao que desejava.

Senti suas mãos seguras e decididas em minha pele nua. A sensação era de fogo. Quente e provocante. Percorriam meu corpo tirando de mim tudo o que desejavam. Eu apenas obedecia aos seus caprichos. Ele me virou, colocando-me de costas para ele.

Estava apoiada no capô do carro. Sentia-o, sem poder olhá-lo. Estranhamente, aquela posição me deixou ansiosa e excitada. Eu nunca tinha me visto tão dona de mim mesma. Tão desejada e me permitindo desejar. Era fantástico!

Então aconteceu o que acreditava ser improvável.

Ouvimos o barulho de um carro, ainda distante, mas perto o suficiente para seus passageiros compreenderem o que fazíamos. Douglas me virou de volta e me abraçou protegendo-me dos nossos espectadores. Fechei os olhos e tentei ficar invisível.

Impossível!

Podia ouvir os gritinhos e brincadeiras de quem passava pelo outro lado da estrada. Eles assoviavam e riam da nossa situação, no entanto passaram rapidamente e logo estava livre para me recompor. Douglas estava tenso e eu assustada demais para falar qualquer coisa.

- Não se preocupe. Da distância em que estavam não puderam ver muito – ri nervosa.

- Acha que eles podem ter...

- Não. Você estava de costas para eles, então...

- E agora? – levantei a cabeça para encará-lo.

Ficamos nos olhando. Aos poucos a tensão foi cedendo e começamos a rir. Uma explosão de riso que lavou as nossas almas. Douglas relaxou visivelmente. Ele entrou no carro para pegar a minha camisa. Agradei por estar vestida novamente. Graças a Deus, ainda não tinha tirado a calça, se tivesse acontecido eu acho que deitaria na pista aguardando pelo meu fim, de tão envergonhada.

Meu “marido” me abraçou com carinho e sussurrou em meu ouvido:

- Vamos para o hotel. Para o nosso quarto.

Garanto que se houvesse um jeito de me teletransportar eu o faria naquele momento, tamanha a minha ansiedade para continuarmos o que estávamos fazendo. Sorri para ele e entrei no carro. Durante todo o caminho deixei a minha imaginação flutuar com a possibilidade do que aconteceria quando chegássemos. Eu tinha certeza que seria bom, afinal... Douglas era Douglas.

XII

Nove dias antes

- E o que ela está fazendo aqui? – sentia-me à vontade para questioná-lo enquanto brincava com os dedos fazendo carícias leves em seu abdome. Minha cabeça descansava em seu peito.

Estávamos aproveitando as primeiras horas da manhã para ficarmos na cama. Finalmente eu tinha conseguido acordar cedo o suficiente para segurá-lo. Claro que utilizei algumas técnicas para convencê-lo, afinal de contas, ficamos todo o restante do dia anterior ocupados, um com o outro, e não conversando sobre a aparição repentina de Michele.

- Ela está participando de um congresso. Acredito que enviada pela empresa onde trabalha e nos encontramos – Douglas relutava em contar detalhes da conversa deles.

- Por acaso?

- Não. Ela me enviou uma mensagem. Eu tinha dito que estaria na casa de meus pais. Quando descobri que estávamos no mesmo hotel, avisei a ela, então decidimos nos encontrar.

- Ah! – me encolhi em seus braços.

Existia em mim uma sensação desagradável de perda. Ele dissera que não havia mais ninguém, pode ter sido pelo fato de não estar realmente com alguém além de mim, como também acontecia comigo. Não podia dizer que me encontrava completamente apaixonada por ele, ou podia?

Bom... Não queria perdê-lo antes da hora certa e a presença dela me dizia que poderia acontecer a qualquer momento. Como se Douglas fosse correr para a “ex” assim que saísse da cama. Agarrei-me a ele em uma tentativa débil de mantê-lo comigo.

- Agora realmente preciso levantar Cléo – forçou o corpo e eu quase avancei nele para impedi-lo. – Preciso resolver algumas coisas – riu ao perceber a minha reação.

- Que tipo de coisas? – Douglas me olhou divertido. Eu estava sendo infantil.

- Coisas tipo... Coisas – riu com vontade e conseguiu levantar indo em direção ao banheiro.

Juntei o lençol cobrindo-me e abracei meus joelhos. Meu “marido” com certeza iria encontrar com ela. “Como podia? Depois de nossa noite... Do nosso início de manhã... Droga!”

Fiquei aguardando e pensando qual a maneira mais adequada para reagir diante do que estava acontecendo. O mais correto seria levantar a cabeça e encarar tudo com muita naturalidade. Não éramos um casal de fato, éramos apenas experiências.

Pensei em não confrontá-lo, fingindo não me importar que ele passasse o restante do dia com ela. Pensei em conseguir voltar para São Francisco e ficar aguardando pelo divórcio, enquanto ele permaneceria em Las Vegas com a namorada. Pensei em como tudo aquilo era ridículo e absurdo e que, no final das contas, Douglas, John, ou qualquer outro, não fazia a mínima diferença. Pensei também em quebrar o quarto todo e rasgar os lençóis, além de gritar para ele o quanto estava sendo injusto comigo largando-me sozinha para correr atrás de uma mulher que sequer tinha respeitado o relacionamento deles. Rapidamente descartei este último pensamento. Eu podia perder, mas de cabeça erguida.

- Qual é o problema, menina mimada? – saiu do banheiro, usando apenas uma toalha presa na cintura e com outra ele secava os cabelos.

Sua imagem era o que poderíamos entender como o mais próximo dos deuses. Olhei para ele e depois para mim e vi que estava ridiculamente agarrada aos meus joelhos, balançando-me para frente e para trás em um ritual absurdo. Lembrei-me novamente de todas as minhas opções, optei por mentir, mais uma vez.

- Preciso de papel e caneta. Tenho que escrever. Meu celular já era. Meu *tablet* virou cinzas e eu estou ilhada neste hotel sem ter o que fazer.

Ele sorriu e foi em direção às sacolas que tínhamos deixado no canto do quarto quando entramos nos agarrando escandalosamente. Observei o que fazia e cruzei as pernas tentando parecer menos infantil. Douglas tirou duas embalagens e entregou para mim.

- Bom... Você tem muitas opções neste hotel, mas... – deu de ombros. - São para você – colocou as duas caixas a minha frente. – Sem essa de dizer que não pode aceitar, nem que não está certo. Comprei porque sei que você precisa trabalhar e se comunicar – segurei as duas caixas enquanto analisava o que ele me dizia. Depois comecei a abri-las. Fechei os olhos quando vi o que continham.

- Isso é um *Iphone* – levantei o aparelho para ele, que me olhava tranquilamente. – E isso... É um *Ipad* de última geração – Douglas coçou a cabeça, lindamente e me deu um beijo rápido.

- Divirta-se! – levantou da cama e começou a procurar pelas roupas nas sacolas.

- Aonde você vai?

- Já disse, vou resolver algumas coisas.

- Você vai se encontrar com ela? – eu queria fazer essa pergunta um pouco mais tranquilamente, de maneira casual, contudo saiu como se eu estivesse histérica, cobrando satisfações dele. Douglas olhou-me confuso.

- Cléo, você tem mesmo certeza de que quer me fazer essa pergunta? Pensei que nada relacionado a mim poderia desviá-la de sua da obsessão pelo John.

- Não sou obcecada por ele. Somos noivos e vamos nos casar. Apenas isso – respondi atordoada com a capacidade de meu “marido” de mudar o rumo da conversa.

- Então o que importa se eu vou ou não me encontrar com Michele?

Queria dizer um monte de coisas, mas fiquei muda. Douglas encontrou as roupas que procurava: uma calça verde musgo, uma camisa branca e uma jaqueta preta. Pegou também um boné e depois voltou ao banheiro. Fiquei paralisada enquanto escutava o celular dele tocando lá de dentro. Ele não atendeu.

Inferno!

Levantei da cama procurando algo para vestir. Olhei pela janela e o dia estava lindo. Decidi passar algumas horas na piscina, desfrutando dos meus presentes. Respirei profundamente ao me dar conta de que nada daquilo importava. Do que adiantava ter tantos presentes, viver tantos momentos inesquecíveis, se logo ele iria embora? E o pior, para se encontrar com outra.

Separei um biquíni, um vestido e coloquei-os em cima da cama. Douglas saiu em seguida. A princípio nem me olhou, mas viu o que eu pretendia usar e resolveu não me ignorar mais.

- Você vai para piscina?

- Vou – respondi sem encará-lo. – Acho que encontrarei minhas amigas lá. O dia está lindo. Vou aproveitar para curtir um pouco meus novos brinquedinhos

– tentei sorrir e não consegui.

- Cléo, eu não entendo você – desistiu de manter a pose de desinteressado.

- Por que? O que pode existir de tão complicado em ficar um pouco na piscina.

- O complicado é que você escolheu o menor biquíni.

- E daí?

- Daí que... – colocou as mãos na cintura respirando de maneira impaciente. – Você é muito linda para ficar dando sopa na piscina sozinha. O que acha que vai acontecer? – Arqueei uma sobrancelha observando a sua reação.

- Eu sou brasileira, Douglas. Não gosto de biquínis que deixem marcas grandes no corpo.

- Nós não estamos no Brasil.

- Existem hábitos que carrego comigo aonde quer que eu vá – estava adorando vê-lo tão desconfortável com a probabilidade de eu ser paquerada. – Além do mais, não sou sua namorada. Tenha esta conversa com a Michele e faça bom proveito.

- Você é minha esposa – rebateu inconformado. – E Michele não tem nada a ver com isso.

- Tem razão. Ela não tem nada a ver com isso. Por este motivo, Douglas, resolva logo a sua situação com Michele. Eu já tive todas as experiências possíveis com você, mais até do que achei que seria capaz. Está na hora de partir para outra – cruzei os braços e empinei o nariz em desafio.

Na verdade não queria que acabasse, mas era demais ele simplesmente me deixar no quarto, depois de termos feito amor, para sair em busca da ex-namorada. Era muito desaforo

- Você o que? – seu tom indignado quase me fez desistir, contudo permaneci firme. – Preste bem atenção, Cléo... – ele me puxou pelo braço e segurou firme em minha cintura. O lençol cedeu e fiquei nua e vulnerável em seus braços. – Eu serei sua única experiência. Entendeu?

Fiz que sim, assustada demais com a sua reação.

- Ninguém além de mim tem o direito de tocá-la ou de viver novas experiências com você. Fui claro? – minhas pernas ficaram bambas. Maldito homem que sabia a maneira certa de me dar ordens. Assenti novamente sem perder nosso contato visual. – Ótimo! – Ele me beijou com vontade tocando meu

corpo com desejo. – Estou atrasado – disse ofegante. – Vista-se e venha comigo – quase gritei de alegria.

Ele me soltou e eu corri para o banheiro sentindo uma alegria infantil pela vitória. Tomei um banho muito rápido e escovei os dentes. Voltei ao quarto e Douglas estava sentado em uma das cadeiras que acompanhavam a mesa próxima a janela. Continuava me aguardando.

Peguei uma calça jeans, uma camisa preta e corri de volta ao banheiro para me arrumar. Penteei os cabelos, passei um batom nos lábios, peguei as sandálias altas que havia comprado e calcei rapidamente, com os olhos de Douglas cravados em mim o tempo todo. Quando terminei fiquei parada diante dele que continuou me observando, como se não acreditasse no que via.

- Você não estava atrasado? – fingi impaciência. Eu estava mais do que ansiosa para saber o que fariamos e o fato de ele ter me preferido à Michele era um motivo a mais para festejar.

- Estou – levantou ficando de frente para mim. Depois me abraçou fazendo carinho em minhas costas e beijando meu pescoço. – Um dia, Cléo, você ainda vai me enlouquecer – sorri toda feliz.

Aproveitei para inaugurar meu celular ligando para as minhas amigas e avisando que eu passaria um tempo fora com Douglas. Jessye logo pensou em um monte de coisas indecorosas, confesso que, apesar de sem graça pelo que ouvia dela ao telefone, desejava que a nossa fuga do hotel fosse relacionada a algo realmente estimulante, infelizmente não foi.

Passei a manhã inteira dentro de um escritório, enquanto Douglas resolvia as questões burocráticas do carro. Entendi muito pouco do que ele conversava com o rapaz de terno que o atendeu, mas deu para perceber que meu “marido” era um cliente muito importante.

O engraçado era que ele não tirava nenhuma vantagem disso. Nem ao menos se importava com a posição que poderia ocupar simplesmente pelo fato de ter dinheiro. Muito pelo contrário. Douglas era simples. Vestia-se com roupas de qualidade, mas sem nenhuma sofisticação. Seu carro era bom e bonito, mas nem de longe demonstrava sua riqueza. Também não se preocupou em gastar a quantia que gastou comigo nos últimos dias, muito menos com o fato de que seria financeiramente responsável por mim enquanto não voltássemos para casa.

Até seu cartão de crédito continuava comigo. Ele não pedira de volta. Deveria me sentir feliz por isso, eu gostava quando John me mimava com presentes e não me deixava pagar as contas de casa, mas ele fazia apenas para engrandecer seu ego. John pensava alto. Queria ser mais do que era e não se

sentia feliz sabendo que precisava do meu dinheiro, que não era pouco, para nos sustentar. Assim o meu salário era sempre só meu.

Com Douglas era diferente. John era meu guardião. Éramos a fortaleza um do outro. Sempre juntos nos apoiando. Mudamos cedo para um país muito diferente do nosso e em função disso nos acostumamos a viver assim. Não era uma regra. Não que eu não quisesse que a vida sorrisse e eu realmente não precisasse me preocupar com contas no final do mês, porém era estranho aceitar que um homem, praticamente desconhecido... Quer dizer... Quase desconhecido... Fizesse aquilo sem realmente ganhar nada em troca, ou exigir algo em troca.

Durante um tempo até tentei prestar atenção ao que conversavam, no entanto não demorou muito para perder o interesse e me afastar, sentando em uma poltrona próxima de um jarro de flores que havia em um canto da sala ampla. Douglas apenas me acompanhou com o olhar sem desviar a atenção do que estava fazendo.

Ocupei os pensamentos com meus próprios devaneios. Como a vida era estranha, incerta e cheia de surpresas. Um mês antes, nem sonharia que poderia viver tudo o que vivi naqueles últimos dias. Aliás, poderia jurar que dez dias antes nem passaria pela minha cabeça que eu conseguiria transar com outro homem, que dirá fazer todas as loucuras que estava me permitindo fazer.

Sorri e passei as mãos em meus cabelos longos desfazendo os nós. Era gostosa a sensação de liberdade que sentia quando estava nos braços de Douglas. Ele, um completo estranho, que entrou na minha vida da forma mais inusitada possível e estava ocupando a cada dia mais espaço. “E John? Onde estaria John dentro de mim?”, perguntei assustada ao me dar conta de que eu não pensava mais nele com o mesmo carinho ou saudade que de dois dias antes.

Talvez ainda estivesse magoada pelo episódio da ligação. O mais correto seria aguardar nosso reencontro. Só então poderia entender melhor meus sentimentos. Peguei o *Ipad* que Douglas me deu de presente e abri um arquivo novo. O restante do texto estava em meu *e-mail*. Escrevi:

“Acredito que seja natural você se sentir perdida quando está em uma estrada estranha, porém necessária para a sua vida. Quando desejamos algo profundamente, somos forçados a andar pelos caminhos da incerteza e insegurança. O maior problema não é a falta de conhecimento ou familiaridade, mas sim a descoberta do quanto essa estrada é interessante, convidativa e principalmente, o quanto te faz esquecer o que desejou para alcançá-la, pois ela

se torna o seu maior desejo”.

Reli o que havia escrito e fiquei pensando se realmente me sentia daquela forma. Estar com Douglas era extremamente prazeroso. Era uma estrada onde é impossível ter medo de se perder, pois quanto mais se entrega, mais intensa e excitante ela se torna.

- Vamos? – a voz grossa dele me arrancou dos pensamentos.

Levantei arrumando as minhas coisas e só então percebi que ele estava com a mão estendida me aguardando. Sorri sem graça e coloquei a minha sobre a dele. O calor era gostoso. Um convite perfeito para a perdição. Caminhamos de mãos dadas até o carro.

- Tudo resolvido?

- Sim. Mais dois dias e você terá a sua liberdade de volta.

Eu queria me justificar, mas não consegui. Apenas fiquei calada. Pensativa. Dois dias? Mais dois dias e eu e Douglas chegaríamos ao fim. Meu coração apertou no peito.

- Escreveu muito? – mudou de assunto me deixando confusa.

- Não. Eu escrevo um parágrafo por vez. Sempre de acordo com o que estou sentindo.

- E eu posso ler o que você escreveu?

- Quando for publicado, sim – ele ri.

- Não posso ler antes? Diretamente da fonte?

- Não.

- Por que?

- Não gosto que as pessoas leiam o que escrevo, na minha presença – ele me analisou rapidamente e depois balançou a cabeça. – Por que você quer ler?

- Para saber como está se sentindo ao meu lado – a revelação me surpreendeu. Fiquei sem palavras. O silêncio que se fez foi constrangedor. Ele aguardava uma resposta.

- Por que você não me pergunta?

- Porque sei que não dirá o que realmente está sentindo – dei risada e

concordei com ele.

- É difícil falar de sentimentos com outras pessoas. Acredito que seja por isso que prefiro escrever. É bem mais rápido, fácil e sempre posso dizer como realmente me sinto.

- Eu entendo. Funciona desse jeito para mim também, quando estou compondo.

- Você anda meio sem inspiração, não é? – eu era a pessoa mais infantil do universo. Por que fiz aquela pergunta? Se eu queria saber como ele se sentia por que não perguntei diretamente?

- Pelo contrário. Infelizmente minha “esposa” conseguiu destruir meu violão – riu da terrível situação do acidente. Ainda bem. Eu já me sentia mal o suficiente pelo ocorrido. – Consegui escrever algumas coisas. Diferente de você, eu uso papel e caneta.

- Antiquado – brinquei.

- Não dá para escrever os acordes no computador. Ou melhor, até dá, mas é mais trabalhoso e cansativo. Então prefiro escrever.

- E quando terei a oportunidade de ouvir algo seu? – ele sorriu e ligou o som do carro. Uma voz linda começou a cantar acompanhada de um violão e alguns outros instrumentos ao fundo. – É você? – eu conhecia a música. Era de uma banda que tinha estourado no último verão.

- Sim. Minha voz e minha música – parei admirada.

- Sua música? – assentiu. – Como...

- Não quero ser cantor nem nada do tipo. Gosto de criar músicas, assim como você cria os seus textos. Fico satisfeito em vê-las alcançando o público através de outras pessoas. Isso me torna mais livre – eu entendi exatamente o que ele queria dizer.

Era incrível! John nunca entendeu a minha decisão de escrever textos para um jornal ao invés de aceitar emprego fixo em uma editora. Ou mesmo o fato de nunca ter me dedicado realmente a escrever livros. Ele dizia que no fundo eu não gostava de segurança. A verdade era que eu gostava de ser livre para criar, assim como Douglas.

Ficamos em silêncio escutando a música. Quando chegamos, ele retirou o Cd, guardou em uma caixinha me entregando.

- Pode ficar com este – meu coração pulou no peito. De todos os presentes

que ele tinha me dado, aquele foi o que mais me agradou. Lindo! Perfeito! Uma parte importante de Douglas, só para mim.

- Desse jeito vai me deixar mal acostumada – sorri timidamente.

- Você é uma mulher linda, Cléo. Merece ser presenteada, mimada... Deve ter sempre todas as suas vontades atendidas – meu coração não conseguia assumir o seu compasso normal, pulando tão forte que eu pensei se era possível escutar seus batimentos do lado de fora do meu peito.

- Obrigada! – desviei os olhos dos dele. Douglas passou as pontas dos dedos em meus cabelos, acariciando meu rosto até o queixo obrigando-me a encará-lo. Olhei em seus olhos e ele sorriu.

- Gostaria que fosse sempre assim. Às vezes é cansativo lutar contra sua vontade o tempo todo, principalmente quando já sei a forma como tudo vai acabar.

- E como vai ser? – meus olhos presos aos dele me impediam de negar qualquer coisa. Douglas abriu a boca para falar, mas fomos interrompidos.

- Casal! – ouvimos a voz de Bill. Sorrimos um para o outro. – Finalmente alguém consegue encontrar vocês fora do quarto – fiquei constrangida e Douglas suspirou.

- Estávamos resolvendo o problema com a seguradora. Em dois dias meu carro novo chega e poderemos voltar para casa.

- Dois dias? – Hilary, que o acompanhava, repetiu sem muito entusiasmo. Eu ri, mas também não estava certa de que era o que eu queria.

- Onde estão os outros? – Douglas parecia interessado.

- Na piscina. Eu acho – Bill deu um sorriso descarado, entregando o que todos faziam quando não estávamos por perto.

Douglas segurou em minha mão e entramos no hotel. Eu estava confortável. Não tive a menor vergonha ou receio das minhas amigas. Estar com Douglas tinha se tornado algo perfeitamente natural.

Encontramos o grupo na piscina. Estavam se divertindo contando os acontecimentos da noite anterior no cassino e no show de uma cantora famosa que assistiram. Eu nem sabia que eles tinham ido, também pudera, havia ficado trancada com Douglas no quarto quase o dia inteiro.

Começamos a planejar a nossa noite, onde jantaríamos, que cassino visitaríamos, quando notei que Douglas estava tenso. Olhei para trás,

acompanhando o seu olhar e descobri o motivo da sua tensão. Michele. “Que droga!”

Ela caminhava em nossa direção, usando apenas um biquíni, que por sinal era bem pequeno. Olhei para ele com raiva. E aquela história toda por causa do meu biquíni? Ele tentava manter os olhos baixos, no entanto falhava miseravelmente, se perdendo muitas vezes naquele corpo escultural e nos movimentos sensuais da minha rival. Eu sabia o que estava se passando pela sua cabeça, minha vontade era arrancá-la do seu pescoço.

- Douglas? – sua voz melosa me fez enjoar. Os rapazes pararam para observá-la. Era um absurdo. Tudo bem que ela era linda e tinha um corpo perfeito, mas ficar babando desse jeito passava de todos os limites. Quanta falta de respeito!

- Michele – ele a cumprimentou sem olhá-la nos olhos.

- Procurei por você a manhã toda – a mulher tinha mesmo uma voz aveludada e sexy. Droga!

Para que ela tinha passado a manhã procurando pelo meu “marido”? Eu quis perguntar, mas fiquei calada. Douglas ainda segurava a minha mão e isso me deixava mais calma... Ou não.

- Estive fora. Fui resolver algumas pendências. Tudo bem com você? – começou a retirar a mão da minha, como se não tivesse fazendo nada demais. Fiquei com muita raiva e a segurei com força forçando-o a me olhar.

Ele ficou confuso. Michele percebeu o nosso embaraço e enfim percebeu nossas mãos dadas. Pensei que ficaria constrangida ou com raiva, no entanto a garota simplesmente sorriu, jogando o cabelo para trás e mordendo os lábios. Muito sensual!

Olhei para Douglas que olhava fixamente para ela. Eles conversavam através do olhar. Com calma e intensidade. Continuavam sendo um casal. “Que raiva!” Larguei a mão dele e saí batendo os pés, como uma adolescente. Não sei o que faria com os dois se permanecesse lá. Aguardava o elevador quando Sandy veio em minha direção.

- Por que você foi embora? – minha amiga estava exasperada.

- Não sou obrigada a ficar ao lado do Douglas enquanto ele deseja outra mulher – o elevador chegou e eu entrei. Sandy me acompanhou.

- Cléo! Você vai entregá-lo de bandeja para aquela mulherzinha?

- E o que você quer que eu faça? Não tenho paciência para essas coisas,

Sandy. É ou não é, certo? Ela é a “ex” dele. A mulher que ele quer e...

- Você é a mulher que ele quer – dei risada sem a menor vontade.

- Eu já sou mulher de outra pessoa – o elevador parou no meu andar. Sai, com Sandy na minha cola.

- Você é a mulher dele, Cléo. Eu não deixava barato. É assim tão fácil? Ela chega na hora que quer e o leva embora?

- Não tenho como competir com Michele – assumi derrotada.

- Como não? Olhe para você. Cléo, você é linda! Muito mais bonita do que ela. Se eu estivesse no seu lugar colocaria um biquíni e desceria para mostrar a aquela mulher que também tem seus atributos.

Sandy era hilária com toda aquela competição. No fundo eu estava mesmo com vontade de mostrar aos dois quem era Cléo. Saber que Douglas ficava todo derretido por aquela traidora, aquela destruidora de corações românticos... Aquela... Droga! Sem hesitar peguei o biquíni que tinha deixado na cama e o vesti. Era mesmo muito pequeno, perfeito! Coloquei um vestido leve, peguei uma toalha e voltei para a piscina, com Sandy saltitando ao meu lado.

Assim que cheguei vi que Douglas não estava mais no nosso grupo. Ele conversava com Michele numa mesa afastada. Parei junto as minhas amigas e tirei o vestido. Percebi que os rapazes se calaram, dessa vez as meninas não se incomodaram, elas sorriam vitoriosas. Tirei um protetor solar da bolsa e caminhei na direção de uma espreguiçadeira.

Coloquei a toalha e comecei a passar o protetor. Vários homens que estavam no local me observavam. Eu me sentia ridícula, mas era uma ridícula satisfeita, porque Douglas, quando entendeu o que eu fazia, fechou a mão em punho. Sorri para ele, mantendo uma inocência imaculada nos lábios e comecei a passar o protetor pelas pernas, abaixando um pouco, dando a todos uma visão melhor do meu corpo.

Dois rapazes chegaram puxando conversa, incentivados pelo meu sorriso em resposta a sua aproximação. Eu poderia enxotá-los, porém a minha vingança estava apenas começando. Então perguntei a um deles se poderia passar o protetor em minhas costas. Claro que ele concordou. Que homem não adoraria fazer isso em uma mulher como eu?

Deitei na espreguiçadeira e entreguei-lhe o protetor. Ele colocou uma quantidade na mão e espalhou com cuidado pelas minhas costas, acariciando cada pedacinho bem lentamente.

- Tire as mãos da minha mulher – a voz de Douglas era ameaçadora. Sorri vitoriosa. O rapaz olhou-o assustado.

- Mas... – o garoto ficou confuso, afinal de contas eu pedi a ele para passar protetor. E pedi com muito jeitinho.

- Mas nada. Ela é minha mulher, não coloque suas mãos nela novamente – levantei fingindo-me indignada e o encarei. O rapaz deixou o protetor próximo à cadeira e se afastou amedrontado. Coitado! – O que você está fazendo? – Douglas falou por entre os dentes.

- Aproveitando o sol e a piscina. Exatamente como você estava agora a pouco com a sua “amiga” – ele coçou a cabeça e riu discretamente.

- Eu não estava aproveitando nada. Ela queria conversar, você saiu e eu não tive escolha – ri sarcasticamente para ele.

- Claro. Pode continuar a sua conversa. A nossa termina aqui – virei de costas e ia deitar quando Douglas me puxou pelo braço forçando-me a ficar de frente para ele.

A raiva entre nós dois era nítida. O encarei sem medo do que poderia fazer. Eu sabia que estava coberta de razão, então não recuaria. Para minha surpresa seus olhos foram perdendo a força, tonando-se brandos. Ele passou a me encarar com carinho e admiração. Suas mãos não mais apertavam meus braços, apenas me mantinham próxima.

Institivamente me afastei. Era difícil odiá-lo quando ele me olhava daquele jeito. Douglas largou meus braços e com uma das mãos segurou em minha cintura me puxando para si, com a outra acariciou meu rosto roçando o polegar em meus lábios.

- Cléo! – sussurrou deixando a minha pele completamente arrepiada. – Como consegue me enlouquecer tanto e ainda assim me manter tão ligado a você? – sorri de leve, deliciada com a mudança de rumo da nossa conversa. Ele me beijou com cuidado, envolvendo-me com seus lábios cálidos.

Douglas era exatamente o que eu queria. Percebi naquele momento o quanto estava ligada a ele também. Mesmo que me fizesse odiá-lo, ainda me sentia completamente presa a ele.

A melhor parte disso tudo foi perceber que Michele não estava mais lá quando acabamos de nos beijar. Ela com certeza entendeu que comigo a batalha seria árdua. Eu não sabia o que queria, mas não desistiria facilmente dele, ainda mais para alguém como ela, que não merecia o amor de um homem tão especial quanto Douglas.

Passamos o restante da tarde namorando na piscina e fora dela. Conversamos com nossos amigos e nos divertimos com as brincadeiras indiscretas que fazíamos uns com os outros. Em nenhum momento, Michele se atreveu a aparecer. No final do dia, eu nem me lembrava mais da existência dela e na companhia de nossos amigos partimos para um giro pelos cassinos. Estávamos curtindo nossos últimos dias juntos.

XIII

Oito dias antes.

- Você não sente saudades de casa?

Douglas estava ao meu lado, conversando, enquanto me assistia pentear meus cabelos molhados. Tínhamos acabado de tomar banho juntos e ele me aguardava. Iríamos encontrar com o nosso grupo para um passeio pela cidade. Almoçaríamos em um restaurante mexicano, sugestão de Juan, que queria que Sandy conhecesse um pouco da culinária da sua terra.

- Não. A casa ficou muito vazia depois que John foi embora – olhei para ele pelo canto dos olhos analisando a sua reação. Ele permaneceu parado no mesmo lugar com os braços cruzados, me observando. – Eu me acostumei a sempre ter alguém por perto. Esse é o problema.

- Não é sobre isso que estou falando, Cléo. Falo do Brasil, seu povo, costumes... – soltei o ar que estava preso nos pulmões. Olhei-o rapidamente e depois voltei minha atenção para o espelho.

- O tempo todo – admiti. – É difícil não ter ninguém. Às vezes, me sinto sozinha e fragilizada. A vida aqui é muito diferente. As pessoas são diferentes. Até as amizades são diferentes. Demorei a me adaptar. John se acostumou mais rápido, então acabei aceitando. Mas sempre quis voltar.

- Do que você sente mais falta? – Douglas estava curioso, porém sua atitude não me incomodava. Era tão fácil me abrir com ele.

- Dos abraços – mordi os lábios tentando não chorar. Era muito ruim falar da saudade que sentia.

- Dos abraços? Como assim?

- No Brasil as pessoas se abraçam sempre. Somos mais receptivos, mais quentes – ri ao dizer esta parte. – Não precisamos de ocasiões especiais para abraçar as pessoas. Simplesmente nos abraçamos. Quando eu morava lá, isso, dentre muitas outras coisas, não parecia tão importante para mim. Só quando me mudei, percebi o quanto sentia falta de ser abraçada ou de poder abraçar as pessoas, não somente as que gostamos, mas as que conhecemos, as que temos

carinho, ou até mesmo as que precisam disso em algum momento.

- Eu te abraço sempre.

- Não é desta maneira que estou falando – tirei o roupão e comecei a colocar o vestido que havia separado para o nosso passeio. Douglas não me olhou. Parecia perdido em pensamentos. – Quando eu acordo, sinto falta de um abraço verdadeiro. Um que me diga o quanto deseja que o meu dia seja perfeito. Quando encontro com meus amigos, sinto falta de um abraço que me diga o quanto eu era aguardada e, na despedida o quanto sentirão minha falta. Quando vou deitar, sinto falta de um abraço que me diga que o dia foi realmente especial e que estará me aguardando para fazer com que o próximo também seja... – sem perceber estava chorando ao dizer estas palavras.

Eu tinha tudo isso com John, todos os dias. Nós tentávamos manter este sentimento vivo, já que éramos somente nós dois para compartilhá-lo. Fiquei com medo de perder a minha única referência de segurança em um lugar tão distante e diferente de tudo o que eu reconhecia como casa e acabei sentindo a falta dele, do meu noivo.

Não olhei para Douglas. Não queria que ele percebesse que a minha dor era por outros motivos também. Terminei de me arrumar em silêncio. Quando acabei peguei meu *Iphone* e o *Ipad*, que agora ficavam sempre em minha nova bolsa e aguardei por ele. Douglas caminhou em minha direção e me abraçou. Da maneira certa, coração com coração. Minhas lágrimas voltaram a cair. A sensação de estar em casa era forte e gostosa.

Senti-me em paz e o abracei também.

- Obrigada! – enxuguei as lágrimas, emocionada. Ele, como sempre, conseguiu me entender perfeitamente.

- Obrigado a você – sorriu. – Isso é novidade para mim, apesar de fazer todo sentido. Desculpe por não perceber o quanto era importante – meu coração gritou o nome dele naquele momento. Eu sabia que não perderia nada, caso Douglas fosse o meu destino.

Passamos o restante do dia caminhando pelas ruas de Las Vegas. Almoçamos e rimos muito com as comidas escolhidas por Juan. Apenas eu não tive nenhum transtorno em comer algo apimentado, mas os outros não estavam acostumados e o almoço acabou sendo uma prova de resistência, movida a muita tequila e risadas.

Foi muito divertido. Nós formávamos uma boa turma e estávamos em sintonia, cada um com o par que melhor lhe correspondia, mesmo que não fosse

algo duradouro para a maioria de nós.

Apenas Sandy e Juan continuariam juntos após a nossa viagem. Hilary e Bill já tinham certeza de que ficariam separados. Era estranho, porque eles se entendiam super bem. Pareciam se completar, no entanto os dois sustentavam o fim do relacionamento quando fôssemos embora. Jessye e Michael eram uma incógnita, assim como eu e Douglas, apesar de não admitir para ninguém, nem para mim mesma.

- Sabe, Cléo... – Michael começou falando enquanto ria da cara que Hilary fazia para comer. – Você é a namorada mais legal que Douglas já arrumou – meu “marido” passou as mãos em minhas costas rindo do amigo. Olhei para ele e não me senti mal pelo comentário de Michael.

- E a mais gostosa também – Bill completou e se encolheu com o soco que Douglas deu em seu braço fingindo indignação. Os dois riram. – Não tenho culpa – levantou as mãos alegando inocência.

- Tudo bem. Você tem razão – e me olhou com tanta intensidade que fiquei sem graça. Todos riram. – Quando conseguirmos o divórcio, quem sabe ela não me aceita em um cargo um pouco inferior ao de marido – sorri, mas fiquei magoada com as palavras dele.

Douglas continuava querendo o divórcio? Eu também queria e depois de tantos acontecimentos nem sabia mais o porquê. Esforcei-me para não demonstrar o quanto isso me abalou. Na verdade não conseguia nem entender o que acontecia dentro de mim.

- Desculpe, mas quando você deixar o cargo, logo outro irá ocupar. Não admito nada inferior a esta posição em minha vida – os colegas dele riram, Douglas apenas sorriu.

Vi que minhas palavras o abalaram também. O que Douglas queria exatamente? Insistia em ficarmos juntos, no entanto desejava o divórcio. Vá entender! Mesmo com tantos conflitos internos decidi que o melhor a fazer era rir para amenizar a situação, apesar de ter dito a mais pura verdade.

- Para que você está em busca de um plebeu se já encontrou o seu príncipe encantado? – Jessye deixava clara a sua preferência por Douglas.

- Cléo tem o direito de escolher o que acredita ser melhor para ela, Jessye – Douglas tentou encerrar o assunto. Novamente fiquei incomodada. “Então aquela era sua decisão?”

- Assim como você – revidei.

- Sim. Assim como eu – seu olhar me dizia que ele tinha realmente feito uma escolha e algo bem no fundo do meu coração revelava que não era eu. Desviei os olhos e encarei o prato diante de mim.

Conversamos bastante sobre outros assuntos e terminamos o dia em um McDonald's, era o melhor para todos, já que a comida mexicana tinha sido um fiasco. Combinamos de voltar aos cassinos mais tarde. Queríamos assistir a um espetáculo cujas críticas eram ótimas e terminar a noite gastando nas apostas ou nos bares.

Não me sentia muito empolgada. Douglas não estava diferente em nada. Continuava carinhoso, atencioso, sempre segurava em minha mão. O que me afligia era a proximidade do fim. Enquanto tinha certeza do que queria e ele demonstrava não querer o mesmo, era fácil e certo pensar no fim da viagem e no divórcio. Até cheguei a desejar que acontecesse logo, porém com o tempo os papéis se inverteram e me magoava o fato de ele querer o fim do nosso relacionamento.

Voltamos ao hotel e Douglas foi direto ao banheiro. Aproveitei para separar o que iria usar mais tarde. Talvez vestir algo que me deixasse mais bonita, me arrumar um pouco mais, melhorasse o meu ânimo. Que mulher não gosta de se sentir linda?

Escolhi o vestido preto que Douglas havia elogiado na loja e para combinar separei as mesmas sandálias altas. Escovei os cabelos e prendi no alto da cabeça. Não iria lavá-los, então prendê-los daquele jeito os deixariam mais lisos quando soltasse. Ao terminar de escolher tudo ouvi a porta do banheiro se abrir. Douglas saiu de lá só de toalha e veio em minha direção.

- Preparei um banho – me abraçou com carinho, prendendo-me em seus braços e alcançando meu pescoço. – Vamos? – suas mãos já estavam nos botões do meu vestido enquanto seus lábios brincavam com minha pele.

- Vamos.

Pensei em me negar, mas se tínhamos tão pouco tempo juntos, por que não aproveitá-lo? Deixei que ele tirasse meu vestido e brincasse com meu corpo enquanto me conduzia ao banheiro. Ao chegar olhei admirada para o que o meu “marido” tinha aprontado.

Pequenas velas estavam espalhadas pelo banheiro tornando a iluminação translúcida. A banheira estava repleta de espuma e o aroma era fantástico, alguma coisa misturada com rosas. Tudo muito romântico.

Eu deveria ficar deslumbrada, mas meu coração se apertou. O que ele

pretendia com aquilo tudo? Mostrar-me o seu mundo maravilhoso, me levar às nuvens e depois me devolver à minha vidinha monótona? O que havia de errado com o meu mundo? Não era tudo o que sempre desejei até aquele momento? Não. Não mais. A certeza me atingiu com força. Eu estava apaixonada. Como pude deixar acontecer? Minha respiração ficou ofegante e difícil. Ele notou.

- Está tudo bem?

Douglas estava atrás de mim, com as mãos entrelaçadas em minha cintura. Seu rosto encostado em meu ombro, não precisava de mais do que um sussurro para me fazer entender suas palavras. Apesar disso, não consegui responder a sua pergunta. A constatação dos meus sentimentos por ele me pegou de surpresa e eu não sabia como reagir.

- Cléo, está tudo bem?

- Tudo. Só estou cansada – tentei disfarçar. Ele não podia saber como eu me sentia, já que havia deixado claro que pretendia se divorciar.

- Vou cuidar de você – beijou meu ombro com carinho. – Entre na banheira.

A água estava quente e convidativa. Parei no centro, ele me conduziu para sentar entre as suas pernas. Permaneci de costas. Eu ainda não estava bem o suficiente para conseguir fingir.

- Você está estranha – ele percebeu. Claro! Como não perceberia? Eu era sempre muito falante. – Calada demais. Esse não é o seu estado normal – ri. Apenas esbocei um sorriso, tirando proveito da minha posição.

Douglas começou a esfregar as minhas costas e a massageá-las. Era muito bom. Completamente relaxante. Ele conversava sobre nosso dia, planos para a noite... O espetáculo apesar de não ser nenhuma novidade para meu “marido”, o empolgava. Antes iríamos a *Downtown, Fremont Street Experience*, conhecer os cassinos mais antigos de Las Vegas. Douglas queria muito nos mostrar o imenso painel, uma espécie de abóbada ou dossel, que cobria a rua e que se transformava numa tela enorme, exibindo vídeos e show de luzes todas as noites. Era tudo realmente a cara dele.

Balançava a cabeça concordando ou negando quando ele dava a entender que eu deveria falar. Minha mente estava confusa e meu coração oprimido. Queria desesperadamente encontrar com John para me certificar se era aquilo mesmo. Douglas beijou meu pescoço e me abraçou afagando meus braços.

- Foi alguma coisa que eu disse? Você passou a tarde toda distante. Calada demais. Foi algo que eu fiz? – sua voz me convidava a falar a verdade, mas

resisti.

- Não. Só cansaço mesmo. Mais um dia e estaremos em casa. Eu tenho algumas pendências para resolver e meu artigo para terminar. Muita coisa na cabeça – tentei por entusiasmo na voz, contudo foi um fiasco. Ele beijou meu pescoço.

- Posso tirar esses pensamentos da sua cabecinha?

Entendi o que ele queria dizer. Perguntei-me se seria justo comigo, “e por que não?” concluí. Ponderei sobre o que nos aconteceria e o que já havia acontecido. Questionei-me por que não aproveitar, permitir que fossem as melhores horas da minha vida?

Douglas aguardava minha resposta. Seus lábios tocavam muito levemente meu ombro e os dedos faziam carícias suaves em meus braços. Fechei os olhos, encostando-me ao seu peito.

- Por favor! – já estava totalmente entregue. – Não me deixe pensar mais em nada – murmurei. Douglas me atendeu prontamente.

Chegamos a *Fremont Street Experience* quando a rua já estava toda iluminada. Os letreiros indicavam todos os tipos de espetáculo. O carro teve que ficar na área de estacionamento em outra rua, pois no local onde estávamos era proibida a passagem de automóveis. Ótimo, porque dava livre acesso aos pedestres que iam para admirar seu teto iluminado e divertido.

Eram exibidos todos os tipos de vídeos. Luzes davam seu show à parte. Fiquei encantada. Douglas estava muito animado. Contava as histórias do pai sobre esta parte da cidade e também sobre suas próprias experiências, lamentando o fato dos turistas não visitarem tanto o local quanto deveriam.

Mesmo com toda euforia, conseguimos ficar calados admirando o espetáculo de luzes e som. Durante todo o tempo Douglas segurava a minha mão e, de vez em quando, massageava meus dedos com o polegar. Jessye e Michael estavam tão empolgados com o show quanto nós dois e olhando-os era possível acreditar que formavam sim um casal romântico.

Às vezes, me perguntava se Michael ignorava o que houve entre Jessye e

Bill, nos primeiros dias, ou se sabia, e não se importava, já que Jessye demonstrava preferência por ele. Além do que Hilary e Bill estavam tão envolvidos neles mesmos que não representavam uma ameaça para o que ele vivia com minha amiga.

Douglas notou a forma como me desliguei da nossa realidade, enquanto pensava no relacionamento de Michael e Jessye. Com certeza pensou que fazia parte do meu desânimo de mais cedo, por isso me abraçou com força, beijando meu rosto e pescoço para chamar a atenção. Eu ri e ele relaxou um pouco.

Comemos pizza, sugestão minha. Fiz questão de dizer logo o que queria impedindo Juan de inventar mais alguma comida que ele gostaria que Sandy experimentasse. Para minha sorte, todos concordaram, apesar de Juan não ter deixado de comentar sobre os sabores diferentes que podíamos encontrar em sua terra. Era engraçado e curioso.

Pela noite fomos ao espetáculo exibido em um dos cassinos mais importantes de Las Vegas. Douglas estava completamente carinhoso e entregue. Eu estava decidida a não permitir que nada mudasse entre nós dois, então me esforcei para corresponder da melhor forma possível. Pela primeira vez, desde que nos casamos, agíamos como um casal realmente apaixonado na frente de outras pessoas. Ele ficava agarrado a mim o tempo todo e eu permitia que me beijasse e tocasse sem restrições.

Divertimo-nos muito com o malabarismo dos artistas. Era um lindo show. Douglas regava nossa noite com champanhe e eu brindava a felicidade, mesmo que temporária e com hora marcada para acabar.

Ele não cansava de me tecer elogios, ressaltando que o vestido me deixava ainda mais maravilhosa e o quanto meus olhos eram perfeitos. Gostei daquilo. Fiquei envaidecida por ser vista daquela maneira pelo meu “marido”.

Quando fomos jogar no cassino, que ela apareceu.

A princípio não percebi a sua presença. Douglas estava brincando comigo, murmurando palavras indecentes em meu ouvido enquanto eu escolhia um número. Eu ria da tentativa dele de me desconcentrar o que o estimulou a intensificar ainda mais suas investidas. Hilary foi quem percebeu que Michele se encontrava no mesmo local que a gente e me alertou.

- Não fique nervosa – disse com cautela enquanto Douglas conversava com Michael e segurava em minha cintura. – A megera loira está aqui.

- Que... – eu ia perguntar do que ela estava falando, mas era impossível não associar o “loira” e o “megera” a Michele. – Aonde? – evitei olhar para os lados.

- Logo atrás de vocês. Ela vai falar com Douglas agora – sussurrou confidente. Só entendi realmente quando ouvi a voz de Michele atrás de mim.

Virei-me no mesmo instante que Douglas. Ele segurou com força em minha cintura, mas eu já estava arrasada com a visão dela. Michele vestia um tomara que caia vermelho, completamente colado ao seu corpo escultural. Suas pernas perfeitas e roliças sustentavam um par de sandálias da mesma cor com saltos finos e altos. Estava deslumbrante! Vacilei sobre as minhas pernas e eu busquei pelo olhar do meu “marido”, que parecia perdido nela.

- Posso apostar também? – passou por nós se apoiando na mesa de apostas.

- Claro! – Douglas respondeu com a voz grossa e falha. Tive vontade de socá-lo.

Abrimos espaço para que se acomodasse. Michele tirou algumas fichas da bolsa e colocou sobre a mesa.

- Meia nove – disse para o crupiê com um sorriso malicioso nos lábios. Percebi que alguns homens a olhavam com cara de idiotas. – Vermelho – Douglas deu um riso abafado, eu o encarei, indignada. Que merda ele estava fazendo?

- E a senhora? – me perguntou, ainda com os olhos na megera. Pensei no que responder.

- Meia, nove. Preto, por favor! – Acrescentei olhando-a diretamente nos olhos.

Michele sorriu comprando a aposta contra mim. Douglas acompanhou o seu sorriso correspondendo com um deslumbrante. Devia estar se achando o máximo por ter duas mulheres na disputa por ele. Eu me entenderia com meu “marido” depois. Primeiro precisava ganhar a aposta.

Não entendia nada do jogo que estava apostando, porém sabia que não queria perder, não para ela. Ouvi o resultado e nós duas perdemos. Refizemos nossas apostas. Ela continuou no mesmo número e eu também.

Nenhuma das duas novamente.

- Vamos para outra mesa – Douglas sussurrou ao meu ouvido. Ele não parecia tenso com a presença dela, apenas tentava evitar um confronto mais declarado.

- Não – neguei com veemência. Ela sorriu para mim, me incentivando ainda mais a continuar no jogo.

De novo Michele apostou no meia nove, vermelho, dizendo alto que era seu número da sorte. Eu ia apostar no mesmo também, mas Douglas trocou minha ficha no último minuto para quatorze preto. Para sorte minha, ou azar, desta vez ganhei. Sorri vitoriosa e o beijeí com vontade, no entanto Michele não se fez de rogada.

- Ganhou. Mas não no meia nove. Neste só eu – e deu um risinho compatível perfeitamente com seu “modo” completamente sensual.

Quase avancei nela, porém Douglas me segurou pelo braço contendo um riso e me levou para outra mesa. Tentei me controlar não discutindo com ele. Nossos amigos acompanhavam atentamente nossos movimentos e, mesmo tentando disfarçar, estavam tensos.

Preferi abandonar os jogos e me distrair na pista de dança. Meu sangue fervia, talvez sair um pouco daquele cenário me ajudasse a não causar nenhum desconforto. Nossos amigos nos seguiram. Ninguém queria perder nada do que poderia acontecer.

Ficamos dançando músicas eletrônicas agitadas. Douglas mexia comigo o tempo todo, brincando e me beijando apaixonadamente enquanto dançávamos agarrados um ao outro. Eu me mexia da maneira mais sensual possível estimulando a imaginação dele que rapidamente entrou na brincadeira.

Era bom saber que ele estava comigo e não perdido em pensamentos sobre Michele e seu corpo perfeito, sorriso perfeito, vestido perfeito... Aff! Que raiva que eu estava sentindo!

Quando já estava totalmente descontraída percebi que minhas amigas ficaram preocupadas. A tensão voltou a me dominar já imaginando o que seria. Michele surgiu na pista de dança, acompanhada de um homem, que até então eu não tinha visto. Douglas a viu antes de mim. Ficou tenso também, acredito que preocupado com a minha reação, ou talvez pelo fato de ver a “ex” com outro homem.

Ele me puxou para um canto, sem se importar muito com a minha vontade e começou a me agarrar. Como não queria sair da pista, puxei-o de volta, não deixando transparecer a raiva. Finquei pé e o instiguei a ficar comigo.

Michele provocava quando dançava, rebolando com o rapaz colado ao seu corpo, a megera olhava diretamente para Douglas, que a olhava, discretamente e depois desviava o olhar. Reconsiderei a ideia de esbofeteá-lo, optei por deixar para depois. Precisava mostrar a ela que também sabia como enlouquecê-lo.

Comecei a dançar rebolando, me insinuando para meu “marido”. Segurei

suas mãos e o incentivei a passá-las pelo meu corpo. Toda a sua atenção se voltou para mim e para o que eu fazia. Ele me olhava surpreso e admirado. Beijei-o com desejo, brincando com a língua em sua boca. Suas mãos me pressionaram mais fortemente.

Fiquei de costas aproximando-me o máximo possível dele. Imediatamente comecei a fazer movimentos um tanto quanto sensuais. Minhas amigas soltaram gritinhos de vitória e os rapazes se agitaram. Não me preocupei com o fato de toda a boate ter parado para nos assistir. Estava concentrada em nossa disputa pessoal. Douglas buscou meus lábios e eu devorei os dele.

- Vamos embora – sussurrou em meu ouvido enquanto dançávamos sensualmente. – Você já conseguiu o que queria. – Douglas estava enganado. Eu queria muito mais do que ir para a cama com ele naquela noite. Eu o queria inteiro, todinho, só para mim. Queria ser a única na vida do meu “marido” e permitir que ele fosse o único na minha. Naquele momento ninguém mais existia. Meu mundo girava em torno dele.

- Você ainda não viu nada – as palavras saíram lentas e provocantes, escorregando em seu ouvido. Perceptivelmente, ele saboreou cada uma delas.

Ao passarmos por Michele, quase fiz a dancinha da vitória, pois Douglas não olhou para ela. Senti-me viva.

Paramos rapidamente no bar de um hotel badalado para beber uns drinks estilizados que Bill não queria perder por nada, porém não demoramos muito e logo em seguimos para o hotel. Minhas amigas faziam piadinhas comigo, eu não estava me importando. Douglas era o meu objetivo.

Sentamo-nos no banco de trás do carro espremidos por causa da superlotação, afinal havia oito pessoas num só carro, eu não me incomodei por ter que sentar no colo do meu marido. Muito menos de deixar que ele me beijassem, de forma tão calorosa durante todo o percurso. Mesmo com todas as brincadeiras que renderam por causa das suas atitudes.

Quando chegamos ao nosso andar, eu ainda ria das brincadeiras e palavras que Douglas falava em meu ouvido, por causa disso fui a última a ver a figura improvável parada à nossa porta. Michele estava lá, encarando-me triunfante. Meu corpo inteiro retesou. Douglas me abraçou forte, transmitindo apoio. Caminhamos lentamente em sua direção. Ninguém ousava falar nada.

- Douglas! Acho que chegou a hora da nossa conversa – fez questão de ignorar a minha presença.

- Michele...

- Ele está ocupado no momento. Volte daqui a alguns dias – segurei a mão do meu “marido” com força e virei para a porta, pronta para abri-la. Jessye riu da minha reação.

Estava nervosa e surpresa com minha reação. Não costumava agir assim quando me sentia ameaçada, mas algo me dizia que se eu não avançasse, ela ganharia terreno e isso significava passar por cima de mim como um trator e levar Douglas embora. Eu não permitiria.

Michele continuou me ignorando.

- Tem que ser agora, Douglas! – falou um pouco mais alto enfatizando o “Douglas”.

- Qual parte do “ele está ocupado” você não entendeu? – fiquei de frente para ela encarando-a destemida.

Douglas me puxou de volta tentando evitar um confronto mais sério entre nós duas. Eu estava a um triz de perder as estribeiras e me atirar sobre aquela oferecida.

- Douglas, você poderia explicar a esta “coisinha insignificante” quem sou eu?

Provocou? Teria o que merecia. Meus olhos se estreitaram, a respiração acelerou, assim como meu coração.

- Aproveite e explique à “megeira” que você está com muita vontade de encerrar esta conversa e entrar em “nosso” quarto para fazer amor comigo, que sou a “sua” esposa – Michele arregalou os olhos e Douglas soltou uma risada abafada em meus cabelos. Pela primeira vez eu estava reivindicando o meu lugar de esposa.

- O que? – demonstrou raiva, perdendo, pela primeira vez desde que a conheci, sua máscara de superioridade.

- Conversaremos outra hora, Michele – Douglas encerrou o assunto, eu podia jurar que ele se divertia e muito com o que estava acontecendo. Suas mãos pousavam em minha cintura, como para assegurar que eu não faria nada drástico.

- Vamos conversar agora! – ela cruzou os braços no peito me encarando. – Pensa que não sei que tipo de mulher você é? Eu sei bem o que realmente quer dele. É uma pena que Douglas seja tão ingênuo para perceber o tipo de mulheres com quem anda saindo.

Meu rosto pegava fogo, não pela vergonha e sim pela raiva de ser

comparada a ela. Eu jamais faria uma coisa dessas, principalmente com Douglas.

- Tem razão. Ele é realmente muito inocente. Pelo menos não fiquei por aí me esfregando em outro homem que nem cadela no cio – Douglas intensificou o aperto em minha cintura, subindo uma mão até meu braço. Michele parecia não entender do que eu falava e realmente ficou indignada com a minha acusação. Era muito cínica mesmo!

- Calma Cléo – ele me alertou.

- De nada adianta ele ficar com você – riu cinicamente recompondo a postura superior. – Se é a mim que ele quer – seu sorriso ficou ainda maior. - É só prestar atenção na forma como ele me olha para perceber que ainda me deseja loucamente. – seu sorriso vitorioso me enlouqueceu de vez.

- Não sei realmente se é você quem ele deseja – ela sorriu ainda mais contendo com a vitória. Eu deixei o meu olhar cair um pouco, como se existisse alguma dúvida. Depois olhei novamente para ela e sorri diabolicamente. – Pois quando está na cama comigo, é o meu nome que ele geme.

Minhas amigas gritaram como se estivessemos numa competição e Michele avançou na minha direção com raiva. Bill entrou no meio, impedindo-a de me alcançar e a segurou pela cintura levantando-a e puxando-a para trás. Eu gritei e xinguei de volta chamando a atenção de várias pessoas que paravam para ver o que acontecia.

Douglas me puxou contra ele abrindo a porta do nosso quarto.

- Chega dessa conversa, Cléo – gritou enquanto me levava para dentro, praticamente carregada.

Michele estava furiosa. Não desistia de tentar me alcançar. Meu “marido” fechou a porta, trancando-a. Eu chorava de raiva, não conseguia evitar. Era muita cara de pau dela aparecer para me confrontar. Douglas era o culpado, por deixar claro que ainda não havia esquecido tudo o que viveu com a “ex”. Tal fato me doía muito.

Douglas começou a rir, me abraçando com desejo sem se preocupar com a minha reação.

- Sua doida – me beijava com intensidade.

Eu não sabia o que fazer. Se correspondia, me assustava com sua reação ou se aproveitava para dar-lhe uns bons tapas, como tinha desejado a noite toda. A vontade de corresponder foi mais forte.

Ainda rindo, ele me imprensou contra a parede do quarto. Podíamos ouvir a confusão do lado de fora, no entanto eu só queria senti-lo. Continuei chorando de mágoa, dor e humilhação, Mesmo assim, me agarrava a ele, deixando que tivesse o que desejasse de mim.

- Maluquinha – dizia por entre beijos. – Louca! – suas mãos levantavam meu vestido enquanto puxava minhas pernas, prendendo-as em sua cintura. A nossa necessidade era tão urgente que doía. Depois de tudo o que tínhamos passado, não conseguia mais manter-me indiferente ao que sentia. Segurei o rosto dele e ainda chorando e falei:

- Jure Douglas! - deixei que um soluço escapasse comprovando o meu desespero. - Jure que é em mim que você pensa quando estamos na cama. – ele sorriu carinhosamente, enxugando minhas lágrimas. Seus movimentos ficaram menos urgentes, mais lentos. O choro insistia. Meu coração implorava por sua resposta. Seu olhar me dizia tudo.

- Não é o seu nome que eu chamo? – sorriu confidente. – Você é única, Cléo. E é minha – novamente a necessidade nos cobrou e nos entregamos sem limites ao nosso amor.

Naquela noite eu fui dele e apenas dele. A certeza de que poderíamos ficar juntos me dominava ao ponto de não conseguir pensar em mais nada. Nem em John, que tinha ficado tão profundamente em meu passado, conseguiria ressurgir.

XIV

Sete dias antes.

Nosso último dia em Las Vegas.

Não propriamente o último, mas, no dia seguinte, Douglas iria buscar o carro e ainda pela manhã iríamos embora. Então aquele era o nosso momento final antes de dizer adeus. Era melancólico. Nossa noite tinha sido perfeita. Douglas não poupou carinho e atenção. Entregou-se completamente a mim e eu fiz questão de fazer o mesmo. Foi uma noite mágica. Como nunca tive em toda a minha vida.

Acordamos abraçados. Ele não me deixou em nenhum momento durante a noite inteira. Assim que tentei levantar, Douglas me enlaçou com força. Ri e ele me puxou para perto, pedindo para que ficasse um pouco mais. Sua voz rouca, de sono e desejo, já me dava a dica do que ele precisava. Imediatamente o atendi.

Douglas girou nossos corpos ficando acima do meu. Começou me beijando com cuidado e muito carinho. As carícias eram preguiçosas. Lentas e insistentes.

- Vamos ficar assim o dia todo? – o convite veio em meio as nossas carícias. – Quero ficar sozinho com você durante essas últimas horas. – começou a distribuir mordidas em meu corpo. Ri enlevada.

Não estava segura se ele considerava esses momentos como nossas últimas horas juntos, ou apenas como últimas horas em Las Vegas. A dúvida sobre qual seria o nosso destino era terrível. Tentei dispersar meus pensamentos.

- Temos que sair para que todos saibam que estamos vivos. Já pensou se a Jessye surta e chama a polícia novamente?

Era embaraçoso lembrar que nossa primeira vez fora totalmente bloqueada pela minha memória, devido ao porre que tomamos e que nos fez entrar de cabeça naquela situação. Por outro lado, estava agradecida pelos acontecimentos que tinham me possibilitado viver o que vivia com Douglas. Eu queria muito que fosse para sempre.

- Tem razão. Vamos ficar o mínimo de tempo com eles e depois... Só nós dois – aceitei a proposta imediatamente.

Era para eu estar feliz e satisfeita, no entanto o convite dele só confirmava o que estava traçado para nós dois. Douglas também sabia que a separação era inevitável, por isso se dedicava a uma despedida que valesse a pena. Agarrei-me aos nossos momentos com medo de que fossem os últimos.

Não queria perdê-lo, apesar de senti-lo escorrer por entre meus dedos, como água. Por mais que você tente mantê-la em suas mãos ela escapa, deixando somente a sensação gostosa do frescor. Era isso que Douglas seria em minha vida? Um frescor gostoso dos nossos tempos juntos?

Quando ele levantou para tomar banho, aproveitei e fui escrever. A viagem estava chegando ao fim, eu precisava finalizar o meu artigo. Fiquei um bom tempo olhando para a tela do *Ipad* sem conseguir pensar em nada que fizesse sentido para justificar a nossa separação. Resolvi escrever de outra maneira.

“É por isso que todo fim de viagem é sempre doloroso, não importa o quanto tenha significado. É sempre difícil e doido se despedir! Principalmente quando você descobre que precisa se desfazer de algo que passou a desejar mais do que poderia imaginar ser possível. Quando estamos na reta final de uma estrada, precisamos decidir se seguimos até o fim, ou se paramos no meio para apreciar a paisagem, e a decisão é a parte mais complicada. Hoje eu me vejo perfeitamente bem, parada na estrada, mas sinto que não posso impedir a chegada do fim. É mais forte do que eu e por isso não tenho como evitá-la. E dói profundamente.”

Desliguei o *Ipad* e deixei uma lágrima cair. Douglas tinha me marcado profundamente sua marca não desapareceria nunca. Ele me confundia e ao mesmo tempo deixava claro quais eram as suas intenções. Não tinha coragem de questioná-lo para não ser obrigada a ouvir as palavras de uma forma mais direta. Era muito mais fácil fingir que agíamos em comum acordo.

- Se você continuar na cama não vou ter coragem de sair – ele estava sentando ao meu lado. Tomou-me em seus braços e me abraçou. E foi o abraço certo. – Bom dia, minha Cléo! – Apertou-me em seus braços. Suas palavras aqueceram meu coração. Eu era realmente a Cléo dele, e de mais ninguém.

- Bom dia – sorri. Ele havia aprendido a importância do abraço. Eu sentiria falta daquilo também. – Vou tomar um banho rápido e podemos descer – fui até o banheiro, procurando ser o mais breve possível.

Encontramos nossos amigos no restaurante do hotel. A euforia do último dia estava presente. Todos estavam empolgados querendo fazer algo interessante. Eu

e Douglas pretendíamos passar o dia sozinhos, mas Bill e Michael fizeram a maior chantagem emocional e acabamos cedendo. Com isso decidimos passar a tarde com eles.

Paramos em um restaurante. Ainda era cedo, mas queríamos beber alguma coisa, então optamos por um local que tinha uma linda varanda na frente, com as mesas distribuídas entre flores. Era bem próximo ao hotel e nós poderíamos assistir ao show de luzes das fontes que acontecia de tempos em tempos.

O lugar era aconchegante, no entanto como o dia estava frio, resolvemos ficar na área interna. Não propriamente frio, levando-se em conta que estávamos em meio a um deserto, com temperaturas altas, a temperatura estava mais baixa que nos últimos dias. Para mim o vento parecia glacial. Talvez fosse apenas por refletir como eu me sentia por dentro. Pedi para ficarmos mais protegidos

Bill inventou uma desculpa para saírem antes mesmo de fazermos nosso pedido. Ele disse que precisava comprar cigarros e sair para fumar, o que não era permitido onde estávamos. Não questionei. Senti que ele precisava de um momento com os amigos sem que nós pudéssemos escutar ou atrapalhar. Na verdade eu também desejava um momento com as minhas amigas.

- Amanhã estaremos em casa. Eu nem consigo acreditar – Hilary desabafou.

- Pensei que estivesse adorando as suas férias – fiquei surpresa pelas palavras dela.

- E estou. O que não me impede de sentir falta da minha casa. Do silêncio. Da loucura do estúdio. Também não posso prorrogar muito o que estou vivendo com o Bill. Vai ser estranho me despedir depois de tantos dias.

- Ainda bem que não vou precisar me despedir do Juan – Sandy soou completamente apaixonada. Eu estava feliz por ela e ao mesmo tempo me sentia péssima por não ter a mesma certeza.

- Vocês dois são perfeitos juntos – acariciei sua mão. Minha amiga era uma pessoa incrível e merecia alguém que lhe proporcionasse tanta felicidade.

- Eu sei. Assim como você e Douglas – puxei a mão sentindo a pontada no peito. Éramos realmente perfeitos juntos. A certeza me deixava ainda mais triste.

- Eu e Douglas vamos realmente nos separar.

Elas ficaram caladas me observando. Eu podia entender suas dúvidas. Eram as mesmas que as minhas. Como poderíamos nos separar depois de tudo o que

vivemos?

- Eu pensei que vocês tivessem se entendido – Jessye se manifestou depois de um tempo.

- Nos entendemos, mas concordamos em não levar adiante – deixei meus olhos caírem para minhas mãos.

- Ele disse isso? – Hilary quis saber. Ela parecia confusa, como se algo não estivesse de acordo. Como se soubesse de alguma coisa que eu não sabia.

- Não propriamente, mas deixou bem claro sua intenção de se divorciar. Subentende-se que também deseja o fim da relação.

- Não necessariamente – Jessye ficou estranhamente agitada. – Não acho que ele não queira ficar com você – afirmou com veemência.

- Você está gostando dele? – Sandy me indagou olhando em meus olhos. Desviei-os dela. Era complicado admitir. – Ai meu Deus, Cléo! Você está apaixonada por ele.

- Fale baixo!

- Isso é maravilhoso!

- Para quem? – fiquei envergonhada. Minhas mãos estavam sobre a mesa e eu não conseguia parar de esfregar uma na outra, ansiosa e nervosa pelo que estava revelando. Sentia-me uma adolescente admitindo estar apaixonada pelo cara mais bonito e desejado da escola. De repente fiquei apavorada com a ideia.

- Para você. Acabou a loucura por John. Ele não te merecia mesmo. Estou tão feliz por vocês!

Elas pareciam felizes de verdade, mas eu não. Minhas amigas não entendiam que Douglas não queria o mesmo. Que me encontrava completamente apaixonada por alguém que não correspondia ao meu sentimento.

- Não vamos ficar juntos. Isso já ficou bem claro para nós dois.

- Nós dois quem? – Douglas me abraçou pelas costas e eu estremeci. – De quem estavam falando?

- De uma amiga nossa que desistiu de uma obsessão e escolheu outro caminho, mais saudável... – Jessye começou a falar, sorridente. Seu olhar era revelador.

- Mais bonito e interessante... – Sandy continuou a frase de Jessye.

- Muito mais interessante – Hilary completou piscando para Douglas.

- Então vocês estão falando de mim? – Bill entrou na conversa e nós rimos dele.

Fiquei tensa desde então. Se Douglas tinha ouvido a nossa conversa sabia como me sentia e apesar disso não tentou mudar o que eu pensava. Ele não falou nada.

Bill começou a falar sobre os planos para a noite, o que me levou a acreditar que Douglas tinha desistido de passar o resto do dia sozinho comigo. Não quis perguntar nada, ele parecia tranquilo ao meu lado, suas mãos nas minhas, me abraçando e beijando o tempo todo. Parecíamos realmente um casal apaixonado, no entanto apenas um coração tinha este sentimento. Infelizmente não era o dele.

Quando resolvemos voltar para o hotel, Douglas me pediu para ficar um tempo com as minhas amigas porque precisava assinar alguns documentos na seguradora e os rapazes iriam com ele. Concordei, sem acreditar em suas desculpas. Era notório que meu “marido” não tinha mais nada para resolver sobre o carro, mas não me restava outra alternativa a não ser aceitar a sua decisão.

Por este motivo fiquei no quarto da Jessye, com as outras meninas, jogando conversa fora. Aliás, fiquei ouvindo a conversa delas enquanto deixava meu coração ditar o rumo dos meus pensamentos.

- Vamos fazer o dia da beleza? – Jessye e suas ideias adolescentes. Suspirei pesadamente pensando no que ela estava aprontando, ou na sua incapacidade de planejar algo mais interessante para fazermos.

Estávamos em Las Vegas e Jessye insistia que queria ficar no hotel, o que para mim era estranho demais. Sendo ela quem era, com certeza qualquer lugar na rua seria mais interessante do que decorar os detalhes do quarto de um hotel. Minha amiga bateu pé que não sairia e as outras concordaram, como sempre. Eu só pude concordar também.

Não que estivesse ansiosa para sair, na verdade estava muito angustiada pensando em como seria a minha vida após Douglas. Por este motivo ocupar a minha mente com qualquer coisa seria menos estressante do que contar os segundos até o momento final.

- Tô fora! Não tenho mais idade para ficar fazendo as unhas dos pés e conversando com as amigas sobre garotos – falei bastante desanimada.

- Nós fazíamos isso quando tínhamos dezessete anos, Jessye – Sandy disse

com o mesmo ânimo que eu.

- E quem disse que faremos igual? Vamos ao salão de beleza. Temos a nossa última noite ao lado dos nossos queridos companheiros. Não a sua Sandy... - acrescentou. - E provavelmente a de Cléo também não – revirei os olhos para os comentários da minha amiga. – Temos que ficar deslumbrantes.

Sandy se animou na mesma hora e Hilary adorou a ideia de um salão de beleza. Eu não tive nenhuma chance de recusar. Elas simplesmente me incluíram no programa e me levaram praticamente à força porta a fora. Graças a Deus o salão ficava no hotel, não precisávamos de muito esforço, já que Douglas estava com o carro alugado por Jessye.

Eu ainda estava com o cartão de crédito do meu “marido” desde o dia que fomos às compras então não precisei pedir dinheiro emprestado a elas. Se Douglas me deu, era porque queria que eu gastasse.

Entramos no salão chamando a atenção de todos. Logo vários profissionais se apossaram da gente. Jessye sugeriu que fizéssemos massagem corporal, facial, depilação, unhas, sobrancelhas, e por fim, cabelos. Eu não queria aquele monte de coisas, mas aceitei para acompanhá-las.

Passei uma hora sendo amassada pelas mãos da massagista e confesso que Douglas conseguia ser mais eficaz do que ela. Depois foram trinta minutos com uma meleca verde em meu rosto e dois saquinhos de água gelada nos olhos, para as olheiras, segundo a profissional. Era bom! Relaxava realmente. Como havia dormido pouco durante a noite, peguei no sono até a hora de ser entregue às manicures.

Jessye insistiu para que eu usasse vermelho. Acabei cedendo. Era o nosso último dia, já estava entrando no clima. Disposta a fazer todas as loucuras.

A hora mais difícil foi com o cabeleireiro. Eu queria apenas fazer uma hidratação e escovar, para deixar os fios mais lisos, porém ele argumentou com veemência sobre a importância de cortar meu cabelo. Dizia que o comprimento não me valorizava, que eu era muito bonita para ter um cabelo sem um corte especial que destacasse os meus olhos.

Concordei, mas pedi que mantivesse os fios longos, mesmo não sendo tão longos como eram. Seria difícil me desprender dessa influência de John. Fechei os olhos e deixei que trabalhasse no corte que tínhamos combinado. Quando os abri, encarei uma mulher diferente.

Meu rosto continuava o mesmo, mas meus olhos imensos e verdes sobressaíam. Ele tinha repicado a frente, uma franja caindo de lado se juntando

ao restante dos fios ainda longos completando o desenho da minha face. Tinha ficado lindo! Muito lindo! Perfeito!

Passei as mãos com cuidado, para não estragar o trabalho do cabelereiro e percebi que metade do comprimento estava no chão. Parei chocada. Após tantos anos com os cabelos escorrendo pelas costas, teria que me acostumar com apenas a metade.

Espantosamente, não me sentia triste. Era como se estivesse me renovando. Dei risada dos meus pensamentos. Depois comecei a rir muito e logo em seguida a gargalhar. Todos me olhavam espantados, mas sequer me dei ao trabalho de explicar. Meu cabelo descia alguns centímetros abaixo dos ombros, o que lhe dava um movimento próprio.

Terminamos e fomos pagar a conta. Douglas ligou para o meu celular quando eu estava finalizando o pagamento. Ele queria avisar que já estava em nosso quarto me esperando. Uma mistura de ansiedade e medo fez cócegas em meu estômago.

Nossa última noite.

Andei até o quarto pensando em como transformá-la em um “para sempre” ao menos para mim. Então decidi que tornaria aquela noite inesquecível, me entregando a Douglas como nunca tinha sido antes.

Abri a porta do quarto e me deparei com a escuridão. Douglas tinha dito que estaria lá, mas onde? Entrei e só então me dei conta que havia luz no ambiente. Em um espaço um pouco mais afastado, na sala, uma luz saía da parede. A lareira. Estava frio. Era perfeito para a nossa noite. Ele me encarava, próximo a lareira, com uma garrafa de vinho na mão, na mesa, diversos tipos de queijos, pães e uvas.

Douglas era um homem surpreendente.

Caminhei até ele que me analisou atentamente abrindo um lindo sorriso. Fiquei sem jeito pelo meu novo visual. Douglas me olhou com tanta admiração que eu vi que tinha feito a coisa certa. Entregou-me uma taça de vinho ainda me olhando atentamente e depois passou as mãos em meus cabelos, com cuidado, como eu havia feito quando vi o resultado. Seu sorriso era estonteante.

- Você sempre me surpreende. Pensei que não poderia ficar ainda mais bonita. Novamente me enganei – meu coração descompassou.

- Obrigada! – desviei meus olhos dos dele e disfarcei olhando para a lareira. Na verdade eu já sentia sua falta de maneira tão violenta que doía. – Pensei que a lareira era só um adorno.

- Você acha que alguém pagaria o valor da diária deste quarto só para ter uma lareira de mentira? – sua voz era mansa e cautelosa. Douglas analisava o meu comportamento, da mesma forma como eu estava fazendo.

- Tem razão – sorvi um pouco do vinho apreciando a sua suavidade. Até nisso Douglas acertava: era perfeito! – Vou tomar um banho e volto já – era tudo maravilhoso demais, o que só me oprimia. Comecei a sentir necessidade de ficar algum tempo sozinha. Precisava urgentemente recuperar a minha capacidade de raciocínio para não estragar a nossa noite.

- Espere! Tem um assunto que precisamos discutir – sua mão alcançou meu braço. Um calafrio percorreu a minha espinha. Aguardei enquanto ele falava. – Conversei com um amigo advogado, que atua em São Francisco, e pedi para que cuidasse de tudo para que o divórcio saísse o mais rápido possível – pensei que não conseguiria mais respirar. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas e eu fiz um esforço sobre-humano para não deixá-las cair. – Se você estiver de acordo, é claro! Pensei que não gostaria de ninguém da sua parte envolvido nesta confusão que armamos.

- Por mim tudo bem – minha voz saiu embargada. Nem acreditei que tinha conseguido falar, devido ao nó que se instalou em minha garganta empurrando o meu sofrimento para fora. – Com licença – dei as costas e fui em direção ao banheiro.

Antes mesmo de fechar a porta já chorava. Liguei imediatamente o chuveiro para abafar meus soluços. Fiquei no banho até que minhas emoções alcançassem uma estabilidade satisfatória e pudéssemos desfrutar a nossa última noite. Eu me sentia partida em vários pedaços.

Saí do banheiro e peguei o que havia escolhido para aquela noite e que tinha deixado sobre o pequeno sofá que fazia parte dos móveis do quarto. Não seria como havia planejado, ainda assim não abria mão de estar com ele uma última vez.

Coloquei a lingerie preta extremamente sexy e por cima apenas um roupão de seda da mesma cor. Eu não esperava pela lareira e nem pelo vinho, por isso não tinha escolhido nada especial para vestir. Decidi manter o planejado e saí com a emoção dominada, ao menos por fora, por dentro estava fragilizada e vulnerável.

Douglas ficou surpreso ao me ver vestida daquela maneira. Seu sorriso demonstrava o quanto aprovava minha ousadia. Entregando-me a taça e segurando-me junto ao seu corpo, começamos a nos movimentar embalados em uma música imaginária que poderia ser o próprio som do meu coração naquele

momento. Encostei-me a seu peito, aguardando pelo que viria. Ele ora acariciava minhas costas, ora meu rosto, mas não me beijava nem tentava ir além.

- Você é linda! – murmurou em meu ouvido. – Muito linda! – sorri me esforçando para não chorar. Perdi as contas de quantas vezes Douglas tinha me dito aquelas palavras, porém naquele momento elas soavam de maneira especial.

- Obrigada! – me atrevi a passar as mãos em seu pescoço enlaçando-o.

Suas mãos apertaram minha cintura com um pouco mais de força. Ainda dançávamos sem música e nos olhávamos fixamente. Sentia pequenos choques em meu corpo. Eu precisava dele em minha vida e constatar tal fato era ainda mais doloroso. Nossos olhos nos prendiam um ao outro e eu me sentia como se ele quisesse me invadir. Como se buscasse dentro de mim, respostas para as suas dúvidas. Devo admitir que fazia o mesmo.

Na verdade, tornou-se quase que vital tentar encontrar algum indício de que tinha me enganado. Não havia. Douglas saíria da minha vida em algumas horas e não poderia fazer nada para impedi-lo.

- É uma pena que você não seja realmente minha – seus dedos acariciaram meu rosto.

Douglas falava próximo aos meus lábios. Suas palavras me atingiram e meu coração inflou, mesmo sabendo que para ele era apenas um momento. Pensei no que poderia e o que não poderia ter. Ponderei até onde aguentaria arriscar a minha felicidade, então decidi que não mentiria mais para meu coração, muito menos para o homem diante de mim.

Não importava como eu ficaria no dia seguinte. Não estava arriscando a minha felicidade, estava apenas me permitindo vivê-la por mais um dia.

- Eu sou sua – nossos olhos estavam presos um ao outro. - Nunca pertenci a alguém com tanta profundidade quanto pertenço a você.

Senti seus braços me apertarem ainda mais. Suas mãos percorrerem minhas costas subindo, levando meu corpo de encontro ao dele. Eu já podia sentir a emoção me dominando e lutei contra ela. Não queria estragar a nossa noite com choro ou cobranças. Também não queria ouvir as justificativas dele. Era viver e pronto. Não havia mais o que questionar.

Douglas me olhava como se não soubesse o que ou como me falar. Deixei que ele tivesse o seu momento de conflito interno e me afastei para beber mais um pouco do vinho. Parei de frente para a lareira e deixei que o seu calor substituisse o do corpo de Douglas. Era impossível tentar. Nunca mais me sentiria

aquecida como me sentia ao seu lado. Era como se meu coração lutasse contra o gelo que tentava envolvê-lo.

Depois de um tempo Douglas voltou a me abraçar pelas costas. Ficamos em silêncio observando o fogo crepitar. Ou a noite estava realmente fria, ou eu já sentia o frio da sua ausência em minha vida.

- Com frio? – questionou depois de um longo tempo em silêncio.

- Não muito – menti. Nós dois parecíamos tensos e aquela situação era ruim.

Sabia que se continuássemos daquela forma logo estaríamos conversando sobre o que eu não queria conversar. Por isso resolvi assumir as rédeas da situação e fazer a nossa noite acontecer. Precisava ser ousada, o que não era algo habitual. Virei-me para encará-lo.

- Por que não me aquece? – tentei ser o mais sensual possível.

Imediatamente suas mãos subiram pelas minhas costas me puxando para mais perto, não o suficiente. Completei o restante do caminho alcançando seus lábios. Douglas se surpreendeu, porém não me evitou, muito pelo contrário. Seu beijo foi cálido, sensual e carregado de desejo.

Suas mãos rapidamente percorreram meu corpo por cima do roupão. Diversas sensações me invadiram: desejo, amor, esperança, desespero, tristeza e desilusão. Tudo ao mesmo tempo.

Eu queria prolongar o que vivíamos e ao mesmo tempo queria que acabasse logo, por não suportar mais a dor e a ansiedade. Afastei-me caminhando pelo pequeno corredor que levava ao nosso quarto e sem esperar por mais nenhuma atitude dele, deixei que meu roupão cair no chão revelando o que eu usava por baixo.

Seus olhos me fitaram ávidos e em seguida estávamos agarrados num beijo urgente. Douglas me carregou no colo, em direção à cama. Não interrompemos o contato entre nossos lábios. Meu coração estava completamente acelerado. Deitamos juntos e eu o recebi sem pudor ou limites.

Para minha surpresa, Douglas interrompeu nosso beijo e ainda deitado sobre mim, encostou sua testa na minha, ofegando.

Hesitava. Não entendi o que estava acontecendo. Nunca havia feito isso. Ele não voltou a falar, nem a me beijar, também não moveu o corpo para se afastar. O desespero dominava meus pensamentos. Eu não tinha mais coragem de tocá-lo. Fiquei imóvel, de olhos fechados, aguardando. O que estava acontecendo?

- Cléo? – chamou baixinho. Não tive coragem de responder.

Um nó em minha garganta me impedia de falar. Eu não queria chorar. Douglas levantou o rosto procurando os meus olhos. Notei que os dele estavam molhados. Ele chorava? Engoli em seco. O que eu tinha feito de errado?

- Preciso fazer uma pergunta, mas quero que você seja verdadeira ao me responder – continuei calada, aguardando. Não preciso dizer que se estivesse no Brasil meu coração seria uma escola de samba, completa e num dia de carnaval. – O que você quer? – sua expressão era séria, a voz rouca e embargada, como estava a minha há pouco. Seus olhos me sondavam, ansiosos pela minha resposta.

Não sabia o que responder. Nem mesmo o que ele estava me perguntando. Como assim o que eu queria? Já não tinha deixado bastante claro? Tive que romper diversas barreiras para dizer exatamente o que queria e mesmo assim Douglas ainda tinha dúvidas? Era tão claro e certo que não havia margem para dúvidas.

- Você! – uma lágrima escapou escorrendo pelo canto do meu rosto. Gostaria de ter dito que a única coisa que realmente queria na vida era ele, no entanto não consegui. Douglas mordeu o lábio inferior sorrindo. Seus olhos assumiram um brilho diferente.

- Eu sei – sussurrou. – Eu preciso saber de que maneira – ao perceber que eu não entendi aonde ele queria chegar, completou: – Você me quer apenas por esta noite? – podia sentir o coração de Douglas tão acelerado quanto o meu. Não teria medo. Eu não tinha medo.

- Para sempre! – as lágrimas desciam sem esforço. – Para todas as noites e todos os dias da minha vida! – assisti às lágrimas que também caíam de seus olhos. Voltamos a nos beijar intensamente.

Não continuamos de onde estávamos porque simplesmente iniciamos uma nova etapa. Fazíamos amor de forma consciente, pela primeira vez. E era muito mais gostoso e intenso do que qualquer outro momento que já tínhamos vivido. Eu o queria para sempre e ele me mostrava com seus gestos que queria o mesmo.

Eu o amava e queria gritar para o mundo a minha descoberta. Não existia mais medo, nem receios. Estava certa do que queria. E, pela primeira vez na minha vida, sentia que estava fazendo algo verdadeiramente por mim. Para a minha felicidade. Finalmente me sentia completa e realizada. Tinha Douglas em meus braços e me tornava livre em volta dos seus. Tudo agora era como deveria ser desde o início.

Seis dias antes.

Eu não tinha dormido quase nada. Não que quisesse reclamar. Era muito bom passar as noites nos braços do meu marido. Douglas não conversou mais sobre a minha decisão, nem falou nada sobre a dele, muito menos sobre o divórcio. Conversamos sobre outras coisas que não podem ser relatadas.

Em meio a tantos encantos me dei conta de que me sentia como se tivesse reencontrado algo que buscava há muitos anos. Não apenas em uma vida, mas em várias. Era como se eu tivesse, enfim, reconhecido nele uma parte em mim que estava esquecida ou adormecida.

Douglas me compreendia. Completava. Eu me sentia leve ao seu lado. Como não entendi antes? Como posso ter pensado em John ou em um relacionamento que só sobrevivia por causa do suporte que éramos um para o outro? O amor verdadeiro há muito tempo não existia mais, somente a comodidade. O hábito. O medo de jogar fora dez anos de planos e expectativas.

Sabia que era Douglas desde o primeiro momento e foi exatamente isso o que me fez fugir dele da forma como fugi. Por este motivo mentia para mim mesma e para todos. Eu tinha medo de viver. De seguir o meu próprio caminho. De decidir a minha vida.

Sempre deixei que as decisões fossem tomadas por outros. John me escolheu como namorada. Escolheu nosso destino, nossa morada e até mesmo a forma como viveríamos. Ele havia escolhido as suas próprias experiências, eu simplesmente aceitei. Naquele momento vivia uma escolha minha. Exclusivamente minha. Era revigorante saber que tinha feito o certo sem medo das consequências.

- Temos que levantar meu bem. Precisamos resolver um monte de coisas antes de irmos embora – beijava minhas costas nuas e brincava com os dedos percorrendo meu corpo.

- Não quero acordar – ronronei preguiçosamente. Ele riu.

- Acorde – sussurrava em minha pele causando arrepios de prazer. – Prometo fazê-la sonhar outra vez quando chegarmos em casa – Douglas me

mordeu de leve.

- Não quero sonhos – virei para ele buscando seus lábios. – Quero a nossa realidade – ele me beijou satisfeito e eu o enlacei com as pernas para segurá-lo um pouco mais na cama.

- Não podemos começar nada – Douglas conseguiu se livrar das minhas pernas. Fiz biquinho. – Vamos levantar. Depois podemos fazer tudo o que você quiser.

- Tudo mesmo?

- Tenho medo do que passa pela sua cabecinha, Cléo – Douglas coçou a cabeça e arqueou uma sobrancelha deixando-me deliciada com a sua atitude. Ele deve ter percebido que eu adorava quando fazia aquilo. - Venha! – meu marido me pegou no colo deixando o lençol na cama. – Te dou uma carona até o chuveiro.

Tomamos o café da manhã no quarto. Tive que me despedir do Douglas logo em seguida. Ele queria que eu fosse com ele buscar o carro, mas meu desejo era ficar com minhas amigas e contar a elas sobre a minha decisão. Ainda não sabia o que faríamos, afinal de contas éramos casados, então precisávamos decidir como seria dali para frente. Ainda havia sete dias de prazo com John e, como ele não queria nenhum contato entre nós dois neste período, teria que aguardar sua volta para casa. Só assim poderíamos por um ponto final na nossa história.

Menos mal, pois ganharia uma semana para organizar minha vida com Douglas. Estava ansiosa para seguir em frente ao lado do homem que eu amava.

Retirei as malas de dentro do closet e comecei a arrumar as nossas coisas. Enquanto trabalhava, pensava com carinho na família do meu marido e no quanto estava feliz em não precisar mais me despedir. Também teria que explicar tudo aos meus pais, que, com certeza, não entenderiam a mudança repentina. Eu me manteria firme em minhas escolhas, eles seriam obrigados a aceitar o marido que escolhi, como eu fui aceita na vida dele.

Fechei tudo e me vesti. Coloquei um jeans largo, confortável e uma camiseta estampada. Calcei tênis, me sentindo ótima. Soltei os cabelos, curtindo o meu novo visual. Com certeza John desaprovava. Ri comigo mesma pelo rompimento dos meus laços com ele. Sua opinião não me importava mais.

Liguei para Jessye, avisando que estaria na área da piscina aguardando Douglas. Ela concordou em me encontrar e disse que avisaria às outras. Não fiquei sozinha nem por cinco minuto. Pela cara da minha amiga, entendi que algo

estava errado. Aguardei em silêncio, esperando que ela falasse. Afinal de contas, seria assim mesmo independentemente da minha vontade.

- Michael foi com Douglas.

- Você está incomodada por causa disso?

- Não. Sem problemas.

- Onde estão Sandy e Hilary?

- Hilary não atendeu ao celular. Imaginei que ela faria algo assim. São seus últimos momentos com Bill, então... – sorriu insinuando o que eles estavam fazendo.

- E Sandy?

- Está terminando de arrumar as malas – ficamos em silêncio mais uma vez. Cada uma aguardando o tempo da outra. Questionei-me se para ela eu aparentava estar tão confusa quanto ela estava aparentando para mim.

- E então... – comecei. – Preparada para ficar algumas horas presa dentro de um carro? – Jessye me olhou como se eu fosse uma alienígena.

- Quer saber? Não estou preparada para me despedir dele, por favor, nada de comentários. Eu estou muito confusa e não quero ter que me explicar – acho que depois daquilo realmente fiquei com cara de alienígena, devido ao meu espanto pela sua explosão.

Tentei assimilar o que ela disse. Desisti. Balancei a cabeça deixando para lá. Quando ela conseguisse se entender, com certeza conversaria sobre o que decidi.

- Eu e Douglas decidimos continuar juntos – pensei que ela nem me escutaria, tamanha a sua confusão. No entanto Jessye me olhou com uma aparência totalmente controlada e sorriu.

- Fico muito feliz! Você nem imagina o quanto estou aliviada em saber que no final das contas tudo deu certo para vocês dois – seus ombros relaxaram e ela passou a mão pela testa, como se um peso tivesse sido retirado das suas costas.

Suas palavras eram carinhosas, porém eu não entendi o porquê do seu alívio. Jessye nunca teve nenhum problema com John. Não morria de amores por ele, assim como ele não morria por ela, mas minha amiga nunca desaprovou o nosso relacionamento, apenas ficou aborrecida com a proposta dele e inconformada por eu ter sido tão passiva.

- Obrigada!

- Mas vocês vão se divorciar, não é? Esse casamento não era para ter acontecido, apesar de ter vindo na hora certa, porque se não fosse ele vocês não teriam se apaixonado. Mesmo assim não foi o passo certo... – Jessye começou a falar sem parar, acabei deixando de prestar atenção ao que ela dizia para me perder em meus próprios pensamentos.

Nunca imaginei que me casaria da forma como aconteceu, por outro lado eu estava muito satisfeita com toda a nossa história e não pretendia abrir mão dela. Não planejei o meu casamento. Casei com o Elvis Presley e vestida de Fiona! No entanto em minha memória, foi tudo perfeito. O que me levava a não querer anular. Decidi conversar com Douglas sobre o assunto assim que chagássemos a São Francisco. Ele me entenderia, com certeza.

- Bom dia, garotas! – Sandy chegou com o seu eterno bom humor.

- Bom dia! – respondemos ao mesmo tempo.

- Qual o motivo destas carinhas tristes? – olhamo-nos procurando pelas caras tristes que ela tinha falado.

- Cléo resolveu dar um pé na bunda do John – Jessye respondeu antes que eu conseguisse contar o motivo dela. Sandy pulou na cadeira de felicidade.

- Isso é ótimo! Vocês podem se divorciar e depois casarem da maneira correta.

- Não pretendo me divorciar.

- Como não? – elas falaram ao mesmo tempo.

- Cléo... – Sandy começou, eu não deixei que terminasse.

- Eu sei. Vocês não vão entender, mas eu não quero me divorciar. Foi este casamento maluco que me fez descobrir o que eu sinto por Douglas. Foi por este motivo que ficamos juntos. Não quero desistir dele como se não tivesse feito nenhum sentido nas nossas vidas.

- Mas você sempre quis um casamento tradicional, vestido de noiva, as daminhas... – Sandy tentava me convencer.

- Sua família – Jessye acrescentou um tanto quanto exasperada.

- Isso. Sua família – Sandy concordou. As duas tentavam a todo custo me convencer aceitar o que diziam.

- E nós somos as suas madrinhas. Não pode casar e não nos convidar – Jessye parecia indignada com a minha decisão. Eu sabia que ela pouco se importava em ser ou não madrinha de casamento, aliás, muitas vezes a ouvi dizer

que era cafona e brega.

- Não faço mais questão de nenhuma dessas coisas. Já tomei minha decisão – encerrei a conversa.

Elas se entreolharam preocupadas. De imediato percebi que havia algo errado naquela história. Preferi deixar passar ao avistar Douglas chegando e procurando por nós. Meu coração acelerou. Era tão bom tê-lo de volta! Levantei chamando-o que logo veio em nossa direção.

Assim que chegou me agarrou em um beijo saudoso. Eu adorei! Depois olhou para as meninas que o encaravam de forma estranha. Tenho certeza de que Douglas também percebeu que alguma coisa estava errada. Como não comentou nada, não toquei no assunto. Conversaríamos depois. Meu marido me abraçou mais forte pela cintura e beijou minha testa.

- O carro já chegou – tentou demonstrar entusiasmo, mas o clima estava tenso, com todos se entreolhando. Eu não entendia por qual motivo nosso divórcio era tão importante.

- Nós vamos partir agora? – esperava ter mais um tempo com ele para que pudéssemos esclarecer aquela confusão.

- Vamos deixar o hotel, mas acho melhor almoçarmos antes. Já está tarde e será uma longa viagem até São Francisco – concordei, apesar de inconformada com o fato de que a nossa conversa teria que esperar até chegarmos em casa.

Fomos buscar as malas e organizar a partida. Douglas me deixou sozinha, indo pegar um cartão que tinha esquecido com Michael. Levei as malas para o corredor e o aguardei. Quando voltou, notei logo que alguma coisa havia mudado. Não na maneira como me tratava, parecia apreensivo. Não sei dizer porque não recebi muito bem aquela mudança.

Ele me deu um beijo rápido, pegando nossas malas para levá-las até o elevador. Fui ao quarto de Jessy e saber o que tinha acontecido. Desisti assim que cheguei à porta, que estava entreaberta, ela e Michael estavam no maior amasso. Fiquei completamente sem graça, mesmo tendo a certeza de que eles não tinham me visto.

Almoçamos em um restaurante italiano muito recomendado, pois nele acontecia um show de ópera incrível. Foi interessantíssimo. Nós nos divertimos e adoramos nossa despedida de Las Vegas.

Em nenhum momento Douglas falou comigo sobre o que o incomodava. Jessy e Sandy também continuavam estranhas. Eu não aguentava mais a tensão que estava no ar. Do lado de fora do restaurante consegui ficar alguns minutos a

sós com meu marido e ataquei antes que fosse tarde demais.

- O que aconteceu? – ele me olhou surpreso. Não havia como esconder a tensão naquele momento. Seus olhos ficaram intensos. Gelei com o que poderia ouvir. Meu marido se aproximou acariciando meu rosto. Sua expressão era de medo. Fiquei ainda mais confusa.

- Eu amo você, Cléo!

Douglas me agarrou em um beijo selvagem e urgente. Não sei se foi a surpresa pelas palavras dele ou a emoção por ter seu amor reafirmado, mas correspondi ao seu beijo com a mesma intensidade. Achei melhor esquecer, por hora, o que estava acontecendo. Nossos amigos chegaram brincando e quebrando o encanto do momento.

- Meu Deus! Vocês não podem esperar até chegar em casa? – Bill brincou, empurrando meu marido com o ombro. Douglas interrompeu o beijo. Eu ri sem graça da brincadeira.

- Vamos logo então. Eu tenho muita pressa – Douglas me puxou pela cintura em direção ao carro.

Jessye conseguiu estender o aluguel do carro, devendo entregá-lo na filial de São Francisco, o que facilitou a nossa volta para casa. Sandy e Juan viajaram conosco, desta vez conversavam baixinho sobre coisas que só diziam respeito aos dois. Douglas dirigia com atenção na estrada, sem deixar de me tocar, segurando minha mão, ou acariciando a minha perna. Não pude deixar de perceber que ele tinha voltado a ficar angustiado, como não podia fazer nada naquele momento acabei me conformando.

Dormi grande parte da viagem. Estava com uma cota muito grande de sono acumulado. Não que eu estivesse reclamando, mas...

Quando acordei já estávamos em São Francisco. Era noite. A viagem havia durado mais do que esperávamos. Douglas não dirigia. Era Sandy. Olhei para trás e vi Juan e meu marido de olhos fechados. Como num passe de mágica ele acordou e me olhou. Senti medo. Era como estar de volta ao mundo real e eu não sabia que tipo de realidade poderia encontrar pela frente.

Jessye ultrapassou o nosso carro fazendo sinal para encostarmos. Sandy obedeceu prontamente. Agradei pelo fato de poder me levantar, esticando meus músculos doloridos. Assim que Douglas saiu tratou de me abraçar e beijar. Ele também estava com medo. Eu podia sentir.

- Vamos comer alguma coisa? – pela forma como Jessye falava, deu para notar que também sentia medo. Eu sabia exatamente o motivo dela: Michael.

- Vamos – Douglas respondeu por mim. – Estou com fome – se justificou dando de ombros quando eu o olhei censurando.

- Por mim tudo bem – no fundo eu também queria adiar o que teríamos pela frente.

Fomos todos para um restaurante que eu e minhas amigas costumávamos frequentar. Seu ambiente era acolhedor. Suas cadeiras almofadadas num tom azul claro, muito parecido com o céu do Brasil em dia ensolarado, deixavam tudo mais leve. As luminárias que desciam quase até a mesa tornavam o ambiente aconchegante, mantendo a intimidade de seus ocupantes.

Não fiquei surpresa ao ver que Douglas também gostava do local que escolhemos. Nós éramos tão parecidos. O restaurante ainda estava vazio por isso conseguimos uma mesa que nos dava o máximo de privacidade. O garçom nos atendeu levando o cardápio e anotando os pedidos das bebidas. Logo me dei conta de que, como tinha dormido a viagem toda, precisava usar o banheiro. Pedi licença deixando a mesa. Só percebi Sandy atrás de mim quando cheguei à porta.

- Precisamos conversar – ela me levou para dentro.

Saí do banheiro, arrasada. Não conseguia acreditar. “Como ele pôde?”

Olhei para a direção mais improvável, como se procurasse uma saída para o meu problema, dando de cara com quem eu menos esperava. Mesmo com a pouca clareza e com a forma como a disposição das mesas conseguiam manter a intimidade dos clientes, pude reconhecê-lo. John. No mesmo restaurante que eu.

Estava acompanhado dos amigos, assim como eu, e, também de alguém que era mais do que um amigo. Fiquei chocada com o que vi. John estava com uma colega de trabalho, a mesma que muitas vezes questionei sobre a amizade deles. Não era apenas amizade, eu podia ver pelo jeito que a abraçava.

Senti muita raiva de tudo. De mim, da minha ingenuidade, das mentiras... Todas elas, inclusive as que eu tinha vivido todos aqueles anos. Ele segurou o rosto da garota e a beijou nos lábios. Era um beijo cheio de desejo. Sabia disso porque era assim que eu fazia com Douglas. Meu chão faltou naquele momento.

Quando dei por mim já estava parada na frente deles. Os amigos dele me encararam, espantados, enquanto meu “noivo” continuava a beijá-la sem me notar. Sandy tentou me deter, mas eu não permiti que ela me tocasse. Estava com ódio de tudo e de todos. Sem pensar, peguei o copo que estava na mesa e joguei o líquido no rosto dos dois que interromperam o beijo, surpresos e assustados.

John levou alguns segundos para perceber o que tinha acontecido, enquanto a garota me olhava chocada.

- Cléo? – falou sem acreditar no que eu acabara de fazer.

- É assim que se separa cachorros no cio – gritei com raiva.

- Cléo, o que você está fazendo? – ele levantou se afastando da garota, que me olhava completamente perdida. Com certeza achava que eu era a “ex-noiva” histérica e inconformada com o fim do relacionamento.

- Você não presta John! – as lágrimas embaçavam a minha visão. Ele me olhou triste, por um tempo. Sua boca se abriu para uma justificativa, porém rapidamente se fechou e então seus olhos ficaram duros.

- Nós temos um acordo – disse secamente. Seus lábios formaram uma linha fina, comprimida pela raiva.

- Tínhamos – rebati. Ele tentou me tocar e eu o repudiei. – Não. Me. Toque. Não se atreva... – percebi todos os meus amigos ao meu lado. Douglas estava próximo, sem me tocar. Ele apenas assistia à minha cena patética.

- Cléo, você concordou. Nós concordamos. Isso não é justo – ri histérica.

- E o que é justo John? Isso é justo? – aponte para a garota com quem ele estava. Ela me olhou de cima a baixo e sorriu debochada. Entendi, com bastante clareza. Eu era a “ex” inconformada.

- Não a envolva nesta história. Nós não estabelecemos limites. Aliás, até onde me lembro, eu estou solteiro – cruzou os braços deixando claro que eu não tinha nada a fazer ali.

- Ótimo! – olhei em seus olhos, decidida.

- Conversaremos em sete dias – John tentou encerrar a conversa.

- Não conversaremos. Nosso acordo acaba aqui e agora – dei-lhes as costas, ele me segurou pelo braço, com força, e eu tentei me livrar de suas mãos. Foi quando Douglas resolveu intervir.

- Tire suas mãos dela – empurrou John e me puxando para trás dele.

- Fique fora disso – John gritou com raiva. – Vá para casa, Cléo.

- Não volte a falar assim com ela – Douglas rebateu com a mesma raiva que John demonstrava.

- Quem é você? – John perguntou com deboche.

- O marido dela – Douglas respondeu com orgulho e John riu, porém seu riso durou pouco. Somente até perceber pelo meu olhar que era verdade.

- Você... – ele me olhou com uma mistura de sentimentos. – Como você...

- Acabou – Douglas encarou John fazendo-o recuar.

Eu não queria continuar ali. Já havia descoberto tudo o que precisava. Todas as feridas já estavam abertas. Deixei o grupo discutindo e saí do restaurante, correndo em direção a um ponto de taxi próximo.

- Cléo! – ouvi Douglas gritando e correndo em minha direção. Fugi para o taxi, mas ele me alcançou. Não estava com raiva, Parecia estar preocupado e com medo.

- Vá embora! – gritei com toda a minha raiva. – Desapareça da minha vida, Douglas! – nos encaramos por um tempo. Então afrouxou a pressão que fazia em meu braço.

- É o que você quer? – vi a tristeza que suas palavras provocavam.

- É. Pelo menos uma vez nesta merda toda, respeite a minha vontade – rebati chorando. Douglas me soltou se afastando. Entrei no taxi e fui embora. Ainda pude ver Sandy parada à porta do restaurante me observando. Ela chorava.

XVI

Cinco, quatro, três, dois, um... O grande dia.

Passei vários dias em casa. Escondida de mim mesma. Sim. Porque fui a única responsável por tudo o que aconteceu. Eu e o meu medo de ser quem realmente sou.

A minha única vontade era fugir, sumir. Infelizmente era impossível me esconder de mim mesma. Sentia-me péssima, humilhada, destruída. Tudo o que eu vivi durante esses vinte dias, ao lado de Douglas, era uma grande farsa, encoberta por uma ainda maior que a minha vida com John.

Era como se eu não tivesse existido durante todos esses anos. Não havia nada de mim neles, apenas uma garota covarde que obedecia a todas as vontades de outra pessoa, por ser incapaz de acreditar na sua própria capacidade de ser feliz.

Durante toda a minha vida, me permaneci na sombra do que John queria. Não sentia raiva dele. Na verdade, tudo aconteceu com a minha permissão. Sempre com a minha permissão. A única culpada naquela história era eu e ninguém mais poderia colocar um ponto final nela.

Naquela noite, escolhi me esconder em minha própria casa. Claro que todos sabiam onde eu estava, mesmo assim consegui me manter afastada de tudo e de todos. Desliguei o celular, não verifiquei os e-mails, não atendi a porta, nem acendi as luzes. Após o banho, tomei um antialérgico, algo que sempre reprovei na Jessye e, apaguei por 12 horas. Era melhor assim.

Passei o restante dos cinco dias do tempo acordado com John, cinco dias, olhando para as paredes vazias. Minhas amigas foram até a minha porta, bateram, tentaram conversar, mas eu fingi que não existia nada nem ninguém. Simplesmente as ignorei. Fingi que não existia nada nem ninguém além de mim no mundo, e me fechei num momento apenas meu. Depois de dois dias elas desistiram e me deixaram em paz.

Nem John, nem Douglas me procuraram.

Após esse tempo comecei a acreditar que poderia refazer a minha vida. Cinco dias foram o suficiente para eu decidir o caminho que queria seguir.

Precisava ser forte e não passar a vida trancada em casa me fazendo de vítima. Duas notícias importantes chegaram no mesmo dia, me devolvendo ao inferno.

Uma chegou pela manhã. O zelador do meu prédio sabia que eu estava em casa e com certeza já tinha percebido que não queria receber visitas, então pela manhã bem cedo, colocou as correspondências por baixo da porta. Peguei os quatro envelopes indo até o sofá com uma xícara de café bem quente na mão.

Reconheci a fatura do cartão de crédito, que insistia em chegar pelo correio mesmo depois de ter solicitado que fosse suspensa, pois eu sempre pegava pela internet e pagava da mesma forma. Outros dois eram propagandas de compras coletivas e outras coisas. O quarto e último chamou a minha atenção e meu coração disparou. Pensava estar preparada, mas não estava.

Era de um escritório de advocacia. Não precisei abrir para saber do que se tratava. Douglas tinha pedido o divórcio. Fiquei algum tempo paralisada olhando para o envelope. Então dei vazão ao choro. Era melhor chorar enquanto ainda estava sozinha, longe do “meu marido”.

Era uma convocação para a assinatura do divórcio no dia seguinte. Fiquei aliviada por saber que teria mais um dia. Precisava me preparar. Sabia que aquilo aconteceria, só não pensei que seria tão rápido. Era explicável que ele tivesse pressa. O casamento tinha sido um erro, uma brincadeira e, já que não estávamos mais juntos, era necessário resolver rapidamente toda aquela confusão para termos nossa liberdade de volta.

Chorei no sofá até que não houvesse mais lágrimas para derramar. Assim como eu, Douglas tinha tomado a sua decisão.

Quando já estava me sentindo melhor, a segunda notícia chegou.

Ouvi um barulho de chave na porta do apartamento e imediatamente soube que John havia voltado. Fiquei parada no mesmo lugar sem saber ao certo o que fazer. Ele abriu a porta e nossos olhos se encontraram. Meu “noivo” levava suas coisas de volta para a “nossa” casa.

- Cléo! – disse com cuidado, colocando sua mochila no chão e a pasta com o *notebook* ao lado. Não respondi. Andou em minha direção se ajoelhando diante de mim. –Voltei – parecia inseguro. Olhei em seus olhos e não reconheci neles o meu amor. John deixara de existir para mim.

- De volta para o que? – minha voz estava embargada pelo choro. Eu tinha tomado as minhas decisões e John era uma delas.

- Para a nossa vida – colocou uma mão sobre a minha. Não recuei, simplesmente desviei meu olhar. – Cléo! Nós tínhamos um acordo.

- Eu sei.

- Então...

- Acabou, John – era melhor dizer tudo de uma vez e encerrar aquela etapa. No dia seguinte, eu teria que enfrentar um gigante e era melhor começar a me preparar.

- Cléo. Eu sei que você está magoada, mas nós combinamos que iríamos experimentar coisas diferentes. – suspirou pesadamente. - Pelo visto você também não ficou quietinha no seu canto, não foi? E aquela história de marido? O que foi aquilo?

- Ele é o meu marido – admiti derrotada. – Pelo menos até o momento.

- Você... Você casou? Mas... E nós? E o que tínhamos combinado? – ele não parecia muito abalado, apenas tentava reverter a situação e me fazer sentir culpada. – Nós decidimos que teríamos novas experiências sem nos envolver seriamente com outras pessoas. Como você pôde, Cléo?

- Você não estava lá. Eu precisei de você. Precisei de verdade e o que você fez? Não quis me atender, com esta conversa de acordo, o tal direito de experimentar coisas novas. E onde foi parar o companheirismo? Você abriu mão de mim por causa dessa ideia maluca – o acusei.

- E você se casou com o primeiro idiota que apareceu. O que aconteceu? Não deu certo? – meu coração reagiu as suas palavras. Podia senti-lo se apertando cada vez mais. Era sufocante. – Não jogue as suas frustrações para cima de mim. Eu estou aqui agora, como tínhamos combinado. Não tente me fazer sentir culpado, eu não tenho culpa se você foi tola o bastante para acreditar na conversa de qualquer um. – as lágrimas rolaram pelo meu rosto. Eu não era uma tola. Apenas havia descoberto que poderia viver muito bem com as minhas próprias escolhas. – Olhe para você. Mudou até o visual. Pensou que com isso mudaria quem você é? Como pôde cortar seus cabelos? – sua voz era de reprovação.

- Eu não fui uma tola – a raiva estava nítida em minha voz. - E Douglas... O meu marido... É a pessoa mais incrível que eu já conheci até hoje – John me olhou surpreso. – Ele esteve comigo em todos os momentos difíceis.

Lembrei-me do dia que minha menstruação chegou e como ele permaneceu ao meu lado, me apoiando e cuidando de mim, do acidente, dos seus olhos determinados a não me abandonar, mesmo que significasse a morte para nós dois. Depois me lembrei de como eu tinha perdido tudo e ele me ajudou da maneira certa, não permitindo que nada me acontecesse.

- Douglas me respeitou como eu mereço ser respeitada e me amou como eu quero ser amada. Ele se casou comigo sem que eu tivesse que cumprir nenhuma exigência absurda como você fez. Ele me escutou e me compreendeu como ninguém. Ele me tornou uma nova mulher. Mostrou-me que eu podia sim, ser e fazer o que queria sem precisar de permissão. Ele me mostrou o que é o amor, me fez entender como se deve amar e eu posso te dizer, John, que é muito diferente do que vivemos durante dez anos.

John me olhava assustado. Eu nunca tinha dito a ele como me sentia ou contestado algo que tivesse decidido por nós dois. Não podia culpá-lo. Na verdade, se tudo fosse diferente, nunca teria me mudado para os Estados Unidos, nem teria conhecido Douglas.

- Você não tem culpa, John. A verdade é que o nosso relacionamento não existia mais. Era apenas o comodismo e o hábito. Esses dez anos juntos nos fizeram acreditar que ainda era amor. Eu não estou com raiva de você, mas não posso mais continuar neste relacionamento.

- Você não pode estar falando sério – limpou uma lágrima que tinha escorrido em seu rosto. Poucas vezes vi John chorar e desta vez podia ter certeza de que era porque ele entendeu que eu não estava brincando, nem que agindo por impulso em um momento de raiva. – Cléo, você só está magoada por causa da Kelly, mas ela não significou nada. Nada mudou. Eu ainda quero me casar com você. Olha... Podemos fazer como você quer... – olhei em seus olhos e não me senti feliz por fazê-lo sofrer.

Eu não estava me vingando, nem agindo por despeito. Apenas queria fazer com que a minha vida valesse a pena e John já fazia parte do meu passado.

- Tudo mudou John – eu chorava copiosamente. Nunca imaginei que doeria tanto terminar com ele, mesmo depois de tudo. Mesmo com a certeza de que eu não o amava mais, ou de que nunca o amei de verdade.

- Não mudou, não. Eu vou consertar tudo, Cléo. Prometo! – John chorava livremente com a cabeça baixa entre meus joelhos. – Nós vamos fazer diferente. Você só está mexida com o que aconteceu, mas eu vou te fazer entender que o nosso amor é mais forte. Ele foi apenas uma aventura, Cléo, eu sou a sua realidade – olhou-me nos olhos novamente. – Voltaremos para o Brasil. Podemos recomeçar a nossa vida lá. Nós nos casamos e vamos ser felizes ao lado da nossa família. O que acha?

John nunca quis voltar ao Brasil. Aquele era o meu plano, a minha vontade. Se ele tivesse me dito aquelas palavras há vinte dias, eu seria a pessoa mais feliz do mundo. No entanto aquela não era mais a minha realidade. Eu não queria

mais ir embora. A minha vida estava em São Francisco. Não fugiria para o Brasil como a covarde que sempre fui.

- Sinto muito, John, mas eu já sou casada – ele levantou com raiva.

- E cadê o seu marido? Por que não está com você. Eu sei que você está trancada em casa esses dias todos e que ele te abandonou. O que vai fazer? Como vai viver? Tão acostumada a ser mimada, não sabe fazer nada sozinha. Como vai ser a sua vida sem mim por perto? – olhei para ele e sorri.

- Você não sabe nada sobre mim.

No dia seguinte, eu estava pronta para ir até o endereço que a correspondência do escritório de advocacia indicava, só não tinha coragem necessária para passar pela porta. Saber que meu comparecimento seria a confirmação do final de tudo, realmente me doía muito. Mas se era o que ele queria, eu precisava ir em frente. Não me esconderia mais atrás de meus medos deixando as pessoas decidirem por mim. Peguei a bolsa e saí.

Cheguei ao escritório dez minutos atrasada. Eu não sabia o que fazer naquela situação. Nunca havia me divorciado antes e não quis contratar um advogado para me acompanhar. Nem sabia se Douglas estaria lá ou se assinaria em horário diferente, evitando assim o nosso encontro.

Entrei no escritório, um tanto quanto sofisticado, caminhei até a mesa de vidro, onde uma garota muito bem maquiada, vestindo saia preta de cintura alta e uma camisa de seda branca, com mangas, sorria educadamente. Após me identificar fui informada de que já era aguardada. Nem deu tempo de me acomodar em uma das poltronas de couro preto que estavam muito bem posicionadas na sala. A secretária me indicou uma porta e após avisar a minha presença abriu espaço para eu entrar.

Fiquei paralisada ao ver Douglas sentado em uma das cadeiras de frente à mesa onde estava o advogado. Sua presença ofuscou tudo ao meu redor. Meu coração disparou. Era simplesmente maravilhoso poder olhá-lo novamente, seus olhos não estavam admirados como os meus. Ele me olhou rapidamente e depois desviou, cruzando os dedos e olhando o papel a sua frente.

- Srª Foster – o advogado se adiantou em apertar a minha mão me indicando

a cadeira desocupada. Obedeci, olhando disfarçadamente para Douglas, que não me olhou. – Não se preocupe, vai ser tudo bem rápido. A não ser que não esteja de acordo com as cláusulas do divórcio – estendeu para mim um conjunto de papéis. Peguei-os fingindo interesse no que estava escrito. – É basicamente o de sempre. Vocês se casaram em comunhão parcial de bens... Sem um acordo pré-nupcial – desviei os olhos para Douglas procurando respostas. Eu não sabia dos detalhes do nosso casamento. Estava bêbada demais para me lembrar. Ele apenas concordou com a cabeça. – Como o casamento durou poucos dias, e vocês não adquiriram nem construíram nada juntos, não há nada a ser dividido. Existe algo que a senhora queira alegar, como uma pensão, por exemplo?

- Não – fui enfática, porém minha voz saiu fraca. O momento final estava chegando. Não foi como eu imaginei. Percebi que não estava preparada para tanta frieza por parte de Douglas. Não queria discutir bens. E sim sentimentos.

- Ótimo! Então, por favor, Sr. Foster, assine aqui – ele indicou o local a Douglas que assinou sem questionar. Foi como um tiro em meu coração. Saber que ele desejava o divórcio com tanta certeza me machucava muito. – Agora... Aqui Sr^a Foster – o advogado me indicou o local onde eu deveria assinar. Peguei a caneta em sua mão e fiquei com ela parada no papel, sem conseguir agir. Não era o que eu queria. – Sr^a Foster? Algum problema? – olhei para Douglas que não me olhava. Meu coração não poderia estar mais partido. Assinei o papel e devolvi. Não tive como impedir as lágrimas que desciam.

- Por que você está chorando? – Douglas falou comigo pela primeira vez. Seus olhos não me acusavam, estavam tristes, assim como os meus. – Não era o que você queria? – como ele podia dizer aquilo? Eu havia dito que o queria em minha vida para sempre. Apesar de tudo eu ainda o amava, não podia evitar. – Este casamento foi um erro, Cléo – sua voz estava baixa e cheia de emoção. – Você tem o direito de escolher.

- Não foi um erro para mim – eu tinha muitas coisas para dizer, mas olhando em seus olhos, nenhuma acusação vinha a minha cabeça. – Eu vivi os melhores dias da minha vida por causa deste casamento. E lamento que tenha que terminar assim – chorava livremente, sem vergonha dos meus sentimentos. – Você tem razão quando diz que eu tenho direito de escolher. Eu escolhi, infelizmente a minha escolha não foi a mesma que a sua.

- Cléo... – ele tentou dizer, eu o interrompi.

- Você já conseguiu o divórcio, Douglas. Boa sorte com as suas escolhas! – fui embora deixando-o para trás. Eu teria que reconstruir a minha vida e ser feliz com as minhas escolhas.

- Pensei que você não superaria o que passou – Jessye falava sem muito ânimo ao meu lado.

Após sair do escritório, quando consegui pensar com mais clareza, liguei para as minhas amigas. Todas estavam preocupadas, por isso combinamos de nos encontrar em um bar que costumávamos frequentar. Eu ainda estava muito triste e abalada naquele momento, assim preferi agendar o encontro para a noite. Até lá estaria mais calma.

E foi assim que aconteceu.

- Com tudo isso eu descobri que sou muito forte – declarei para todas. Elas estavam atentas as minhas reações.

- E como vai ser de agora em diante? – Sandy quis saber.

- Um dia de cada vez. Vou terminar o meu artigo e enviar para o jornal. Depois vou planejar o que farei. Consegui ficar com o apartamento. John exigiu que tirasse o nome dele do contrato, então tenho uma reunião marcada com o proprietário. Acho que fez isso para deixar claro que a partir de agora eu não posso mais contar com ele – ri sem vontade pela mágoa que John tinha ficado de mim. Ele não conseguiu entender que contribuí e muito para o que aconteceu. - Também tenho coisas para resolver, como conseguir documentos novos. No momento só tenho a minha certidão de nascimento.

- E Douglas? – ouvir o nome dele mexia em uma ferida ainda não cicatrizada, mas eu seria forte.

- Não sei – admiti. – Não tivemos tempo para conversar – baixei os olhos para o copo que estava em minha mão e tomei um gole da minha bebida. Ficamos todas num silêncio constrangedor. Não queria entrar em detalhes nem explicar a elas que ficaria tudo bem.

- Com licença – ouvi a voz familiar e instintivamente levantei a cabeça.

Procurei por ele no meio das pessoas que lotavam o bar, sem encontrar. Passei a buscar de onde vinha aquela voz. O encontrei no palco, sentado em um banco com um violão no colo. Meu coração quase parou. Eu não fazia ideia de que o encontraria tão cedo. Definitivamente não estava preparada. Todos fizeram silêncio prestando atenção em Douglas.

- Eu gostaria de um minuto da atenção de vocês – continuou falando sem

olhar na minha direção. – Compus uma música, reflexo das minhas últimas experiências – sorriui confidente. - E gostaria de tocá-la para uma pessoa que está aqui esta noite – comecei a tremer de imediato. Meus olhos já estavam marejados. – Cléo. Eu apenas quis te dar o direito de escolher. Por isso fui até o final. Mas estava errado quando acreditei que teria forças para viver sem você. Eu errei. De diversas maneiras, não tenho coragem de enumerar aqui todos os meus erros. Só queria que você acreditasse em mim, mais uma vez – então começou a tocar e a cantar.

Foi perfeito!

“Eu sei, eu errei, mas aprendi.

Com todas as minhas lembranças

A única coisa que você me deixou

É também a minha maior força para derrubar todas as barreiras

Para que enfim eu consiga alcançar você.

Não existe mais medo e nem dúvidas

O que eu sinto é tão perfeito e único,

Assim como você.

Meu único amor.

Por isso eu te peço: Me perdoe,

E me leve de volta a sua vida

De onde eu nunca deveria ter saído

Eu sei, tive medo

Fui fraco, mas agora sou forte

O suficiente para viver este amor

E nunca mais deixar nada nos separar

Confie em mim, eu posso te mostrar o quanto sou forte agora.

Por que não há mais ninguém além de mim,

Não há mais ninguém que você queira ao seu lado

Não há mais ninguém que eu queira ao meu lado.

*Por isso eu te peço: Me perdoe,
E me leve de volta a sua vida
De onde eu nunca deveria ter saído
Os nossos planos ainda estão lá fora
Aguardando-nos para serem concretizados
Eu só preciso de um sim
E nada mais estará entre nós dois
Eu prometo
Eu percebi a única verdade
E ela é você.
Por isso eu te peço: Me perdoe,
E me leve de volta a sua vida
De onde eu nunca deveria ter saído
Eu só preciso de um sim
Eu só preciso de você.”*

As lágrimas escapavam de meus olhos e eu não fazia nada para evitá-las. Douglas estava lá, dizendo que me amava. Eu só conseguia sentir que a minha vida voltava para o seu eixo. Tinha certeza de que ele era o certo para a mim.

Quando terminou de cantar, nossos olhos não se desgrudaram. Todos aplaudiram e a confusão foi geral. Douglas desceu do palco, caminhando em minha direção. Só então percebi que os amigos dele estavam com as minhas amigas. Não consegui ficar parada. Corri para ele me jogando em seus braços.

Beijamo-nos como se fosse a primeira vez. O sabor era indescritível e a emoção o tempero principal. Sorríamos e nos beijávamos ao mesmo tempo.

- Eu te amo, Cléo – Douglas dizia emocionado.

- Quando você descobriu isso?

- No momento em que a vi pela primeira vez – seus olhos eram verdadeiros e profundos. Impossível não acreditar.

- Mas você quis o divórcio!

- Porque eu quero fazer do jeito certo. Eu caso com você, dessa vez como você sempre sonhou e não por causa de uma noite inconsequente. Quero que nosso casamento seja perfeito, como você merece.

- Nosso casamento foi perfeito! Foi exatamente como eu queria. Não poderia desejar que fosse de forma diferente – admiti ainda chorando em seus braços.

- Podemos mudar alguma coisa corrigir – Douglas sorriu cúmplice. - Sempre haverá Las Vegas.

Em menos de vinte minutos estávamos de volta ao carro rumo a Las Vegas. Tínhamos pressa, afinal um casamento nos aguardava. Ainda havia muita coisa para dizer a Douglas, mas optei por deixar tudo no passado. Reconstruir minha vida ao seu lado seria muito melhor do que remoer nossos erros. Estava feliz. Muito feliz! Iria casar com o homem da minha vida, desta vez, consciente e pela nossa própria vontade. Sabia exatamente como seria: eu vestida de Fiona e ele de Elvis Presley.

NOTA DA MADAME MADELAINE.

Em vinte anos trabalhando em Las Vegas como cartomante e vidente, nunca tinha passado por uma situação tão inusitada.

Naquela tarde, recebi a visita de um casal. Não propriamente um casal. Entendi depois que eles começaram a falar. O que queriam era diferente de tudo o que eu poderia imaginar. Nem mesmo as cartas seriam capazes de prever uma situação como aquela.

A garota de nome Jessye me explicou que precisava da minha ajuda em algo complicado. Ela queria convencer uma amiga de que alguma coisa de muito boa aconteceria em sua vida em um futuro imediato. Não posso dizer que nunca menti ou floreie qualquer revelação que fazia aos meus clientes. Quem procura por uma cartomante, principalmente em Las Vegas, não quer ouvir sobre problemas ou tristezas. Mas daí a mentir para encorajá-la a aceitar a presença de outra pessoa em sua vida era um tanto quanto perigoso. Eu poderia estar fazendo mal à garota, como ela me garantiu que nunca seria capaz de fazer qualquer coisa que prejudicasse a sua amiga. Então aceitei.

Era tudo muito simples: elas chegariam e eu apenas iria dizer à garota indicada pela amiga que tinha me procurado, que podia sentir a tristeza pela qual ela estava passando, mas que também via muita felicidade em sua vida.

Essa foi a parte mais estranha. Afinal de contas, pelo que entendi, a garota era noiva de outro rapaz, que não merecia muito o seu amor. Por causa disso sua amiga me procurou. Ela queria que a garota acreditasse mais nela e em sua capacidade como mulher.

O rapaz que a acompanhava, de nome Douglas, parecia levar tudo como uma grande brincadeira, porém não sou uma fraude, e ele foi o fator principal para me fazer aceitar a proposta deles. Pude ver em sua aura o quanto ele gostava da garota que eu iria enganar e seu sentimento era puro. Imaturo e ainda recente, mas verdadeiro, mesmo que ele até então tenha se dado conta deste fato.

Eu apenas dei uma mãozinha ao destino. Quando a garota entrou em minha tenda, imediatamente percebi que ela estava predestinada ao rapaz. Porém a sua fraqueza e infantilidade poderiam impedi-la de se arriscar. Então usei de todos os meus artifícios para fazê-la entender.

O casamento, realmente era um aviso do destino que caiu em minhas mãos, então apenas passei o recado. Não achei que minhas palavras teriam resultado

imediato, mas soube assim que elas saíram que o destino já se empenhava para juntá-los. Então não me senti culpada por ter mentido ou enganado. E de quebra ganhei uma boa grana para fazer o serviço que, com certeza, faria mesmo sem estar envolvida na trama.

Posso ser vidente, mas não sou uma fraude e valeu a pena.

NOTA DA JESSYE

Não me sinto culpada pelo que fiz. No final deu tudo certo e hoje, embora não tenha revelado nada a Cléo, pois sei que ela nunca me perdoaria, sinto-me muito feliz por ter pensado em juntar minha amiga com Douglas. A ideia foi minha, mas ele concordou com a loucura no mesmo instante e isso me deu forças para continuar.

Nós já havíamos conseguido convencer Cléo a viajar com a gente. Foi antes de eu conhecer Douglas e armar todo o plano em minha cabeça. Cléo estava péssima pelo que vinha passando com John e nenhuma amiga de verdade conseguiria ficar quieta vendo tanto sofrimento. Não era justo.

Cléo era a namorada perfeita e John se aproveitava. Ele nunca priorizava a sua relação com ela, isso já me incomodava há muito tempo. Minha amiga sempre foi muito passiva, o que facilitava muito as coisas para seu noivo, que agia sem se importar com o a opinião dela.

Quando Cléo me contou que tinha aceitado a proposta indecente do seu noivo, comecei a pensar numa forma de fazê-la aceitar que também precisava de novas experiências e que, se John tinha feito a proposta, ela deveria cumprir com a sua parte. Minha amiga só tinha concordado para não perdê-lo. Eu tinha certeza, apesar de ela não ter dito claramente seu motivo para se comprometer com aquela palhaçada.

Chamei nossas amigas e juntas programamos a viagem. Las Vegas era o lugar ideal para fazê-la repensar suas escolhas. Douglas caiu de paraquedas na história. Quando percebi o seu interesse por Cléo acreditei que ele poderia ser a sua melhor opção. E eu tinha razão. O próprio destino se encarregou de fazer a sua parte e no final deu tudo certo.

Tudo bem que Douglas extrapolou algumas vezes e quase pôs tudo a perder, como o casamento deles, o primeiro. Até nisso ele acabou acertando, porque se não fosse assim, Cléo não iria aceitá-lo com tanta facilidade em sua vida.

Hoje eles estão casados e felizes. Aliás, eu nunca vi a minha amiga tão feliz. E de quebra ganhei um namorado. Eu e Michael, depois de um tempo, admitimos que não conseguiríamos realmente nos despedir. Encontramo-nos diversas vezes e sempre acabávamos nos braços um do outro.

Cléo e Douglas trabalharam duro para nos unir. Com jantares e reuniões

onde sempre acabávamos juntos. Atualmente somos namorados de verdade e eu não poderia estar mais feliz.

Acabei entendendo que esse “jeitinho” que demos para fazer com que eles dois ficassem juntos foi uma forma de mostrar a ela o quanto a amo e o quanto quero o seu bem.

NOTA DO DOUGLAS

Conheci a Jessye no dia em que estava finalizando a compra de um apartamento no prédio em que ela mora. O imóvel era um ótimo investimento, apesar de precisar de uma pequena reforma. Estava com duas caixas nas mãos e quando abaixei para colocá-las no chão e abrir a porta, eu a vi saindo de casa com Cléo. Linda! Não consegui desviar meus olhos.

Jessye me notou na mesma hora, mas Cléo nem se deu conta da minha presença, estava de cabeça baixa e parecia muito triste. No mesmo instante, meu coração bateu mais forte. Eu não sabia, mas me apaixonei por ela naquele momento. Que outra desculpa eu teria para concordar com o plano maluco da Jessye?

Eu não as conhecia, mesmo assim queria participar daquela história. Por isso quando Cléo me perguntou desde quando a amava respondi “no momento em que a vi a primeira vez”. Hoje tenho plena certeza disso.

Não foi apenas a sua beleza que chamou a minha atenção, com seus cabelos negros e olhos tão verdes que fascinavam qualquer pessoa que os contemplasse, mas a maneira como ela agia e se expressava ao falar com a amiga. Em nenhum momento me olhou ou me percebeu, tamanha a profundidade dos seus pensamentos. Ela era acima de tudo um imã para pessoas como eu.

No dia seguinte encontrei Jessye no mercado ao lado do prédio. Não imaginava que seria tão fácil me aproximar, muito menos conversar sobre nossas vidas. Descobri que elas iam para Las Vegas. Justamente Las Vegas, minha terra natal e, para completar a coincidência, eu estava tirando alguns dias de folga para visitar a minha família. Ou seja, iríamos nos encontrar. Imediatamente pensei na Cléo.

- Oi, vizinho! – Jessye disse ao me reconhecer.

- Oi melhor amiga da minha futura esposa – brinquei com ela. O que eu não sabia era que estava profetizando meu futuro.

Quando Jessye percebeu o meu interesse na Cléo achou graça e fez alguns comentários do tipo “ela está perdida” e “precisa de um empurrãozinho para prestar mais atenção no mundo ao seu redor”. Saímos do mercado juntos e naquele mesmo dia Jessye bateu na minha porta com o plano todo armado. Não precisou de muito para me convencer. Apenas liguei para meus amigos e tudo estava resolvido.

A ideia original seria apenas eu me aproximar da Cléo, sem demonstrar a minha pretensão. Com a situação que ela estava passando, mostrar interesse em ter algum relacionamento era quase dar um tiro no próprio pé. Então resolvemos inventar a história da minha ex-namorada.

Michele existe realmente, mas nossa relação não terminou porque ela me traiu. Essa desculpa serviu apenas para fazer com que Cléo me notasse e fosse solidária. Acabou porque eu cansei de fingir que não percebia qual o real interesse dela em mim. Além disso, éramos completamente incompatíveis.

Terminamos tranquilamente e sem nenhuma mágoa ou rancor. Deu certo a princípio. Cléo ficou interessada em minha história e eu sabia fingir muito bem o meu sofrimento. As ligações constantes e as mensagens enviadas pelas pessoas da minha agência e estúdio também ajudaram a sustentar a farsa. O problema é que não consigo deixar de expressar o que penso em relação às pessoas e isso fez com que Cléo se afastasse.

Percebi de cara que ela não amava mais o namorado e que existia interesse da parte dela também, por isso quis continuar com nossa “brincadeira”. A ideia do casamento foi apenas para fazer com que aceitasse minha proximidade. Na verdade, eu não iria me casar com uma estranha só porque me interessei por ela. Admito. Então durante a tarde fui até a agência e programei tudo com o responsável. Seria um casamento de mentira. Ele aceitou a farsa, mediante o pagamento de uma taxa adicional. Tudo bem! Valeu para que ele ficasse de bico calado e não concordasse em desfazer a união.

Quando encontrei Cléo no cassino fiquei fascinado com tanta beleza. Ela estava simplesmente maravilhosa com aquele vestido que delineava bem suas curvas. Fiquei deslumbrado. A garota já bebera bastante, e já estava um pouco alta quando a encontrei. Eu não bebi, apenas fingi que a acompanhava para que aquela linda mulher ficasse mais confortável comigo. E deu certo. Ela logo estava em meus braços. Adorei estar com ela. Contudo tinha consciência de que não poderia ultrapassar os seus limites.

Cléo não merecia.

Então nos casamos, depois a levei ao meu quarto e, mesmo com a garota me beijando e agarrando de maneira tão provocante eu apenas deixei-a dormir. Entrei para tomar um banho e quando saí, Cléo já dormia, completamente nua. Foi uma grande prova de resistência. Afinal, ela é linda!

Depois foi só deixar que acreditasse que casamos realmente e que tínhamos consumado o casamento. Todos os nossos amigos estavam cientes do nosso plano, só não sabiam o que eu tinha armado, então demorou para que conseguisse

contar a eles que era uma mentira também e por causa disso precisava realmente forjar um divórcio.

Quase que Cléo estraga tudo tentando partir no mesmo dia, eu consegui inventar outra mentira, dizendo que estávamos com problemas no aeroporto e ela acreditou. Quanta inocência! Eu nem tinha uma passagem. Havia viajado de carro com meus amigos. Até hoje não sei como ela não percebeu este detalhe, também nunca toquei no assunto. E espero nunca precisar tocar.

Cléo era magnífica, mas irritante muitas vezes. Não tenho receio de dizer que em diversos momentos perdi a cabeça com ela e com todo aquele joguinho, porém estava tão envolvido que não consegui desistir, muito menos contar a verdade. Quando ficamos juntos de verdade, lá no lago, eu não pensava em outra coisa que não fosse estar com ela, no entanto o fato de tudo ter começado com uma mentira me preocupava, por isso não sabia se podia ir tão longe.

Quando me dei conta já estava completamente envolvido e não poderia mais fugir. Comecei errado, mas queria fazer o restante do caminho todo certo, para que quando ela descobrisse a verdade, ou eu tivesse coragem de contá-la, não pensasse tanto na mentira e sim no que eu realmente sentia.

Cléo era interessante em todos os aspectos e fantástica na cama. Nossa química era perfeita, como nunca havia sido com nenhuma outra mulher. Também era incrivelmente inteligente e às vezes tão confusa que me fazia rir. Ela era viciante. Eu não conseguia mais ficar afastado.

Nossa primeira noite de verdade, foi na casa de meus pais. Não resisti e acabei cedendo. Fiquei com muito medo do que viria depois. Eu era uma fraude. Nossa história era uma farsa completa. Por este motivo me afastava sempre que me perdia nos seus encantos. Na verdade, tinha medo de olhar em seus olhos e ela enxergar toda a mentira.

Devo confessar que Cléo conseguiu se aproximar de uma maneira única e logo eu já via sua presença como uma parte de mim e depois como um todo. Foi muito difícil compreender que não conseguiria mais me desfazer daquela mulher. A insistência dela em continuar no relacionamento com John, mesmo depois de eu estar sendo tão atencioso e carinhoso, estava me deixando louco.

Resolvi jogar ainda mais pesado, insistindo nas ligações e nas mensagens, fingindo não querer atendê-las na presença dela. Se o fizesse, ela veria que não se tratava de Michele. Essa estratégia quase acabou com as nossas vidas e quando eu vi Cléo, presa no carro me apavorei.

Graças a Deus deu tudo certo, mas poderia não ter dado. O melhor a ser feito era acabar com toda a mentira, infelizmente eu já era um molenga quando

se tratava dela e não consegui contar a verdade nem me afastar.

Michele surgiu sem que eu planejasse, até isso acabou colaborando. Com certeza Cléo estragaria tudo contando sobre a traição ou acusando-a das ligações. Esse seria o meu maior problema. Então quando tive um momento a sós com Michele, contei a ela o que estava acontecendo. Toda a verdade, inclusive que eu gostava da Cléo.

Para minha surpresa, Michele adorou a confusão e também o fato de eu tê-la colocado como a “ex” que não aceitava o fim do relacionamento. Até se ofereceu para me ajudar, provocando ciúmes. Eu aceitei, é claro, mesmo com receio dos resultados. Graças a Deus, Michele foi irritante o suficiente para provocá-la. E eu sabia o que a minha ex-namorada aprontaria, por isso permiti que Cléo cultivasse tantas dúvidas em sua cabeça.

O próprio destino tratou de dar o pontapé final, fazendo com que Cléo entendesse e admitisse que também queria ficar comigo. Era o suficiente para que eu lutasse com todas as minhas forças por ela. Fiquei devendo a minha felicidade a Michele. Quem diria!

Nossa última noite foi reveladora e, pela primeira vez, desde o nosso primeiro encontro, tive a certeza de que estava fazendo a coisa certa. Eu iria contar a ela, quando chegasse a hora certa. Escrevi aquela música para depois gravá-la e entregar a Cléo como um pedido de perdão. Só que Jessye e Sandy me alertaram para o fato de ela não querer o divórcio. Fiquei em alerta para o que viria a seguir. Não podia mais enganá-la. Eu teria que contar a verdade e seria naquela noite, se não tivesse acontecido tudo o que aconteceu.

Ver Cléo tão abalada pelo “ex” acabou com todas as minhas forças. Acreditei que ela ainda o amava e eu não podia forçá-la a aceitar nós dois só porque John não a merecia. Quando me mandou embora, sabia que era o nosso fim. Aceitei. Ela tinha o direito de escolher. Eu não podia impor mais nada.

Ficamos separados por cinco dias. Foram terríveis. Não conseguia pensar em nada além dela. Cléo ocupava todos os meus pensamentos, as minhas vontades, a minha vida. Eu a amava verdadeiramente. Como ela merecia ser amada. Doía tentar esquecer o que vivemos.

A ideia do divórcio partiu da própria Jessye, ela sabia que Cléo ainda não tinha voltado com John, e me avisou. Isso traria a sua atenção de volta para mim, então Alex, meu amigo, dono do escritório de advocacia, mesmo temeroso, aceitou colaborar com a nossa farsa.

Cléo estava lá no dia e horário marcado. Reencontrá-la foi como voltar a respirar. Queria abraçá-la, mas tive que ser forte. Precisava encerrar aquela

etapa para iniciar uma nova vida com ela, permitindo que as coisas acontecessem como deveriam. Priorizando as vontades dela, realizando os seus sonhos, criando um mundo verdadeiro e não a mentira que inventamos. Isso se Cléo ainda me quisesse.

Vê-la chorando e dizendo o quanto me amava, aqueceu e ao mesmo tempo esmagou o meu coração. Eu não queria magoá-la, mas precisava fazê-la acreditar que o divórcio era real. Quando saiu Alex me aconselhou a procurá-la e contar toda a verdade. Nenhum relacionamento pode dar certo baseado em mentiras. Se eu não fizesse isso, nunca poderia ser o que ela precisava.

Jessye implorou para que eu não contasse a verdade. Ela sabia que Cléo nunca a perdoaria. Realmente era algo inacreditável demais para entender que não foi por maldade. Elas eram amigas, o que exigia de Jessye mais fidelidade e respeito com os sentimentos dela. A conversa, apesar de angustiante, foi reveladora. Ela acabou contando que se encontraria com Cléo naquela noite.

Foi quando armei o meu plano. Não sabia se teria coragem de contar a verdade, deixei as coisas acontecerem. A música dizia tudo. No final das contas, deu certo.

Como era a vontade dela, voltamos a Las Vegas e nos casamos novamente, desta vez de verdade. Parecia brincadeira, mas nos casamos exatamente como da primeira vez, eu de Elvis e ela de Fiona. Foi perfeito!

Nunca contei a verdade a Cléo. As amigas dela concordaram que era melhor assim. Estávamos felizes e nos amávamos de verdade. Às vezes, me pergunto se estou certo em continuar mentindo, mas ao vê-la me olhar com aqueles imensos olhos esmeralda, tão cheios de amor e desejo, tenho certeza de que foi tudo por uma boa causa. Cléo sabe do meu amor e este não é uma mentira nem uma brincadeira. Eu a amo de verdade e como ela merece ser amada, sou feliz assim.

Como ela mesma disse um dia: o fim justifica os meios. Essa é uma grande verdade. Pelo menos no nosso caso.

NOTA DA CLÉO

No dia em que nós voltamos a São Francisco eu já estava desconfiada de que algo estava errado e, mesmo não querendo acreditar, tinha certeza de que era alguma coisa relacionada a mim e a Douglas.

Quando fui ao banheiro e Sandy me acompanhou, eu nunca poderia imaginar o que ela iria me contar. Foi terrível ouvir minha amiga me dizendo que tudo tinha sido uma armação e que todos sabiam, menos eu. A ferida que se abriu em meu peito foi tão grande que não quis ouvir as desculpas dela e muito menos aceitar que Douglas me amava de verdade.

Ele havia mentido o tempo todo. Seus motivos para concordar com todo aquele absurdo, não seriam considerados por mim como verdadeiros. Sandy só me contou porque eu não queria concordar com o divórcio, ou o que ele dizia ser um. Nada mais era necessário, já que se tratava de uma grande farsa.

Saí do banheiro decidida a confrontá-lo. Eu cobraria de todos o que tinham feito. Ninguém escaparia da minha fúria. Estava muito magoada. Não conseguia entender como Jessye foi capaz de armar aquilo e pior, com a conivência de Sandy e Hilary. Michael, Juan e Bill eram o mínimo, eles não me conheciam, não me deviam lealdade nem amizade.

Douglas foi o pior. Como ele pôde ser tão falso? Como pôde me levar para a cama, fazer promessas, me deixar amá-lo sabendo que tudo não passava de uma brincadeira de muito mau gosto?

A salvação de todos foi John. Vê-lo agarrado com aquela “amiga” da empresa, que eu tantas vezes questioneei o tipo de interesse eles tinham um no outro, foi a gota d’água. Descarreguei nele todas as minhas mágoas. John era o verdadeiro culpado por tudo o que eu estava passando. Ele, sua proposta indecorosa, sua falta de companheirismo, respeito e amor. Senti-me a maior de todas as idiotas por me permitir ser vítima de dois grandes imbecis: John e Douglas.

Fui embora querendo realmente desaparecer. Quando Douglas me perguntou se era esta a minha decisão, eu estava certa que sim. Bastou os dias passarem para entender que quando o amor é verdadeiro, ele não acaba com facilidade. Não adianta lutar contra, nem tentar matá-lo. Ele é forte. Resiste à dor, ao tempo e ao sofrimento. Resiste às lágrimas e parece se fortalecer nelas. Eu o amava verdadeiramente e não conseguia acreditar que para ele tinha sido só uma diversão.

Tudo o que tínhamos passado. As emoções que nos permitimos viver. Como ele pode ser tão bom na arte de enganar? Como pode ser mentira? Eu não conseguia acreditar. Infelizmente o seu silêncio durante todos aqueles dias me fazia constatar tal realidade.

O pior momento foi receber a carta do divórcio. Eu sabia que o casamento também foi de mentira então por que mantê-la até o final? Para que deixar registrado que ele apenas se divertiu *a* minha custa? Douglas não entendia que aquilo só me machucaria ainda mais? Então me dei conta de que se ele soubesse que Sandy havia me contado, com certeza não continuaria fingindo. Ele não sabia que eu sabia. Era a minha chance de dar o troco. Eu o encontraria e diria na cara dele tudo o que estava entalado em minha garganta.

Puro engano. Quando cheguei e o vi continuar interpretando seu papel, meu coração afundou no peito. Ele não sabia que eu já conhecia toda a verdade e por isso mantinha a farsa. Para que? Quando teria coragem para me contar? Assinei o papel e de repente não tinha mais vontade de nada. Não queria mais gritar, bater nem dizer a ele nada do que tinha planejado. Porque mesmo tendo sido uma farsa, foi perfeito para mim. Foi o meu conto de fadas e eu tinha sido feliz. Deixei minhas lágrimas demonstrarem o que eu sentia. E fui embora.

Eu tinha certeza de que com o falso divórcio, nada mais poderia ser feito.

O casamento era uma mentira, mas foi o que me levou a ele. E eu não queria ser obrigada a desistir. Perdoei minhas amigas no momento em que descobri que aqueles tinham sido os melhores dias da minha vida. Elas não queriam o meu mal, apenas a minha felicidade. Liguei para Sandy e juntas decidimos que ninguém precisava saber que ela havia me contado. Sandy era covarde demais para admitir que tinha revelado a verdade.

Encontramo-nos quando meu coração já estava mais leve, no entanto eu não esperava pelo que Douglas fez. Foi mais forte do que qualquer mágoa. Eu o amava tanto que não podia mais acusá-lo e entendi quando ele me disse que queria que eu tivesse o direito de escolher. Não podia continuar presa a aquela farsa quando não tinha certeza do que queria. Douglas mais uma vez foi perfeito. O abracei desejando ter tudo de volta.

Nada do que tínhamos vivido tinha sido ruim ou deveria ser esquecido. Foi tudo perfeito. Por isso quando ele falou que sempre haveria Las Vegas, eu aceitei de imediato. Naquele dia eu e Sandy fizemos um pacto de nunca contar a ele, ou a qualquer pessoa, que eu sabia de tudo. Era uma pequena mentira, que mal ela seria capaz de fazer diante de um amor tão grande e verdadeiro?

Às vezes, eu sinto vontade de contar, sempre mudo de ideia. Douglas não

precisa dessa verdade. Ele tenta me compensar todos os dias pelo fato de ter aceitado a armação, o que não sabe é que eu agradeço sempre, pois se não fosse por ela nunca teria me permitido viver o que ele tinha para me oferecer. Esta foi a escolha mais importante que eu já fiz na vida.

Vocês devem estar se perguntando como ficou o meu artigo. Posso dizer que foi o melhor que já escrevi e acabei sendo convidada para escrever um livro sobre o assunto. Aceitei, é claro! Os nomes foram modificados, por isso qualquer semelhança é uma mera coincidência.

ARTIGO DA CLÉO

Caro leitor,

Quando a vida parece não mudar nada, é o momento que ela resolve mudar tudo. Chega uma hora em que você não pode mais se esconder atrás dos seus medos e a vida lhe cobra mais experiências para suportá-la. Eu posso contar a todos que este momento me envolveu e me cercou com tamanha força que se tornou impossível não falar sobre ele.

Hoje aprendi que existem regras quando você deseja, ou é forçado a viver novas experiências. A primeira e principal delas é: nunca se deslumbre com o primeiro cara que chamar a sua atenção, ele pode ser um babaca.

A segunda grande regra é: nunca tome um porre ao lado de um desconhecido atraente, isso pode lhe render muita dor de cabeça e amnésia para as memórias mais desejadas.

A terceira regra é a que eu considero a mais difícil: nunca. Jamais. De forma alguma, se permita desejar, porque se isso acontecer, não haverá mais volta. Quando você realmente deseja algo, não apenas com seus pensamentos, mas com seu corpo inteiro, corre um enorme risco de ter seu pedido atendido e isso pode ser extremamente prazeroso e perigoso.

A quarta regra é também a mais estranha. Você pode se surpreender quando perceber que, em algumas situações, sua nova experiência pode ser tornar o que há de melhor e que muitas vezes ela não é o que espera e sim algo muito além. Eu aprendi que quando valem a pena, as novas vivências podem ser úteis e necessárias. Então mesmo que você pense que está dando um passo errado, pode ser que seja o passo mais correto de toda a sua vida.

Um ponto importante quando você estiver disposto a viver novos momentos, é entender o que são os fatos e os que são os fatores. Uma nova experiência em sua vida não deve ter mais importância do que o fato desta ser necessária. Por este motivo, permitir que novos sentimentos brotem, mesmo que pareçam inocentes aos seus olhos, pode colocar tudo a perder. Então muito cuidado! Algumas vezes, elas se tornam teorias tão fortes que conseguem mudar o rumo da humanidade, no seu caso, ou no meu, o rumo dos seus objetivos.

Acredito que seja normal se sentir perdida quando está em uma estrada estranha, porém necessária para a sua vida. Quando desejamos algo profundamente, somos forçados a trilhar na incerteza e insegurança. O maior problema não é a falta de conhecimento ou familiaridade com esse caminho e sim a descoberta do quanto essa estrada é interessante, convidativa e principalmente, o quanto ela te faz esquecer o que desejou para chegar lá, pois ela se torna o seu maior desejo.

É por isso que todo fim de viagem é sempre doloroso, não importa o quanto enha significado. É sempre difícil e doido se despedir! Principalmente quando você descobre que precisa se desfazer de algo que passou a desejar mais do que já pôde imaginar ser possível. Quando estamos na reta final de uma estrada, precisamos decidir se seguimos até o fim, ou se paramos no meio dela para apreciar a paisagem, a decisão é a parte mais complicada. Hoje eu me vejo perfeitamente bem, parada na estrada, mas sinto que não posso impedir a chegada do fim. É mais forte do que eu, não tenho como evitá-la. E dói profundamente.

Permiti que o fim chegasse. Para minha surpresa, tive que entender que quando a vida exige de você novas experiências, ela apenas está dando-lhe a chance de ser feliz. Assim, chegar ao final da estrada se tornou o encerramento de uma etapa e o início de outra. Eu tive a chance de retornar minha jornada e confesso que foi a minha melhor escolha.

O que posso dizer a vocês é que em se tratando da vida, não existem regras. Então, esqueçam tudo e simplesmente se permitam ser levados pela vida e pelas oportunidades que ela oferece. Garanto que não será ruim se chegar ao final e descobrir que ele é só o começo de tudo.

AGRADECIMENTO

Sempre à minha família. Meus pais, Maria das Graças e Nilton Amaral. Meus irmãos Sandra, Thaisa, Tarsila, Igor e Ivan. Meu marido, Adriano. Meus filhos: Bia, Diogo e Daniel. Meus amigos: Mário Bastos, Marla Costa, Tatiana Mendonça, Adriana Gardênia, Renata Pereira, Sueli Coelho, Vitor Hugo Ribeiro, Fernanda Terra, Allane Mágilla. Meu eterno agradecimento a Janaina Rico, professora, amiga e conselheira e a Mariza Miranda, minha amiga, revisora, conselheira e primeira leitora de tudo o que eu escrevo. Sem vocês nenhuma palavra seria escrita, nenhum sentimento seria sentido, nenhuma emoção afloraria. Meu eterno, muito obrigada!